



**LÍNGUA
PORTUGUESA**



Editora: Valley Editora Ltda.
Direção: João Vicente Strapasson Silveira Netto
Gestão: Vinícius Azambuja de Almeida
Coordenação Editorial: Camila Nunes da Rosa
Coordenação Pedagógica: Vanessa Bianchi Gatto
Autoria: Taciane Weber
Organização: Vanessa Bianchi Gatto
Revisão técnica: Mateus Beltrame
Revisão Editorial: Alana Hoffman
Caroline Guerra
Pesquisa Iconográfica*: Camila Nunes da Rosa

*As imagens identificadas com a sigla BID pertencem ao Banco de Imagem e Documentação da Valley Editora.

Programação Visual: Sibebe Righi Scaramussa
Editoração Eletrônica: Camila Nunes da Rosa
Camile Pires Weber
Juliana Facco Segalla
Sibebe Righi Scaramussa
Wagner de Souza Antonio
Capa: Camile Pires Weber
Ilustrações: Fabiano da Costa Alvares
Gabriel La Rocca Coser
Sibebe Righi Scaramussa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

L755

Língua Portuguesa / Taciane Weber, Vanessa Gatto (organizadoras). Santa Maria: Valley Editora, 2022.

v. 2
160 p.

ISBN 978-65-89574-34-7

1. Gêneros 2. Classes gramaticais 3. Linguagem 4. Leitura I. Título
CDU 806.90:37Bi-
Bibliotecária responsável Trilce Morales – CRB 10/2209

Coleção 2024

Sistema de Ensino



Comercialização e distribuição: NTRV Distribuidora

SUMÁRIO

Unidade 1

5 Linguagem, língua e fala

Unidade 2

8 Acentuação

Unidade 3

10 Ortografia

Unidade 4

13 Classes gramaticais

Unidade 5

32 Modalidades do Discurso

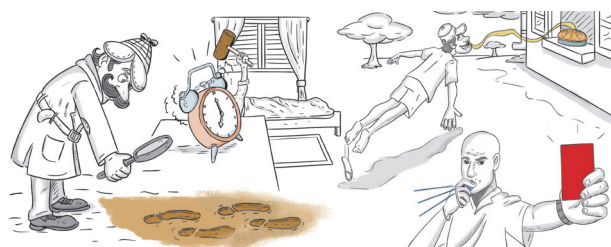


» Linguagem, língua e fala

▶ **Linguagem** é todo sistema de sinais convencionais que nos permite realizar atos de comunicação; esse sistema, por sua vez, pode ser verbal e/ou não verbal.

▶ **Linguagem verbal:** sistema que nos permite realizar atos de comunicação por meio de palavras escritas ou faladas.

▶ **Linguagem não verbal:** sistema que nos permite realizar atos de comunicação a partir de outros sinais que não a palavra (desenhos, gestos e sinais de trânsito, por exemplo).



Podemos perceber que, no cotidiano, esses sistemas (verbal e não verbal) são, frequentemente, utilizados em concomitância, como no caso dos sinais de trânsito, por exemplo.

▶ **Língua** é a linguagem que se utiliza da palavra para realizar o ato de comunicação. Segundo Ernani Terra, a língua é o lado público e coletivo da linguagem humana, ao passo que a fala é seu lado privado e individual.

▶ **Fala** é a realização concreta da língua, feita por um indivíduo da comunidade em um determinado momento. É um ato individual que cada membro pode efetuar com o uso da linguagem.

Formação do Português Brasileiro

A Língua Portuguesa do Brasil formou-se a partir da interação entre a língua dos portugueses que colonizaram nosso país, a língua dos povos indígenas que já viviam aqui e a língua dos africanos que foram trazidos para o trabalho escravo. Esse processo particular de formação acarretou diferenças entre o Português do Brasil e o Português de Portugal, as quais se intensificaram mais tarde com a vinda dos imigrantes europeus. A mistura de tantas línguas em um país tão grande faz com que tenhamos muitas variações linguísticas até hoje.



Video Língua - vidas em português

• Variações linguísticas

As variações linguísticas são aquelas que a língua apresenta de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas em que é utilizada. A língua, como a Linguística bem explica, é um organismo vivo que se modifica com o tempo e a todo instante.

Vejam as variações mais recorrentes:

▶ **Varição histórica:** aquela que sofre transformações ao longo do tempo. Temos, como exemplo, a palavra “você”, que antes era “vosmecê” e que, agora, diante da linguagem reduzida no meio digital, é apenas “VC”. O mesmo acontece com as palavras escritas com PH, como era o caso de “pharmácia”, agora, “farmácia”.

▶ **Varição regional (os chamados dialetos):** é a variação ocorrida de acordo com a cultura de uma determinada região; tomamos como exemplo a palavra “mandioca”, que, em certas regiões, é tratada por “macaxeira”; ou “aipim” e “abóbora”, que é conhecida como “jerimum” ou “moranga”; há, ainda, muitas outras palavras que apresentam essa variação.

▶ **Varição social:** é aquela que depende da classe social, do grupo cultural ou profissional a que a pessoa pertence. Entram aqui o falar caipira (baixo nível de escolaridade), as gírias típicas de determinados grupos (surfistas, militares, funkeiros) e o jargão profissional (linguagem específica dos médicos e dos advogados, por exemplo).



• Níveis de linguagem

O uso da língua também varia conforme o contexto de interação.

- ▶ **Linguagem culta/formal** é a que busca obedecer às regras normativas estabelecidas.
- ▶ **Linguagem coloquial/popular/informal** é aquela que a maioria das pessoas utiliza no cotidiano, sobretudo nas situações mais informais. Caracteriza-se pela espontaneidade, pois não existe uma preocupação com as normas estabelecidas pela comunidade linguística.
- ▶ **Linguagem técnica** é a que apresenta jargão específico de uma área do conhecimento, por isso é difícil de ser compreendida por leitores não especializados (leigos).
- ▶ **Linguagem literária** é aquela que possui liberdade criativa (licença poética) para subverter normas gramaticais, explorar múltiplos sentidos e criar sonoridades.

Importante

As distinções entre os níveis e as variedades linguísticas não significam que um nível seja melhor do que o outro; o importante é considerar a situação comunicativa em que o ato da fala ocorre. Sobre isso, Marcos Bagno, famoso linguista, discorre, em seu livro *Preconceito Linguístico – O que é, como se faz*, sobre as implicações sociais da língua, discutindo o **preconceito linguístico** existente e a noção simplista que separa o uso da língua em “certo” e “errado”.

Importante

De acordo com Marcos Bagno, norma culta **não** é sinônimo de norma-padrão. Especialmente para o Enem, você precisa saber diferenciar esses conceitos.

A **norma culta** corresponde a usos **reais** da língua por pessoas que possuem ensino superior completo e que têm mais contato com a cultura escrita. A norma culta pode aparecer tanto na **escrita** formal quanto na **oralidade** formal.

A **norma-padrão** é um **ideal** abstrato de língua, imposto pela gramática, que considera “errada” qualquer variedade. Geralmente, as pessoas só têm contato com essa norma na escola. Na “vida real”, ela só aparece em textos formais **escritos**, que são produzidos com planejamento e revisão.

• Modalidades da língua

- ▶ **Linguagem oral** é linguagem falada, caracterizada pela presença de hesitações e truncamentos. Por ser menos planejada, é mais sujeita a desvios gramaticais. Isso não significa que seja uma linguagem menor. A oralidade é rica em recursos que contribuem para a interação: a entonação permite dar diferentes ênfases e sentidos a uma frase; as marcas de função fática (né?, tá?, entendeu?) contribuem para prender a atenção do interlocutor e para testar se está compreendendo, podendo o enunciador esclarecer-se no próprio ato de interação. Mesmo sendo mais propensa à coloquialidade, a língua oral pode ser culta (fala de um professor universitário em entrevista; fala de um palestrante etc.)
- ▶ **Linguagem escrita** é aquela que usa sinais gráficos para produzir textos. Como é geralmente produzida à distância do interlocutor, há um maior tempo de planejamento, o que diminui a chance de ambiguidades involuntárias e de desvios gramaticais. Aliás, a clareza é um quesito fundamental na linguagem escrita, justamente porque o autor do texto raramente está na presença do interlocutor para poder esclarecer-se. Apesar de o texto escrito ser mais favorável ao uso da norma-padrão, existem muitos textos escritos em linguagem coloquial, como aqueles produzidos via WhatsApp.

Importância da FALA e da ESCRITA

As duas modalidades da língua têm a mesma importância. A oralidade tem uma importância fundamental na disseminação do conhecimento em sociedades que não desenvolveram a escrita. Além disso, é geralmente da fala que nascem as variações linguísticas.

A escrita é uma verdadeira tecnologia, que surgiu como instrumento auxiliar da memória. Também possui, hoje, um papel fundamental na produção do conhecimento: basta pensar que é nos livros (impressos ou digitais) que são registradas todas as descobertas científicas.



Aspectos da língua atingidos pelas variações

- ▶ Fonético/fonológico: /poRta/ (SP, PR, RJ)
- ▶ Morfológico: pharmácia -> farmácia
- ▶ Lexical: mandioca/macaxeira/aipim
- ▶ Sintático: te darei X dar-te-ei
- ▶ Semântico: bárbaro

Importante

Saiba identificar estes fenômenos:

- ▶ **Neologismo:** criação de palavras novas ou atribuição de um novo significado a um termo já existente.
- ▶ **Estrangeirismo:** uso de palavras estrangeiras sem correspondentes na língua portuguesa.
- ▶ **Arcaísmo:** uso de expressões que já caíram em desuso.
- ▶ **Internetês:** escrita usada na internet para gerar agilidade ou para compensar a falta de recursos da oralidade. Contém abreviações, ausência ou excesso de pontuação e uso de *emojis*, por exemplo.



Vídeo - Estrangeirismos no mundo corporativo





» Acentuação



Reprodução autorizada por Alexandre Beck

É preciso, de imediato, distinguirmos acento gráfico e acento prosódico ou tônico.

O **acentuado gráfico** é o sinal de pontuação; é por meio dele, então, que classificamos as palavras quanto à regra de acentuação.

O **acentuado prosódico** ou **acentuado tônico** é a sílaba tônica (pronunciada com mais intensidade que as demais átonas – aquelas de menor intensidade) que toda palavra tem. Em relação a isso, classificamos as palavras em:

- ▶ **Monossílabos átonos:** palavras de uma só sílaba, com “som fraco”, que não têm significado isoladas.
- ▶ **Monossílabos tônicos:** palavras de uma só sílaba, com “som forte”, que têm significado isoladas.
- ▶ **Oxítonas:** palavras com duas ou mais sílabas que recebem a tonicidade na última sílaba.
- ▶ **Paroxítonas:** palavras cuja sílaba tônica é a penúltima.
- ▶ **Proparoxítonas:** palavras cuja tonicidade está na antepenúltima sílaba.

• Acentuação gráfica

Monossílabos

Acentuam-se apenas os monossílabos **tônicos** (que têm significado) terminados em **a(s)**, **e(s)** e **o(s)** ou em **ditongo aberto**.

- *Exemplos:*

pá(s), pé(s), nó(s), dó, dá, fé, véu, dói, réis.

Oxítonas

Acentuam-se as oxítonas terminadas em: **a(s)**, **e(s)**, **o(s)**, **em**, **ens** e **ditongo aberto**, inclusive quando seguidas de pronome oblíquo.

- *Exemplos:*

sofá, filé, jiló, alguém, parabéns, chapéu, corrói, papéis, cantá-la, fazê-lo, destrói-me.

Paroxítonas

Acentuam-se as paroxítonas terminadas em: **ão(s)**, **ã(s)**, **i(s)**, **on(s)**, **um**, **uns**, **us**, **l**, **n**, **r**, **x**, **ps**, **ditongo crescente** e **tritongo nasal**.

- *Exemplos:*

órgão, órfã, júri, grátis, admiráveis, próton, prótons, álbum, álbuns, bônus, amável, hífen, caráter, tórax, bíceps, vídeo, série, vício, régua, secretária, enxáguam.



Vídeo - Era uma vez...



Proparoxítonas

Acentuam-se **todas** as proparoxítonas.

- *Exemplos:*

lâmpada, sílaba, arquipélago.

Importante

Cuidado com as chamadas **proparoxítonas eventuais** (ou falsas proparoxítonas). Palavras que, em princípio, são paroxítonas terminadas em ditongo crescente (armário, história, série) podem ser separadas de tal forma que se transformem em proparoxítonas: separa-se o ditongo, gerando um hiato. Como a palavra acaba ficando com uma sílaba a mais, a sílaba tônica deixa de ser a penúltima para ser a antepenúltima. Veja:

SÉ-RIE – Acentuada porque é uma paroxítona terminada em ditongo crescente.

SÉ-RI-E – Acentuada porque é uma proparoxítona.

Já que a acentuação encontra fundamentação em ambos os casos, a gramática permite as duas formas de separação silábica.

Acentos diferenciais

Os verbos **ter, vir e seus derivados do plural do presente do indicativo** recebem acento, classificado como diferencial.

- *Exemplos:*

- ▶ Eles vêm amanhã?
- ▶ Eles têm o caderno?

O verbo **poder** recebe acento para diferenciar sua forma na 3ª pessoa do singular no pretérito perfeito do indicativo.

- *Exemplos:*

- ▶ Como ele pôde!
- ▶ Você não pode fazer isso.

As palavras **pôr (verbo) e por (preposição)** – que são homógrafas – recebem acento para diferenciarmos a classe gramatical.

- *Exemplos:*

- ▶ Você deve pôr o livro aqui.
- ▶ Não vá por aí!



Indicação de app para treinar acentuação

Hiato

Acentuam-se o “i” e o “u” tônicos, sozinhos ou seguidos de “s”.

- *Exemplos:*

sa-í-da, ra-í-zes, pa-ís.

Não são acentuados hiatos seguidos de “nh” nem hiatos precedidos de ditongo ou com vogais duplicadas.

- *Exemplos:*

ra-i-nha, la-da-i-nha, fei-u-ra, bai-u-ca, bo-cai-u-va, xi-i-ta.

Importante

- ▶ É **facultativo** o acento diferencial em:
 - **Dêmos** (1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo) para distinguir de **demos** (1ª pessoa do plural do pretérito perfeito).
 - **Fôrma** (substantivo) para distinguir de **forma** (substantivo e verbo).
- ▶ **Não** se acentuam mais:
 - os substantivos **pelo, pelos, pera, polo, polos**.
 - o **u** nos grupos **gu** e **qu** dos verbos: oblique, apazigue, averigue.
 - o verbo **para** – antes acentuado para diferenciá-lo da preposição.
 - os **ditongos abertos das paroxítonas**: ideia, jiboia, plateia, boia.
 - as **vogais duplicadas**: enjoio, voo, leem, veem, perdoio.





» Ortografia

• Casos específicos

-isar/-izar

Usa-se “-isar” quando o verbo deriva de uma palavra que já apresenta “s” no radical. Usa-se “-izar” quando a palavra primitiva não tem “s” ou tem “z” no radical.

*- Exemplos:*análise – analisarcivil – civilizardeslize – deslizar*-ção/-são/-ssão*

Verbos terminados em -ar geram substantivos terminados em “-**ção**”. Verbos terminados em -ender, -verter, -pelir e -ndir geram substantivos terminados em “-**são**”. Já verbos terminados em -gredir, -ceder, -cutir, -mitir e -primir geram substantivos terminados em “-**ssão**”.

*- Exemplos:*cantar – cançãointerpretar – interpretaçãocompreender – compreensãoconverter – conversãorepelir – repulsãofundir – fusãoprogredir – progressãoconceder – concessãorepercutir – repercussãotransmitir – transmissãoimprimir – impressão*a/há*

Usa-se “há” com referência a tempo passado e “a” na indicação do tempo futuro.

*- Exemplos:*Chegamos há dez minutos.Sairemos daqui a dez minutos.*vultoso/vultuoso*

Vultuoso significa “inchado”; é termo médico para referir-se a quem é acometido de vultuosidade.

Para falar de grandes quantidades, usa-se “vultosas”, que significa “volumosas”.

*- Exemplos:*Seu rosto estava vultuoso.Receberam vultosas quantias em dinheiro.*acerca de/a cerca de/há cerca de*

“Acerca de” é uma locução prepositiva que corresponde a “a respeito de”. “Cerca de” significa “aproximadamente”, sendo que “a cerca de” indica uma distância aproximada; e “há cerca de” indica um tempo aproximado.

*- Exemplos:*Falou acerca de vários assuntos.O centro fica a cerca de 9 km daqui.Tudo começou há cerca de dez anos.*a princípio/em princípio*

“Em princípio” significa “em tese”, “teoricamente”. “A princípio” significa “no início”, “inicialmente”.

*- Exemplos:*Em princípio, todos são livres.

A princípio, não gostaram da ideia, mas depois acabaram concordando.

tão pouco/tampouco

“Tão pouco” significa “muito pouco”; “tampouco” significa “também não”.

*- Exemplos:*Comeu tão pouco que logo sentiu fome.Não comeu, tampouco bebeu.*Alguns verbos**Ver:* Quando ele vir essa foto...*Vir:* Quando ele vier pra cá...*Intervir:* Ele interveio. Se ele interviesse...*Repor:* Quando eu repuser a mercadoria...

Manter: Quando eu mantiver uma rotina regrada... Se ele mantivesse...



• Emprego dos porquês



Forma	Emprego	Exemplos
PORQUE	Conjunção causal ou explicativa.	Não fui à festa <u>porque</u> choveu.
PORQUÊ	Como substantivo.	Todos sabem o <u>porquê</u> de seu medo.
POR QUE	- Em substituição à expressão “por qual motivo”. - Em substituição à expressão “pelo qual” (e suas variações).	<u>Por que</u> ele chorou? (por qual motivo) Não sei <u>por que</u> chorou. (por qual motivo) Os bairros <u>por que</u> passamos eram sujos. (pelos quais)
POR QUÊ	No final de frases.	Eles estão revoltados <u>por quê</u> ? Ele não veio não sei <u>por quê</u> .

Anotações:



Vídeo - Ortografia



• Emprego do hífen



VOGAIS DIFERENTES	Não use hífen e junte	- autoescola, infraestrutura, autoajuda, autoafirmação, semiaberto, semiárido
VOGAIS IGUAIS	Use hífen	- anti-inflamatório, micro-ônibus, micro-ondas, auto-observação, contra-ataque (*re,co)
CONSOANTES DIFERENTES	Não use hífen e junte	- superlegal, hipermercado, intermunicipal, superpopulação
CONSOANTES IGUAIS	Use hífen	- sub-base, super-requintado, inter-relacionar, super-romântico
VOGAL + CONSOANTE	Não use hífen e junte	- seminovo, autoconhecimento, autodesenvolvimento
CONSOANTE + VOGAL	Não use hífen e junte	- hiperacidez, superinteressante
VOGAL + R / S	Junte e dobre o R e o S	- antirugas, antissocial, ultrassonografia, autorretrato, minissaia, ultrarigoroso, corresponsável, contrarregra
EX-, VICE-, PRÉ-, PÓS-, PRÓ, BEM-, ALÉM-, SEM-, RECÉM-	Use hífen	- ex-namorado, vice-presidente - pré-operatório, pós-graduação, pró-vida - bem-vindo, além-mar, sem-terra, recém-nascido
MAL-	Use hífen diante de vogal, "l" e "h"	- mal-educado, mal-limpo, mal-humorado
PAN-, CIRCUM-	Use hífen diante de vogal, "h", "m" e "n"	- pan-americano, circum-hospitalar
ADJETIVOS PÁTRIOS	Use hífen	- norte-americano, sul-rio-grandense





» Classes gramaticais



Em Linguística, Morfologia é o estudo da estrutura, da formação e da **classificação das palavras**. Vamos, nesta unidade, estudar as denominadas classes de palavras ou classes gramaticais. Elas são dez: *substantivo, artigo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio, numeral, preposição, interjeição* e *conjunção*.

As dez classes de palavras são divididas em:

- Exemplo:

Variáveis	Invariáveis
Substantivo	Advérbio
Adjetivo	Preposição
Artigo	Interjeição
Numeral	Conjunção
Pronome	
Verbo	

“Modéstia à parte, fazemos o melhor carnaval do Rio aqui nesse bairro. É um bloco família, com muita presença de crianças, de moradores, a galera sempre muito fantasiada e a gente fica muito feliz de ter uma bandinha tocando marchinhas e sambas aqui no Bagunça’, disse professor Tarcisio Mota de Carvalho, orgulhoso do bloco que ajudou a criar e que hoje reúne cerca de 4 mil foliões.”

Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-02/bagunca-meu-coreto-agita-o-carnaval-em-point-boemio-do-rio-de-janeiro>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2016.

• **Substantivo**

São palavras variáveis que designam os seres concretos e as abstrações.

- Exemplos: democracia, Andreia, Deus, cadeira, amor, sabor, carinho.

Importante

Substantivação

As palavras podem mudar de classe gramatical, dependendo do seu emprego na frase. A substantivação de qualquer palavra ocorre quando se coloca um determinante - artigo ou pronome adjetivo - antes dela.

- Exemplos:

- amar (verbo) - o amar (substantivo)
- jovem (adjetivo) - o jovem (substantivo)
- porém (conjunção) - um porém (substantivo)



Substantivos na prova da UFSM

Os substantivos nomeiam tudo o que existe. Se algo tem um nome, é porque existe. Assim, os substantivos escolhidos pelo autor para nomear as "coisas" (pessoas, lugares, ações, fenômenos...) revelam a sua visão de mundo, que é apenas uma visão entre outras possíveis. Por isso, o filósofo Bakhtin dizia que o signo linguístico, por si só, já é ideológico.

Agora que você sabe disso, fique atento aos substantivos selecionados pelo autor de um texto. Você verá que é possível perceber um posicionamento dele até mesmo nos textos mais objetivos. Veja:

- *Exemplos:*

a ocupação do prédio gerou polêmica X a invasão do prédio gerou polêmica

vândalos são presos por desacato X manifestantes são presos por desacato

uso de veneno nas lavouras x uso de agrotóxico nas lavouras x uso de defensivos nas lavouras

• Adjetivo

São palavras variáveis que servem para, junto de um substantivo, indicar qualidade, estado, característica. Os adjetivos, portanto, servem para dar características aos substantivos.

- *Exemplos:* querido, limpo, horroroso, quente, sábio, triste, amarelo.



Importante

Ponderando que o adjetivo serve para caracterizar um substantivo, devemos considerar alguns aspectos que podem mudar sua semântica e sua função, dependendo de como o empregamos no período.

► Posição

Muitas vezes, ao mudarmos o adjetivo de posição em relação ao substantivo ao qual ele se refere, mudamos também o sentido da expressão ou da frase em questão.

- *Exemplos:*

Visitarei um **velho amigo** (amigo de longa data).

Visitarei um **amigo velho** (idoso).

Comprei um **carro novo** (zero km).

Comprei um **novo carro** (recém-comprado).

► Uso como substantivos

Algumas palavras que, primordialmente, são adjetivos também podem assumir outros papéis dentro do período, como o de substantivo, por exemplo, modificando o sentido da oração.

- *Exemplos:*

Meu amigo é **rico**.

Precisamos tirar dos **ricos** para distribuir aos pobres.

► Emprego como advérbios

Os adjetivos podem acompanhar o verbo e indicar circunstâncias de ação, adquirindo a função de advérbio.

- *Exemplos:*

Ele é **alto** (adjetivo).

Ele falou bastante **alto** na aula passada (advérbio de modo).



- ▶ **Locuções adjetivas:** expressões formadas de preposição + substantivo (ou advérbio) com valor de adjetivo. Observe algumas locuções adjetivas acompanhadas dos adjetivos correspondentes.

– *Exemplos:*

de criança - infantil, pueril
de estômago - estomacal, gástrico
de ano - anual
de mês - mensal
de cabelo - capilar
de guerra - bélico
de sonho - onírico
de vento - eólico
de paixão - apaixonado
vida no campo - vida agreste ou campestre
ventos de inverno - ventos hibernais
época de Carlos Magno - época carolíngia
teorema de Descartes - teorema cartesiano
de aluno - discente
de professor - docente
de chuva - pluvial
teor de açúcar - teor sacarino
honorários de advogado - honorários advocatícios
praga de árvore - praga arbórea
animal de asas - animal alado

- ▶ **Adjetivos pátrios:** são aqueles que se referem a continentes, a países ou a regiões.

– *Exemplos:*

Estados Unidos - estadunidense, norte-americano ou ianque
Buenos Aires - portenho ou bonaerense
Rio Grande do Sul - rio-grandense-do-sul, sul-rio-grandense ou gaúcho

Adjetivos na prova da UFSM

Os adjetivos têm um papel muito importante na descrição de pessoas, lugares, coisas. Ajudam o interlocutor a visualizar os diferentes aspectos de acordo com o enquadramento que o autor do texto quer dar. Existem adjetivos que indicam fatos (céu azul, céu estrelado) e adjetivos que indicam opinião (céu lindo, céu feio). Por isso, especialmente em textos argumentativos (como a resenha, o editorial e o artigo de opinião), é importante dar atenção aos adjetivos, já que podem revelar uma **avaliação (positiva ou negativa)** do autor, isto é, o seu posicionamento sobre algo. Veja alguns exemplos:

– Exemplos:

O roteirista foi muito feliz na escolha..

É necessário... É importante... Seria bom que...

É inadmissível que... É lamentável que...

Sabemos, agora, como os adjetivos funcionam nas orações. Observe, então, a função deles na tira abaixo:



• Artigo

São termos que antecedem o substantivo, indicando-lhe o gênero e o número; podem tanto servir para definir quanto para generalizar o substantivo o qual acompanham.



São classificados em:

- ▶ **definidos:** o, a, os, as.
- ▶ **indefinidos:** um, uns, uma, umas.

Forma combinada dos artigos

Artigos	Preposições				Artigos	Preposições	
	A	De	Em	Por		De	Em
O	Ao	Do	No	Pelo	Um	Dum	Num
A	À	Da	Na	Pela	Uma	Duma	Numa
Os	Aos	Dos	Nos	Pelos	Uns	Duns	Nuns
As	Às	Das	Nas	Pelas	Umas	Dumas	Numas

Importante

ARTIGO COM EXPRESSÕES

Ambos, todos, todas

(Observe que as expressões estão no plural.)

Deve haver a colocação de artigo para acompanhar essas expressões, desde que haja substantivo posterior.

– *Exemplos:*

Ambos os amigos foram à festa.

Ambas as mãos devem ser lavadas.

Ambas sabiam do ocorrido.

Todo o, todo, toda a, toda (no singular)

Observe que há mudança de sentido quanto à presença ou à ausência do artigo.

- ▶ **Todo:** sem ser seguido de artigo – equivale à expressão *qualquer*.

– *Exemplos:* Todo livro é interessante.

Toda casa precisa de reforma.

- ▶ **Todo o:** seguido de artigo – equivale à expressão *na totalidade*.

– *Exemplos:* Todo o livro é interessante.

Toda a casa precisa de reforma.



Cuidado

Observe que nem sempre **o** e **a** serão artigos; eles podem, em determinados usos, cumprir outras funções no período, pertencendo, assim, a outra classificação gramatical. Vejamos:

A(s)

- ▶ Artigo definido – A menina veio hoje?
- ▶ Preposição – Refiro-me a este livro.
- ▶ Pronome oblíquo – Busquei-a no aeroporto.
- ▶ Pronome demonstrativo – As de azul estão vindo.

O(s)

- ▶ Artigo definido – Os livros estão bons.
- ▶ Pronome oblíquo – Levei-o ao cinema.
- ▶ Pronome demonstrativo – Não vi os que saíram.

• Numeral

Os numerais exprimem quantidade, ordem, divisão e multiplicação.



Eles se classificam em:

- ▶ **cardinais:** um, dois, três...
- ▶ **fracionários:** meio, terço, quarto...
- ▶ **ordinais:** primeiro, segundo, terceiro...
- ▶ **multiplicativos:** dobro, triplo...

Importante

Cuidado para não confundir **uma** (artigo indefinido) e **uma** (numeral cardinal). Eles, por vezes, só poderão ser identificados a partir do contexto.

– Exemplos:

Estou vendo **um** filme.

Escrevo **uma** redação por semana.

Consegue perceber que, considerando o contexto linguístico e/ou extralinguístico, é bem mais provável que “um”, no primeiro exemplo, seja artigo indefinido, e que “uma”, no segundo exemplo, seja numeral?

Cuidado com a expressão **meio**, pois ela pode tanto ser advérbio quanto numeral fracionário. Perceba a diferença:

Estou meio tonta.

Comprei meio pote de sorvete.



• Pronome

Palavras que podem acompanhar ou substituir um nome (substantivo) e que também determinam a pessoa do discurso. Quando acompanham o nome, são **pronomes adjetivos**; quando substituem o nome, são **pronomes substantivos**.

- *Exemplos:* eu, nossa, aquilo, esta, nós, mim, te, eles.



Os **pronomes** são classificados em: **pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, indefinidos e interrogativos.**

- *Exemplos:*

Ele viajou para Portugal.

Estes exercícios são fáceis.

Vossa Excelência acertou na decisão.

O fiscal ainda não chegou. **Eu o** vi na sala ao lado.

Pessoais

Substituem os nomes e representam as pessoas do discurso. Há três tipos de pronomes pessoais: **retos, oblíquos** e de **tratamento**.

PRONOMES PESSOAIS RETOS E OBLÍQUOS

Os pronomes do caso **reto** exercem função de **sujeito** da oração; já os pronomes **oblíquos** funcionam como **complemento (objeto direto e indireto)** e se dividem em átonos e tônicos. Os pronomes **tônicos** são precedidos de preposição, enquanto os **átonos** não.

Número	Pessoa	Retos	Oblíquos	
			Átonos (usados sem preposição)	Tônicos (usados com preposição)
Singular	1ª	eu	me	mim, comigo
	2ª	tu	te	ti, contigo
	3ª	ele/ela	se, o, a, lhe	si, consigo, ele, ela
Plural	1ª	nós	nos	nós, conosco
	2ª	vós	vos	vós, convosco
	3ª	eles/elas	se, os(as), lhes	si, consigo, eles, elas

- *Exemplos:*

Eles acordaram cedo para viajar.

Os professores **nos** orientaram corretamente.

Ele deu um excelente livro a **mim**.

Nós iremos ao aeroporto.

Eles estudaram muito para a prova.

Entregaram a **mim** uma carta anônima.

Ela me viu no parque.

Entregaram-**nos** os convites.

Conheça-**o** primeiro.

Importante

Memorize isto:

- ▶ **1** - **Lhe, lhes** e **o, os, a, as**

Lhe, lhes = exercem função de objeto **indireto**.

O, os, a, as = exercem função de objeto **direto**.

- *Exemplos:*

Necessário respeitar a opinião do próximo. / É necessário respeitá-la.

Eu não perdooarei a quem não estudar. / Eu não lhes perdoarei.

Peço-lhes mais paciência.

Pagou-lhe toda a dívida.

- ▶ **2** - Os pronomes **me, te, se, nos, vos** são objetos diretos ou indiretos, dependendo da transitividade do verbo.

- *Exemplos:*

Todos te esperam hoje à noite. (objeto direto)

Ele me obedeceu diversas vezes. (objeto indireto)

- ▶ **3** - Eu e tu x mim e ti



Apenas pronomes retos podem assumir a função de sujeito. Por isso, antes de um verbo, devem ser usadas as formas **eu/tu**, que funcionarão sempre como **sujeito**.

Os pronomes oblíquos **mim/ti** não podem ocupar a posição de sujeito. Eles são sempre precedidos de preposição e servem para formar **complementos** e **adjuntos**.

No Livro 3, aprofundaremos esses pontos. Por ora, observe estes exemplos:

Cabe a mim a decisão. (complemento do verbo "caber")

Preciso retirar uma das obras indicadas para eu ler. (sujeito do verbo "ler")

Era para eu falar contigo sobre isso. (sujeito do verbo "falar")

Não há nada entre mim e ti. (adj. adverbial de lugar)

Olga trouxe um presente para mim. (complemento do verbo "trazer")

Não consigo viver sem ti. (adjunto adverbial de modo)

- ▶ **4** - As formas pronominais **ele, ela, eles, elas, nós, vós** também podem ser empregadas como complementos, quando regidos de preposição.

- *Exemplos:*

Dirigiu-se a ele com aspereza.

O professor entregou o livro para nós.

- ▶ **5** - **Si, consigo** funcionam como reflexivos, ou seja, referem-se ao próprio sujeito.

- *Exemplos:*

Wilson carrega consigo uma mala suspeita.

Ele falou de si mesmo para o amigo.

- ▶ **6** - Quando **conosco** e **convosco** vierem acompanhados de palavras como próprios, mesmos, todos, outros, etc., devem ser substituídos por **com nós, com vós**.

- *Exemplo:*

O barco virou com nós todos dentro dele.

Importante

FORMAS PRONOMINAIS

- ▶ **LO, LA, LOS, LAS**

Os pronomes **o, a, os, as**, quando associados a verbos terminados em R, S ou Z (que perdem essa consoante final), são flexionados para **lo/la, los/las**, dependendo do gênero e do número do substantivo em questão.

- *Exemplos:*

Anotar + **o** = anotá-**lo**

Anotamos + **as** = anotamo-**las**

Fez + **as** = fê-**las**

- ▶ **NO, NA, NOS, NAS**

Os pronomes **o, a, os, as**, quando associados a verbos terminados em som nasal, são flexionados para **no/na, nos/nas**, dependendo do gênero e do número do substantivo em questão.

- *Exemplos:*

Enviaram + **o** = enviaram-**no**

Levaram + **a** = levaram-**na**

Dão + **os** = dão-**nos**



Possessivos

Pronomes possessivos dão ideia de posse em relação às pessoas do discurso.

Número	Pessoa	Singular		Plural	
		Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Singular	1ª	meu	minha	meus	minhas
	2ª	teu	tua	teus	tuas
	3ª	seu	sua	seus	suas
Plural	1ª	nosso	nossa	nossos	nossas
	2ª	vosso	vossa	vossos	vossas
	3ª	seu	sua	seus	suas

Atenção!

Os pronomes possessivos, em certas ocasiões, podem ser substituídos por pronomes oblíquos equivalentes:

- ▶ minha(s) = me
- ▶ tua(s) = te
- ▶ sua(s) = lhe(s)
- ▶ vossa(s) = vos
- ▶ nossa(s) = nos

- Exemplos:

Roubaram-me o carro. (= Roubaram o meu carro).
Cortaram-te as roupas. (= Cortaram as tuas roupas).
Caiu-lhe nas mãos. (= Caiu nas suas mãos).

Nesse caso, os pronomes exercem função sintática de adjunto adnominal.

Cuidado com a ambiguidade!

Veja:

- Exemplo: Ingrid encontrou Roberto e seu irmão na praça.

Dessa forma, não fica claro se o irmão é o de Ingrid ou o de Roberto. Para evitar essa situação, é recomendável usar **dele** (+ variações): Ingrid encontrou Roberto e o irmão dela na praça.

Demonstrativos

Situam as pessoas no tempo, no espaço e no contexto linguístico.

Pronomes	Objetos no espaço	Fatos no tempo	Termos no texto
Este(s), esta(s), isto	Perto de quem fala	Presente e futuro	Introduz algo que SERÁ citado no texto (CATÁFORA) ou retoma um nome recém-mencionado (ANÁFORA).
Esse(s), essa(s), isso	Longe de quem fala	Passado	Retoma algo que já FOI mencionado no texto (ANÁFORA).
Aquele(s), aquela(s), aquilo	Muito longe de quem fala	Passado remoto	Retoma o primeiro (mais distante) de dois termos mencionados.

Importante

Perceba a diferença entre "este(s)/esta(s)" anafórico e catafórico:

Esta é a ideia: unir esforços. **Estes** certamente serão recompensados.

"Esta" é catafórico, anunciando a ideia que será apresentada.

"Estes" é anafórico, substituindo "esforços".

Anotações:



Mas atenção!

Os demonstrativos “**este(s)/esta(s)**” só poderão ser anafóricos se funcionarem como **pronomes substantivos**, ou seja: somente quando estiverem substituindo o nome (um substantivo recém-mencionado).

Agora, se quisermos substituir o nome por um substantivo sinônimo, aí só resta usar **pronomes adjetivos “esse(s)/essa(s)”**, que estarão acompanhando o nome.

Veja:

Esta é a ideia: unir esforços. **Esse** empenho certamente será recompensado.

Memorize isto:

Há outras palavras que podem aparecer como pronomes demonstrativos: mesmo, mesma, mesmos, mesmas, tal, tais, próprio, própria, próprios, próprias, o, a, os, as, semelhante, semelhantes.

– Exemplos:

Ninguém esperava tal resultado. (tal = esse)

Ele fez justamente o que não podia. (o = aquilo)

Indefinidos

Referem-se à 3ª pessoa gramatical de modo vago, impreciso.

– Exemplos:

Alguém telefonou para você.

Algumas pessoas tumultuaram a reunião.

Ele comprou **muitas** maçãs.

Variáveis	Invariáveis
Algum, nenhum, todo, outro, muito, pouco, certo, quanto, qualquer.	Alguém, ninguém, tudo, outrem, nada, cada, algo.

Importante

Os pronomes indefinidos aparecem também na forma de locução pronominal: cada qual, cada um, qualquer um.

Interrogativos

São utilizados para formular perguntas diretas (com o ponto de interrogação) ou indiretas (sem o ponto de interrogação). Esses pronomes são:

▶ **Que** – invariável

– Exemplos:

Que horas são?

Não sei que horas são.

▶ **Qual** – variável

– Exemplos:

Qual menina?

Não sei de quais meninas você fala.

▶ **Quanto** – variável

– Exemplos:

Quantas pessoas vêm?

Não sei quantos vêm.

▶ **Quem** – invariável

– Exemplos:

Quem veio?

Não sei quem ainda falta.

Relativos

São aqueles que representam, retomam substantivos **citados anteriormente**, substituindo-os na oração.

– Exemplos:

A televisão **que** comprou já quebrou.

O campo **onde** jogávamos foi interdito.

Há problemas **que** não consigo entender.

Perdi aquilo **que** você me deu.

▶ **Que e o/a qual**: mais usados, pois retomam qualquer termo.

– Exemplo: Olha o livro **que** estou lendo!

Cuidado com a ambiguidade!

Encontrei um irmão da minha cunhada **que** mora na Europa.

Reescrevendo a frase:

Encontrei um irmão da minha cunhada, **o qual** mora na Europa.

ou

Encontrei um irmão da minha cunhada, **a qual** mora na Europa.

▶ **Quem**: usado para retomar **pessoas**.

– Exemplo: Este é o Paulo, de **quem** te falei ontem.

▶ **Onde**: usado para retomar **lugar**.

– Exemplo: Voltei à cidade **onde** nasci.



Importante

Saiba distinguir “**onde**” de “**aonde**”:

- ▶ **Onde**: é usado com verbos que não indicam movimento.
– *Exemplo*: Esta é a casa **onde** moro.
- ▶ **Aonde**: é usado com verbos que indicam movimento (como **ir**).
– *Exemplo*: **Aonde** vai?

- ▶ **Quanto**: aplica-se a pessoas ou a coisas e vem sempre após os indefinidos **tudo**, **todas** ou **todas**.
– *Exemplo*: Tudo **quanto** desejar, vai alcançar.
- ▶ **Quando**: equivalente à expressão **em que** e se refere a tempo.
– *Exemplo*: Isso ocorreu na noite **quando** nos conhecemos.
- ▶ **Como**: equivalente às expressões **pelo qual**, **conforme**. É pronome relativo quando vem antecedido das palavras **modo**, **maneira** ou **forma**.
– *Exemplo*: Veja o modo **como** ela se comporta.
- ▶ **Cujo(a)(s)**: usado quando há relação de **posse**.
– *Exemplo*: Filmei a árvore **cujas** folhas dançavam ao vento.
Posse: As folhas **da** árvore dançavam.

Importante

- ▶ Nunca use artigo após o pronome.
– *Exemplo*: O livro cuja **a** capa.*
- ▶ Se necessário, use preposição antes do pronome.
– *Exemplos*: Esse é o autor **de** cuja obra lhe falei.
Votei no candidato **com** cujas ideias concordei.

• Verbo

Palavras que expressam ações ou estados se encontram nessa classe gramatical.

– *Exemplos*: fazer, ser, andar, partir, impor.



Vídeo Português
fluyente



Reprodução autorizada por Alexandre Beck

Quando não estão conjugados, os verbos apresentam-se em uma destas três formas nominais:

- ▶ **Infinitivo** - terminados em **-ar**, **-er (-or)**, **-ir** - Indicam a ação em si.
- ▶ **Gerúndio** - terminados em **-ndo** - Indicam ações que estão em processo.
- ▶ **Particípio** - terminados em **-ado**, **-ido (-to)** - Indicam ações concluídas.

Quando estão conjugados, os verbos flexionam em pessoa, número, tempo e modo.

Veja abaixo um esquema dos tempos simples que compõem cada um dos três modos verbais.



Tempo {
Presente
Passado
Futuro

Modo {
Indicativo – indica uma certeza, uma realidade.
Subjuntivo – indica uma dúvida, uma possibilidade.
Imperativo – indica uma ordem, um pedido.

Indicativo {
Presente – ação rotineira (eu canto)
Pretérito {
Imperfeito – ação repetida com frequência no passado (eu cantava)
Perfeito – ação concluída em um passado próximo (eu cantei)
Mais-que-perfeito – ação iniciada e concluída em um passado remoto (eu cantara)
Futuro {
Do pretérito – ação futura que depende de ação passada (cantaria)
Do presente – certeza de realização em um futuro próximo (cantarei)

Subjuntivo {
Presente – desejo (que eu cante)
Pretérito imperfeito – hipótese (se eu cantasse)
Futuro – planejamento (quando eu cantar)

Imperativo {
Afirmativo – ordem, pedido = canta (tu)
Negativo – ordem, pedido negativo = não cantes (tu)

Importante

O **imperativo** é formado a partir do subjuntivo. O negativo é igual ao presente do subjuntivo, o afirmativo também; no entanto, possui duas exceções: o **tu** e o **vós** são formados a partir do presente do indicativo, sem o **s** final do verbo.



Verbos na prova da UFSM

Indicadores de processos mentais:

- ▶ **Verbos de percepção:** sentir, ouvir, ver, degustar, cheirar, pressentir
- ▶ **Verbos de cognição:** decidir, considerar, achar, supor, acreditar, imaginar, lembrar, esquecer, saber, entender, pensar, planejar.
- ▶ **Verbos de afeição:** gostar, adorar, amar, odiar.
- ▶ **Verbos de emoção:** sofrer, preocupar, alegrar, entristecer.
- ▶ **Verbos de desejo:** querer, desejar, esperar, almejar, rejeitar.



Locuções verbais

As locuções verbais são constituídas de verbos auxiliares mais gerúndio, particípio ou infinitivo. São conjuntos de verbos que, em uma frase, desempenham papel equivalente ao de um verbo único. Nessas locuções, o último verbo, chamado principal, surge sempre em uma de suas formas nominais; as flexões de tempo, modo, número e pessoa ocorrem nos verbos auxiliares.

- Exemplos:

Estou lendo o jornal.

Ninguém **vai sair** antes do término da sessão.

Quando cheguei, ele já **tinha saído**.

Locuções verbais na prova da UFSM

Em locuções verbais, alguns verbos auxiliares (como "poder" e "dever") funcionam como modalizadores discursivos, indicando diferentes posicionamentos do autor em relação ao que é dito.

- ▶ **Certeza:** Choverá amanhã.
- ▶ **Probabilidade:** Deve chover amanhã.
- ▶ **Obrigação/necessidade:** Você deve agir logo.
- ▶ **Possibilidade:** O valor pode subir.
- ▶ **Permissão:** Pode entrar quando quiser.
- ▶ **Capacidade:** Ele pode correr 50 km sem cansar.
- ▶ **Não comprometimento:** Segundo testemunhas, a vítima foi morta porque teria reagido ao assalto.

• Advérbio

Palavras que se associam a verbos, a adjetivos ou a outros advérbios, modificando-os.

- Exemplos: não, muito, constantemente, sempre.



Compare estes exemplos:

O ônibus chegou.

O ônibus chegou **ontem**.

- ▶ A palavra **ontem** acrescentou ao verbo **chegou** uma circunstância de tempo: **ontem** é um advérbio.

Marcos jogou **bem**.

Marcos jogou **muito** bem.

- ▶ A palavra **muito** intensificou o sentido do advérbio **bem**: **muito**, aqui, é um advérbio.

A criança é linda.

A criança é **muito** linda.

- ▶ A palavra **muito** intensificou a qualidade contida no adjetivo **linda**: **muito**, nessa frase, é um advérbio.

Os advérbios podem vir expressos por uma ou por mais expressões (quando isso ocorre, chamamos de locução adverbial).

Vejam os alguns exemplos:

Afirmação	Sim, certamente, realmente, com certeza.
Tempo	Hoje, amanhã, breve, nunca, outrora, antigamente.
Frequência	Sempre, nunca, todos os dias.
Negação	Não, jamais, tampouco, de modo algum.
Dúvida	Talvez, quiçá, decerto, porventura.
Intensidade	Muito, pouco, extremamente, bastante, demais.
Lugar	Aqui, lá, acolá, ali, abaixo, acima.
Modo	À toa, às pressas, à vista Obs.: O sufixo -mente geralmente forma advérbios de modo = felizmente, calmamente.
Instrumento	Com a pá, com talheres.

Advérbios na prova da UFSM

Além de modificar uma palavra específica (verbo, advérbio ou adjetivo), um advérbio pode modificar toda uma oração. Neste caso, ele passa a funcionar como um modalizador discursivo, pois indica o posicionamento do autor sobre o que é dito. Veja:

Exemplo:

Felizmente, o preço dos produtos baixou.

Não significa que o preço "baixou" de um modo feliz, mas que o autor da frase está feliz pelo fato de os preços terem baixado.

Importante

Distinção entre Advérbio e Pronome Indefinido

Há palavras, como **muito** e **bastante**, que podem aparecer como advérbio e como pronome indefinido.

▶ **Advérbio:** refere-se a um verbo, a um adjetivo, ou a outro advérbio e não sofre flexões.

– *Exemplo:* Eu corri muito.

▶ **Pronome indefinido:** relaciona-se a um substantivo e sofre flexões.

– *Exemplo:* Eu corri muitos quilômetros.

Observação: Tendo em vista que o pronome indefinido se refere a um substantivo e com ele concorda em gênero (masculino/feminino) e número (singular/plural), a flexão é um caso notável. Analisemos, pois, o exemplo a seguir:

A garota gesticulou em **muitos** momentos.

Inferimos que “muitos”, uma vez concordando com o substantivo “momentos”, apresenta variação, estabelecendo, assim, a devida concordância. Nesse caso, resta-nos afirmar que estamos diante de um pronome indefinido.

Distinção entre Advérbio e Adjetivo

- ▶ Se funcionam como advérbios, não flexionam.
- ▶ Se funcionam como adjetivos, flexionam.

É importante saber: adjetivo é uma palavra que delimita, especifica, qualifica. Tem uma relação direta com o termo que ele está delimitando (geralmente, o substantivo) e com ele faz concordância (número e grau).

Advérbio denota uma circunstância em que as coisas ocorrem. É muito ligado ao verbo.

– *Exemplos:*

Havia bastantes questões difíceis. (adj.)

O que havia? – Bastantes questões difíceis. (bastantes questões = muitas questões).

O termo *bastantes* está ligado ao substantivo *questões* e concorda com ele plenamente; é, portanto, um adjetivo.

Aqui os sorvetes custam barato. (adv.)

Os sorvetes *custam* barato. A palavra *barato* está ligada ao verbo *custar*, e não ao substantivo *sorvetes*. Referindo-se ao verbo, ela não sofre flexão, não vai para o plural. É um advérbio.

Que frutas baratas! (adj.)

Frutas baratas é adjetivo. O termo *baratas* modifica o substantivo *frutas*.

Esta questão está meio esquisita. (adv.)

O termo *meio* é um advérbio, porque representa a circunstância em que a questão está sendo apresentada. Poderia estar completamente esquisita / um tanto esquisita / parcialmente esquisita.



Cuidado ao deslocar o advérbio!

O advérbio é uma das classes que têm mais mobilidade dentro de uma frase. Porém, principalmente quando a frase possui mais de um verbo, é preciso cautela no deslocamento do advérbio, para que não haja mudança semântica. Veja:

Ana caminhava lentamente até seus pés tocarem a água do mar que avançava na praia.

Lentamente, Ana caminhava até seus pés tocarem a água do mar que avançava na praia. ✓

Ana, lentamente, caminhava até seus pés tocarem a água do mar que avançava na praia. ✓

Ana caminhava até seus pés tocarem lentamente a água do mar que avançava na praia. ✗

Ana caminhava até seus pés tocarem a água do mar que avançava lentamente na praia. ✗

• Preposição

Palavras que estabelecem uma relação entre dois ou mais termos da oração. Essa relação é do tipo **subordinativa**, ou seja, entre os elementos ligados pela preposição não há sentido dissociado, separado, individualizado; ao contrário, o sentido da expressão é dependente da união de todos os elementos que a preposição vincula.

- *Exemplos:* em, de, para, por.



Vejamos, no quadro abaixo, as principais preposições:

Anotações:

A, ante, até, após	Lugar Modo Tempo	Domingo iremos a Recife. O cavaleiro partiu a galope. Voltarão após o amanhecer.
Com, contra	Causa Companhia Instrumento Modo	A árvore caiu com o temporal. Ela só viaja com os pais. Cavou o buraco com uma pá. Agiu com calma.
De, desde	Lugar Causa Posse Assunto	A encomenda veio de Belém. A criança chorava de fome. Os livros do menino sumiram. Estava falando de ciências.
Em, entre	Lugar Matéria Modo	A igreja fica em uma colina. Ele fez uma escultura em gesso. Todos saíram em silêncio.
Para, perante	Lugar Finalidade	Meu amigo foi para o Haiti. Estudou para o concurso.
Por	Lugar Causa	Passei por lá. Por ser gago, era tímido.
Sobre, sem, sob, trás	Lugar Assunto	O avião passou sobre a cidade. Ele não fala sobre política.



Locução prepositiva

É o conjunto de duas ou mais palavras que tem o valor de uma preposição. A última palavra dessas locuções é sempre uma preposição.

Principais locuções prepositivas		
abaixo de	acima de	acerca de
a fim de	além de	a par de
apesar de	antes de	depois de
ao invés de	diante de	em face de
em vez de	graças a	junto a
junto com	junto de	à custa de
defronte de	através de	em via de
de encontro a	em frente de	em frente a
sob pena de	a respeito de	ao encontro de

Importante

Combinação e contração da preposição

Quando as preposições **a**, **de**, **em** e **per** unem-se a certas palavras, formando um só vocábulo, essa união pode ser por:

- ▶ **Combinação:** ocorre quando a preposição, ao unir-se a outra palavra, mantém todos os seus fonemas.

- *Exemplos:*

preposição **a** + artigo masculino **o** = **ao**

preposição **a** + artigo masculino **os** = **aos**

- ▶ **Contração:** ocorre quando a preposição sofre modificações na sua estrutura fonológica ao unir-se a outra palavra. As preposições **de** e **em**, por exemplo, formam contrações com os artigos e com diversos pronomes. Vejamos:

do	dos	da	das
num	nuns	numa	numas
disto	disso	daquilo	-
naquele	naqueles	naquela	naqueles

Observe outros exemplos:

em + **a** = **na**

em + aquilo = **naquilo**

de + aquela = **daquela**

de + onde = **donde**

Observação: As formas **pelo**, **pela**, **pelos**, **pelas** resultam da contração da antiga preposição **per** com os artigos definidos.

- *Exemplo:* **per** + **o** = **pelo**

Encontros especiais

A contração da preposição **a** com os artigos ou com os pronomes demonstrativos **a**, **as** ou com o **a** inicial dos pronomes **aquele**, **aqueles**, **aquela**, **aquelas**, **aquilo** resulta em uma fusão de vogais **a** que se chama crase – que deve ser assinalada na escrita pelo uso do acento grave.

a + **a** = **à**

- *Exemplos:* **às** - **àquela** - **àquelas** - **àquele** - **àqueles** - **àquilo**



Importante

Não se deve, de acordo com a norma padrão, fazer a contração da preposição **de** com o artigo que faz parte do sujeito de um verbo.

- Exemplos:

Está na hora **de a** onça beber água.
(norma padrão)

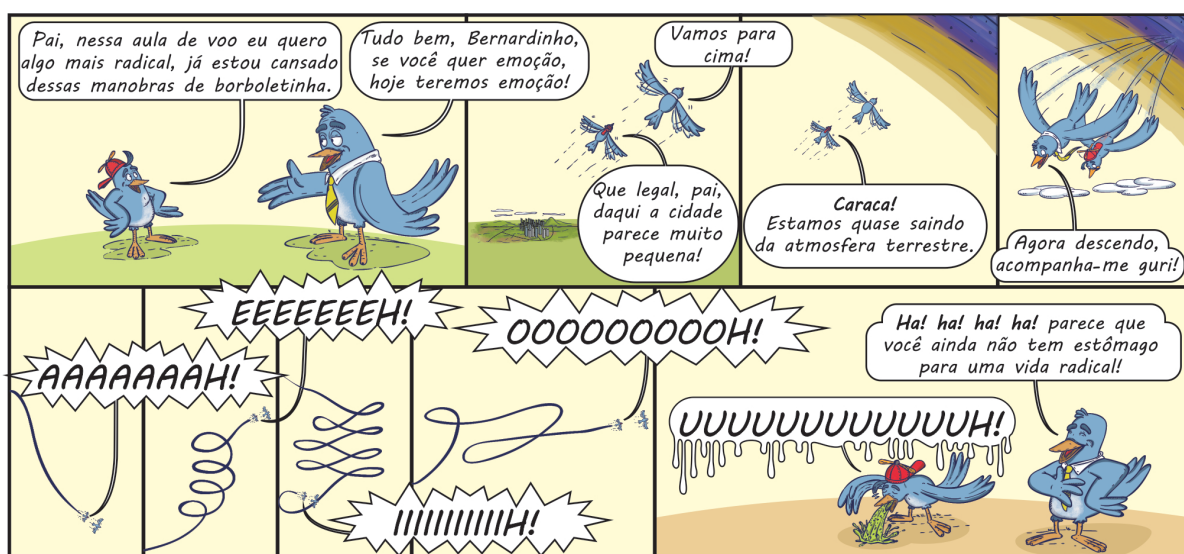
É o momento **de o** povo brasileiro protestar.
(norma padrão)

Está na hora **da** onça beber água.
(desrespeito à norma padrão)

É o momento **do** povo brasileiro protestar.
(desrespeito à norma padrão)

• Interjeição

Contesta-se que esta não seja uma classe gramatical como as demais, pois algumas de suas palavras podem ter valor de uma frase. Mesmo assim, podemos definir as interjeições como palavras ou como expressões que evocam emoções, estados de espírito.



Classificação das interjeições

Comumente, as interjeições expressam sentido de:

- ▶ **Advertência:** Cuidado!, Devagar!, Calma!, Sentido!, Atenção!, Olha!, Alerta!
- ▶ **Afugentamento:** Fora!, Passa!, Rua!, Xô!
- ▶ **Alegria ou satisfação:** Oh!, Ah!, Eh!, Oba!, Viva!
- ▶ **Alívio:** Arre!, Uf!, Ufa!, Ah!
- ▶ **Animação ou estímulo:** Vamos!, Força!, Coragem!, Eia!, Ânimo!, Adiante!, Firme!, Toca!
- ▶ **Aplauso ou aprovação:** Bravo!, Bis!, Apoiado!, Viva!, Boa!
- ▶ **Concordância:** Claro!, Sim!, Pois não!, Tá!, Hã-hã!
- ▶ **Repulsa ou desaprovação:** Credo!, Irra!, Ih!, Livra!, Safa!, Fora!, Abaixo!, Francamente!, Xi!, Chega!, Basta!, Ora!
- ▶ **Desejo ou intenção:** Oh!, Pudera!, Tomara!, Oxalá!

- ▶ **Desculpa:** Perdão!
- ▶ **Dor ou tristeza:** Ai!, Ui!, Ai de mim!, Que pena!, Ah!, Oh!, Eh!
- ▶ **Dúvida ou incredulidade:** Qual!, Qual o quê!, Hum!, Epa!, Ora!
- ▶ **Espanto ou admiração:** Oh!, Ah!, Uai!, Puxa!, Céus!, Quê!, Caramba!, Opa!, Virgem!, Vixe!, Nossa!, Hem?!, Hein?, Cruz!, Putz!
- ▶ **Impaciência ou contrariedade:** Hum!, Hem!, Irra!, Raios!, Diabo!, Puxa!, Pô!, Ora!
- ▶ **Pedido de auxílio:** Socorro!, Aqui!, Piedade!
- ▶ **Saudação, chamamento ou invocação:** Salve!, Viva!, Adeus!, Olá!, Alô!, Ei!, Tchau!, Ô, Ó, Psiu!, Socorro!, Valha-me, Deus!
- ▶ **Silêncio:** Psiu!, Bico!, Silêncio!
- ▶ **Terror ou medo:** Credo!, Cruzes!, Uh!, Ui!, Oh!



Locução interjetiva

Anotações:

Ocorre quando duas ou mais palavras formam uma expressão com sentido de interjeição.

- Exemplos:

Ora bolas!	Ai de mim!
Quem me dera!	Valha-me Deus!
Virgem Maria!	Graças a Deus!
Meu Deus!	Alto lá!
Ó de casa!	Muito bem!

• Conjunção



Video Problemas
linguísticos



A classe de palavras **conjunção** tem papel fundamental nas relações do período composto, pois possui a função de unir duas orações ou dois termos semelhantes de uma mesma oração, estabelecendo relações semânticas essenciais.

As conjunções, portanto, dividem-se em: coordenativas e subordinativas.

► **Conjunções coordenativas:** ligam duas orações independentes ou dois termos que exercem a mesma função sintática dentro da oração e são classificadas conforme o quadro a seguir:

Anotações:



Classificação	Nexos coordenativos	Exemplo
ADITIVAS Estabelecem relação de adição , soma entre as orações.	E, nem, não só... mas também, não somente... mas ainda, não só... como também, ademais, além de (disso, disto, aquilo).	Não só trabalha, mas também estuda.
ALTERNATIVAS Estabelecem relação de alternância entre as orações.	Ou... ou, quer... quer, ora... ora, seja... seja.	Gosto de cálculo, seja de física, seja de matemática.
ADVERSATIVAS Estabelecem relação de contradição , adversidade entre as orações.	Mas, porém, contudo, no entanto, entretanto, todavia, não obstante, só que, senão*. *Cuidado: não confunda esse nexos com seu parônimo "se não".	Trabalha muito, mas ganha pouco. Estava bem e* não estudou. *Cuidado: lembre-se de que o conetivo "e" depende do contexto comunicativo; pode, então, expressar relação aditiva ou adversativa.
EXPLICATIVAS Estabelecem relação de explicação entre as orações.	Porque, pois (anteposto a verbo), porquanto, já que, visto que, que (= porque).	Deve estar sem tempo, porque* não quis entrar. *Cuidado: lembre seus homônimos.
CONCLUSIVAS Estabelecem relação de conclusão entre as orações.	Logo, então, portanto, assim, por isso, pois (posposto ao verbo), consequentemente, por conseguinte, destarte.	Terminaram os mantimentos, portanto devemos voltar para casa.

► **Conjunções subordinativas:** ligam duas orações dependentes e são classificadas conforme o quadro abaixo:

Classificação	Nexos subordinativos	Exemplo
CAUSAIS Apresentam a causa do acontecimento da oração principal.	Porquanto, visto que, uma vez que, já que, pois que, como, na medida em que.	Já que está calor, vamos tomar banho de piscina.
CONSECUTIVAS Apresentam a consequência do acontecimento da oração principal.	Que, tanto que, tão que, tal que, tamanho que, de forma que, de modo que, de sorte que, de tal forma que.	As pessoas da turma participaram tanto que ficaram roucas.
COMPARATIVAS Apresentam uma comparação com o acontecimento da oração principal.	Como, mais do que, menos do que, assim como, que nem, tanto quanto.	Meu pai age como já agia meu avô.
CONFORMATIVAS Apresentam uma ideia de conformidade , de concordância e de regra em relação ao acontecimento da oração principal.	Conforme, como, consoante, segundo, de acordo com.	O Totem Games será disputado segundo as regras estabelecidas pela comissão.
CONDICIONAIS Apresentam uma condição para a realização ou não do acontecimento da oração principal.	Se, salvo se, desde que, exceto se, caso, desde, contanto que, sem que, a menos que, uma vez que, sempre que, a não ser que.	Se ele cumprir sua parte do acordo, poderemos seguir conforme planejado.



Classificação	Nexos subordinativos	Exemplo
<p>CONCESSIVAS</p> <p>Apresentam uma concessão ao acontecimento da oração principal, ou seja, apresentam uma ideia de contraste e contradição.</p> <p>*Cuidado: não confunda com as orações coordenadas adversativas.</p>	<p>Embora, conquanto, ainda que, mesmo que, se bem que, apesar de que, por mais que, por pouco que, por muito que, não obstante.</p>	<p>Farei o que acho correto, mesmo que você seja contra.</p>
<p>TEMPORAIS</p> <p>Apresentam uma circunstância de tempo ao acontecimento da oração principal.</p>	<p>Quando, enquanto, agora que, logo que, desde que, assim que, apenas, antes que, até que, sempre que, depois que, cada vez que, mal.</p>	<p>Quando eu era criança, não gostava de viajar.</p>
<p>PROPORCIONAIS</p> <p>Apresentam uma ideia de proporcionalidade com o acontecimento da oração principal.</p>	<p>À proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais... mais, quanto menos... menos, quanto maior... maior, quanto maior... menor.</p>	<p>Ele melhorava sua forma física à medida que treinava.</p>
<p>FINAIS</p> <p>Apresentam o fim ou a finalidade do acontecimento da oração principal.</p>	<p>A fim, a fim de que, para que, que.</p>	<p>A aluna estudou durante muitas horas a fim de que* não reprovasse.</p> <p>*Cuidado: não confunda esse nexos com seu parônimo "afim".</p>

Anotações:



» Modalidades do discurso

Discurso é a prática humana de construir textos, sejam eles escritos, sejam eles orais. Sendo assim, todo discurso é uma prática social. A análise de um discurso deve, portanto, considerar o contexto em que se encontra, assim como as personagens e as condições de produção do texto.

Em um texto **narrativo**, o autor pode optar por três tipos de discurso: o discurso direto, o discurso indireto e o discurso indireto livre. Não necessariamente esses três discursos estão separados; eles podem aparecer juntos em um texto. Dependerá de quem o produziu.

Discurso direto

Nesse tipo de discurso, as personagens ganham voz. É o que ocorre normalmente em diálogos. Isso permite que traços da fala e da personalidade das personagens sejam destacados e expostos no texto. O discurso direto reproduz fielmente as falas das personagens. Verbos como dizer, falar, perguntar, entre outros, servem para que as falas das personagens sejam introduzidas e elas ganhem vida, como em uma peça teatral.

Travessões, dois-pontos, aspas e exclamações são muito comuns durante a reprodução das falas.

– Exemplos:

“O Guaxinim está inquieto, mexe dum lado pra outro. Eis que suspira lá na língua dele – Chente! Que vida dura esta de guaxinim do banhado!...”

“– Mano Poeta, se enganche na minha garupa!”

Discurso indireto

O narrador conta a história e reproduz fala e reações das personagens. É escrito normalmente em terceira pessoa. Nesse caso, o narrador se utiliza de palavras suas para reproduzir aquilo que foi dito pela personagem.

– Exemplos:

“Elisiário confessou que estava com sono.”

Machado de Assis

“Fora preso pela manhã, logo ao erguer-se da cama, e, pelo cálculo aproximado do tempo, pois estava sem relógio e mesmo se o tivesse não poderia consultá-la à fraca luz da masmorra, imaginava podiam ser onze horas.”

Lima Barreto

Discurso indireto livre

O texto é escrito em terceira pessoa, e o narrador conta a história, mas as personagens têm voz própria, de acordo com a necessidade do autor de fazê-lo. Sendo assim, é uma mistura dos outros dois tipos de discurso, e as duas vezes se fundem.

– Exemplos:

“Que vontade de voar lhe veio agora! Correu outra vez com a respiração presa. Já nem podia mais. Estava desanimado. Que pena! Houve um momento em que esteve quase... quase!”

Ana Maria Machado.

“Retirou as asas e estraçalhou-a. Só tinham beleza. Entretanto, qualquer urubu... que raiva...”

Ana Maria Machado.

“D. Aurora sacudiu a cabeça e afastou o juízo temerário. Para que estar catando defeitos no próximo? Eram todos irmãos. Irmãos.”

Graciliano Ramos.



Observe, nos exemplos abaixo, como ocorre a transposição de um tipo de discurso para outro:

Discurso direto: A aluna afirmou: – Preciso estudar muito para o teste.

Discurso indireto: A aluna afirmara que precisava estudar muito para o teste.

Discurso direto: – Eu comecei minha dieta ontem.

Discurso indireto: Ela disse que começara sua dieta no dia anterior.

Discurso direto: – Vou ali agora e volto rápido.

Discurso indireto: Ele disse que ia lá naquele momento e que voltava rápido.

Discurso direto: – Nós viajaremos amanhã.

Discurso indireto: Eles disseram que viajariam no dia seguinte.

Quando for preciso fazer a transposição de um discurso para outro, é essencial modificar algumas expressões. Veja no quadro que segue:

Discurso direto		Discurso indireto
Presente do indicativo Perfeito do indicativo Futuro do presente Presente do subjuntivo Imperativo	← VERBOS →	Imperfeito do indicativo Mais-que-perfeito do indicativo Futuro do pretérito Imperfeito do subjuntivo Imperfeito do subjuntivo
Eu, nós, você(s), senhor(a)(s) Meu(s), minha(s), nosso(a)(s) Este(a)(s), isto, isso	← PRONOMES →	Ele(s), ela(s) Seu(s), sua(s), dele(a)(s) Aquele(a)(s), aquilo
Hoje, ontem, amanhã, Aqui, cá, aí	← ADVÉRBIOS →	Naquele dia, no dia anterior, no dia seguinte, ali, lá
Enunciado em forma interrogativa direta	← OUTROS CASOS →	Enunciado em forma interrogativa indireta
VERBOS DICENDI (dizer, falar, informar, referir, argumentar...) Faz uso da pontuação (: - “)	← CARACTERÍSTICAS →	VERBOS DICENDI (dizer, falar, informar, referir, argumentar...) Substitui a pontuação por conetivos.



Modalidades do discurso na prova da UFSM: as vozes em um texto

Em **textos expositivos** (como reportagens) e **argumentativos** (como o artigo de opinião), é comum encontrar, além da voz do autor, outras vozes, que aparecem com diferentes objetivos (sustentar, contra-argumentar...). Essa inserção de vozes pode ser chamada de **discurso reportado**, e é uma forma de **intertextualidade**. Pode ser feita por meio de **citação direta** (discurso direto) ou de **citação indireta** (discurso indireto).

Nesses tipos de texto, porém, as modalidades do discurso possuem algumas particularidades:

▶ Nem sempre aparecem **verbos de elocução** (verbos dicendi), dois pontos (caso do DD) ou conjunção "que" (caso do DI) na inserção das vozes, pois esses textos se utilizam também de outras **fórmulas** para introduzir a fala do outro: **Para Fulano...**, **De acordo com Beltrano...**, **Na opinião de Sicrano...**

▶ Quando os verbos de elocução são usados, eles podem acrescer valorações associadas à sua carga semântica. Verbos como **dizer** e **falar** são mais neutros, pois indicam que o dizer do outro é aquilo que todos os dizer são: um pronunciamento. Já verbos como **explicar**, **defender**, **revelar** e **concluir** "qualificam" o que é dito, pois caracterizam-no como uma explicação, uma opinião, uma revelação, uma conclusão, reforçando a importância dos dados citados.

▶ Para **transformar uma citação direta em citação indireta**, nem sempre será necessário fazer a adaptação dos tempos verbais, já que, como se trata de fatos e opiniões, o verbo no presente precisará permanecer. Veja:

Para Marx, "a religião é o ópio do povo". (DD)

Para Marx, a religião é como uma droga para as pessoas. (DI)

▶ Mesmo que os tempos verbais não mudem, é fundamental que a **citação indireta** seja sempre uma **paráfrase** do texto original, ou seja, que transmita a mesma mensagem do texto original, mas usando outras palavras. Do contrário, será uma citação direta e deverá estar entre aspas.

▶ Por mais que o discurso direto seja uma cópia fiel do texto original - e por mais que o discurso indireto faça a sua paráfrase mais neutra -, é ilusório pensar que essas falas conservam exatamente o mesmo sentido que tinham dentro do texto de origem. A escolha por um recorte específico, bem como a sua realocação em outro contexto, já são uma forma de manipulação, ainda que involuntária.



DEMAIS VESTIBULARES

» Fonética e Fonologia

- ▶ Fonética é o estudo dos sons da fala.
- ▶ Fonologia é o estudo dos sons da língua, ou seja, dos fonemas.

Fonema

É a representação do som das letras; é a menor unidade sonora e distinta da língua.



Reprodução autorizada por Alexandre Beck

Observando os quadrinhos (acima), podemos verificar que um fonema (som das letras) pode ser representado por letras (representação gráfica do som) distintas, como nas palavras **sapo** (quadro 1) e **doenças** (quadro 2), por exemplo. Ou seja, duas letras distintas (**s** e **ç**), nesse caso, possuem sons equivalentes.

LETRA

É a representação gráfica do som. O conjunto de letras de uma língua é chamado alfabeto. O da Língua Portuguesa possui 26 letras:

a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z

SÍLABA

É o fonema ou o conjunto de fonemas pronunciados em um impulso expiratório.

- Exemplos:

ca - sa, á - gua, Lí - via

Observe:

- ▶ Hora: 4 letras - 3 fonemas - 2 sílabas (dissílabo)
- ▶ Nexo: 4 letras - 5 fonemas - 2 sílabas (dissílabo)
- ▶ Chácara: 7 letras - 6 fonemas - 3 sílabas (trissílabo)

Tipos de fonemas

VOGAIS

Fonemas resultantes da livre passagem de corrente de ar pela boca.

a, e, i, o, u

SEMIVOGAIS

e, i, o, u

CONSOANTES

São fonemas que resultam de um obstáculo encontrado na corrente de ar.

b, c, d, f, g, h, j, k, l, m, n, p, q, r, s, t, v, w, x, y, z

Importante

- ▶ Não existe sílaba sem vogal nem sílaba com mais de uma vogal.
- ▶ "A" sempre é vogal; o que estiver com ele será semivogal.
- ▶ Só existe semivogal na sílaba que já tem vogal.
- ▶ Se a sílaba tiver dois sons vocálicos e nenhum for "a", então o som mais forte será vogal, e o som mais fraco será semivogal.
- ▶ Se "e", "o", "u" ou "i" estiverem sozinhas, serão a vogal da sílaba.



DÍGRAFO

É o conjunto de letras que representam um único som. Os dígrafos podem ser consonantais ou vocálicos.

▶ **Dígrafo consonantal:**

- **ch, lh, nh, qu, gu** (dígrafos inseparáveis);
- **rr, ss, sc, sç, xc, xs** (dígrafos separáveis).

Importante

Lembre-se de que só consideramos dígrafo duas letras que apresentam um único som; sendo assim, observe:

Dígrafos	Não são dígrafos
Guilherme	Água
Nascer	Escada
Exceção	Exclamar
Queijo	Quatro

▶ **Dígrafo vocálico:**

- **am, an** – campo, manto;
- **em, en** – tempo, lendo;
- **im, in** – limpo, lindo;
- **om, on** – tombo, conto;
- **um, un** – tumba, mundo.

ENCONTRO CONSONANTAL

É o encontro de sons consonantais distintos que ficam lado a lado.

Ele pode ser perfeito ou imperfeito.

- *Exemplos:*

pe - dra (encontro perfeito), fac - ção (encontro imperfeito).

ENCONTRO VOCÁLICO

É o encontro de fonemas vocálicos lado a lado, seja na mesma sílaba, seja em sílabas distintas.

DITONGO

É o encontro de fonemas vocálicos em uma mesma sílaba; de uma vogal e de uma semivogal ou vice-versa. O ditongo pode ser:

▶ **Crescente:** semivogal + vogal.

- *Exemplos:* sé-rie, má-goa, qua-tro.

▶ **Decrescente:** vogal + semivogal.

- *Exemplos:* pai, fa-lam, pau-ta.

▶ **Oral**

- *Exemplos:* sé-rie, pai, noi-te.

▶ **Nasal**

- *Exemplos:* mãe, pão, po-rém.

Importante

O ditongo nasal é marcado pelo **til** (~) ou pelas letras **m** ou **n** no **final** da palavra. Não confunda com dígrafo vocálico ou nasal, que só ocorre em sílabas do **início** ou do **meio** da palavra.

Veja:

Pi-lão, fa-lam, po-rém, hí-fen = **ditongos** nasais
/fa-lão/, /po-rey/, /hi-fey/

lãm-pa-da, em-ba-lo, de-fen-sor = **dígrafos** vocálicos
/lã-pa-da/, /ẽ-ba-lo/, /de-fẽ-sor/



Reprodução autorizada por Alexandre Beck

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.



TRITONGO

É o encontro de uma semivogal, uma vogal e uma semivogal na mesma sílaba

- Exemplos:

a-ve-ri-guei, i-guais (tritongos orais);

sa-guão, en-xá-guem (tritongos nasais).

HIATO

É o encontro imediato de duas vogais, mas que pertencem a sílabas distintas considerando sua separação.

- Exemplos:

ra-iz, Sa-a-ra, sa-í-da

Anotações:

• Sílaba e tonicidade das palavras

Classificação das palavras quanto ao número de sílabas

- ▶ **Monossílabos:** formados por uma só sílaba – gol, pai, mãe, pé, pó.
- ▶ **Dissílabos:** formados por duas sílabas – café, mesa, copo, louça.
- ▶ **Trissílabos:** formados por três sílabas – xícara, ônibus, celular.
- ▶ **Polissílabos:** formados por quatro sílabas ou mais – lâmpada, sociedade, comunidade.

Separação silábica

Nunca se separam:

- ▶ **Ditongos:** pai, dois, i-dei-a, ar-má-rio.
Obs.: Em acentuação gráfica, conversaremos sobre proparoxítonas eventuais.
- ▶ **Tritongos:** U-ru-guai, a-guei.
- ▶ **Dígrafos CH, LH, NH, QU, GU:** cha-péu, pa-lha, ni-nho, quei-jo, pre-gui-ça.
- ▶ **Encontros consonantais iniciais:** gno-mo, gra-tuito, pseu-dô-ni-mo.
Separam-se:
 - ▶ **Hiatos:** du-e-lo, Sa-a-ra, sa-ú-de.
 - ▶ **A semivogal “i”, quando ao lado de vogais:** fei-o, ca-dei-a.
 - ▶ **Dígrafos RR, SS, SC, SÇ, XC, XS:** car-ro, pas-so, nas-cer, cres-ça, ex-ces-so, ex-su-dar.
 - ▶ **Encontros consonantais internos** (desde que não encerrem encontro consonantal perfeito): ad-vo-ga-do.
Obs.: Quando houver o “s”, ele servirá para acabar a sílaba: tungs-tê-nio.



APOIO AO TEXTO

1. (UFSM) Assinale a alternativa em que TODOS os vocábulos apresentam ditongos decrescentes.

- a) concessão - veem - mídia - xenofobia
- b) direito - decisão - mandou - jornais
- c) apoie - interferiu - viola - renovou
- d) criamos - expressão - ideologias - suficientes
- e) autoritária - lei - meias - implicaria

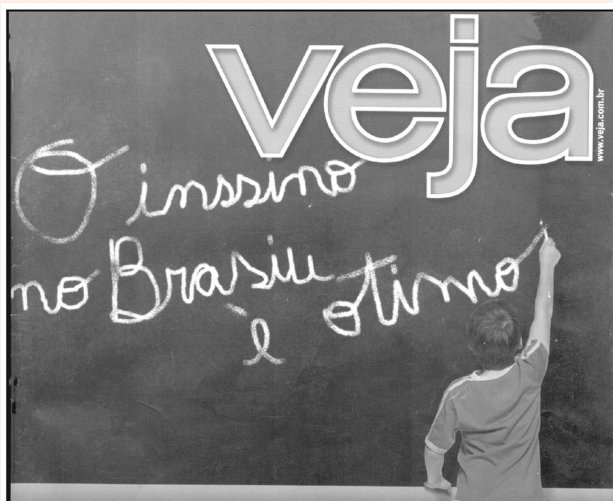
2. (UFRGS adaptada) As palavras **experiente**, **contribuído**, **pararia** e **ideia** têm, respectivamente:

- a) cinco sílabas - cinco sílabas - três sílabas - três sílabas
- b) quatro sílabas - quatro sílabas - três sílabas - quatro sílabas
- c) cinco sílabas - cinco sílabas - quatro sílabas - três sílabas
- d) cinco sílabas - cinco sílabas - quatro sílabas - quatro sílabas
- e) quatro sílabas - quatro sílabas - três sílabas - três sílabas

3. (UFRGS adaptada) Assinale a alternativa que apresenta apenas palavras que contêm dígrafos consonantais.

- a) reação - quaisquer - paradoxo
- b) chegar - rebaixada - deixar
- c) chegar - convicção - linguística
- d) chave - nenhuma - necessários
- e) exprimir - explicava - externos

Para discutir questões sobre o ensino no Brasil, a Revista Veja (20-8-08) destacou, em sua capa, a imagem de um aluno escrevendo, em um quadro-negro, o seguinte:



4. (UFSM) Analise as afirmativas a seguir relacionadas com o que está escrito no quadro-negro:

- I. A primeira letra empregada na palavra **ensino** reproduz a fala popular que transforma o “e” em posição átona em “i”.
- II. As duas últimas letras usadas na palavra **Brasil** retratam a pronúncia quotidiana em forma de ditongo decrescente.
- III. O monossílabo tônico apresenta o acento grave no lugar do agudo, e a palavra proparoxítona está sem acento.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- d) apenas I e II.
- e) I, II e III.

5. (UFRGS adaptada) Assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as afirmações abaixo.

- () As palavras **linguística**, **humana** e **cognitivo** têm mais letras do que fonemas.
- () As palavras **classe**, **corrompida** e **arquitetura** têm mais letras do que fonemas.
- () As palavras **geneticista**, **conhecimento** e **cromossomo** têm mais fonemas do que letras.
- () As palavras **complexas**, **neurotransmissores** e **sinapses** têm mais fonemas do que letras.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) F - V - V - F
- b) V - F - V - F
- c) F - F - V - V
- d) V - V - F - V
- e) F - V - F - F

Leia o texto a seguir para responder à questão 6.

Pular 7 ondas no ano-novo

- 1 Trata-se de uma tradição africana ligada à umbanda e ao candomblé. O 7 é um número considerado espiritual (são 7 os dias da semana e os chacras). Pular 7 ondas ajudaria a invocar os poderes de Iemanjá, a deusa do mar, que purifica e nos dá força para vencer os obstáculos do ano que está por vir.

Revista Superinteressante, maio 2006, p. 66.

6. (UFSM) A palavra que, como “candomblé” (l. 2), apresenta, em sua grafia, dois dígrafos nasais e um grupo consonantal é

- a) tradição.
- b) acrescentando.
- c) umbanda.
- d) banquete.
- e) ganhou.

7. (UFRGS - 2022)

01 Esse delírio que por aí vai pelo futebol seus
02 fundamentos na própria natureza humana. O espetá-
03 culo da luta sempre foi o maior encanto do homem; e
04 o prazer da vitória, pessoal ou do partido, foi, é e será
05 a ambrosia dos deuses manipulada na Terra. Admira-
06 mos hoje os grandes filósofos gregos, Platão, Sócrates,
07 Aristóteles; seus coevos, porém, admiravam muito
08 mais os atletas que venciam no estádio. Milon de Cro-
09 tona, campeão na arte de torcer pescoços de touros,
10 só para nós tem menos importância que seu mestre
11 Pitágoras. Para os gregos, para a massa popular grega,
12 seria inconcebível a ideia de que o filósofo pudesse no
13 futuro ofuscar a glória do lutador.

14 Na França, o homem hoje mais popular é George
15 Carpentier, mestre em socos de primeira classe; e, se
16 derem nas massas um balanço sincero, verão que ele
17 sobrepuja em prestígio aos próprios chefes supremos
18 vencedores da guerra.

19 Nos Estados Unidos, há sempre um campeão de
20 boxe tão entranhado na idolatria do povo que está em
21 suas mãos subverter o regime político.

22 E os delírios coletivos provocados pelo combate de
23 dois campeões em campo? Impossível assistir-se a es-
24 petáculo mais revelador da alma humana que os jogos
25 de futebol.

26 Não é mais esporte, é guerra. Não se batem duas
27 equipes, mas dois povos, duas nações.

28 Durante o tempo da luta, de quarenta a cinquenta
29 mil pessoas deliram em transe, estáticas, na ponta dos
30 pés, coração aos pulos e nervos tensos como cordas
31 de viola. Conforme corre o jogo, pausas de silên-
32 cio absoluto na multidão suspensa, ou deflagrações
33 violentíssimas de entusiasmo, que só a palavra delírio
34 classifica. E gente pacífica, bondosa, incapaz de sen-
35 timentos exaltados, sai fora de si, torna-se capaz de
36 cometer os mais horrorosos desatinos.

37 A luta de vinte e duas feras no campo transforma
38 em feras os cinquenta mil espectadores, possibilitando
39 um enfraquecimento mútuo, num conflito horrendo,
40 caso um incidente qualquer funda em corisco, ele-
41 tricidades psíquicas acumuladas em cada indivíduo.

42 O jogo de futebol teve a honra de despertar o nos-
43 so povo do marasmo de nervos em que vivia.

Adaptado de LOBATO, Monteiro. A onda verde. São Paulo: Globo, 2008. p. 119-120.

Sobre a relação entre letras e fonemas, associe corretamente o bloco inferior ao superior.

- 1. Palavras que têm mais fonemas do que letras.
- 2. Palavras que têm mais letras do que fonemas.
- 3. Palavras que têm o mesmo número de letras e fonemas.

- () glória (l. 13).
- () boxe (l. 20).
- () regime (l. 21).
- () Impossível (l. 23).
- () exaltados (l. 35).
- () horrorosos (l. 36).

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a) 3 - 3 - 1 - 2 - 1 - 2.
- b) 2 - 3 - 1 - 3 - 1 - 1.
- c) 3 - 1 - 3 - 2 - 3 - 3.
- d) 2 - 1 - 1 - 1 - 2 - 2.
- e) 3 - 1 - 3 - 2 - 3 - 2.

8. (UFRGS - 2023) Assinale a alternativa que contém apenas palavras com dígrafos consonantais.

- a) Carducci (l. 01) – líquidos (l. 09) – caixa-baú (l. 13).
- b) chamava (l. 02) – indigente (l. 11) – Pappalardo (l. 11).
- c) conhecer (l. 04) – cheiro (l. 08) – pequenos (l. 18).
- d) gesto (l. 06) – tamanhos (l. 16) – Charles (l. 21).
- e) quadrangulares (l. 14) – garrafas (l. 27) – chapa (l. 32).

GABARITO



- | | |
|------|------|
| 1. B | 5. E |
| 2. C | 6. B |
| 3. D | 7. E |
| 4. E | 8. C |



» Morfologia: estrutura e formação das palavras



• Estrutura das palavras

As palavras são estruturadas a partir de unidades menores de significado, que são os morfemas: radical, afixos (prefixo e sufixo), vogal temática, desinências (verbal e nominal), vogal e consoante de ligação.

Para compreender os processos de formação de palavras, precisamos entender especialmente o que são os radicais e os afixos.

- ▶ **Radical:** É o morfema fixo, que contém o significado da palavra.
- ▶ **Afixos:** São os morfemas móveis, que podem ser acoplados a diferentes radicais para formar novas palavras. O afixo que é colocado antes do radical é chamado de **pre-fixo**, e o afixo colocado depois do radical é chamado de **sufixo**.

Importante

Não confundir sufixos com desinências. Os dois aparecem depois do radical, mas somente os sufixos têm a capacidade de formar novas palavras. As desinências (nominal e verbal) apenas marcam as flexões (gênero, número, tempo, modo, pessoa) de palavras que já existem.

• Formação de palavras

Derivação

É o processo pelo qual palavras novas (derivadas) são formadas a partir de outras que já existem (primitivas), por meio de acréscimos de afixos ao radical. Podem ocorrer das seguintes maneiras:

- ▶ **Prefixal:** Processo de derivação pelo qual é acrescentado um prefixo a um radical.
- *Exemplos:* antebraço, contradizer, desviar, exportar, ultrapassar, superpovoado, soterrar.

- ▶ **Sufixal:** Processo de derivação pelo qual é acrescentado um sufixo a um radical.

- *Exemplos:* lugarejo, barcaça, cãozinho, corpanzil, ca-beçorra, fogaréu, papelada, carbonato, folhagem.

- ▶ **Prefixal e sufixal:** Quando é acrescentado prefixo e também sufixo.

Obs.: Se qualquer um dos dois for retirado, a palavra continuará tendo sentido.

- *Exemplos:* infelizmente, deslealdade, inutilidade, incivilidade.

- ▶ **Parassintética:** Processo de derivação pelo qual são acrescentado um prefixo e um sufixo simultaneamente ao radical, de modo que, se algum afixo for retirado, a palavra não fará sentido.

- *Exemplos:* anoitecer, pernoitar, abotoar, amanhecer, ensurdecer, desalmado, repatriar.

- ▶ **Regressiva ou deverbal:** processo de derivação em que se formam palavras a partir da perda de algum morfema. Geralmente, são substantivos que se formaram a partir de verbos.

- *Exemplos:* falar - a fala;
combater - o combate;
nadar - o nado;
pescar - a pesca;
atacar - o ataque;
sustentar - o sustento;
sacar - o saque;
cerveja - ceva;
português - portuga.

- ▶ **Imprópria:** Processo de derivação que consiste na mudança de classe gramatical da palavra sem que sua forma se altere.

- *Exemplos:* jantar (verbo) - o jantar (substantivo);
bom (adjetivo) - o bom (substantivo).

Composição

É o processo pelo qual palavras são formadas pela junção de dois ou mais radicais. A composição pode ocorrer de três formas:

▶ **Justaposição:** quando não há alteração nas palavras e estas continuam a serem faladas (escritas) da mesma forma como eram antes da composição.

- *Exemplos:* girassol (gira + sol);
guarda-chuva (guarda + chuva).

▶ **Aglutinação:** quando há alteração em pelo menos uma das palavras, seja na grafia seja na pronúncia.

- *Exemplos:* planalto (plano + alto);
aguardente (água + ardente);
Fonseca (fonte + seca).

▶ **Hibridismo:** quando a palavra é composta a partir de radicais provindos de línguas diferentes.

- *Exemplos:* escanear (inglês e português);
automóvel (grego e latim);
televisão (grego e português).

Além dos processos de derivação e de composição, existem ainda outros três processos responsáveis pelo surgimento de novas palavras:

Abreviação ou redução

Forma reduzida apresentada por algumas palavras.

- *Exemplos:* auto (automóvel);
quilo (quilograma);
moto (motocicleta).

Onomatopeia

Palavras que imitam, em seus elementos sonoros, o objeto significado.

- *Exemplos:* tique-taque, atchim.

Siglas

Palavras formadas pelas letras ou por sílabas iniciais de palavras sucessivas de uma locução ou pela maioria das partes.

- *Exemplos:* CPF - Cadastro de Pessoa Física;
ABTO - Associação Brasileira de Transplante de Órgãos;
Banrisul - Banco do Estado do Rio Grande do Sul.

Anotações:



• Prefixos Latinos

Sufixo	Significado	Exemplos
AB-, ABS-	Afastamento; separação	Abuso, abster-se, abdicar
AD-, A-	Aproximação; tendência; direção	Adjacente, adjunto, admirar, agregar
AMBI-	Duplicidade	Ambivalência, ambidestro
ANTE-	Posição anterior	Antebraço, anteontem, antepor
BENE-, BEN-, BEM-	Bem; muito bom	Benevolência, benfeitor, bem-vindo
BIS-, BI-	Duas vezes	Bisavô, biconvexo, bienal, bípede, biscoito
CIRCUM-, CIRCUN-	Ao redor; movimento em torno	Circunferência, circum-adjacente
CONTRA-	Oposição; ação contrária	Contra-ataque, contradizer
COM-, CON-, CO-	Companhia; combinação	Compartilhar, consoante, contemporâneo
DE-, DES-, DIS-	Para baixo; afastamento; ação contrária	Decair, desacordo, desfazer, discordar
EX-, ES-, E-	Para fora; mudança de estado; separação	Exonerar, exportar, exumar, espreguiçar
EXTRA-	Posição exterior; superioridade	Extraoficial, extraordinário, extraviar
IN-, IM-, I-, EN-, EM-, INTRA-, INTRO-	Posição interna; passagem para um estado; movimento para dentro; tendência; direção para um ponto	Incisão, inalar, injetar, impor, imigrar, enlatar, enterrar, embalsamar, intravenoso, intrometer, intramuscular
IN-, IM-, I-	Negação; falta	Intocável, impermeável, ilegal
INTER-, ENTRE-	Posição intermediária; reciprocidade	Intercâmbio, internacional, entrelaçar
JUSTA-	Proximidade	Justapor, justalinear
POS-	Posição posterior; ulterioridade	Pós-escrito, pospor, postônico
PRE-	Anterioridade; superioridade; intensidade	Prefixo, previsão, pré-história, prefácio
PRO-	Movimento para frente; em favor de	Proclamar, progresso, pronome, prosseguir
RE-	Repetição; intensidade; reciprocidade	Realçar, rebolar, refrescar, reverter, refluir
RETRO-	Para trás	Retroativo, retroceder, retrospectivo
SEMI-	Metade	Semicírculo, semiconsoante
SUB-, SOB-, SO-	Posição abaixo de; inferioridade	Subconjunto, subcutâneo, subsolo, sobpor
SUPER-, SOBRE-, SUPRA-	Posição superior; excesso	Superpopulação, sobreloja, suprassumo
TRANS-, TRAS-, TRA-, TRES-	Através de; posição além de; mudança	Transbordar, transcrever, tradição, traduzir
ULTRA-	Além de; excesso	Ultrapassar, ultrasensível
VICE-, VIS-	Posição abaixo de; substituição	Vice-reitor, visconde, vice-cônsul

Anotações:



• Prefixos Gregos

Sufixo	Significado	Exemplos
A-, AN-	Privação; negação	Ateu, analfabeto, anestesia
ANA-	Repetição; separação; inversão; para cima	Análise, anatomia, anáfora, anagrama
ANFI-	Duplicidade; ao redor; de ambos os lados	Anfíbio, anfiteatro, anfibologia
ANTI-	Oposição; ação contrária	Antibiótico, anti-higiênico, antitérmico, antítese, antípoda
APO-	Separação; afastamento	Apogeu, apóstolo, apóstata
ARQUI-, ARCE-	Posição superior; excesso	Arquitetura, arquipélago, arcebispo, arcanjo
CATA-	Para baixo; a partir de; ordem	Catálise, catálogo, cataplasma, catadupa
DIA-	Através de; ao longo de	Diafragma, diagrama, diálogo, diagnóstico
DI-	Duas vezes	Dipolo, dígrafo
DIS-	Mau funcionamento	Dispneia, discromia, disenteria
EN-, EM-, E-, ENDO-	Posição interna; direção para dentro	Encéfalo, emblema, eclipse, endotérmico
EX-, EC-, EXO-, ECTO-	Movimento para fora; posição exterior	Êxodo, eclipse
EPI-	Acima de; posterioridade	Epiderme, epílogo
EU-, EV-	Excelência; perfeição; verdade	Euforia, evangelho
HEMI-	Metade	Hemisfério
HIPER-	Posição superior; excesso	Hipérbole, hipertensão
HIPO-	Posição inferior; insuficiência	Hipotrofia, hipotensão, hipodérmico
META-	Posteridade; através de; mudança	Metamorfose, metabolismo, metáfora, metacarpo
PARA-	Proximidade; ao lado; oposto a	Paradoxo, paralelo, paródia, parasita
PERI-	Em torno de	Pericárdio, período, perímetro, perífrase
PRO-	Posição anterior	Prólogo, prognóstico
POLI-	Multiplicidade; pluralidade	Polinômio, poliedro
SIN-, SIM-	Simultaneidade; reunião	Sinfonia, simbiose, simpatia, sílaba
SUB-, SOB-, SO-	Inferioridade; insuficiência	Subconjunto, subcutâneo, subsolo, sobpor, soterrar
SUPER-, SOBRE-, SUPRA-	Posição superior; excesso	Superpopulação, sobreloja, sobrecarga, superfície

Anotações:



• Principais sufixos

Tipos de sufixos	Principais sufixos	Exemplos
NOMINAIS formam substantivos e adjetivos	Aumentativo: -alhão, -ão, -anzil, -arra, -orra, -ázio	Copázio, bocarra, corpanzil, casarão
	Diminutivo: -acho, -eto, -inho, -inha, -ote	Riacho, filhote, livrinho
	Superlativo: -íssimo, -érrimo, -limo	Belíssimo, paupérrimo, fácilimo
	Lugar: -aria, -ato, -douro, -ia	Papelaria, internato, bebedouro
	Profissão: -ão, -dor, -ista	Diarista, dentista, vendedor
	Origem: -ano, -eiro, -ês	Francês, alagoano, mineiro
	Coleção, aglomeração, conjunto: -al, -eira, -ada, -agem	Folhagem, cabeleira, capinzal
	Excesso, abundância: -oso, -ento, -udo...	Gostoso, ciumento, barbudo
VERBAIS	-ear, -ejar, -ecer, -escer, -entar, -fazer, -ficar, -icar, -iscar, -ilhar, -inhar, -itar, -izar...	Folhear, velejar, envelhecer, florescer, afugentar, liquefazer, petrificar, adocicar, chuvejar, dedilhar, escrevinhar, saltitar, organizar
ADVERBIAIS	Somente o sufixo -mente	Amavelmente, distraidamente

Anotações:



1. (UFRGS adaptada) Considere as afirmações abaixo, sobre a formação de palavras no texto.

- I. A palavra **chuvosa** é formada por sufixação a partir de um substantivo.
- II. A palavra **amanhecer** é formada por parassíntese a partir de um substantivo.
- III. A palavra **rapidamente** é formada por sufixação a partir de um substantivo.

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas I.
- b) Apenas III.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

2. (UFN adaptada) Relacione as colunas quanto ao significado atribuído ao sufixo na formação das palavras do texto destacadas abaixo. Depois, assinale a alternativa correta.

- 1. Sufixo indicador de procedência
- 2. Sufixo indicador de abundância
- 3. Sufixo indicador de atributo/qualidade
- 4. Sufixo indicador de agente/atividade
- 5. Sufixo indicador de tamanho/intensidade

- () caririense
- () indelicadeza
- () rochedo
- () cronista
- () naturalíssima

A sequência correta é:

- a) 1 - 2 - 3 - 4 - 5
- b) 5 - 4 - 3 - 2 - 1
- c) 1 - 3 - 2 - 4 - 5
- d) 3 - 2 - 5 - 4 - 1
- e) 1 - 3 - 5 - 2 - 4

3. (UFRGS adaptada) Assinale a alternativa em que o prefixo “des” atribui à forma a que se agrega o mesmo sentido que atribui à **desapegada**.

- a) Desdenhada.
- b) Designada.
- c) Desabrochada.
- d) Destrambelhada.
- e) Desabitada.

4. (UFMS) Leia mais uma apreciação do filme *Ratatouille*.

- 1 *Ratatouille* trata de temas sérios, como o quão importante é a aceitação do diferente, a luta contra as expectativas familiares, a busca da própria independência e a importância de sermos verdadeiros com aquilo que realmente somos. O filme desmistifica aquela famosa pergunta: “você é um rato ou um homem?” Aqui o rato é humano. Remy deseja fazer aquilo que mais ama e para isso mergulha num universo completamente hostil. Exatamente como nós, que temos de lutar contra um mercado de trabalho espremido e feroz para realizarmos aquilo que amamos.
- 5
- 10

Assinale verdadeira (V) ou falsa (F) em cada uma das afirmações relacionadas ao primeiro período do texto (l. 1-5).

- () Os substantivos *aceitação*, *luta* e *busca* derivam de verbos, mas não passaram todos eles pelo mesmo processo de derivação.
- () Se os substantivos *aceitação*, *luta* e *busca* fossem substituídos por verbos correspondentes no infinitivo, os três verbos não seriam mais seguidos por preposição.
- () As palavras *sérios*, *diferente* e *familiares* têm a função de qualificar um substantivo que as antecede.

A sequência correta é

- a) V - F - F.
- b) F - F - V.
- c) V - V - V.
- d) F - F - F.
- e) V - F - V.

Anotações:



5. (UFSM)

A Lenda da Mandioca (lenda dos índios Tupi)

Suzana Herculano-Houzel**

01 Nasceu uma indiazinha linda, e a mãe e o pai tupis
02 espantaram-se:

03 – Como e branquinha esta criança!

04 E era mesmo. Perto dos outros curumins da taba,
05 parecia um raiozinho de lua.

06 Chamaram-na Mani. Mani era linda, silenciosa e
07 quieta. Comia pouco e pouco bebia. Os pais preocu-
08 pavam-se.

09 – Vá brincar, Mani, dizia o pai.

10 – Coma um pouco mais, dizia a mãe.

11 Mas a menina continuava quieta, cheia de sonhos
12 na cabecinha. Mani parecia esconder um mistério.
13 Uma bela manhã, não se levantou da rede. O paje foi
14 chamado. Deu ervas e bebidas a menina. Mas não ati-
15 nava com o que tinha Mani. Toda a tribo andava triste.
16 Mas, deitada em sua rede, Mani sorria, sem dor e
17 sem dor.

18 E sorrindo, Mani morreu. Os pais a enterraram
19 dentro da própria oca. E regavam sua cova todos os
20 dias, como era costume entre os índios Tupis. Rega-
21 vam com lágrimas de saudade. Um dia perceberam
22 que do tumulo de Mani rompia uma plantinha verde
23 e viciosa.

24 – Que planta será esta? Perguntaram, admirados.
25 Ninguém a conhecia.

26 – E melhor deixá-la crescer, resolveramos índios.

27 E continuaram a regar o brotinho mimoso. A plan-
28 ta desconhecida crescia depressa. Poucas luas se pas-
29 saram, e ela estava altinha, com um caule forte, que
30 até fazia a terra se rachar em torno.

31 – A terra parece fendida, comentou a mãe de Mani.

32 – Vamos cavar?

33 E foi o que fizeram. Cavaram pouco e, a flor da
34 terra, viram umas raízes grossas e morenas, quase da
35 cor dos curumins, nome que dão aos meninos índios.
36 Mas, sob a casquinha marrom, lá estava a polpa bran-
37 quinha, quase da cor de Mani. Da oca de terra de Mani
38 surgiu uma nova planta!

39 – Vamos chamá-la Mani-oca, resolveram os índios.

40 – E, para não deixar que se perca, vamos transfor-
41 mar a planta em alimento!

42 Assim fizeram! Depois, fincando outros ramos no
43 chão, fizeram a primeira plantação de mandioca. Até
44 hoje entre os índios do Norte e Centro do Brasil e este
45 um alimento muito importante.

46 E, em todo Brasil, quem não gosta da plantinha
47 misteriosa que surgiu na casa de Mani?

Assinale V na(s) afirmativa(s) verdadeira(s) e F na(s) falsa(s).

() O texto se estrutura em estágios típicos da narrativa, dentre os quais esta a complicação, iniciada no momento em que Mani não se levantou da rede.

() No estágio de orientação da narrativa, a personagem principal e representada por meio de um nome próprio e adjetivos que descrevem sua aparência, como “linda” (l.1) e “branquinha” (l.3), e seu comportamento, como “silenciosa” (l.6) e “quieta” (l.7).

() Palavras como “brotinho” (l.29) e “branquinha” (l.41) contribuem para estabelecer semelhanças entre a planta então desconhecida e Mani, ao mesmo tempo em que o emprego dos sufixos indicadores de diminutivo corroboram a representação de delicadeza e sensibilidade.

() Ao nomearem a nova planta de “Mani-oca” (l.44), os índios utilizaram o processo de formação de palavras por derivação prefixal.

a) V – F – F – F.

b) V – V – V – F.

c) F – V – V – V.

d) V – F – F – V.

e) F – F – V – F.

6. (UFSM) Relacione as colunas, estabelecendo a correspondência entre o prefixo latino empregado e o seu significado.

- | | |
|-------------------|----------------------|
| 1. ambidestro | () posição aquém |
| 2. cisplatino | () quase |
| 3. infraestrutura | () além do limite |
| 4. penúltimo | () duplicidade |
| 5. ultravioleta | () posição inferior |

A sequência correta é

a) 4 - 1 - 2 - 5 - 3.

b) 2 - 3 - 5 - 1 - 4.

c) 5 - 4 - 1 - 2 - 3.

d) 4 - 3 - 5 - 1 - 2.

e) 2 - 4 - 5 - 1 - 3.



Guia verde politicamente incorreto

Nem ecochatos nem ecocéticos. Não existem verdades absolutas na sustentabilidade. Há sempre alguma sujeira escondida debaixo do tapete – e soluções em lugares que ninguém esperava.

Fonte: HORTA, Maurício. Guia verde politicamente incorreto. *Superinteressante*, dez. 2011, p. 57.

7. (UFSM) Considerando eco como um radical grego que significa casa, hábitat, as palavras “ecochatos” e “ecocéticos” são formadas por _____. A primeira representa o grupo dos _____ e a outra, o grupo dos _____ no que se refere a atividades sustentáveis.

Assinale a alternativa que preenche adequadamente as lacunas.

- a) composição — enfadonhos - descrentes
- b) derivação prefixal - insistentes — desconfiados
- c) aglutinação - desgostosos — descrentes
- d) neologismo - aborrecidos — preocupados
- e) derivação parassintética — insistentes — críticos.

8. (UNICAMP-2020) Leia o texto a seguir e responda à questão.

O telejornalismo é um dos principais produtos televisivos. Sejam as notícias boas ou ruins, ele precisa garantir uma experiência esteticamente agradável para o espectador. Em suma, ser um “infotimento”, para atrair prestígio, anunciante e rentabilidade. Porém, a atmosfera pesada do início do ano baixou nos telejornais: Brumadinho, jovens atletas mortos no incêndio do CT do Flamengo, notícias diárias de feminicídios, de valentões armados matando em brigas de trânsito e supermercados. Conjunções adversativas e adjuntos adverbiais já não dão mais conta de neutralizar o tsunami de tragédias e violência, e de amenizar as más notícias para garantir o “infotimento”. No jornal, é apresentada matéria sobre uma mulher brutalmente espancada, internada com diversas fraturas no rosto. Em frente ao hospital, uma repórter fala: “mas a boa notícia é que ela saiu da UTI e não precisará mais de cirurgia reparadora na face...”. Agora, repórteres repetem a expressão “a boa notícia é que...”, buscando alguma brecha de esperança no “outro lado” das más notícias.

Adaptado de Wilson R. V. Ferreira, Globo adota “a boa notícia é que...” para tentar se salvar do baixo astral nacional. Disponível em <https://cinegnose.Blogs pot.com/2019/02/globo-adotaboa-noticia-e-que-para.html>. Acessado em 01/03 /2019.

Para se referir a matérias jornalísticas televisivas que informam e, ao mesmo tempo, entretêm os espectadores, o autor cria um neologismo por meio de:

- a) derivação prefixal.
- b) composição por justaposição.
- c) composição por aglutinação.
- d) derivação imprópria.

9. (UFSM) Julgue se é verdadeira (V) ou falsa (F) cada afirmativa.

() Na formação de BARRIGÚTIL, o adjetivo contribui com o sentido de “censurável” e “repreensível”.



() COMPARTILHAR E GENTILÉSAR denotam ações realizadas necessariamente com o auxílio da linguagem verbal.



() Na formação de DORMINÓ e FALECOMOSCA, verbos integram o sentido dessas palavras.



A sequência correta é

- a) V - V - V.
- b) F - F - F.
- c) V - V - F.
- d) F - F - V.
- e) V - F - F.



Instrução: A questão 10 está relacionada ao texto abaixo.

01 O que havia de tão revolucionário na Revolução
02 Francesa? Soberania popular, liberdade civil, igualda-
03 de perante a lei – as palavras hoje são ditas com tanta
04 facilidade que somos incapazes de imaginar seu ca-
05 ráter explosivo em 1789. Para os franceses do Antigo
06 Regime, os homens eram desiguais, e a desigualdade
07 era uma boa coisa, adequada à ordem hierárquica
08 que fora posta na natureza pela própria obra de Deus.
09 A liberdade significava privilégio – isto é, literalmen-
10 te, “lei privada”, uma prerrogativa especial para fazer
11 algo negado a outras pessoas. O rei, como fonte de
12 toda a lei, distribuía privilégios, pois havia sido un-
13 gido como o agente de Deus na terra.

14 Durante todo o século XVIII, os filósofos do Ilumi-
15 nismo questionaram esses pressupostos, e os panfle-
16 tistas profissionais conseguiram empanar a aura sa-
17 grada da coroa. Contudo, a desmontagem do quadro
18 mental do Antigo Regime demandou violência icono-
19 clasta, destruidora do mundo, revolucionária.

20 Seria ótimo se pudéssemos associar a Revolução
21 exclusivamente à Declaração dos Direitos do Homem
22 e do Cidadão, mas ela nasceu na violência e imprimiu
23 seus princípios em um mundo violento. Os conquista-
24 dores da Bastilha não se limitaram a destruir um sím-
25 bolo do despotismo real. Entre eles, 150 foram mortos
26 ou feridos no assalto à prisão e, quando os sobrevi-
27 ventes apanharam o diretor, cortaram sua cabeça e
28 desfilaram-na por Paris na ponta de uma lança.

29 Como podemos captar esses momentos de lou-
30 cura, quando tudo parecia possível e o mundo se afi-
31 gurava como uma tábula rasa, apagada por uma onda
32 de comoção popular e pronta para ser redesenhada?
33 Parece incrível que um povo inteiro fosse capaz de se
34 levantar e transformar as condições da vida cotidiana.
35 Duzentos anos de experiências com admiráveis mun-
36 dos novos tornaram-nos céticos quanto ao planeja-
37 mento social. Retrospectivamente, a Revolução pode
38 parecer um prelúdio ao totalitarismo.

39 Pode ser. Mas um excesso de visão histórica re-
40 trospectiva pode distorcer o panorama de 1789. Os
41 revolucionários franceses não eram nossos contem-
42 porâneos. E eram um conjunto de pessoas não ex-
43 cepcionais em circunstâncias excepcionais. Quando
44 as coisas se desintegraram, eles reagiram a uma ne-
45 cessidade imperiosa de dar-lhes sentido, ordenando a
46 sociedade segundo novos princípios. Esses princípios
47 ainda permanecem como uma denúncia da tirania e
48 da injustiça. Afinal, em que estava empenhada a Revo-
49 lução Francesa? Liberdade, igualdade, fraternidade.

Adaptado de: DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. In: _____.
O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Cia. das Letras, 2010. p. 30-39.

10. (UFRGS) Na coluna da esquerda, estão quatro palavras retiradas do texto; na coluna da direita, descrições relacionadas à formação dessas palavras.

Associe corretamente a coluna da esquerda à da direita.

- | | |
|-----------------------------|--|
| () desiguais (l. 06) | 1. contém sufixo que forma substantivos a partir de verbos |
| () pressupostos (l. 15) | 2. contém prefixo com sentido de negação |
| () planejamento (l. 36-37) | 3. contém prefixo que designa anterioridade |
| () totalitarismo (l. 38) | 4. contém sufixo que designa movimentos ideológicos |

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) 4 – 2 – 3 – 1.
- b) 3 – 1 – 2 – 4.
- c) 2 – 3 – 1 – 4.
- d) 1 – 4 – 2 – 3.
- e) 1 – 2 – 3 – 4.

Anotações:



Instrução: A questão 11 está relacionada ao texto abaixo.

01 Hoje os conhecimentos se estruturam de modo
02 fragmentado, separado, compartimentado nas disci-
03 plinas. Essa situação impede uma visão global, uma
04 visão fundamental e uma visão complexa. "Complexi-
05 dade" vem da palavra latina *complexus*, que significa a
06 compreensão dos elementos no seu conjunto.

07 As disciplinas costumam excluir tudo o que se en-
08 contra fora do seu campo de especialização. A litera-
09 tura, no entanto, é uma área que se situa na inclusão
10 de todas as dimensões humanas. Nada do humano
11 lhe é estranho, estrangeiro.

12 A literatura e o teatro são desenvolvidos como
13 meios de expressão, meios de conhecimento, meios
14 de compreensão da complexidade humana. Assim,
15 podemos ver o primeiro modo de inclusão da literatu-
16 ra: a inclusão da complexidade humana. E vamos ver
17 ainda outras inclusões: a inclusão da personalidade
18 humana, a inclusão da subjetividade humana e, tam-
19 bém, muito importante, a inclusão do estrangeiro, do
20 marginalizado, do infeliz, de todos que ignoramos e
21 desprezamos na vida cotidiana.

22 A inclusão da complexidade humana é necessá-
23 ria porque recebemos uma visão mutilada do huma-
24 no. Essa visão, a de *homo sapiens*, é uma definição do
25 homem pela razão; de *homo faber*, do homem como
26 trabalhador; de *homo economicus*, movido por lucros
27 econômicos. Em resumo, trata-se de uma visão pro-
28 saica, mutilada, que esquece o principal: a relação do
29 *sapiens/demens*, da razão com a demência, com a lou-
30 cura.

31 Na literatura, encontra-se a inclusão dos proble-
32 mas humanos mais terríveis, coisas insuportáveis que
33 nela se tornam suportáveis. Harold Bloom escreve:
34 "Todas as grandes obras revelam a universalidade
35 humana através de destinos singulares, de situações
36 singulares, de épocas singulares". É essa a razão por
37 que as obras-primas atravessam séculos, sociedades
38 e nações.

39 Agora chegamos à parte mais humana da inclu-
40 são: a inclusão do outro para a compreensão huma-
41 na. A compreensão nos torna mais generosos com re-
42 lação ao outro, e o criminoso não é unicamente mais
43 visto como criminoso, como o Raskolnikov de Dostoie-
44 vsky, como o Padrinho de Copolla.

45 A literatura, o teatro e o cinema são os melhores
46 meios de compreensão e de inclusão do outro. Mas a
47 compreensão se torna provisória, esquecemo-nos de-
48 pois da leitura, da peça e do filme. Então essa compre-
49 ensão é que deveria ser introduzida e desenvolvida
50 em nossa vida pessoal e social, porque serviria para
51 melhorar as relações humanas, para melhorar a vida
52 social.

Adaptado de: MORIN, Edgar. A inclusão: verdade da literatura. In: RÖSING, Tânia et al. Edgar Morin: religando fronteiras. Passo Fundo: UPF, 2004. p.13-18

11. (UFRGS) Na coluna da esquerda, estão palavras retiradas do texto; na da direita, descrições relacionadas à formação de palavras.

Associe corretamente a coluna da esquerda à da direita.

- () complexidade (l. 04, 14, 16, 22)
() definição (l. 24)
() insuportáveis (l. 32)
() obras-primas (l. 37)

1. Constituída por composição por meio de justaposição.
2. Constituída por prefixo com sentido de negação e sufixo formador de adjetivos a partir de verbos.
3. Constituída por sufixo formador de substantivo a partir de adjetivo.
4. Constituída por sufixo formador de substantivo a partir de verbo.
5. Constituída por aglutinação, tendo em vista a mudança silábica de um dos elementos do vocábulo.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) 4 - 3 - 2 - 1.
- b) 3 - 4 - 2 - 5.
- c) 4 - 3 - 1 - 5.
- d) 3 - 4 - 2 - 1.
- e) 3 - 2 - 1 - 5.



Instrução: A questão 12 está relacionada ao texto abaixo.

01 No século XV, viu-se a Europa invadida por uma raça de homens que, vindos ninguém sabe de onde, se espalha-
02 ram em bandos por todo o seu território. Gente inquieta e andarilha, deles afirmou Paul de Saint-Victor que era mais
03 fácil predizer o das nuvens ou dos gafanhotos do que seguir as pegadas da sua invasão. Uns risonhos despre-
04 ocupados: passavam a vida esquecidos do passado e descuidados do futuro. Cada novo dia era uma nova aventura
05 em busca do escasso alimento para os manter naquela jornada. Trajo? No mais completo : sujos e puídos
06 cobriam-lhes os corpos queimados do sol. Nômades, aventureiros, despreocupados – eram os boêmios.

07 Assim nasceu a semântica da palavra *boêmio*. O nome gentílico de Boêmia passou a aplicar-se ao indivíduo
08 despreocupado, de existência irregular, relaxado no vestuário, vivendo ao deus-dará, à toa, na vagabundagem ale-
09 gre. Daí também o substantivo *boêmia*. Na definição de Antenor Nascentes: vida despreocupada e alegre, vadiação,
10 estúrdia, vagabundagem. Aplicou-se depois o termo, especializadamente, à vida desordenada e sem preocupações
11 de artistas e escritores mais dados aos prazeres da noite que aos trabalhos do dia. Eis um exemplo clássico do que
12 se chama degenerescência semântica. De limpo gentílico – natural ou habitante da Boêmia – boêmio acabou carrega-
13 do de todas essas conotações desfavoráveis.

14 A respeito do substantivo *boêmia*, vale dizer que a forma de uso, ao menos no Brasil, é *boemia*, acento tônico
15 em *-mi-*. E é natural que assim seja, considerando-se que *-ia* é sufixo que exprime condição, estado, ocupação. Con-
16 ferir: *alegria, anarquia, barbaria, rebeldia, tropelia, pirataria...* Penso que sobretudo palavras como *folia* e *orgia* devem
17 ter influído na fixação da tonicidade de *boemia*. Notar também o par *abstêmio/abstemia*. Além do mais, a prosódia
18 boêmia estava prejudicada na origem pelo nome próprio *Boêmia*: esses boêmios não são os que vivem na Boêmia...

Adaptado de: LUFT, Celso Pedro. Boêmios, Boêmia e boemia. In: *O romance das palavras*. São Paulo: Ática, 1996. p. 30-31.

12. (UFRGS) Considere as seguintes afirmações sobre as relações morfológicas que se estabelecem com palavras do texto.

I. alegria (l. 16) e rebeldia (l. 16) são palavras derivadas de adjetivos, assim como valentia.

II. anarquia (l. 16) e orgia (l. 16) são palavras que, apesar de apresentarem a terminação *-ia*, não derivam de outras palavras.

III. pirataria (l. 16) é palavra derivada de substantivo, assim como chefia.

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas I.
- b) Apenas III.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.



Instrução: A questão 13 está relacionada ao texto abaixo.

01 Da sua janela, ponto culminante da Travessa das
02 Acácias, o Prof. Clarimundo viaja o olhar pela paisa-
03 gem. No pátio de D. Veva, um cachorro magro fuça
04 na lata do lixo. Mais no fundo, um pomar com ber-
05 gamoteiras e laranjeiras pontilhadas de frutos dum
06 amarelo de gemada. Quintais e telhados, fachadas
07 cinzentas com a boca aberta das janelas. Na frente da
08 sapataria do Fiorello, dois homens conversam em voz
09 alta. A fileira das acácias se estende rua afora. As som-
10 bras são dum violeta profundo. O céu está levemente
11 enfumaçado, e a luz do sol é de um amarelo oleoso
12 e fluido. Vem de outras ruas a trovoada dos bondes
13 atenuada pela distância. Grasnar de buzinas. Num tre-
14 cho do Guaíba que se avista longe, entre duas paredes
15 caiadas, passa um veleiro.

16 Para Clarimundo tudo é novidade. Esta hora é
17 uma espécie de parêntese que ele abre em sua vida
18 interior, para contemplar o mundo chamado real. E
19 ele verifica, com divertida surpresa, que continuam a
20 existir os cães e as latas de lixo, apesar de Einstein. O
21 sol brilha, e os veleiros passam sobre as águas, não
22 obstante Aristóteles. Seus olhos contemplam a pai-
23 sagem com a alegria meio inibida duma criança que,
24 vendo-se de repente solta num bazar de brinquedos
25 maravilhosos, não quer no primeiro momento acredi-
26 tar no testemunho de seus próprios olhos.

27 Clarimundo debruça-se à janela... Então tudo isto
28 existia antes, enquanto ele passava horas
29 voltas com números e teorias e cogitações, tudo isto
30 tinha realidade? (Este pensamento é de todas as tar-
31 das à mesma hora: mas a surpresa é sempre nova.) E
32 depois, quando ele voltar para os livros, para as aulas,
33 para dentro de si mesmo, a vida ali fora continuará
34 assim, sem o menor hiato, sem o menor colapso?

35 Um galo canta num quintal. Roupas brancas se
36 balouçam ao vento, pendentes de cordas. Clarimun-
37 do ali está como um deus onipresente que tudo vê
38 e ouve. A impressão que causam aquelas cenas
39 domésticas levam a pensar no seu livro.

40 A sua obra... Agora ele já não enxerga mais a
41 paisagem. O mundo objetivo se esvaeceu misteriosa-
42 mente. Os olhos do professor estão fitos na fachada
43 amarela da casa fronteira, mas o que ele vê agora
44 são as suas próprias teorias e ideias. Imagina o livro
45 já impresso... Sorri, exterior e interiormente. O leitor
46 (a palavra leitor corresponde, na mente de Clarimun-
47 do, à imagem dum homem debruçado sobre um livro
48 aberto: e esse homem — extraordinário! — é sempre
49 o sapateiro Fiorello) — o leitor vai se ver diante dum
50 assunto inédito, diferente, original.

Adaptado de: VERISSIMO, Erico. Caminhos Cruzados. 26. ed.
Porto Alegre/Rio de Janeiro: Editora Globo, 1982. p. 57-58.

13. (UFRGS) Assinale a alternativa correta acerca de palavras do texto.

- a) A palavra culminante (l. 01) é formada por derivação sufixal a partir do substantivo culmo.
- b) A forma verbal olhar (l. 02) está empregada como verbo principal, em sua forma infinitiva, na locução verbal viaja o olhar (l. 02).
- c) As palavras bergamoteiras (l. 04-05) e laranjeiras (l. 05) são formadas por processo de derivação prefixal e sufixal a partir de substantivos.
- d) O adjetivo alta (l. 08) poderia ser substituído pelo advérbio alto, sem que se incorresse em erro gramatical.
- e) Os advérbios levemente (l. 10), misteriosamente (l. 41-42) e interiormente (l. 45) são formados por derivação sufixal a partir de adjetivos.



14. (ACAFE 2023) Para facilitar o aprendizado da terminologia médica são úteis algumas noções sobre formação de palavras. Inicialmente é necessário ressaltar que os termos médicos são regularmente formados a partir de radicais, prefixos e sufixos gregos e latinos. O uso de radicais gregos e latinos, comuns a vários termos, permite expressar em poucas palavras fatos e conceitos que, de outro modo, demandariam locuções e frases extensas.

A partir dessas considerações sobre o processo de formação das palavras, indique a alternativa em que todos os prefixos estão de acordo com os sentidos elucidados:

- a) pan – todo (pandemia); contra – oposição (contraceptivo); ex – para dentro (exfoliativa); pós, post - depois, em seguida (pós-operatório); trans – através (transaminase).
- b) a, an – privação (afasia); dis – dificuldade (distrofia); hiper – aumento (hiperglicemia); hipo – diminuição (hipocloridria); neo – novo (neoplasia).
- c) peri - em torno de (pericárdio); poli – muito (polimernorréia); sin - ideia de conjunto (sincrônico), simultâneo; iso - desigualdade (isotérmico); meta - mudança, sucessão (metamorfose).
- d) oligo – pouco (oligospermia); endo - fora, parte externa (endógeno); pro – anterioridade (prognóstico); ana - de novo (anamnese); dis – dificuldade (dislalia).

15. (PUCRS 2022) Numere a segunda coluna de acordo com a primeira, estabelecendo a correta relação entre o segmento destacado na palavra e o seu significado.

- 1. filosofia
- 2. inexoravelmente
- 3. consciente
- 4. inesquecíveis

- () Que sabe
- () Que é amigo de
- () Que se compadece
- () Que pode ser

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) 2 – 4 – 3 – 1
- b) 3 – 4 – 1 – 2
- c) 1 – 2 – 3 – 4
- d) 3 – 1 – 2 – 4

GABARITO



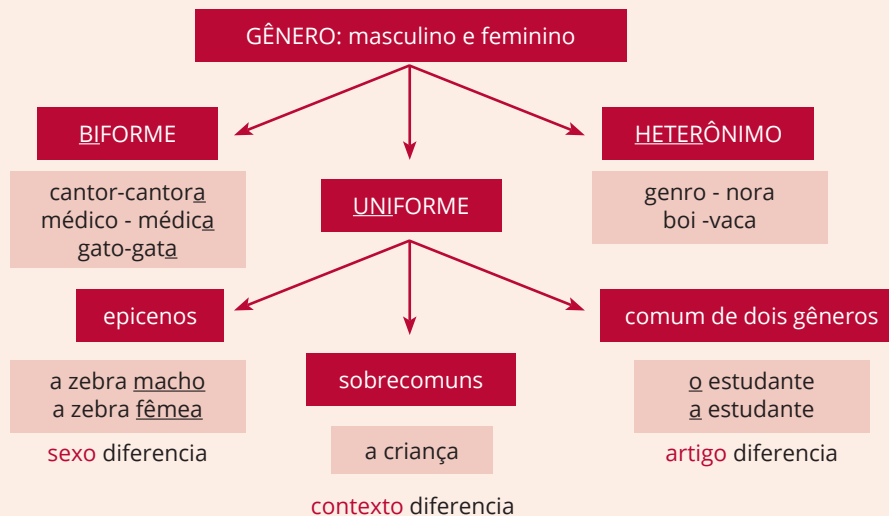
- | | | | |
|------|------|-------|-------|
| 1. C | 5. B | 9. D | 13. E |
| 2. C | 6. E | 10. C | 14. B |
| 3. E | 7. A | 11. D | 15. D |
| 4. A | 8. C | 12. E | |



» Flexão do substantivo e do adjetivo

• Substantivo

Flexão de gênero



Flexão de número

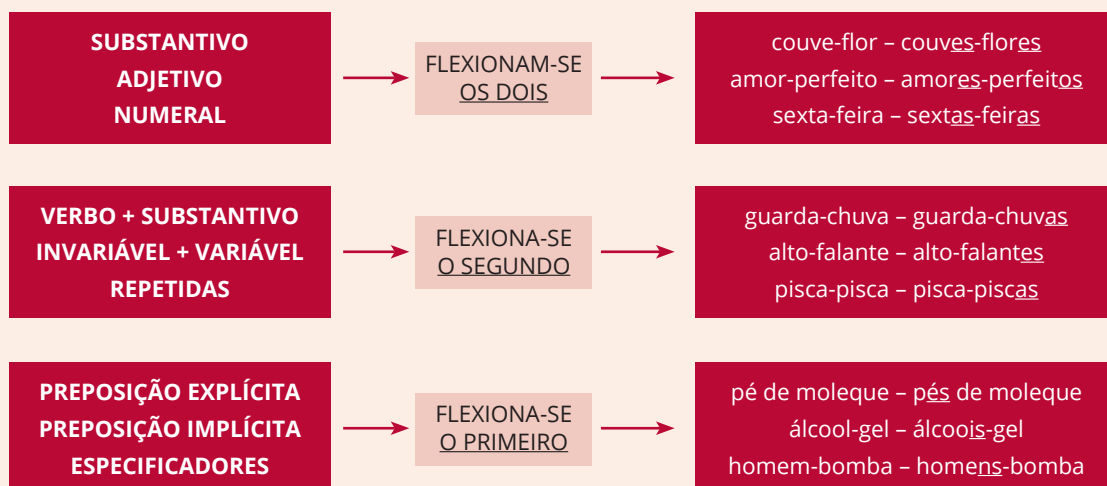
SINGULAR E PLURAL DE SUBSTANTIVOS SIMPLES

Terminação	Regra	Exemplos
Vogal ou ditongo oral	Acrescenta-se s	Casa, casas
-m	Troca-se por -ns	Álbum, álbuns
-ão	Troca-se por -ões, -ães, -ãos	Peão, peões
-r ou -z	Acrescenta-se -es	Talher, talheres
-s (oxítonas ou monossílabos tônicos)	Acrescenta-se -es	Freguês, fregueses
-s (paroxítonas)	Ficam invariáveis	Lápis, lápis
-x	Ficam invariáveis	Tórax, tórax
-al, -el, -ol, -aul	Troca-se por -is	Túnel, túneis
-il (oxítonas)	Troca-se por -is	Barril, barris
-il (paroxítonas)	Troca-se por -eis	Projétil, projéteis

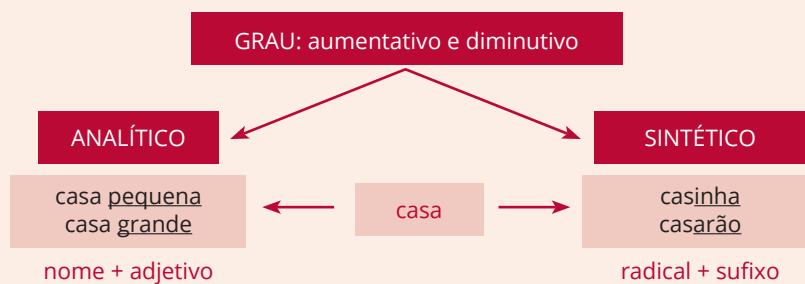
Anotações:



Flexão dos substantivos compostos



Flexão de grau



Anotações:



• Adjetivo

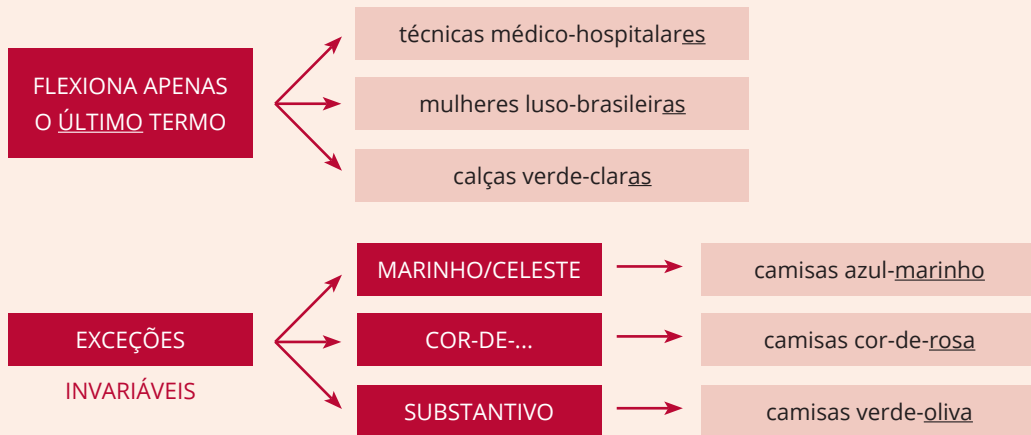
Flexão de gênero

Os adjetivos podem estar no masculino ou no feminino.

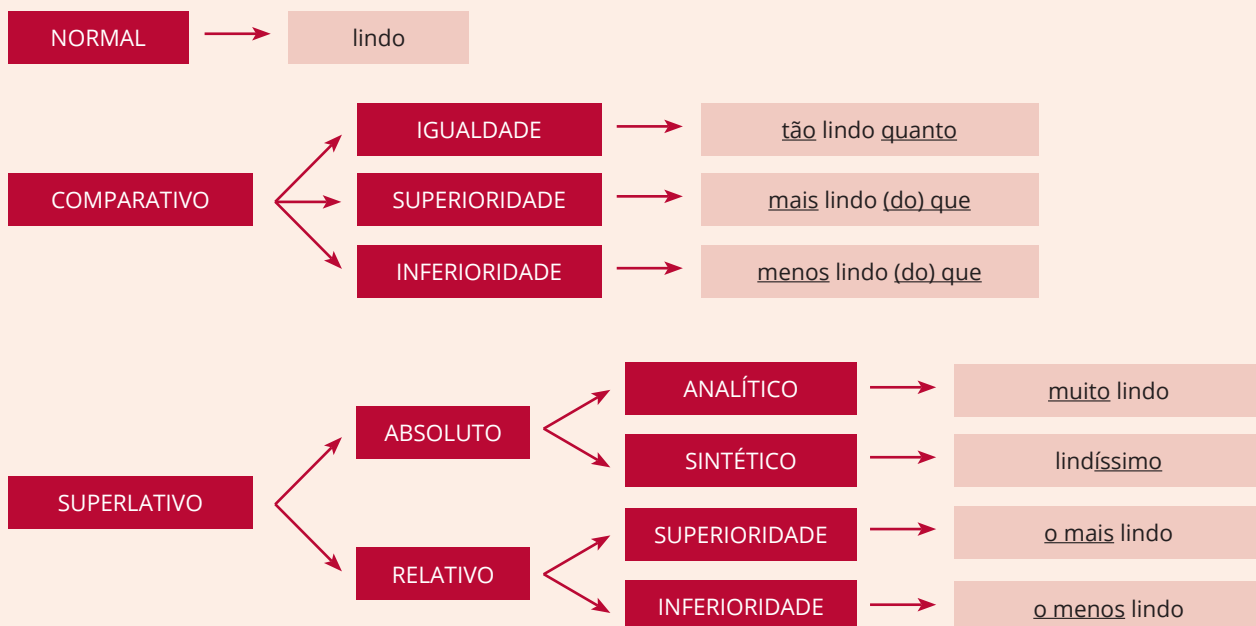
Flexão de número

Os adjetivos podem estar no plural ou no singular.

FLEXÃO DE GÊNERO E NÚMERO DOS ADJETIVOS COMPOSTOS



Flexão de grau



1. (UFSM) “Os mensaleiros, os sanguessugas, os corruptos de todas as grandezas continuam aí, expondo suas *caras de pau* envernizadas, afrontando os que pensam e agem honestamente. Tudo isso, entretanto, não é motivo para anular o voto ou votar em branco.”

Sergio Blattes, Diário de Santa Maria, 03 de agosto de 2006.

Assinale a frase em que os substantivos compostos também estão flexionados corretamente.

- a) As autoridades desconsideraram os abaixos-assinados dos cirurgiões-dentistas.
- b) Os vice-diretores foram chamados pelos alto-falantes.
- c) Trouxe-lhe um ramallete com sempre-vivas e amor-perfeitos.
- d) Alguns populares ouviram os bate-bocas entre os guardas-costas do Presidente.
- e) Alguns boias-frias comiam pés de moleques.

2. (UFSM) Substantivos compostos, como “para-brisa”, ao serem pluralizados, são acrescidos de um s somente no segundo elemento da composição.

Essa situação se verifica quando se tem, na formação do substantivo, um verbo seguido de substantivo. Essa orientação é utilizada para pluralizar os substantivos a seguir, À EXCEÇÃO DE

- a) arranha-céu.
- b) vira-lata.
- c) beija-flor.
- d) bate-boca.
- e) guarda-municipal.

Instrução: A questão 3 está relacionada ao texto abaixo.

01 Escrevendo em 1971, Pasolini dizia que o futebol
02 é uma linguagem, e comparava jogadores italianos
03 com escritores seus contemporâneos, vendo analo-
04 gias entre estilos e atitudes inerentes a seus “discur-
05 sos”. Mais do que isso, falava de um futebol jogado
06 em prosa e de outro jogado como poesia, identifi-
07 cando processos comuns aos campos da literatura e
08 do esporte bretão: via na prosa a vocação linear e
09 finalista do futebol (ênfase defensiva, contra-ataque,
10 cruzamento e finalização), e na poesia a irrupção de
11 eventos não lineares e imprevisíveis (criação de espa-
12 ços,, autonomia dos dribles, motivação atacante
13 congênita). Sugeria com isso uma maneira de abordar
14 o jogo por dentro, e nos dava, de quebra, uma chave
15 para tratar da singularidade do futebol brasileiro.

16 Embora sumária, sua teoria contemplava a ne-
17 cessária imbricação da poesia e da prosa no tecido do
18 futebol. Pontuava suas gradações, passando pelo que
19 ele via como a prosa realista de ingleses e alemães,
20 a prosa dos italianos e a poesia sul-americana.
21 Estas seriam vias alternativas para se chegar ao delírio
22 universal do gol, que suspende as oposições porque
23 é necessariamente um paroxismo poético. Nada nos
24 impede de dizer, nessa ótica, que os lances criativos
25 mais surpreendentes não dispensam a prosa corren-
26 te do “arroz-com-feijão” do jogo, necessário em toda
27 competição. Ou de constatar, na literatura como no
28 futebol, que a “prosa” pode ser bela, íntegra, articu-
29 lada e fluente, ou burocrática e anódina, e a “poesia”,
30 imprevista, fulgurante e eficaz, ou firula retórica sem
31 nervo e sem alvo.

32 O mote foi formulado num momento de
33 apogeu do futebol-arte, em que a distinção entre a
34 prosa e a poesia futebolísticas era de uma evidên-
35 cia e de uma pertinência centrais. Permanece como
36 um modelo simples e estimulante para comentar as
37 transformações do futebol ao longo do tempo – e, es-
38 pecialmente, a insistente natureza elíptica do futebol
39 brasileiro, com sua ancestral compulsão a driblar a li-
40 nearidade do esporte britânico.

Adaptado de: WISNIK, J. M. Veneno remédio: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 13-14.

3. (UFRGS) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das linhas 12, 20 e 32, nessa ordem.

- a) corta-luzes – estetisante – pasolineano
- b) cortas-luzes – estetizante – pasolineano
- c) cortas-luz – estetisante – pasoliniano
- d) corta-luzes – estetizante – pasoliniano
- e) cortas-luzes – estetisante – pasoliniano



Instrução: A questão 4 está relacionada ao texto abaixo.

Anotações:

01 me perguntam: quantas palavras uma pessoa
02 sabe? Essa é uma pergunta importante, principalmente
03 para quem ensina línguas estrangeiras. Seria muito útil
04 para quem planeja um curso de francês ou japonês ter
05 uma estimativa de quantas palavras um nativo conhe-
06 ce; e quantas os alunos precisam aprender para usar a
07 língua com certa facilidade. Essas informações seriam
08 preciosas para quem está preparando um manual que
09 inclua, entre outras coisas, um planejamento cuidadoso
10 da introdução gradual de vocabulário.

11 À parte disso, a pergunta tem seu interesse próprio.
12 Uma língua não é apenas composta de palavras: ela in-
13 clui também regras gramaticais e um mundo de outros
14 elementos que também precisam ser dominados. Mas
15 as palavras são particularmente numerosas, e é notável
16 como qualquer pessoa, instruída ou não, acesso
17 a esse acervo imenso de informação com facilidade e
18 rapidez. Assim, perguntar quantas palavras uma pessoa
19 sabe é parte do problema geral de o que é que uma
20 pessoa tem em sua mente e que permite usar a
21 língua, falando e entendendo.

22 Antes de mais nada, porém, o que é uma palavra?
23 Ora, alguém vai dizer, "todo mundo sabe o que é uma
24 palavra". Mas não é bem assim. Considere a palavra
25 *olho*. É muito claro que isso aí é uma palavra - mas será
26 que *olhos* é a mesma palavra (só que no plural)? Ou
27 será outra palavra?

28 Bom, há razões para responder das duas ma-
29 neiras: é a mesma palavra, porque significa a mesma
30 coisa (mas com a ideia de plural); e é outra palavra,
31 porque se pronuncia diferentemente (*olhos* tem um "s"
32 final que *olho* não tem, além da diferença de timbre
33 das vogais tônicas). Entretanto, a razão principal por
34 que julgamos que *olho* e *olhos* sejam a mesma palavra
35 é que a relação entre elas é extremamente regular; ou
36 seja, vale não apenas para esse par, mas para milhares
37 de outros pares de elementos da língua: olho/olhos,
38 orelha/orelhas, gato/gatos, etc. E, semanticamente, a
39 relação é a mesma em todos os pares: a forma sem "s"
40 denota um objeto só, a forma com "s" denota mais de
41 um objeto. Daí se tira uma consequência importante:
42 não é preciso aprender e guardar permanentemente
43 na memória cada caso individual; aprendemos uma
44 regra geral ("faz-se o plural acrescentando um "s" ao
45 singular"), e estamos prontos.

Adaptado de: PERINI, Mário A. Semântica lexical. ReVEL, v. 11, n. 20, 2013.

4. (UFRGS) A regra gramatical de flexão nominal, expressa pelo autor nas linhas 44 e 45 ("faz-se o plural acrescentando um "s" ao singular"), não se aplica a todas as palavras da língua portuguesa.

Qual alternativa comprova essa afirmação?

- a) Mamão.
- b) Bênção.
- c) Degrau.
- d) Exame.
- e) Cidadão.

- 1. C
- 2. C
- 3. D
- 4. A

GABARITO



Anotações:

HABILIDADES À PROVA 1

» Linguagem, língua e fala

○ 1. (ENEM)

Assim, está nascendo dentro da língua portuguesa, e provavelmente dentro de todas as demais línguas, uma nova linguagem, a linguagem radiofônica. Como a dos engenheiros, como a dos gatunos, como a dos amantes, como a usada pela mãe com o filho que ainda não fala, essa linguagem radiofônica tem suas características próprias determinadas por exigências ecológicas e técnicas.

ANDRADE, M. apud PINTO, E. P. O português do Brasil. São Paulo: Edusp, 1981.

Mário de Andrade, ao se referir ao impacto que o rádio teria nas pessoas e principalmente sobre a linguagem, possibilita uma reflexão acerca

- das relações sociais específicas da sociedade da época.
- da relação entre o meio e o contexto social de enunciação.
- do nascimento das línguas a partir de exigências sociais específicas.
- das demais línguas do mundo, por possuírem características em comum.
- da especificidade da linguagem radiofônica, em detrimento de outras linguagens.

○ 2. (ENEM)

Futebol: "A rebeldia é que muda o mundo"

Conheça a história de Afonsinho, o primeiro jogador de futebol brasileiro a derrotar a cartolagem e a conquistar o Passe Livre, há exatos 40 anos

Pelé estava se aposentando pra valer pela primeira vez, então com a camisa do Santos (porque depois voltaria a atuar pelo New York Cosmos, dos Estados Unidos), em 1972, quando foi questionado se, finalmente, sentia-se um homem livre. O Rei respondeu sem titubear:

– Homem livre no futebol só conheço um: o Afonsinho. Este sim pode dizer, usando as suas palavras, que deu o grito de independência ou morte. Ninguém mais. O resto é conversa.

Apesar de suas declarações serem motivo de chacota por parte da mídia futebolística e até dos torcedores brasileiros, o Atleta do Século acertou. E provavelmente acertaria novamente hoje.

Pela admiração por um de seus colegas de clube daquele ano. Pelo reconhecimento do caráter e personalidade de um dos jogadores mais contestadores do futebol nacional. E principalmente em razão da história de luta – e vitória – de Afonsinho sobre os cartolas.

ANDREUCCI, R. Disponível em: carosamigos.terra.com.br. Acesso em: 19 ago. 2011.

O autor utiliza marcas linguísticas que dão ao texto um caráter informal. Uma dessas marcas é identificada em:

- "[...] o Atleta do Século acertou."
- "O Rei respondeu sem titubear [...]".
- "E provavelmente acertaria novamente hoje."
- "Pelé estava se aposentando pra valer pela primeira vez [...]".
- "Pela admiração por um de seus colegas de clube daquele ano."

○ 3. (ENEM)



BESSINHA. Disponível em: pattindica.files.wordpress.com/2009/06/bessinha458904-jpg-image_1245119001858.jpeg (adaptado).

As diferentes esferas sociais de uso da língua obrigam o falante a adaptá-la às variadas situações de comunicação. Uma das marcas linguísticas que configuram a linguagem oral informal usada entre avô e neto neste texto é:

- a opção pelo emprego da forma verbal "era" em lugar de "foi".
- a ausência de artigo antes da palavra "árvore".
- o emprego da redução "tá" em lugar da forma verbal "está".
- o uso da contração "desse" em lugar da expressão "de esse".
- a utilização do pronome "que" em início de frase exclamativa.

Anotações:



○ 4. (ENEM)



Dick Browne. O melhor de Hagar, o horrível, v. 2. L&PM pocket, p. 55-6 (com adaptações).

Assinale o trecho do diálogo que apresenta um registro informal, ou coloquial, da linguagem.

- a) "Tá legal, espertinho! Onde é que você esteve?!"
- b) "E lembre-se: se você disser uma mentira, os seus chifres cairão!"
- c) "Estou atrasado porque ajudei uma velhinha a atravessar a rua..."
- d) "...e ela me deu um anel mágico que me levou a um tesouro"
- e) "mas bandidos o roubaram e os persegui até a Etiópia, onde um dragão..."

○ 5. (ENEM 2021)

Falso moralista

Você condena o que a moçada anda fazendo
e não aceita o teatro de revista
arte moderna pra você não vale nada
e até vedete você diz não ser artista

Você se julga um tanto bom e até perfeito
Por qualquer coisa deita logo falação
Mas eu conheço bem o seu defeito
e não vou fazer segredo não

Você é visto toda sexta no Joá
e não é só no Carnaval que vai pros bailes se acabar
Fim de semana você deixa a companheira
e no bar com os amigos bebe bem a noite inteira

Segunda-feira chega na repartição
pede dispensa para ir ao oculista
e vai curar sua ressaca simplesmente
Você não passa de um falso moralista

NELSON SARGENTO. *Sonho de um sambista*. São Paulo: Eldorado, 1979.

As letras de samba normalmente se caracterizam por apresentarem marcas informais do uso da língua. Nessa letra de Nelson Sargento, são exemplos dessas marcas:

- a) "falação" e "pros bailes".
- b) "você" e "teatro de revista".
- c) "perfeito" e "Carnaval".
- d) "bebe bem" e "oculista".
- e) "curar" e "falso moralista".

○ 6. (ENEM)



BANDEIRA, G. Disponível em: www.facebook.com/objetosinanimadoscartoon. Acesso em: 24 ago. 2017.

No texto, o trecho "Cê tá muito louco, véio" caracteriza um uso social da linguagem mais comum a:

- a) jovens em situação de conversa informal.
- b) pessoas conversando num cinema.
- c) homens com problemas de visão.
- d) idosos numa roda de bate-papo.
- e) crianças brincando de viajar.



○ 7. (ENEM)

Mandioca – mais um presente da Amazônia

Aipim, castelinha, macaxeira, maniva, maniveira. As designações da *Manihot utilissima* podem variar de região, no Brasil, mas uma delas deve ser levada em conta em todo o território nacional: pão-de-pobre – e por motivos óbvios.

Rica em fécula, a mandioca – uma planta rústica e nativa da Amazônia disseminada no mundo inteiro, especialmente pelos colonizadores portugueses – é a base de sustento de muitos brasileiros e o único alimento disponível para mais de 600 milhões de pessoas em vários pontos do planeta, e em particular em algumas regiões da África.

O melhor do Globo Rural. Fev. 2005 (fragmento).

De acordo com o texto, há no Brasil uma variedade de nomes para a *Manihot utilissima*, nome científico da mandioca. Esse fenômeno revela que:

- a) existem variedades regionais para nomear uma mesma espécie de planta.
- b) mandioca é nome específico para a espécie existente na região amazônica.
- c) “pão-de-pobre” é designação específica para a planta da região amazônica.
- d) os nomes designam espécies diferentes da planta, conforme a região.
- e) a planta é nomeada conforme as particularidades que apresenta.

○ 8. (ENEM)

Agora eu era herói
E o meu cavalo só falava inglês.
A noiva do *cowboy*
Era você, além das outras três.
Eu enfrentava os batalhões,
Os alemães e seus canhões.
Guardava o meu bodoque
E ensaiava o *rock* para as matinês.

CHICO BUARQUE. João e Maria, 1977 (fragmento).

Nos terceiro e oitavo versos da letra da canção, constata-se que o emprego das palavras *cowboy* e *rock* expressa a influência de outra realidade cultural na língua portuguesa. Essas palavras constituem evidências de:

- a) regionalismo, ao expressar a realidade sociocultural de habitantes de uma determinada região.
- b) neologismo, que se caracteriza pelo aportuguesamento de uma palavra oriunda de outra língua.
- c) jargão profissional, ao evocar a linguagem de uma área específica do conhecimento humano.
- d) arcaísmo, ao representar termos usados em outros períodos da história da língua.
- e) estrangeirismo, que significa a inserção de termos de outras comunidades linguísticas no português.

○ 9. (ENEM)

Carnavália

Repique tocou
O surdo escutou
E o meu corasamborim
Cuica gemeu, será que era meu, quando ela passou por mim?
[...]

ANTUNES, A.; BROWN, C.; MONTE, M. Tribelistas, 2002 (fragmento).

No terceiro verso, o vocábulo “*corasamborim*”, que é a junção coração + samba + tamborim, refere-se, ao mesmo tempo, a elementos que compõem uma escola de samba e à situação emocional em que se encontra o autor da mensagem, com o coração no ritmo da percussão. Essa palavra corresponde a um(a):

- a) estrangeirismo, uso de elementos linguísticos originados em outras línguas e representativos de outras culturas.
- b) neologismo, criação de novos itens linguísticos, pelos mecanismos que o sistema da língua disponibiliza.
- c) gíria, que compõe uma linguagem originada em determinado grupo social e que pode vir a se disseminar em uma comunidade mais ampla.
- d) regionalismo, por ser palavra característica de determinada área geográfica.
- e) termo técnico, dado que designa elemento de área específica de atividade.



○ **10. (ENEM)** Devemos dar apoio emocional específico, trabalhando o sentimento de culpa que as mães têm de infectar o filho. O principal problema que vivenciamos é quanto ao aleitamento materno. Além do sentimento muito forte manifestado pelas gestantes de amamentar seus filhos, existem as cobranças da família, que exige explicações pela recusa em amamentar, sem falar nas companheiras na maternidade que estão amamentando. Esses conflitos constituem nosso maior desafio. Assim, criamos a técnica de mamadeira. O que é isso? É substituir o seio materno por amor, oferecendo a mamadeira, e não o peito!

PADOIN, S. M. M. et al. (Org.) Experiências interdisciplinares em Aids: interfaces de uma epidemia. Santa Maria: UFSM, 2006 (adaptado).

O texto é o relato de uma enfermeira no cuidado de gestantes e mães soropositivas. Nesse relato, em meio ao drama de mães que não devem amamentar seus recém-nascidos, observa-se um recurso da língua portuguesa, presente no uso da palavra “mamadeira”, que consiste:

- a) na manifestação do preconceito linguístico.
- b) na recorrência a um neologismo.
- c) no registro coloquial da linguagem.
- d) na expressividade da ambiguidade lexical.
- e) na contribuição da justaposição na formação de palavras.

○ **11. (ENEM)** Foi sempre um gaúcho quebralhão, e despilchado sempre, por ser muito de mãos abertas. Se, numa mesa de primeira, ganhava uma ponchada de balastracas, reunia a gurizada da casa, fazia pi! pi! pi! como pra galinhas e semeava as moedas, rindo-se do formigueiro que a miuçada formava, catando as pratas no terreiro. Gostava de sentar um laçoço num cachorro, mas desses laçoços de apanhar da palheta à virilha, e puxado a valer, tanto que o bicho que o tomava, de tanto sentir dor, e lombeando-se, depois de disparar um pouco é que gritava, num caim! caim! caim! de desespero.

LOPES NETO, J. S. Contrabandista. In: SALES, H. (org). Antologia de contos brasileiros. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001 (adaptado).

A língua falada no Brasil apresenta vasta diversidade, que se manifesta de acordo com o lugar, a faixa etária, a classe social, entre outros elementos. No fragmento do texto literário, a variação linguística destaca-se:

- a) por inovar na organização das estruturas sintáticas.
- b) pelo uso de vocabulário marcadamente regionalista.
- c) por distinguir, no diálogo, a origem social dos falantes.
- d) por adotar uma grafia típica do padrão culto, na escrita.
- e) pelo entrelaçamento de falas de crianças e adultos.

○ **12. (ENEM)**

Piraí, Piraí, Piraí
Piraí bandalargou-se um pouquinho
Piraí infoviabilizou
Os ares do município inteirinho
Com certeza a medida provocou
Um certo vento de redemoinho

Diabo de menino agora quer
Um ipod e um computador novinho
Certo é que o sertão quer virar mar
Certo é que o sertão quer navegar
No micro do menino internetinho

GIL, G. Banda larga cordel. Geleia Geral. 2008. Disponível em: <http://www.gilbertogil.com.br>. Acesso em: 24 abr. 2010 (fragmento).

No texto, encontram-se as expressões “bandalargou-se”, “infoviabilizou” e “internetinho”, que indicam a influência da tecnologia digital na língua. Em relação à dinamicidade da língua no processo de comunicação, essas expressões representam:

- a) a expansão vocabular influenciada pelo uso cotidiano de ferramentas da cultura digital.
- b) o desconhecimento das regras de formação de palavras na língua.
- c) a derivação de palavras sob a influência de falares arcaicos.
- d) a incorporação de palavras estrangeiras sem adaptações à língua portuguesa.
- e) a apropriação de conceitos ultrapassados disseminados pelas influências estrangeiras.

○ **13. (ENEM)** Leia com atenção o texto:

[Em Portugal], você poderá ter alguns probleminhas se entrar numa loja de roupas desconhecendo certas sutilezas da língua. Por exemplo, não adianta pedir para ver os ternos – peça para ver os fatos. Paletó é casaco. Meias são peúgas. Suéter é camisola – mas não se assuste, porque calcinhas femininas são cuecas. (Não é uma delícia?)

Ruy Castro. Viagem Bem. Ano VIII, nº 3, 78.

O texto destaca a diferença entre o português do Brasil e o de Portugal quanto:

- a) ao vocabulário.
- b) à derivação.
- c) à pronúncia.
- d) ao gênero.
- e) à sintaxe.



○ 14. (ENEM)

– Não, mãe. Perde a graça. Este ano, a senhora vai ver. Compro um barato.

– Barato? Admito que você compre uma lembrancinha barata, mas não diga isso a sua mãe. É fazer pouco-caso de mim.

– Ih, mãe, a senhora está por fora mil anos. Não sabe que barato é o melhor que tem, é um barato!

– Deixe eu escolher, deixe...

– Mãe é ruim de escolha. Olha aquele blazer furado que a senhora me deu no Natal!

– Seu porcaria, tem coragem de dizer que sua mãe lhe deu um blazer furado?

– Viu? Não sabe nem o que é furado? Aquela cor já era, mãe, já era!

ANDRADE, C. D. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

O modo como o filho qualifica os presentes é incompreendido pela mãe, e essas escolhas lexicais revelam diferenças entre os interlocutores, que estão relacionadas:

- a) à linguagem infantilizada.
- b) ao grau de escolaridade.
- c) à dicotomia de gêneros.
- d) às especificidades de cada faixa etária.
- e) à quebra de regras da hierarquia familiar.

○ 15. (ENEM)



Disponível em: <http://blog.educacional.com.br>. Acesso em: 30 set. 2011.

As variações e as mudanças nas línguas estão correlacionadas a fatores sociais. Na tira, a dedução do pai da garota é confirmada e gera o efeito de humor, pois seu interlocutor apresenta um vocabulário:

- a) urbano, típico de quem nasce nas grandes metrópoles brasileiras.
- b) formal, relativo a quem frequenta a escola por muitos anos.
- c) elitizado, encontrado entre falantes de classe socioeconômica alta.
- d) especial, restrito a quem frequenta os espaços da juventude.
- e) conservador, representado por uma fala arcaica para a geração atual.

○ 16. (ENEM 2019)

Irerê, meu passarinho do sertão do Cariri,
Irerê, meu companheiro,
Cadê viola? Cadê meu bem? Cadê Maria?
Ai triste sorte a do violeiro cantadô!
Ah! Sem a viola em que cantava o seu amô,
Ah! Seu assobio é tua flauta de irerê:
Que tua flauta do sertão quando assobia,
Ah! A gente sofre sem querê!
Ah! Teu canto chega lá no fundo do sertão,
Ah! Como uma brisa amolecendo o coração,
Ah! Ah!
Irerê, solta teu canto!
Canta mais! Canta mais!
Prá alembirá o Cariri!

VILLA-LOBOS, H. Bachianas Brasileiras n. 5 para soprano e oito violoncelos (1938-1945). Disponível em: <http://euterpe.blog.br>. Acesso em: 23 abr. 2019.

Nesses versos, há uma exaltação ao sertão do Cariri em uma ambientação linguisticamente apoiada no(a):

- a) uso recorrente de pronomes.
- b) variedade popular da língua portuguesa.
- c) referência ao conjunto da fauna nordestina.
- d) exploração de instrumentos musicais eruditos.
- e) predomínio de regionalismos lexicais nordestinos.

○ 17. (ENEM)

Caso pluvioso

A chuva me irritava. Até que um dia descobri que maria é que chovia.
A chuva era maria. E cada pingo de maria ensopava o meu domingo.
E meus ossos molhando, me deixava como terra que a chuva lava e lava.
E eu era todo barro, sem verdura...
maria, chuvosíssima criatura!
Ela chovia em mim, em cada gesto, pensamento, desejo, sono, e o resto.
Era chuva fininha e chuva grossa,
Matinal e noturna, ativa... Nossa!

ANDRADE, C. D. *Viola de bolso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952 (fragmento).

Considerando-se a exploração das palavras “maria” e “chuvosíssima” no poema, conclui-se que tal recurso expressivo é um(a):

- a) registro social típico de variedades regionais.
- b) variante particular presente na oralidade.
- c) inovação lexical singularizante da linguagem literária.
- d) marca de informalidade característica do texto literário.
- e) traço linguístico exclusivo da linguagem poética.

○ 18. (ENEM)

Piquititim

Se eu fosse um passarim
Destes bem avoadô
Destes bem piquititim
Assim que nem beija-flor
Avoava do gaim e assentava sem assombro
Nas grimpinha do seu ombro
Mode beijá seus beicim

E se ocê deixasse as veiz
Com um fio do seu cabelim
No prazo de quaz um mês
Eu fazia nosso nin
Aí sei que dessa veiz
Em poquim tempo dispoiz
Nóis largava de ser dois
Pra ser quatro, cinco ou seis

CARNEIRO, H.; MORAIS, J. E. Disponível em: www.palcomp3.com.br. Acesso em: 3 jul. 2019.

A estratégia linguística predominante na configuração regional da linguagem representada na letra de canção é o(a):

- a) ausência da marca de concordância nominal.
- b) redução da sílaba final de determinadas palavras.
- c) emprego de vocabulário característico da fauna brasileira.
- d) uso da regra variável de concordância verbal.
- e) supressão do R na sílaba final dos vocábulos.



19. (ENEM)

Vaca Estrela e Boi Fubá

Seu doutô, me dê licença
Pra minha história contar
Hoje eu tô em terra estranha
É bem triste o meu penar
Eu já fui muito feliz
Vivendo no meu lugar
Eu tinha cavalo bôo
Gostava de campear
Todo dia eu aboiava
Na porteira do currá
[...]
Eu sou fio do Nordeste
Não nego meu naturá
Mas uma seca medonha
Me tangeu de lá pra cá

PATATIVA DO ASSARÉ. Intérpretes: PENA BRANCA; XAVANTINHO; TEIXEIRA, R. *Ao vivo em Totuí*. Rio de Janeiro: Kuarup Discos, 1992 (fragmento).

Considerando-se o registro linguístico apresentado, a letra dessa canção:

- a) exalta uma forma específica de dizer.
- b) utiliza elementos pouco usuais na língua.
- c) influencia a maneira de falar do povo brasileiro.
- d) discute a diversidade lexical de um dado grupo social.
- e) integra o patrimônio linguístico do português brasileiro.

20. (ENEM) Os linguistas têm notado a expansão do tratamento informal. “Tenho 78 anos e devia ser tratado por *senhor*, mas meus alunos mais jovens me tratam por *você*”, diz o professor Ataliba Castilho, aparentemente sem se incomodar com a informalidade, inconcebível em seus tempos de estudante. O *você*, porém, não reinará sozinho. O *tu* predomina em Porto Alegre e convive com o *você* no Rio de Janeiro e em Recife, enquanto *você* é o tratamento predominante em São Paulo, Curitiba, Belo Horizonte e Salvador. O *tu* já era mais próximo e menos formal que *você* nas quase 500 cartas do acervo on-line de uma instituição universitária, quase todas de poetas, políticos e outras personalidades do final do século XIX e início do XX.

Disponível em: <http://revistaspesquisa.fapesp.br>. Acesso em: 21 abr. 2015 (adaptado).

No texto, constata-se que os usos de pronomes variaram ao longo do tempo e que atualmente têm empregos diversos pelas regiões do Brasil. Esse processo revela que:

- a) a escolha de “*você*” ou de “*tu*” está condicionada à idade da pessoa que usa o pronome.
- b) a possibilidade de se usar tanto “*tu*” quanto “*você*” caracteriza a diversidade da língua.
- c) o pronome “*tu*” tem sido empregado em situações informais por todo o país.
- d) a ocorrência simultânea de “*tu*” e de “*você*” evidencia a inexistência da distinção entre níveis de formalidade.
- e) o emprego de “*você*” em documentos escritos demonstra que a língua tende a se manter inalterada.

21. (ENEM 2022)

Urgência emocional

Se tudo é para ontem, se a vida engata uma primeira e sai em disparada, se não há mais tempo para paradas estratégicas, caímos fatalmente no vício de querer que os amores sejam igualmente resolvidos num átimo de segundo. Temos pressa para ouvir “eu te amo”. Não vemos a hora de que fiquem estabelecidas as regras de convívio: somos namorados, ficantes, casados, amantes? Urgência emocional. Uma cilada. Associamos diversas palavras ao AMOR: paixão, romance, sexo, adrenalina, palpitação. Esquecemos, no entanto, da palavra que viabiliza esse sentimento: “*paciência*”. Amor sem paciência não vinga. Amor não pode ser mastigado e engolido com emergência, com fome desesperada. É uma refeição que pode durar uma vida.

MEDEIROS, M. Disponível em: <http://porumavidasimples.blogspot.com.br>. Acesso em: 20 ago. 2017. Adaptado.

Nesse texto de opinião, as marcas linguísticas revelam uma situação distensa e de pouca formalidade, o que se evidencia pelo(a):

- a) impessoalização ao longo do texto, como em: “se não há mais tempo”.
- b) construção de uma atmosfera de urgência, em palavras como: “*pressa*”.
- c) repetição de uma determinada estrutura sintática, como em: “Se tudo é para ontem”.
- d) ênfase no emprego da hipérbole, como em: “uma refeição que pode durar uma vida”.
- e) emprego de metáforas, como em: “a vida engata uma primeira e sai em disparada”.

22. (ENEM)

S.O.S. Português

Por que pronunciamos muitas palavras de um jeito diferente da escrita? Pode-se refletir sobre esse aspecto da língua com base em duas perspectivas. Na primeira delas, fala e escrita são dicotômicas, o que restringe o ensino da língua ao código. Daí vem o entendimento de que a escrita é mais complexa que a fala, e seu ensino restringe-se ao conhecimento das regras gramaticais, sem a preocupação com situações de uso. Outra abordagem permite encarar as diferenças como um produto distinto de duas modalidades da língua: a oral e a escrita. A questão é que nem sempre nos damos conta disso.

S.O.S. Português. Nova Escola. São Paulo: Abril, Ano XXV, nº 231, abr. 2010 (fragmento adaptado).

O assunto tratado no fragmento é relativo à língua portuguesa e foi publicado em uma revista destinada a professores. Entre as características próprias desse tipo de texto, identificam-se marcas linguísticas próprias do uso:

- a) regional, pela presença de léxico de determinada região do Brasil.
- b) literário, pela conformidade com as normas da gramática.
- c) técnico, por meio de expressões próprias de textos científicos.
- d) coloquial, por meio do registro de informalidade.
- e) oral, por meio do uso de expressões típicas da oralidade.



○ 23. (ENEM)



VERISSIMO, L. F. As cobras em: se Deus existe que eu seja atingido por um raio. Porto Alegre: L&PM, 2000.

No que diz respeito ao uso de recursos expressivos em diferentes linguagens, o cartum produz humor brincando com a:

- a) caracterização da linguagem utilizada em uma esfera de comunicação específica.
- b) deterioração do conhecimento científico na sociedade contemporânea.
- c) impossibilidade de duas cobras conversarem sobre o universo.
- d) dificuldade inerente aos textos produzidos por cientistas.
- e) complexidade da reflexão presente no diálogo.

○ 24. (ENEM) Entrei numa lida muito dificultosa. Martírio sem fim o de não entender nadinha do que vinha nos livros e do que o mestre Frederico falava. Estranheza colosso me cegava e me punha tonto. Acho bem que foi desse tempo o mal que me acompanha até hoje de ser recanteado e meio mococongo. Com os meus, em casa, conversava por trinta, tinha ladineza e entendimento. Na rua e na escola – nada; era completamente afrásico. As pessoas eram bichos do outro mundo que temperavam um palavreado grego de tudo.

Já sabia ajuntar as sílabas e ler por cima toda coisa, mas descrencei e perdi a influência de ir à escola, porque diante dos escritos que o mestre me passava e das lições marcadas nos livros, fiquei sendo um quarta-feira de marca maior. Alívio bom era quando chegava em casa.

BERNARDES, C. Rememórias dois. Goiânia: Leal, 1969.

O narrador relata suas experiências na primeira escola que frequentou e utiliza construções linguísticas próprias de determinada região, constatadas pelo:

- a) registro de palavras como “estranheza” e “cegava”.
- b) emprego de regência não padrão em “chegar em casa”.
- c) uso de dupla negação em “não entender nadinha”.
- d) emprego de palavras como “descrencei” e “ladineza”.
- e) uso do substantivo “bichos” para retomar “pessoas”.

Anotações:

○ 25. (ENEM) Pela primeira vez na vida teve pena de haver tantos assuntos no mundo que não compreendia e esmoreceu. Mas uma mosca fez um ângulo reto no ar, depois outro, além disso, os seis anos são uma idade de muitas coisas pela primeira vez, mais do que uma por dia e, por isso, logo depois, arribou. Os assuntos que não compreendiam eram uma espécie de tontura, mas o Ilídio era forte.

Se calhar estava a falar de tratar da cabra: nunca esqueças de tratar da cabra. O Ilídio não gostava que a mãe o mandasse tratar da cabra. Se estava ocupado a contar uma história a um guarda-chuva, não queria ser interrompido. Às vezes, a mãe escolhia os piores momentos para chamá-lo, ele podia estar a contemplar um segredo, por isso, assustava-se e, depois, irritava-se. Às vezes, fazia birras no meio da rua. A mãe envergonhava-se e, mais tarde, em casa, dizia que as pessoas da vila nunca tinham visto um menino tão velhaco. O Ilídio ficava enxofrado, mas lembrava-se dos homens que lhe chamavam reguila, diziam ah, reguila de má raça. Com essa memória, recuperava o orgulho. Era reguila, não era velhaco. Essa certeza dava-lhe forças para protestar mais, para gritar até, se lhe apetecesse.

PEIXOTO, J. L. Livro. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

No texto, observa-se o uso característico do português de Portugal, marcadamente diferente do uso do português do Brasil. O trecho que confirma essa afirmação é:

- a) “Pela primeira vez na vida teve pena de haver tantos assuntos no mundo que não compreendia e esmoreceu.”
- b) “Os assuntos que não compreendia eram uma espécie de tontura, mas o Ilídio era forte.”
- c) “Essa certeza dava-lhe forças para protestar mais, para gritar até, se lhe apetecesse.”
- d) “Se calhar estava a falar de tratar da cabra: nunca esqueças de tratar a cabra.”
- e) “O Ilídio não gostava que a mãe o mandasse tratar da cabra.”

○ 26. (ENEM)

Maurício e o leão chamado Millôr

Livro de Flavia Maria ilustrado por cartunista nasce como um dos grandes títulos do gênero infantil

Um livro infantil ilustrado por Millôr há de ter alguma grandeza natural, um viço qualquer que o destaque de um gênero que invade as livrarias (2 mil títulos novos, todo ano) nem sempre com qualidade. Uma pegada que o afaste do risco de fazer sombra ao fato de ser ilustrado por Millôr: *Maurício – O Leão de Menino* (CosacNaify, 24 páginas, R\$ 35), de Flavia Maria, tem essa pegada.

Disponível em: www.revistalingua.com.br. Acesso em: 30 abr. 2010 (fragmento).

Como qualquer outra variedade linguística, a norma padrão tem suas especificidades. No texto, observam-se marcas da norma padrão que são determinadas pelo veículo em que ele circula, que é a *Revista Língua Portuguesa*. Entre essas marcas, evidencia-se:

- a) a obediência às normas gramaticais, como a concordância em “um gênero que invade as livrarias”.
- b) a presença de vocabulário arcaico, como em “há de ter alguma grandeza natural”.
- c) o predomínio de linguagem figurada, como em “um viço qualquer que o destaque”.
- d) o emprego de expressões regionais, como em “tem essa pegada”.
- e) o uso de termos técnicos, como em “grandes títulos do gênero infantil”.



○ 27. (ENEM)

Até quando?

Não adianta olhar pro céu
Com muita fé e pouca luta
Levanta aí que você tem muito protesto pra fazer
E muita greve, você pode, você deve, pode crer
Não adianta olhar pro chão
Virar a cara pra não ver
Se liga aí que te botaram numa cruz e só porque Jesus
Sofreu não quer dizer que você tenha que sofrer!

GABRIEL, O PENSADOR. Seja você mesmo (mas não seja sempre o mesmo). Rio de Janeiro: Sony Music, 2001 (fragmento).

As escolhas linguísticas feitas pelo autor conferem ao texto:

- a) caráter atual, pelo uso de linguagem própria da internet.
- b) cunho apelativo, pela predominância de imagens metafóricas.
- c) tom de diálogo, pela recorrência de gírias.
- d) espontaneidade, pelo uso da linguagem coloquial.
- e) originalidade, pela concisão da linguagem.

○ 28. (ENEM)

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!
Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro dessa flâmula
— “Paz no futuro e glória no passado.”
Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.
Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!
Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada, Brasil!

Hino Nacional do Brasil. Letra: Joaquim Osório Duque Estrada. Música: Francisco Manuel da Silva (fragmento).

O uso da norma padrão na letra do *Hino Nacional do Brasil* é justificado por tratar-se de um(a):

- a) reverência de um povo a seu país.
- b) gênero solene de característica protocolar.
- c) canção concebida sem interferência da oralidade.
- d) escrita de uma fase mais antiga da língua portuguesa.
- e) artefato cultural respeitado por todo o povo brasileiro.

○ 29. (ENEM) Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se veem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma — usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro.

BARRETO, L. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em: 26 jun. 2012.

Nessa petição da pitoresca personagem do romance de Lima Barreto, o uso da norma padrão justifica-se pela:

- a) situação social de enunciação representada.
- b) divergência teórica entre gramáticos e literatos.
- c) pouca representatividade das línguas indígenas.
- d) atitude irônica diante da língua dos colonizadores.
- e) tentativa de solicitação do documento demandado.

○ 30. (ENEM) Zé Araújo começou a cantar num tom triste, dizendo aos curiosos que começaram a chegar que uma mulher tinha se ajoelhado aos pés da santa cruz e jurado em nome de Jesus um grande amor, mas jurou e não cumpriu, fingiu e não cumpriu, pra mim você mentiu, pra Deus você pecou, o coração tem razões que a própria razão desconhece, faz promessas e juras, depois esquece.

O caboclo estava triste e inspirado. Depois dessa canção que arrepiou os cabelos da Neusa, emendou com uma valsa mais arretada ainda, cheia de palavras difíceis, mas bonita que só a gota serena. Era a história de uma boneca encantadora vista numa vitrine de cristal sobre o soberbo pedestal. Zé Araújo fechava os olhos e soltava a voz:

Seus cabelos tinham a cor/ Do sol a irradiar/ Fulvos raios de amor./ Seus olhos eram circúnvagos/ Do romantismo azul dos lagos/ Mãos lírias, uns braços divinais,/ Um corpo alvo sem par/ E os pés muito pequenos./ Enfim eu vi nesta boneca/ Uma perfeita Vênus.

CASTRO, N. L. *As pelejas de Ojuara: o homem que desafiou o diabo*. São Paulo: Arx, 2006 (adaptado).

O comentário do narrador do romance “[...] emendou com uma valsa mais arretada ainda, cheia de palavras difíceis, mas bonita que só a gota serena” relaciona-se ao fato de que essa valsa é representativa de uma variedade linguística:

- a) detentora de grande prestígio social.
- b) específica da modalidade oral da língua.
- c) previsível para o contexto social da narrativa.
- d) constituída de construções sintáticas complexas.
- e) valorizadora do conteúdo em detrimento da forma.



○ **31. (ENEM)** Naquela manhã de céu limpo e ar leve, devido à chuva torrencial da noite anterior, saí a caminhar com o sol ainda escondido para tomar tenência dos primeiros movimentos da vida na roça. Num demorou nem um tiquinho e o cheiro intenso do café passado por Dona Linda me invadiu as narinas e fez a fome se acordar daquela rema letárgica derivada da longa noite de sono. Levei as mãos até a água que corria pela bica feita de bambu e o contato gelado foi de arrepiar. Mas fui em frente e levei as mãos em concha até o rosto. Com o impacto, recuei e me faltou o fôlego por alguns instantes, mas o despertar foi imediato. Já aceso, entrei na cozinha na buscação de derrubar a fome e me acercar do aconchego do calor do fogão à lenha. Foi quando dei reparo da figura esguia e discreta de uma senhora acompanhada de um garoto aparentando uns cinco anos de idade já aboletada na ponta da mesa em proseio íntimo com a dona da casa. Depois de um vigoroso “Bom dia!”, de um vaporoso aperto de mãos, nas apresentações de praxe, fiquei sabendo que Dona Flor de Maio levava o filho Adão para tratamento das feridas que pipocavam por seu corpo, provocando pequenas pústulas de bordas avermelhadas.

GUIÃO, M. Disponível em: www.revistaecologico.com.br. Acesso em: 10 mar. 2014 (adaptado).

A variedade linguística da narrativa é adequada à descrição dos fatos. Por isso, a escolha de determinadas palavras e expressões usadas no texto está a serviço da:

- a) localização dos eventos de fala no tempo ficcional.
- b) composição da verossimilhança do ambiente retratado.
- c) restrição do papel do narrador à observação das cenas relatadas.
- d) construção mística das personagens femininas pelo autor do texto.
- e) caracterização das preferências linguísticas da personagem masculina.

○ **32. (ENEM)**

Cuitelinho

Cheguei na bera do porto
Onde as onda se espaia.
As garça dá meia volta,
Senta na bera da praia.
E o cuitelinho não gosta
Que o botão da rosa caia.

Quando eu vim da minha terra,
Despedi da parentaia.
Eu entrei em Mato Grosso,
Dei em terras paraguaia.
Lá tinha revolução,
Enfrentei fortes bataia.
A tua saudade corta
Como o aço de navaia.
O coração fica aflito,
Bate uma e outra faia.
E os oio se enche d'água
Que até a vista se atrapaia.

Folclore recolhido por Paulo Vanzolini e Antônio Xandó. BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna. São Paulo: Parábola, 2004.

Transmitida por gerações, a canção *Cuitelinho* manifesta aspectos culturais de um povo, nos quais se inclui sua forma de falar, além de registrar um momento histórico. Depreende-se disso que a importância em preservar a produção cultural de uma nação consiste no fato de que produções como a canção *Cuitelinho* evidenciam a:

- a) recriação da realidade brasileira de forma ficcional.
- b) criação neológica na língua portuguesa.
- c) formação da identidade nacional por meio da tradição oral.
- d) incorreção da língua portuguesa que é falada por pessoas do interior do Brasil.
- e) padronização de palavras que variam regionalmente, mas que possuem mesmo significado.

○ **33. (ENEM)**

Em primeiro lugar gostaria de manifestar os meus agradecimentos pela honra de vir outra vez à Galiza e conversar não só com os antigos colegas, alguns dos quais fazem parte da mesa, mas também com novos colegas, que pertencem à nova geração, em cujas mãos, com toda certeza, está também o destino do Galego na Galiza, e principalmente o destino do Galego incorporado à grande família lusófona.

E, portanto, é com muito prazer que teço algumas considerações sobre o tema apresentado. Escolhi como tema como os fundadores da Academia Brasileira de Letras viam a língua portuguesa no seu tempo. Como sabem, a nossa Academia, fundada em 1897, está agora completando 110 anos, foi organizada por uma reunião de jornalistas, literatos, poetas que se reuniam na secretaria da *Revista Brasileira*, dirigida por um crítico literário e por um literato chamado José Veríssimo, natural do Pará, e desse entusiasmo saiu a ideia de se criar a Academia Brasileira, depois anexada ao seu título: Academia Brasileira de Letras.

Nesse sentido, Machado de Assis, que foi o primeiro presidente desde a sua inauguração até a data de sua morte, em 1908, imaginava que a nossa Academia deveria ser uma academia de Letras, portanto, de literatos.

BECHARA, E. Disponível em: www.academiagalega.org. Acesso em: 31 jul. 2012.

No trecho da palestra proferida por Evanildo Bechara, na Academia Galega da Língua Portuguesa, verifica-se o uso de estruturas gramaticais típicas da norma padrão da língua. Esse uso:

- a) torna a fala inacessível aos não especialistas no assunto abordado.
- b) contribui para a clareza e a organização da fala no nível de formalidade esperado para a situação.
- c) atribui à palestra características linguísticas restritas à modalidade escrita da língua portuguesa.
- d) dificulta a compreensão do auditório para preservar o caráter rebuscado da fala.
- e) evidencia distanciamento entre o palestrante e o auditório para atender os objetivos do gênero palestra.

○ **34. (ENEM)** É através da linguagem que uma sociedade se comunica e retrata o conhecimento e o entendimento de si própria e do mundo que a cerca. É na linguagem que se refletem a identificação e a diferenciação de cada comunidade e também a inserção do indivíduo em diferentes agrupamentos, estratos sociais, faixas etárias, gêneros, graus de escolaridade. A fala tem, assim, um caráter emblemático, que indica se o falante é brasileiro ou português, francês ou italiano, alemão ou holandês, americano ou inglês, e, mais ainda, sendo brasileiro, se é nordestino, sulista ou carioca. A linguagem também oferece pistas que permitem dizer se o locutor é homem ou mulher, se é jovem ou idoso, se tem curso primário, universitário ou se é iletrado. E, por ser um parâmetro que permite classificar o indivíduo de acordo com sua nacionalidade e naturalidade, sua condição econômica ou social e seu grau de instrução, é frequentemente usado para discriminar e estigmatizar o falante.

LEITE, Y.; CALLOU, D. Como falam os brasileiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002



Nesse texto acadêmico, as autoras fazem uso da linguagem formal para:

- a) estabelecer proximidade com o leitor.
- b) atingir pessoas de vários níveis sociais.
- c) atender às características do público leitor.
- d) caracterizar os diferentes falares brasileiros.
- e) atrair leitores de outras áreas do conhecimento.

○ 35. (ENEM) Quando vou a São Paulo, ando na rua ou vou ao mercado, apuro o ouvido; não espero só o sotaque geral dos nordestinos, onipresentes, mas para conferir a pronúncia de cada um; os paulistas pensam que todo nordestino fala igual; contudo as variações são mais numerosas que as notas de uma escala musical. Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí têm no falar de seus nativos muito mais variantes do que se imagina. E a gente se goza uns dos outros, imita o vizinho, e todo mundo ri, porque parece impossível que um praiano de beira-mar não chegue sequer perto de um sertanejo de Quixeramobim. O pessoal do Cariri, então, até se orgulha do falar deles. Têm uns *tês* doces, quase um *the*; já nós, ásperos sertanejos, fazemos um duro *au* ou *eu* de todos os terminais em *al* ou *el* – *carnavau*, *Raqueu*... Já os paraibanos trocam o *l* pelo *r*. José Américo só me chamava, afetuosamente, de *Raquer*.

Queiroz, R. O Estado de São Paulo. 09 maio 1998 (fragmento adaptado).

Raquel de Queiroz comenta, em seu texto, um tipo de variação linguística que se percebe no falar de pessoas de diferentes regiões. As características regionais exploradas no texto manifestam-se:

- a) na fonologia.
- b) no uso do léxico.
- c) no grau de formalidade.
- d) na organização sintática.
- e) na estruturação morfológica.

○ 36. (ENEM)

Assum preto

Tudo em vorta é só beleza
Sol de abril e a mata em frô
Mas assum preto, cego dos óio
Num vendo a luz, ai, canta de dor

Tarvez por ignorança
Ou mardade das pió
Furaro os óio do assum preto
Pra ele assim, ai, cantá mió

Assum preto veve sorto
Mas num pode avuá
Mil vez a sina de uma gaiola
Desde que o céu, ai, pudesse oiá

GONZAGA, L.; TEIXEIRA, H. Disponível em: www.luizgonzaga.mus.br. Acesso em: 30 jul. 2012 (fragmento).

As marcas da variedade regional registradas pelos compositores de *Assum preto* resultam da aplicação de um conjunto de princípios ou regras gerais que alteram a pronúncia, a morfologia, a sintaxe ou o léxico. No texto, é resultado de uma mesma regra a:

- a) pronúncia das palavras “vorta” e “veve”.
- b) pronúncia das palavras “tarvez” e “sorto”.
- c) flexão verbal encontrada em “furaro” e “cantá”.
- d) redundância nas expressões “cego dos óio” e “mata em frô”.
- e) pronúncia das palavras “ignorança” e “avuá”.

○ 37. (ENEM)

Senhora

- Mãe, nooosssa! Esse seu cabelo novo ficou lindo! Parece que você é, tipo, mais jovem!
- Jura, minha filha? Obrigada!
- Mas aí você vira de frente e aí a gente vê que, tipo, não é, né?
- Coisa linda da mamãe.

Esse diálogo é real. Claro que achei graça, mas o fato de envelhecer já não é mais segredo para ninguém.

Um belo dia, a vendedora da loja te pergunta: “A senhora quer pagar como?” Senhora? Como assim?

Eu sempre fui a Marcinha! Agora eu sou a dona Márcia! Sim, o porteiro, o motorista de táxi, o jornalista, o garçom, o mundo inteiro resolveu ter um respeito comigo que eu não pedi!

CABRITA, M. Disponível em: www.istoe.com.br. Acesso em: 11 ago. 2012 (fragmento).

A exploração de registros linguísticos é importante estratégia para o estabelecimento do efeito de sentido pretendido em determinados textos. No texto, o recurso a diferentes registros indica:

- a) mudança na representação social do locutor.
- b) reflexão sobre a identidade profissional da mãe.
- c) referência ao tradicionalismo linguístico da autora do texto.
- d) elogio às situações vivenciadas pela personagem mãe.
- e) compreensão do processo de envelhecimento como algo prazeroso.

○ 38. (ENEM)

Lisboa: aventuras

tomei um expresso

cheguei de foguete

subi num bonde

desci de um elétrico

pedi um cafezinho

serviram-me uma bica

quis comprar meias

só vendiam peúgas

fui dar a descarga

disparei um autoclisma

gritei “ó cara!”

responderam-me «ó pá»
postivamente

as aves que aqui gorjeiam não gorjeiam
[como lá.

PAES, J. P. A poesia está morta mas juro que não fui eu. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

No texto, a diversidade linguística é apresentada pela ótica de um observador que entra em contato com uma comunidade linguística diferente da sua. Esse observador é um:

- a) falante do português brasileiro relatando seu contato na Europa com o português lusitano.
- b) imigrante em Lisboa com domínio dos registros formal e informal do português europeu.
- c) turista europeu com domínio de duas variedades do português em visita a Lisboa.
- d) português com domínio da variedade coloquial da língua falada no Brasil.
- e) poeta brasileiro defensor do uso padrão da língua falada em Portugal.



○ 39. (ENEM) Venho solicitar a clarividente atenção de Vossa Excelência para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil. Refiro-me, senhor presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar este esporte violento sem afetar, seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que dispôs a ser mãe. Ao que dizem os jornais, no Rio de Janeiro, já estão formados nada menos de dez quadros femininos. Em São Paulo e Belo Horizonte também já estão se constituindo outros.

E, neste crescendo, dentro de um ano, é provável que em todo o Brasil estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol: ou seja: 200 núcleos destrocados da saúde de 2,2 mil futuras mães, que, além do mais, ficarão presas a uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes.

Coluna Pênalti. Carta Capital. 28 abr. 2010.

O trecho é parte de uma carta de um cidadão brasileiro, José Fuzeira, encaminhada, em abril de 1940, ao então presidente da República Getúlio Vargas. As opções linguísticas de Fuzeira mostram que seu texto foi elaborado em linguagem:

- a) regional, adequada à troca de informações na situação apresentada.
- b) jurídica, exigida pelo tema relacionado ao domínio do futebol.
- c) coloquial, considerando-se que ele era um cidadão brasileiro comum.
- d) culta, adequando-se ao seu interlocutor e à situação de comunicação.
- e) informal, pressupondo o grau de escolaridade de seu interlocutor.

○ 40. (ENEM)

Sítio Gerimum
Este é o meu lugar [...]
Meu Gerimum é com g
Você pode ter estranhado
Gerimum em abundância
Aqui era plantado
E com a letra g
Meu lugar foi registrado.



OLIVEIRA, H. D. *Língua Portuguesa*, n. 88, fev. 2013 (fragmento).

Nos versos de um menino de 12 anos, o emprego da palavra “Gerimum” grafada com a letra “g” tem por objetivo:

- a) valorizar usos informais caracterizadores da norma nacional.
- b) confirmar o uso da norma padrão em contexto da linguagem poética.
- c) enfatizar um processo recorrente na transformação da língua portuguesa.
- d) registrar a diversidade étnica e linguística presente no território brasileiro.
- e) reafirmar discursivamente a forte relação do falante com seu lugar de origem.

Anotações:

○ 41. (ENEM)

**Vender ou
permitir
o consumo
de álcool
por menores
não é legal.
Mais que uma gíria,
é a lei.**



Disponível em: www.inbatatais.com.br. Acesso em: 8 maio 2012.

No anúncio sobre a proibição da venda de bebidas alcoólicas para menores, a linguagem formal interage com a linguagem informal quando o autor:

- a) desrespeita a regência padrão para ampliar o alcance da publicidade.
- b) elabora um jogo de significados ao utilizar a palavra “legal”.
- c) apoia-se no emprego de gírias para se fazer entender.
- d) utiliza-se de metalinguagem ao jogar com as palavras “legal” e “lei”.
- e) esclarece que se trata de uma lei ao compará-la a uma proibição.

○ 42. (ENEM)

Gerente – Boa tarde. Em que eu posso ajudá-lo?

Cliente – Estou interessado em financiamento para compra de veículo.

Gerente – Nós dispomos de várias modalidades de crédito. O senhor é nosso cliente?

Cliente – Sou Júlio César Fontoura, também sou funcionário do banco.

Gerente – Julinho, é você, cara? Aqui é a Helena! Cê tá em Brasília? Pensei que você inda tivesse na agência de Uberlândia! Passa aqui pra gente conversar com calma.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna*. São Paulo: Parábola, 2004 (adaptado).

Na representação escrita da conversa telefônica entre a gerente do banco e o cliente, observa-se que a maneira de falar da gerente foi alterada de repente devido:

- a) à adequação de sua fala à conversa com um amigo, caracterizada pela informalidade.
- b) à iniciativa do cliente em se apresentar como funcionário do banco.
- c) ao fato de ambos terem nascido em Uberlândia (Minas Gerais).
- d) à intimidade forçada pelo cliente ao fornecer seu nome completo.
- e) ao seu interesse profissional em financiar o veículo de Júlio.



○ 43. (ENEM) Só há uma saída para a escola se ela quiser ser mais bem-sucedida: aceitar a mudança da língua como um fato. Isso deve significar que a escola deve aceitar qualquer forma da língua em suas atividades escritas? Não deve mais corrigir? Não!

Há outra dimensão a ser considerada: de fato, no mundo real da escrita, não existe apenas um português correto, que valeria para todas as ocasiões: o estilo dos contratos não é o mesmo do dos manuais de instrução; o dos juízes do Supremo não é o mesmo do dos cordelistas; o dos editoriais dos jornais não é o mesmo do dos cadernos de cultura dos mesmos jornais. Ou do de seus colonistas.

POSSENTI, S. Gramática na cabeça. Língua Portuguesa, ano 5, nº 67, maio 2011 (adaptado).

Sírio Possenti defende a tese de que não existe um único “português correto”. Assim sendo, o domínio da língua portuguesa implica, entre outras coisas, saber:

- descartar as marcas de informalidade do texto.
- reservar o emprego da norma padrão aos textos de circulação ampla.
- moldar a norma padrão do português pela linguagem do discurso jornalístico.
- adequar as formas da língua a diferentes tipos de texto e contexto.
- desprezar as formas da língua previstas pelas gramáticas e manuais divulgados pela escola.

○ 44. (ENEM)

Prezada senhorita,

Tenho a honra de comunicar a V. S. que resolvi, de acordo com o que foi conversado com seu ilustre progenitor, o tabelião juramentado Francisco Guedes, estabelecido à Rua da Praia, número 632, dar por encerrados nossos entendimentos de noivado. Como passei a ser o contabilista-chefe dos Armazéns Penalva, conceituada firma desta praça, não me restará, em face dos novos e pesados encargos, tempo útil para os deveres conjugais.

Outrossim, participo que vou continuar trabalhando no varejo da mancebia, como vinha fazendo desde que me formei em contabilidade em 17 de maio de 1932, em solenidade presidida pelo Exmo. Sr. Presidente do Estado e outras autoridades civis e militares, bem assim como representantes da Associação dos Varejistas e da Sociedade Cultural e Recreativa José de Alencar.

Sem mais, creia-me de V. S. patricio e admirador,

Sabugosa de Castro

CARVALHO, J. C. Amor de contabilista. In: Porque Lulu Bergatim não atravessou o Rubicon. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

A exploração da variação linguística é um elemento que pode provocar situações cômicas. Nesse texto, o tom de humor decorre da incompatibilidade entre:

- o objetivo de informar e a escolha do gênero textual.
- a linguagem empregada e os papéis sociais dos interlocutores.
- o emprego de expressões antigas e a temática desenvolvida no texto.
- as formas de tratamento utilizadas e as exigências estruturais da carta.
- o rigor quanto aos aspectos formais do texto e a profissão do remetente.

○ 45. (ENEM) Há certos usos consagrados na fala, e até mesmo na escrita, que, a depender do estrato social e do nível de escolaridade do falante, são, sem dúvida, previsíveis. Ocorrem até mesmo em falantes que dominam a variedade padrão, pois, na verdade, revelam tendências existentes na língua em seu processo de mudança que não podem ser bloqueadas em nome de um “ideal linguístico” que estaria representado pelas regras da gramática normativa. Usos como *ter* por *haver* em construções existentes (*tem* muitos livros na estante), o do pronome objeto na posição de sujeito (para *mim* fazer o trabalho), a não concordância das passivas com *se* (*aluga-se* casas) são indícios da existência, não de uma norma única, mas de uma pluralidade de normas, entendida, mais uma vez, norma como conjunto de hábitos linguísticos, sem implicar juízo de valor.

CALLOU, D. Gramática, variação e normas. In VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. (orgs). Ensino de gramática: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007 (fragmento).

Considerando a reflexão trazida no texto a respeito da multiplicidade do discurso, verifica-se que:

- estudantes que não conhecem as diferenças entre língua escrita e língua falada empregam, indistintamente, usos aceitos na conversa com amigos quando vão elaborar um texto escrito.
- falantes que dominam a variedade padrão do português do Brasil demonstram usos que confirmam a diferença entre a norma idealizada e a efetivamente praticada, mesmo por falantes mais escolarizados.
- moradores de diversas regiões do país que enfrentam dificuldades ao se expressar na escrita revelam a constante modificação das regras de empregos de pronomes e os casos especiais de concordância.
- pessoas que se julgam no direito de contrariar a gramática ensinada na escola gostam de apresentar usos não aceitos socialmente para esconderem seu desconhecimento da norma padrão.
- usuários que desvendam os mistérios e as sutilezas da língua portuguesa empregam formas do verbo *ter* quando, na verdade, deveriam usar formas do verbo *haver*, contrariando as regras gramaticais.

○ 46. (ENEM) Sou feliz pelos amigos que tenho. Um deles muito sofre pelo meu descuido com o vernáculo. Por alguns anos ele sistematicamente me enviava missivas eruditas com precisas informações sobre as regras da gramática, que eu não respeitava, e sobre a grafia correta dos vocábulos, que eu ignorava. Fi-lo sofrer pelo uso errado que fiz de uma palavra num desses meus badulaques. Acontece que eu, acostumado a conversar com a gente das Minas Gerais, falei em “varreção” – do verbo “varrer”. De fato, trata-se de um equívoco que, num vestibular, poderia me valer uma reprovação. Pois o meu amigo, paladino da língua portuguesa, se deu ao trabalho de fazer um xerox da página 827 do dicionário, aquela que tem, no topo, a fotografia de uma “varroa” (sic!) (você não sabe o que é uma “varroa”?) para corrigir-me do meu erro. E confesso: ele está certo. O certo é “varrição” e não “varreção”. Mas estou com medo de que os mineiros da roça façam troça de mim porque nunca os vi falar de “varrição”. E se eles rirem de mim não vai me adiantar mostrar-lhes o xerox da página do dicionário com a “varroa” no topo. Porque para eles não é o dicionário que faz a língua. É o povo. E o povo, lá nas montanhas de Minas Gerais, fala “varreção” quando não “barreção”. O que me deixa triste sobre esse amigo oculto é que nunca tenha dito nada sobre o que eu escrevo, se é bonito ou se é feio. Toma a minha sopa, não diz nada sobre ela, mas reclama sempre que o prato está rachado.

ALVES, R. Mais badulaques. São Paulo: Parábola, 2004 (fragmento).

De acordo com o texto, após receber a carta de um amigo “que se deu ao trabalho de fazer um xerox da página 827 do dicionário” sinalizando um erro de grafia, o autor reconhece:



- a) a supremacia das formas da língua em relação ao seu conteúdo.
- b) a necessidade da norma padrão em situações formais de comunicação escrita.
- c) a obrigatoriedade da norma culta da língua, para a garantia de uma comunicação efetiva.
- d) a importância da variedade culta da língua, para a preservação da identidade cultural de um povo.
- e) a necessidade do dicionário como guia de adequação linguística em contextos informais privados.

○ 47. (ENEM) Famoso no seu tempo, o marechal Schönberg (1615.90) ditava a moda em Lisboa, onde seu nome foi aportuguesado para Chumbergas. Consta que ele foi responsável pela popularização dos vastos bigodes tufados na Metrópole. Entre os adeptos estaria o governador da província de Pernambuco, o português Jerônimo de Mendonça Furtado, que, por isso, aqui ganhou o apelido de Chumbregas – variante do aportuguesado Chumbergas. Talvez por ser um homem não muito benquisto na Colônia, o apelido deu origem ao adjetivo *xumbrega*: “coisa ruim”, “ordinária”. E talvez por ser um homem também da folia, surgiu o verbo *xumbregar*, que inicialmente teve o sentido de “embriagar-se” e depois veio a adquirir o de “bolinar”, “garnhar”. Dedução lógica: de coisa ruim a bebedeira e atos libidinosos, as palavras *xumbrega* ou *xumbregar* chegaram aos anos 60 do século XX na forma reduzida *brega*, designando locais onde se bebe, se bolina e se ouvem cantores cafonas. E o que inicialmente era substantivo, “música de brega”, acabou virando adjetivo, “música brega” – numa já distante referência a um certo marechal alemão chamado Schönberg.

ARAÚJO, P. C. Revista USP, n. 87, nov. 2010 (adaptado).

O texto trata das mudanças linguísticas que resultaram na palavra “brega”. Ao apresentar as situações cotidianas que favoreceram as reinterpretações do seu sentido original, o autor mostra a importância da:

- a) interação oral como um dos agentes responsáveis pela transformação do léxico do português.
- b) compreensão limitada de sons e de palavras para a criação de novas palavras em português.
- c) eleição de palavras frequentes e representativas na formação do léxico da língua portuguesa.
- d) interferência da documentação histórica na constituição do léxico.
- e) realização de ações de portugueses e de brasileiros a fim de padronizar as variedades linguísticas lusitanas.

Anotações:

○ 48. (ENEM) o:... o Brasil... no meu ponto de vista... entendeu? o país só cresce através da educação... entendeu? Eu penso assim... então quer dizer... você dando uma prioridade pra... pra educação... a tendência é melhorar mais... entendeu? e as pessoas... como eu posso explicar assim? as pessoas irem... tomando conhecimento mais das coisas... né? porque eu acho que a pior coisa que tem é a pessoa alienada... né? a pessoa que não tem noção de na::da... entendeu?

Trecho da fala de J. L., sexo masculino, 26 anos. In: VOTRE, S.; OLIVEIRA, Disponível M. R. em: (Coord.). *www.discursoagramatica.letras.ufrj.br. A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro*. Acesso em: 4 de dez. 2012.

A língua falada caracteriza-se por hesitações, pausas e outras peculiaridades. As ocorrências de “entendeu” e “né”, na fala de J. L., indicam que:

- a) a modalidade oral apresenta poucos recursos comunicativos, se comparada à modalidade escrita.
- b) a língua falada é marcada por palavras dispensáveis e irrelevantes para o estabelecimento da interação.
- c) o enunciador procura interpelar seu interlocutor para manter o fluxo comunicativo.
- d) o tema tratado no texto tem alto grau de complexidade e é desconhecido do entrevistador.
- e) o falante manifesta insegurança ao abordar o assunto devido ao gênero ser uma entrevista.

○ 49. (ENEM) eu acho um fato interessante... né... foi como meu pai e minha mãe vieram se conhecer... né... que... minha mãe morava no Piauí com toda família... né... meu... meu avô... materno no caso... era maquinista... ele sofreu um acidente... infelizmente morreu... minha mãe tinha cinco anos... né... e o irmão mais velho dela... meu padrinho... tinha dezessete e ele foi obrigado a trabalhar... foi trabalhar no banco... e... ele foi... o banco... no caso... estava... com um número de funcionários cheio e ele teve que ir para outro local e pediu transferência prum local mais perto de Parnaíba que era a cidade onde eles moravam e por engano o... o... escrivão entendeu Paraíba... né... e meu... e minha família veio parar em Mossoró que era exatamente o local mais perto onde tinha vaga pra funcionário do Banco do Brasil e:: ela foi parar na rua do meu pai... né... e começaram a se conhecer... namoraram onze anos... né... pararam algum tempo... brigaram... é lógico... porque todo relacionamento tem uma briga... né... e eu achei esse fato muito interessante porque foi uma coincidência incrível... né... como vieram a se conhecer... namoraram e hoje... e até hoje estão juntos... dezessete anos de casados...

CUNHA, M. A. F. (Org.). *Corpus discurso & gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EdUFRN, 1998.

Na transcrição de fala, há um breve relato de experiência pessoal, no qual se observa a frequente repetição de “né”. Essa repetição é um(a):

- a) índice de baixa escolaridade do falante.
- b) estratégia típica de manutenção da interação oral.
- c) marca de conexão lógica entre conteúdos na fala.
- d) manifestação característica da fala regional nordestina.
- e) recurso enfatizador da informação mais relevante da narrativa.



○ 50. (ENEM)



XAVIER, C. Disponível em: www.releituras.com. Acesso em: 03 set. 2010.

Considerando a relação entre os usos oral e escrito da língua, tratada no texto, verifica-se que a escrita:

- modifica as ideias e as intenções daqueles que tiveram seus textos registrados por outros.
- permite, com mais facilidade, a propagação e a permanência de ideias ao longo do tempo.
- figura como um modo comunicativo superior ao da oralidade.
- leva as pessoas a desacreditarem nos fatos narrados por meio da oralidade.
- tem seu surgimento concomitante ao da oralidade.

○ 51. (ENEM)

Como a percepção do tempo muda de acordo com a língua

Línguas diferentes descrevem o tempo de maneiras distintas — e as palavras usadas para falar sobre ele moldam nossa percepção de sua passagem.

O estudo “Distorção temporal whorfiana: representando duração por meio da ampuheta da língua”, publicado no jornal da APA (Associação Americana de Psicologia), mostra que conceitos abstratos, como a percepção da duração do tempo, não são universais.

Os autores não só verificaram uma mudança da percepção temporal conforme a língua falada como observaram que a transição de uma língua para outra por um mesmo indivíduo modificava sua estimativa de uma duração de tempo. Isso implica que visões diferentes de tempo convivem no cérebro de um indivíduo bilíngue.

“O fato de que pessoas bilíngues transitam entre essas diferentes formas de estimar o tempo sem esforço e inconscientemente se encaixa nas evidências crescentes que demonstram a facilidade com que a linguagem se entremeia furtivamente em nossos sentidos mais básicos, incluindo nossas emoções, percepção visual e, agora, ao que parece, nossa sensação de tempo”, disse o pesquisador ao site Quartz.

LIMA, J. D. Disponível em: www.nexojournal.com.br. Acesso em: 24 ago. 2017.

O texto relata experiências e resultados de um estudo que reconhece a importância:

- da compreensão do tempo pelo cérebro.
- das pesquisas científicas sobre a cognição.
- da teoria whorfiana para a área da linguagem.
- das linguagens e seus usos na vida das pessoas.
- do bilinguismo para o desenvolvimento intelectual.

○ 52. (ENEM)

O léxico e a cultura

Potencialmente, todas as línguas de todos os tempos podem candidatar-se a expressar qualquer conteúdo. A pesquisa linguística do século XX demonstrou que não há diferença qualitativa entre os idiomas do mundo – ou seja, não há idiomas gramaticalmente mais primitivos ou mais desenvolvidos. Entretanto, para que possa ser efetivamente utilizada, essa igualdade potencial precisa realizar-se na prática histórica do idioma, o que nem sempre acontece. Teoricamente, uma língua com pouca tradição escrita (como as línguas indígenas brasileiras) ou uma língua já extinta (como o latim ou o grego clássicos) podem ser empregadas para falar sobre qualquer assunto, como, digamos, física quântica ou biologia molecular. Na prática, contudo, não é possível, de uma hora para outra, expressar tais conteúdos em camairá ou latim, simplesmente porque não haveria vocabulário próprio para esses conteúdos. É perfeitamente possível desenvolver esse vocabulário específico, seja por meio de empréstimos de outras línguas, seja por meio da criação de novos termos na língua em questão, mas tal tarefa não se realizaria em pouco tempo nem com pouco esforço.

BEARZOTI FILHO, P. Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa. Manual do professor. Curitiba: Positivo, 2004 (fragmento).

Estudos contemporâneos mostram que cada língua possui sua própria complexidade e dinâmica de funcionamento. O texto ressalta essa dinâmica, na medida em que enfatiza:

- a inexistência de conteúdo comum a todas as línguas, pois o léxico contempla a visão de mundo particular específica de uma cultura.
- a existência de línguas limitadas por não permitirem ao falante nativo se comunicar perfeitamente a respeito de qualquer conteúdo.
- a tendência a serem mais restritos o vocabulário e a gramática de línguas indígenas, se comparados com outras línguas de origem europeia.
- a existência de diferenças vocabulares entre os idiomas, especificidades relacionadas à própria cultura dos falantes de uma comunidade.
- a atribuição de maior importância sociocultural às línguas contemporâneas, pois permitem que sejam abordadas quaisquer temáticas, sem dificuldades.

Anotações:



○ 53. (ENEM)



SILVA, I.; SANTOS, M. E. P.; JUNG, N. M. Domínios de Linguagem, n. 4, out.-dez. 2016 (adaptado).

A fotografia exhibe a fachada de um supermercado em Foz de Iguaçu, cuja localização transfronteiriça é marcada tanto pelo limite com Argentina e Paraguai quanto pela presença de outros povos. Essa fachada revela o(a):

- a) apagamento da identidade linguística.
- b) planejamento linguístico no espaço urbano.
- c) presença marcante da tradição oral na cidade.
- d) disputa de comunidades linguísticas diferentes.
- e) poluição visual promovida pelo multilinguismo.

○ 54. (ENEM)

Entre ideia e tecnologia

O grande conceito por trás do Museu da Língua é apresentar o idioma como algo vivo e fundamental para o entendimento do que é ser brasileiro. Se nada nos define com clareza, a forma como falamos o português nas mais diversas situações cotidianas é talvez a melhor expressão da brasilidade.

SCARDOVELI, E. Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, Ano II, nº 6, 2006.

O texto propõe uma reflexão acerca da língua portuguesa, ressaltando para o leitor a:

- a) inauguração do museu e o grande investimento em cultura no país.
- b) importância da língua para a construção da identidade nacional.
- c) afetividade tão comum ao brasileiro, retratada por meio da língua.
- d) relação entre o idioma e as políticas públicas na área de cultura.
- e) diversidade étnica e linguística existente no território nacional.

Anotações:

○ 55. (ENEM) Resta saber o que ficou das línguas indígenas no português do Brasil. Serafim da Silva Neto afirma: "No português brasileiro não há, positivamente, influência das línguas africanas ou ameríndias". Todavia, é difícil de aceitar que um longo período de bilinguismo de dois séculos não deixasse marcas no português do Brasil.

ELIA, S. Fundamentos Histórico-Linguísticos do Português do Brasil. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003 (adaptado).

No final do século XVIII, no norte do Egito, foi descoberta a Pedra de Roseta, que continha um texto escrito em egípcio antigo, uma versão desse texto chamada "demótico", e o mesmo texto escrito em grego. Até então, a antiga escrita egípcia não estava decifrada. O inglês Thomas Young estudou o objeto e fez algumas descobertas, como a direção em que a leitura deveria ser feita. Mais tarde, o francês Jean-François Champollion voltou a estudá-la e conseguiu decifrar a antiga escrita egípcia a partir do grego, provando que, na verdade, o grego era a língua original do texto e que o egípcio era uma tradução.

Com base na leitura dos textos, conclui-se, sobre as línguas, que:

- a) cada língua é única e intraduzível.
- b) elementos de uma língua são preservados, ainda que não haja mais falantes dessa língua.
- c) a língua escrita de determinado grupo desaparece quando a sociedade que a produzia é extinta.
- d) o egípcio antigo e o grego apresentam a mesma estrutura gramatical, assim como as línguas indígenas brasileiras e o português do Brasil.
- e) o egípcio e o grego apresentavam letras e palavras similares, o que possibilitou a comparação linguística, o mesmo que aconteceu com as línguas indígenas brasileiras e o português do Brasil.

○ 56. (ENEM) Motivadas ou não historicamente, normas prestigiadas ou estigmatizadas pela comunidade sobrepõem-se ao longo do território, seja numa relação de oposição, seja de complementaridade, sem, contudo, anular a interseção de usos que configuram uma norma nacional distinta da do português europeu. Ao focalizar essa questão, que opõe não só as normas do português de Portugal às normas do português brasileiro, mas também as chamadas normas cultas locais às populares ou vernáculas, deve-se insistir na ideia de que essas normas se consolidaram em diferentes momentos da nossa história e que só a partir do século XVIII se pode começar a pensar na bifurcação das variantes continentais, ora em consequência de mudanças ocorridas no Brasil, ora em Portugal, ora, ainda, em ambos os territórios.

CALLOU, D. Gramática, variação e normas. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. (orgs). Ensino de gramática: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007 (adaptado).

O português do Brasil não é uma língua uniforme. A variação linguística é um fenômeno natural, ao qual todas as línguas estão sujeitas. Ao considerar as variedades linguísticas, o texto mostra que as normas podem ser aprovadas ou condenadas socialmente, chamando a atenção do leitor para a:

- a) desconsideração da existência das normas populares pelos falantes da norma culta.
- b) difusão do português de Portugal em todas as regiões do Brasil só a partir do século XVIII.
- c) existência de usos da língua que caracterizam uma norma nacional do Brasil, distinta da de Portugal.
- d) inexistência de normas cultas locais e populares ou vernáculas em um determinado país.
- e) necessidade de se rejeitar a ideia de que os usos frequentes de uma língua devem ser aceitos.



○ 57. (ENEM)

Palavra indígena

A história da tribo Sapucaí, que traduziu para o idioma guarani os artefatos da era da computação que ganharam importância em sua vida, como mouse (que eles chamam de angohá) e windows (oventã)

Quando a Internet chegou àquela comunidade, que abriga em torno de 400 guaranis, há quatro anos, por meio de um projeto do Comitê para Democratização da Informática (CDI), em parceria com a ONG Rede Povos da Floresta e com antena cedida pela Star One (da Embratel), Potty e sua aldeia logo vislumbram as possibilidades de comunicação que a *web* traz.

Ele conta que usam a rede, por enquanto, somente para preparação e envio de documentos, mas perceberam que ela pode ajudar na preservação da cultura indígena.

A apropriação da rede se deu de forma gradual, mas os guaranis já incorporaram a novidade tecnológica ao seu estilo de vida. A importância da internet e da computação para eles está expressa num caso de rara incorporação: a do vocabulário.

– Um dia, o cacique da aldeia Sapucaí me ligou.

“A gente não está querendo chamar computador de “computador”. Sugeriu a eles que criassem uma palavra em guarani. E criaram *aiú irú rive*, “caixa pra acumular a língua”. Nós, brancos, usamos *mouse*, *windows* e outros termos, que eles começaram a adaptar para o idioma deles, como *angohá* (rato) e *oventã* (janela) – conta Rodrigo Baggio, diretor do CDI.

Disponível em: www.revistalingua.uol.com.br. Acesso em: 22 jul. 2010.

O uso das novas tecnologias de informação e comunicação fez surgir uma série de novos termos que foram acolhidos na sociedade brasileira em sua forma original, como: *mouse*, *windows*, *download*, *site*, *homepage*, entre outros. O texto trata da adaptação de termos da informática à língua indígena como uma reação da tribo Sapucaí, o que revela:

- a) a possibilidade que o índio Potty vislumbrou em relação à comunicação que a *web* pode trazer a seu povo e à facilidade no envio de documentos e na conversação em tempo real.
- b) o uso da internet para preparação e envio de documentos, bem como a contribuição para as atividades relacionadas aos trabalhos da cultura indígena.
- c) a preservação da identidade, demonstrada pela conservação do idioma, mesmo com a utilização de novas tecnologias características da cultura de outros grupos sociais.
- d) adesão ao projeto do Comitê para Democratização da Informática (CDI), que, em parceria com a ONG Rede Povos da Floresta, possibilitou o acesso à *web*, mesmo em ambiente inóspito.
- e) a apropriação da nova tecnologia de forma gradual, evidente quando os guaranis incorporaram a novidade tecnológica ao seu estilo de vida com a possibilidade de acesso à internet.

Anotações:

○ 58. (ENEM)

Riqueza ameaçada

Boa parte dos 180 idiomas sobreviventes está ameaçada de extinção – mais da metade (110) é falada por menos de 500 pessoas. No passado, era comum pessoas serem amarradas em árvores quando se expressavam em suas línguas, lembra o cacique Felisberto Kokama, um analfabeto para os nossos padrões e um guardião da pureza de seu idioma (caracterizado por uma diferença marcante entre a fala masculina e a feminina), lá no Amazonas, no Alto Solimões. Outro Kokama, o professor Leonel, da região de Santo Antônio do Içá (AM), mostra o problema atual: “Nosso povo se rendeu às pessoas brancas pelas dificuldades de sobrevivência. O contato com a língua portuguesa foi exterminando e dificultando a prática da nossa língua. Há poucos falantes, e com vergonha de falar. A língua é muito *preconceituada* entre nós mesmos”.

Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Segmento, nº 26, 2007.

O desaparecimento gradual ou abrupto de partes importantes do patrimônio linguístico e cultural do país possui causas variadas. Segundo o professor Leonel, da região de Santo Antônio do Içá (AM), os idiomas indígenas sobreviventes estão ameaçados de extinção devido ao:

- a) medo que as pessoas tinham de serem castigadas por falarem a sua língua.
- b) número reduzido de índios que continuam falando entre si nas suas reservas.
- c) contato com falantes de outras línguas e à imposição de um outro idioma.
- d) desaparecimento das reservas indígenas em decorrência da influência do branco.
- e) descaso dos governantes em preservar esse patrimônio cultural brasileiro.

○ 59. (ENEM)

TEXTO I

A língua ticuna é o idioma mais falado entre os indígenas brasileiros. De acordo com o pesquisador Aryon Rodrigues, há 40 mil índios que falam o idioma. A maioria mora ao longo do Rio Solimões, no Alto Amazonas. É a maior nação indígena do Brasil, sendo também encontrada no Peru e na Colômbia. Os ticunas falam uma língua considerada isolada, que não mantém semelhança com nenhuma outra língua indígena e apresenta complexidades em sua fonologia e sintaxe. Sua característica principal é o uso de diferentes alturas na voz.

O uso intensivo da língua não chega a ser ameaçado pela proximidade de cidades ou mesmo pela convivência com falantes de outras línguas no interior da própria área ticuna: nas aldeias, esses outros falantes são minoritários e acabam por se submeter à realidade ticuna, razão pela qual, talvez, não representem uma ameaça linguística.

Língua Portuguesa, n. 52, fev. 2010 (adaptado).

TEXTO II
Riqueza da língua

“O inglês está destinado a ser uma língua mundial em sentido mais amplo do que o latim foi na era passada e o francês é na presente”, dizia o presidente americano John Adams no século XVIII. A profecia se cumpriu: o inglês é hoje a língua franca da globalização. No extremo oposto da economia linguística mundial, estão as línguas de pequenas comunidades declinantes. Calcula-se que hoje se falem de 6 000 a 7 000 línguas no mundo todo. Quase metade delas deve desaparecer nos próximos 100 anos. A última edição do *Ethnologue* — o mais abrangente estudo sobre as línguas mundiais —, de 2005, listava 516 línguas em risco de extinção.



Os textos tratam de línguas de culturas completamente diferentes, cujas realidades se aproximam em função do(a):

- semelhança no modo de expansão.
- preferência de uso na modalidade falada.
- modo de organização das regras sintáticas.
- predomínio em relação às outras línguas de contato.
- fato de motivarem o desaparecimento de línguas minoritárias.

○ **60. (ENEM)** No Brasil colonial, os portugueses procuravam ocupar e explorar os territórios descobertos, nos quais viviam índios, que eles queriam cristianizar e usar como força de trabalho. Os missionários aprendiam os idiomas dos nativos para catequizá-los nas suas próprias línguas. Ao longo do tempo, as línguas se influenciaram. O resultado desse processo foi a formação de uma *língua geral*, desdobrada em duas variedades: o *abanheenga*, ao sul, e o *nheengatu*, ao norte. Quase todos se comunicavam na língua geral, sendo poucos aqueles que falavam apenas o português.

De acordo com o texto, a língua geral formou-se e consolidou-se no contexto histórico do Brasil-Colônia. Portanto, a formação desse idioma e suas variedades foi condicionada:

- pelo interesse dos indígenas em aprender a religião dos portugueses.
- pelo interesse dos portugueses em aprimorar o saber linguístico dos índios.
- pela percepção dos indígenas de que as suas línguas precisavam aperfeiçoar-se.
- pelo interesse unilateral dos indígenas em aprender uma nova língua com os portugueses.
- pela distribuição espacial das línguas indígenas, que era anterior à chegada dos portugueses.

○ **61. (ENEM)**

A língua tupi no Brasil

Há 300 anos, morar na vila de São Paulo de Piratininga (peixe seco, em tupi) era quase sinônimo de falar língua de índio. Em cada cinco habitantes da cidade, só dois conheciam o português. Por isso, em 1698, o governador da província, Artur de Sá e Meneses, implorou a Portugal que só mandasse padres que soubessem “a língua geral dos índios”, pois “aquela gente não se explica em outro idioma”.

Derivado do dialeto de São Vicente, o tupi de São Paulo se desenvolveu e se espalhou no século XVII, graças ao isolamento geográfico da cidade e à atividade pouco cristã dos mamelucos paulistas: as bandeiras, expedições ao sertão em busca de escravos índios. Muitos bandeirantes nem sequer falavam o português ou se expressavam mal. Domingos Jorge Velho, o paulista que destruiu o Quilombo dos Palmares em 1694, foi descrito pelo bispo de Pernambuco como “um bárbaro que nem falar sabe”. Em suas andanças, essa gente batizou lugares como Avanhandava (lugar onde o índio corre), Pindamonhangaba (lugar de fazer anzol) e Itu (cachoeira). E acabou criando uma nova língua.

“Os escravos dos bandeirantes vinham de mais de 100 tribos diferentes”, conta o historiador e antropólogo John Monteiro, da Universidade Estadual de Campinas. “Isso mudou o tupi paulista, que, além da influência do português, ainda recebia palavras de outros idiomas.” O resultado da mistura ficou conhecido como língua geral do sul, uma espécie de tupi facilitado.

ANGELO, C. Disponível em: <http://super.abril.com.br>. Acesso em: 8 ago. 2012 (adaptado).

O texto trata de aspectos sócio-históricos da formação linguística nacional. Quanto ao papel do tupi na formação do português brasileiro, depreende-se que essa língua indígena:

- contribuiu efetivamente para o léxico, com nomes relativos aos traços característicos dos lugares designados.
- originou o português falado em São Paulo no século XVII, em cuja base gramatical também está a fala de variadas etnias indígenas.
- desenvolveu-se sob influência dos trabalhos de catequese dos padres portugueses, vindos de Lisboa.
- misturou-se aos falares africanos, em razão das interações entre portugueses e negros nas investidas contra o Quilombo dos Palmares.
- expandiu-se paralelamente ao português falado pelo colonizador, e juntos originaram a língua dos bandeirantes paulistas.

○ **62. (ENEM 2020)** É possível afirmar que muitas expressões idiomáticas transmitidas pela cultura regional possuem autores anônimos, no entanto, algumas delas surgiram em consequência de contextos históricos bem curiosos. “Aquele é um cabra da peste” é um bom exemplo dessas construções.

Para compreender essa expressão tão repetida no Nordeste brasileiro, faz-se necessário voltar o olhar para o século 16. “Cabra” remete à forma com que os navegadores portugueses chamavam os índios. Já “peste” estaria ligada à questão da superação e resistência, ou mesmo uma associação com o diabo. Assim, com o passar dos anos, passou-se a utilizar tal expressão para denominar qualquer indivíduo que se mostre corajoso, ou mesmo insolente, já que a expressão pode ter caráter positivo ou negativo. Aliás, quem já não ficou de “nhe-nhe-nhém” por aí? O termo, que normalmente tem significado de conversa interminável, monótona ou resmungo, tem origem no tupi-guarani e “nhém” significa “falar”.

Disponível em: <http://leiturasdahistoria.uol.com.br>. Acesso em: 13 dez. 2017.

A leitura do texto permite ao leitor entrar em contato com:

- registros do inventário do português brasileiro.
- justificativas da variedade linguística do país.
- influências da fala do nordestino no uso da língua.
- explorações do falar de um grupo social específico.
- representações da mudança linguística do português

○ **63. (ENEM)** A expansão do português no Brasil, as variações regionais com suas possíveis explicações e as raízes das inovações da linguagem estão emergindo por meio do trabalho de linguistas que estão desenterrando as raízes do português brasileiro ao examinar cartas pessoais e administrativas, testamentos, relatos de viagens, processos judiciais, cartas de leitores e anúncios de jornais desde o século XVI, coletados em instituições como a Biblioteca Nacional e o Arquivo Público do Estado de São Paulo. No acervo de documentos que servem para estudos sobre o português paulista, está uma carta de 1807, escrita pelo soldado Manoel Coelho, que teria seduzido a filha de um fazendeiro. Quando soube, o pai da moça, enfurecido, forçou o rapaz a se casar com ela. O soldado, porém, bateu o pé: “Nem por bem, nem por mal!”, não se casaria. Um linguista pesquisador estranhou a citação, já que o fato se passava na Vila de São Paulo, mas depois percebeu: “Ele quis dizer ‘nem por bem, nem por mal!’. O soldado escrevia como falava. Não se sabe se casou com a filha do fazendeiro, mas deixou uma prova valiosa de como se falava no início do século XIX.”

FIORAVANTI, C. Ora pois, uma língua bem brasileira. Pesquisa Fapesp, n. 230, abr. 2015 (adaptado).



O fato relatado evidencia que fenômenos presentes na fala podem aparecer em textos escritos. Além disso, sugere que:

- a) os diferentes falares do português provêm de textos escritos.
- b) o tipo de escrita usado pelo soldado era desprestigiado no século XIX.
- c) os fenômenos de mudança da língua portuguesa são historicamente previsíveis.
- d) as formas variantes do português brasileiro atual já figuravam no português antigo escrito.
- e) as origens da norma padrão do português brasileiro podem ser observadas em textos antigos.

○ 64. (ENEM 2022)

As línguas silenciadas do Brasil

Para aprender a língua de seu povo, o professor Txaywa Pataxó, de 29 anos, precisou estudar os fatores que, por diversas vezes, quase provocaram a extinção da língua patxôhã. Mergulhou na história do Brasil e descobriu fatos violentos que dispersaram os pataxós, forçados a abandonar a própria língua para escapar da perseguição. “Os pataxós se espalharam, principalmente, depois do Fogo de 1951. Queimaram tudo e expulsaram a gente das nossas terras. Isso constrange o nosso povo até hoje”, conta Txaywa, estudante da Universidade Federal de Minas Gerais e professor na aldeia Barra Velha, região de Porto Seguro (BA). Mais de quatro décadas depois, membros da etnia retornaram ao antigo local e iniciaram um movimento de recuperação da língua patxôhã. Os filhos de Sameary Pataxó já são fluentes — e ela, que se mudou quando já era adulta para a aldeia, tenta aprender um pouco com eles. “É a nossa identidade. Você diz quem você é por meio da sua língua”, afirma a professora de ensino fundamental sobre a importância de restaurar a língua dos pataxós. O patxôhã está entre as línguas indígenas faladas no Brasil: o IBGE estimou 274 línguas no último censo. A publicação *Povos indígenas no Brasil 2011/2016*, do Instituto Socioambiental, calcula 160. Antes da chegada dos portugueses, elas totalizavam mais de mil.

Disponível em: <https://brasil.elpais.com>. Acesso em: 11 jun. 2019 (adaptado).

O movimento de recuperação da língua patxôhã assume um caráter identitário peculiar na medida em que:

- a) denuncia o processo de perseguição histórica sofrida pelos povos indígenas.
- b) conjuga o ato de resistência étnica à preservação da memória cultural.
- c) associa a preservação linguística ao campo da pesquisa acadêmica.
- d) estimula o retorno de povos indígenas a suas terras de origem.
- e) aumenta o número de línguas indígenas faladas no Brasil.

Anotações:

○ 65. (ENEM 2021)

As ruas de calçamento irregular feito com pedras pé de moleque e o casario colonial do centro histórico de Paraty, município ao sul do estado do Rio de Janeiro, foram palco de uma polêmica encerrada há pouco mais de dez anos: o nome da cidade deveria ser escrito com “y” ou com “i”?

Tudo começou após mudanças nas regras ortográficas da língua portuguesa no Brasil terem determinado a substituição do “y” por “i” em palavras como “Paraty”, que então passou a figurar nos mapas como “Parati”. Revoltados com a alteração, os paratienses se mobilizaram para que o “y” retornasse ao seu devido lugar na grafia do nome da cidade, o que só ocorreu depois da aprovação de uma lei pela Câmara de Vereadores, em 2007.

No caso de “Paraty”, uma das argumentações em favor do uso do “y” teve por base a origem indígena da palavra. “Foi percebido que existem várias tonalidades para a pronúncia do ‘i’ para os indígenas. E cada uma delas tem um significado diferente. O ‘y’ é mais próximo à pronúncia que eles usavam para significar algo no território. É como se fosse ‘Paratii’, que significa água que corre. Aí o linguista achou por bem utilizar o ‘y’ para representar essa pronúncia, o ‘i’ longo, o ‘i’ dobrado”, esclarece uma técnica da coordenação de cartografia do IBGE.

BENEDICTO, M.; LOSCHI, M. Nomes geográficos. Retratos: a revista do IBGE, fev. 2019.

A resolução da polêmica, com a permanência da grafia da palavra “Paraty”, revela que a normatização da língua portuguesa foi desconsiderada por:

- a) conveniência político-partidária.
- b) motivação de natureza estética e lúdica.
- c) força da tradição e do sentimento de pertença.
- d) convenção ortográfica de alcance geral.
- e) necessidade de sistematização dos usos da língua.

○ 66. (ENEM 2021)

Muitos imigrantes de Hunsrück, localizada no sudoeste da Alemanha, chegaram ao Brasil no século 19 trazendo consigo uma variante do alemão, o hunsrückisch. Em contato com o português, essa variante se fundiu com algumas palavras, dando origem a uma nova língua falada no Brasil há quase 200 anos, considerada uma língua de imigração.

A partir de 2007, línguas de imigração se tornaram línguas cooficiais em 19 municípios, sendo ensinadas nas escolas municipais. Em 2012, o hunsrückisch se tornou patrimônio histórico e cultural do Rio Grande do Sul, falado também em Santa Catarina e no Espírito Santo.

Disponível em: www.dw.com. Acesso em: 11 jun. 2019 (adaptado).

Ao informar que o *hunsrückisch* é falado em algumas regiões do país, o texto revela que o Brasil :

- a) foi subordinado à cultura alemã.
- b) é caracterizado pelo plurilinguismo.
- c) foi consagrado por sua diversidade linguística.
- d) foi beneficiado pelo ensino bilíngue em seu território.
- e) está sujeito a imposições linguísticas de outros povos.



○ 67. (ENEM 2021)

Não que Pelino fosse químico, longe disso; mas era sábio, era gramático. Ninguém escrevia em Tubiacanga que não levasse bordoadada do Capitão Pelino, e mesmo quando se falava em algum homem notável lá no Rio, ele não deixava de dizer: “Não há dúvida! O homem tem talento, mas escreve: ‘um outro’, ‘de resto’...” E contraía os lábios como se tivesse engolido alguma cousa amarga.

Toda a vila de Tubiacanga acostumou-se a respeitar o solene Pelino, que corrigia e emendava as maiores glórias nacionais. um sábio...

Ao entardecer, depois de ler um pouco o Sotero, o Candido de Figueiredo ou o Castro Lopes, e de ter passado mais uma vez a tintura nos cabelos, o velho mestre-escola saía vagarosamente de casa, muito abotoado no seu paletó de brim mineiro, e encaminhava-se para a botica do Bastos a dar dous dedos de prosa. Conversar é um modo de dizer, porque era Pelino avaro de palavras, limitando-se tão-somente a ouvir. Quando, porém, dos lábios de alguém escapava a menor incorreção de linguagem, intervinha e emendava. “Eu asseguro, dizia o agente do Correio, que...” Por aí, o mestre-escola intervinha com mansuetude evangélica: “Não diga ‘asseguro’, Senhor Bernardes; em português é garanto”.

E a conversa continuava depois da emenda, para ser de novo interrompida por uma outra. Por essas e outras, houve muitos palestradores que se afastaram, mas Pelino, indiferente, seguro dos seus deveres, continuava o seu apostolado de vernaculismo.

BARRETO, L. A Nova Califórnia. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em 24 jul. 2019.

Do ponto de vista linguístico, a defesa da norma-padrão pelo personagem caracteriza-se por:

- a) contestar o ensino de regras em detrimento do conteúdo das informações.
- b) resgatar valores patrióticos relacionados às tradições da língua portuguesa.
- c) adotar uma perspectiva complacente em relação aos desvios gramaticais.
- d) invalidar os usos da língua pautados pelos preceitos da gramática normativa.
- e) desconsiderar diferentes níveis de formalidade nas situações de comunicação.

○ 68. (ENEM)

Papos

- Me disseram...
- Disseram-me.
- Hein?
- O correto é “disseram-me”. Não “me disseram”.
- Eu falo como quero. E te digo mais... Ou é “digo-te”?
- O quê?
- Digo-te que você...
- O “te” e o “você” não combinam.
- Lhe digo?
- Também não. O que você ia me dizer?
- Que você está sendo grosseiro, pedante e chato. [...]
- Dispensio as suas correções. Vê se esquece-me. Falo como bem entender. Mais uma correção e eu...
- O quê?
- O mato.
- Que mato?
- Mato-o. Mato-lhe. Mato você. Matar-lhe-ei-te.

Ouviu bem? Pois esqueça-o e para-te. Pronome no lugar certo é elitismo!

— Se você prefere falar errado...

— Falo como todo mundo fala. O importante é me entenderem. Ou entenderem-me?

VERISSIMO, L. F. Comédias para se ler na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001 (adaptado).

Nesse texto, o uso da norma-padrão defendido por um dos personagens torna-se inadequado em razão do(a):

- a) falta de compreensão causada pelo choque entre gerações.
- b) contexto de comunicação em que a conversa se dá.
- c) grau de polidez distinto entre os interlocutores.
- d) diferença de escolaridade entre os falantes.
- e) nível social dos participantes da situação.

○ 69. (ENEM 2022)

O complexo de falar difícil

O que importa realmente é que o(a) detentor(a) do notável saber jurídico saiba quando e como deve fazer uso desse português versão 2.0, até porque não tem necessidade de alguém entrar numa padaria de manhã com aquela cara de sono falando o seguinte: “Por obséquio, Vossa Senhoria teria a hipotética possibilidade de estabelecer com minha pessoa uma relação de compra e venda, mediante as imposições dos códigos Civil e do Consumidor, para que seja possível a obtenção de 10 pãezinhos em temperatura estável para que a relação pecuniária no valor de R\$ 5,00 seja plenamente legítima e capaz de saciar minha fome matinal?”.

O problema é que temos uma cultura de valorizar quem demonstra ser inteligente ao invés de valorizar quem é. Pela nossa lógica, todo mundo que fala difícil tende a ser mais inteligente do que quem valoriza o simples, e 99,9% das pessoas que estivessem na padaria iriam ficar boquiabertas se alguém fizesse uso das palavras que eu disse acima em plenas 7 da manhã em vez de dizer: “Bom dia! O senhor poderia me vender cinco reais de pão francês?”.

Agora entramos na parte interessante: o que realmente é falar difícil? Simplesmente fazer uso de palavras que a maioria não faz ideia do que seja é um ato de falar difícil? Eu penso que não, mas é assim que muita gente age. Falar difícil é fazer uso do simples, mas com coerência e coesão, deixar tudo amarradinho gramaticalmente falando. Falar difícil pode fazer alguém parecer inteligente, mas não por muito tempo. É claro que em alguns momentos não temos como fugir do português rebuscado, do juridiquês propriamente dito, como no caso de documentos jurídicos, entre outros.

ARAÚJO, H. Disponível em: www.diariojurista.com. Acesso em: 20 nov. 2021 (adaptado).

Nesse artigo de opinião, ao fazer uso de uma fala rebuscada no exemplo da compra do pão, o autor evidencia a importância de(a):

- a) se ter um notável saber jurídico.
- b) valorização da inteligência do falante.
- c) falar difícil para demonstrar inteligência.
- d) coesão e da coerência em documentos jurídicos.
- e) adequação da linguagem à situação de comunicação.



○ 70. (ENEM 2021)

Gírias das redes sociais caem na boca do povo

Nem adianta fazer a egípcia! Entendeu?

Veja o glossário com as principais expressões da internet

Lacrou, biscoiteiro, crush. Quem nunca se deparou com ao menos uma dessas palavras não passa muito tempo nas redes sociais. Do dia para a noite, palavras e frases começaram a definir sentimentos e acontecimentos, e o sucesso desse tour foi parar no vocabulário de muita gente. O dialeto já não se restringe só à web. O contato constante com palavras do ambiente on-line acaba rompendo a barreira entre o mundo virtual e o mundo real. Quando menos se espera, começamos a repetir, em conversas do dia a dia, o que aprendemos na internet. A partir daí, juntamos palavras já conhecidas do nosso idioma às novas expressões.

Glossário de expressões

Biscoiteiro: alguém que faz de tudo para ter atenção o tempo inteiro, para ter curtidas.

Chamar no probleminha: conversar no privado.

Crush: alguém que desperta interesse.

Divou: estar muito produzida, sair bem em uma foto, assim como uma diva.

Fazer a egípcia: ignorar algo.

Lacrou/sambou: ganhar uma discussão com bons argumentos a ponto de não haver possibilidade de resposta.

Stalkear : investigar sobre a vida de alguém nas redes sociais.

Disponível em: <https://odia.ig.com.br>. Acesso em: 19 jun. 2019 (adaptado).

Embora migrando do ambiente on-line para o vocabulário das pessoas fora da rede, essas expressões não são consideradas como características do uso padrão da língua porque:

- a) definem sentimentos e acontecimentos corriqueiros na web.
- b) constituem marcas específicas de uma determinada variedade.
- c) passam a integrar a fala das pessoas em conversas cotidianas.
- d) são empregadas por quem passa muito tempo nas redes sociais.
- e) complementam palavras e expressões já conhecidas do português.

○ 71. (ENEM)

De domingo

- Outrossim...
- O quê?
- O que o quê?
- O que você disse.
- Outrossim?
- É.
- O que é que tem?
- Nada. Só achei engraçado.
- Não vejo a graça. Você vai concordar que não é uma palavra de todos os dias.
- Ah, não é. Aliás, eu só uso domingo.
- Se bem que parece mais uma palavra de segunda-feira.
- Não. Palavra de segunda-feira é "óbice".
- "Ônus".
- "Ônus" também. "Desiderato". "Resquício".
- "Resquício" é de domingo.
- Não, não. Segunda. No máximo terça.
- Mas "outrossim", francamente...
- Qual o problema?
- Retira o "outrossim".
- Não retiro. É uma ótima palavra. Aliás é uma palavra difícil de usar. Não é qualquer um que usa "outrossim".

VERISSIMO, L. F. Comédias da vida privada. Porto Alegre: L&PM. 1996 (fragmento).

No texto, há uma discussão sobre o uso de algumas palavras da língua portuguesa. Esse uso promove o(a):

- a) marcação temporal, evidenciada pela presença de palavras indicativas dos dias da semana.
- b) tom humorístico, ocasionado pela ocorrência de palavras empregadas em contextos formais.
- c) caracterização da identidade linguística dos interlocutores, percebida pela recorrência de palavras regionais.
- d) distanciamento entre os interlocutores, provocado pelo emprego de palavras com significados pouco conhecidos.
- e) inadequação vocabular, demonstrada pela seleção de palavras desconhecidas por parte de um dos interlocutores do diálogo.

○ 72. (ENEM)

— Famigerado? [...]

— Famigerado é "inóxico", é "célebre", "notório", "notável"...

— Vosmecê mal não veja em minha grossaria no não entender. Mais me diga: é desaforado? É caçoável? É de arrenegar? Farsância? Nome de ofensa?

— Vilita nenhuma, nenhum doesto. São expressões neutras, de outros usos...

— Pois... e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de em dia de semana?

— Famigerado? Bem. É: "importante", que merece louvor, respeito...

ROSA, G. Famigerado. In. Primeiras estórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2001.

Nesse texto, a associação de vocábulos da língua portuguesa a determinados dias da semana remete ao:

- a) local de origem dos interlocutores.
- b) estado emocional dos interlocutores.
- c) grau de coloquialidade da comunicação.
- d) nível de intimidade entre os interlocutores.
- e) conhecimento compartilhado na comunicação.

Anotações:



As Palavras Invenetas*



Esqueletra: Baú de ossos a que remonta toda palavra, arqueologia do idioma.

Atenção, críticos dos governos Lula e Fernando Henrique, seu repertório esculhambativo está prestes a se multiplicar. “Brasilha” é um lugar cercado de isolamento por todos os lados e “chiclética”, a moral que se abandona com facilidade. Mas é preciso cuidado para não entrar numa “ecolojinha”, vendendo a natureza como se cuidasse dela. Mais atenção ainda tenham os muito malas. “Filosofisma” batiza a fala vazia, cheia de pompa, e “chatosfera” é a sala de bate-papo furado.

Atenção todos: chegou novo vocabulário na praça, de palavras que não existem, mas encaixam feito luva às situações e conceitos que projetam. Elas estão no *Pequeno Dicionário Ilustrado de Palavras Invenetas*, um ricamente ilustrado vocabulário de palavras inexistentes, criadas pelo arquiteto, designer e jornalista Marçílio Godói, para quem inventar uma palavra é criar um lugar, alargar uma fronteira.

- Em geral, as pessoas tratam a palavra como se fosse uma coisa pura e pronta. Mas mesmo os puristas notaram que a língua é ser em movimento, é massa que se molda. É guiada, não guia. O livro é um convite a que todos façam palavras. É uma aposta para ver se as pessoas percebem outras fronteiras do idioma - diz Godói. Não nego à língua o termo de entretenimento. O idioma tem de fazer as pessoas brincarem. A brincadeira é a primeira maneira de a criança ficar interessada pelo idioma.

Em suas atividades profissionais, ao longo dos anos, Godói desenvolveu com as palavras um forte senso de economia. - Quando invento uma expressão como “clasisísmico”, o estilo retrô que abala a arquitetura atual, é a isto que remeto: uma sociedade que perdeu o senso da crítica não registra o próprio tempo nas coisas que faz.

O livro aspira deliberadamente ampliar a rede de sentidos dos vocábulos, em fogaosa brincadeira, em deleitosa poesia. Que inventar uma palavra pode ser uma tentação mais forte do que nós. Significa introduzir um conceito que, por princípio, não existia, mas a necessidade de representação dele assim o exigiu. É impor como realidade uma representação intermediária, um modo particular de ver as coisas que, bem-sucedido, se expande a um grupo maior de pessoas, quem sabe a toda uma época.

Essa é a utopia que transforma um livro divertido na superfície em algo muito mais ambicioso no projeto.

Costa Pereira Junior, Luiz. Revista Língua Portuguesa, nº 29, 2008. (adaptado)

* Invenetas = que dão na veneta.

○ 73. (UFSM) O *Pequeno Dicionário Ilustrado de Palavras Invenetas* pretende ser um incentivo à produção de

- a) neologismos que expressem uma leitura particular do mundo.
- b) novas palavras para limitar o repertório *esculhambativo* (l. 3) dos críticos da política.
- c) um novo código que possibilite o aportuguesamento de estrangeirismos, como *chatosfera* (l. 15).
- d) novas palavras como expressão de crítica a quem *registra o próprio tempo nas coisas que faz* (l. 37).
- e) um repertório de ilustrações para termos e conceitos que já existem.

○ 74. (UFSM)



Para tornar verossímil a interação entre os personagens, os humoristas transcreveram fielmente o modo de falar desses personagens. A expressão da oralidade desviou-se, em alguns pontos, da forma culta da língua. É possível identificar a supressão de fonema(s)

- 1. no início do vocábulo.
- 2. no interior do vocábulo.
- 3. no final do vocábulo.
- 4. na união de dois vocábulos.

Nas tiras de Louzada, “pra”, “vê” e “tou” são exemplos, respectivamente, de

- a) 2 - 3 - 1
- b) 2 - 3 - 4
- c) 3 - 1 - 2
- d) 4 - 3 - 1
- e) 3 - 2 - 3



Chapeuzinho Vermelho e o lobo

1 Pois é! Estava eu em minha casa, pois, como sabem, a mata é a única casa que tenho, quando vi uma menina branquela e com horroroso chapeuzinho vermelho caminhando displicentemente e levando uma sacola debaixo do braço. “Puxa, bem que será capaz de atirar copos e garrafas
5 plásticas sem cuidado na minha mata e devo adverti-la para que tenha cuidado e respeito ao meio ambiente”. Assim pensando, dirigi-me à garota. Esta, entretanto, ao me ver, gritou horrorizada:

– Meu Deus! Meu Deus! Um terrível lobo. E, em desespero, nem deu tempo para explicação e saiu correndo em disparada.

10 Fiquei sinceramente ofendido, magoado mesmo, mas refleti: “É ainda uma criança, nada sabe sobre a beleza animal e de nada adiantarão meus ecológicos conselhos”. Deduzindo que por certo iria até a casa da velhota lá perto do riacho, cortei caminho e me antecipei, tentando argumentar com sua avó adulta. Foi inútil. Esta, ao me ver, gritou com igual
15 pavor e já ia avançando sobre a espingarda, quando, em último recurso, tive de devorá-la. Aí pensei: “Se a garota chega e me encontra em meus trajes habituais, por certo vai continuar a me ofender e não me dará ouvidos”. Foi por esse motivo que, depressa, vesti as roupas da velha e cobri-me em sua cama.

20 Pois não é que a menina, assim que me viu e pensou ser a avó, continuou sua sessão de ofensas e desmoralizações. Foi logo dizendo:

– Meu Deus, vovó, como seus olhos estão horrorosos...

Essa dura crítica mexeu com minha autoestima e ofendeu-me até a última gota de sangue. Sei que não tenho os olhos de Brad Pitt, mas ainda
25 assim lutei contra a revolta e, com doçura, argumentei:

– São para melhor enxergá-la, meu amor...

Foi inútil essa demonstração de afeto. A garotinha continuou a escandalizar meus ouvidos, minha respiração, meus sentimentos, até o limite máximo da tolerância, quando, esmagado por tantas ofensas, devorei-
30 a também.

O final da história vocês conhecem... veio o caçador, abriu-me a barriga, salvando a Chapeuzinho e a avó e aqui me largando ensanguentado e à morte. Tudo em nome da ecologia! Não é um absurdo?

Fonte: ANTUNES, Celso. *Casos, Fábulas, Aneédotas ou Inteligências, capacidades, competências*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 51-52. (adaptado)

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

○ **75. (UFSM)** Segundo estudiosos da gramática da língua portuguesa, em quase todo território brasileiro, e o átonos, em final de palavra, correspondem, respectivamente, aos fonemas /i/ e /u/. Esse fenômeno é conhecido como redução da vogal. Entretanto, se e e o forem tônicos, o fenômeno da redução não ocorre (FARACO e MOURA, 2003). A alternativa em que ambas as palavras, no contexto em que foram usadas, apresentam condições para a ocorrência do fenômeno redução da vogal é

- a) “vermelho” (l.3) e “displicentemente” (l.3).
- b) “até” (l.12) e “sabe” (tl).
- c) “ambiente” (l.6) e “pavor” (l.15).
- d) “vovó” (l.22) e “afeto” (l.27).
- e) “lobo” (l.8) e “vocês” (l.31).



Para responder à questão de número 76, leia atentamente as cinco tiras de Iotti e Louzada e acompanhe o que os próprios criadores falam de suas criações, Radicci e Tapejara, numa matéria publicada na edição de 31.05.2006 do jornal Zero Hora. As tiras foram numeradas para facilitar a localização.



Radicci

Radicci nasceu em 1983, das mãos de Carlos Henrique Iotti, 42 anos. Caxiense, ele criou o personagem longe da terrinha. Na época, o cartunista morava em Porto Alegre, onde cursava jornalismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

- Foi uma criação baseada na observação dos colegas que também eram da gringolândia. Estar fora da Serra pode ter facilitado - conta Iotti.

O personagem é gritão, tem sotaque, bebe vinho, não gosta de tomar banho, adora dormir até tarde, vive em pé de guerra com a mulher Genoveva e com o filho Guilhermino e torce pelo Caxias. (...)

- Radicci significa raízes. Descobri anos depois, mas digo que foi de propósito - diz Iotti.



Tapejara

Tapejara é igualzinho àquele gaúcho fronteiriço, missioneiro ou da região da Campanha, que o pessoal insiste em parodiar pelo Brasil afora. Fala engraçado, com o sotaque e as expressões típicas do tradicionalismo rio-grandense.

Para criar esse personagem, em 1997, o cartunista Paulo Ricardo Louzada, 40 anos, chafurdou nas visitas que fazia ao avô, em Canguçu, quando ainda era criança. Nas férias, deixava Porto Alegre e se internava no cenário de cavalos, coxilhas e personagens folclóricos das estâncias gaúchas.

- Me criei com o pé nas rosetas, andando de petiço e tomando banho na sanga. Nasci no asfalto, mas conheço essa realidade - lembra Louzada.

- Povo que não conhece sua história e sua origem não sobrevive. Tem que preservar, saber de onde veio - justifica Louzada.

○ 76. (UFSM) As tirinhas são pequenas narrativas. Assim, há personagens situados num determinado tempo e ambiente que realizam ações e constroem interações apresentadas ao leitor por meio de imagens e palavras. Nas tirinhas analisadas, se focalizada a atenção nos protagonistas, percebe-se




- I. a exclusão social de Radicci e Tapejara motivada pelo contraste entre o ambiente urbano e o rural, onde eles transitam.
- II. uma oposição entre as características culturais de Tapejara e as de seus interlocutores.
- III. os personagens como representantes de diferentes etnias, constituindo facetas múltiplas da cultura rio-grandense.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas III.
- c) apenas I e II.
- d) apenas II e III.
- e) I, II e III.



Ler começa com os olhos

- 1 - Cícero, orador romano e cônsul de César, disse que a visão é o mais apurado dos sentidos. Aos 6 anos, descobri que ele estava certo. Foi quando meu pai decidiu me levar a um oculista. Ele tentara, inutilmente, me ensinar a ler como fizera com os outros filhos. Seus esforços esbarraram num pequeno detalhe: 2,5 graus de miopia no olho esquerdo e 3,0 no direito. Os óculos chegaram uma semana depois da consulta e, junto com eles, um novo mundo. Muito mais emocionante e, principalmente, mais nítido. A partir daquele dia, eu descobri coisas incríveis bem na frente do meu nariz. Pude ver pela primeira vez o menor bicho do mundo: a formiga. Centenas delas, aliás. Todas marchando em fila sob o parapeito da janela. Se bem que, para um menino miudinho como eu, seria melhor chamar de paratesta. Da janela pude ver também um outro ser vivo que morava na casa ao lado. Agora, com mais riqueza de detalhes. Era a filha da vizinha que acabara de chegar do colégio.
- 5 - 
- 10 - 
- 15 - Apressada, ela começou a tirar o uniforme, sem antes ter o cuidado de fechar a janela do quarto. Mais uma vez minha visão se embaralhava. E desta vez não era por conta da miopia. Além disso, as janelas da minha casa eram muito altas. Eu precisava, urgentemente, de 25 centímetros a mais para arrastá-las até a janela. Comecei então a pular na ponta dos pés. Via. Não via. Via. Não via. Via. Não via. Eu já estava ficando cansado e incomodado com o meu tamanho. Culpa da genética. Minha sorte foi meu pai ser um baixinho que amava os livros. As coleções se enfileiravam pelas estantes. Fazia tempo que ele dizia que os livros deixariam a minha vida mais interessante. Pai é pai. Não importa o tamanho. Eles sempre dão bons conselhos.
- 20 - 
- 25 -
- 30 -
- 35 -

158

O texto ao lado é uma publicidade da 48ª Feira do Livro de Porto Alegre, que foi publicado em 01/11/02, no Correio do Povo. Coerente com o contexto da Feira, criou-se uma publicidade com formato de uma história encontrada em livro.

Leia a primeira parte dessa história para responder à questão.

○ 77. (UFSM) Todas são estratégias de construção do relato registrado na fictícia página 158, EXCETO

- a) intercalar fatos e comentários.
- b) explorar o humor.
- c) inserir frases nominais ao longo do texto.
- d) usar duas variantes linguísticas: a do adulto e a do menino.
- e) evidenciar circunstâncias de tempo, lugar, modo e causa.

○ 78. (ENEM) "Só falta o Senado aprovar o projeto de lei [sobre o uso de termos estrangeiros no Brasil] para que palavras como *shopping center*, *delivery* e *drive-through* sejam proibidas em nome de estabelecimentos e marcas. Engajado nessa valorosa luta contra o inimigo ianque, que quer fazer área de livre comércio com nosso inculto e belo idioma, venho sugerir algumas medidas que serão de extrema importância para a preservação da soberania nacional, a saber:

Nenhum cidadão gaúcho ou carioca poderá dizer 'Tu vai' em espaços públicos do território nacional;

Nenhum cidadão paulista poderá dizer 'Eu lhe amo' e retirar ou acrescentar o plural em sentenças como 'Mê vê um chopps e dois pastel';

Nenhum dono de borracharia poderá escrever cartaz com a palavra 'borracharia' e nenhum dono de banca de jornal anunciará 'Vende-se cigarros';

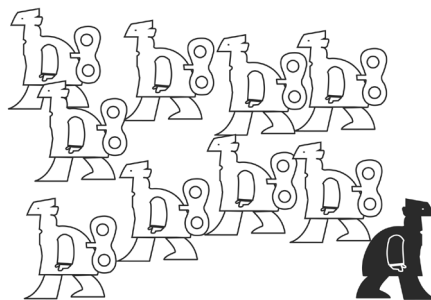
Nenhum livro de gramática obrigará os alunos a utilizar coloções pronominais como 'casar-me-ei' ou 'ver-se-ão'."

PIZA, Daniel. Uma proposta imodesta. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 8/4/2001.

No texto, o autor:

- a) mostra-se favorável ao teor da proposta por entender que a língua portuguesa deve ser protegida contra deturpações de uso.
- b) ironiza o projeto de lei ao sugerir medidas que inibam determinados usos regionais e socioculturais da língua.
- c) denuncia o desconhecimento de regras elementares de concordância verbal e nominal pelo falante brasileiro.
- d) revela-se preconceituoso em relação a certos registros linguísticos ao propor medidas que os controlem.
- e) defende o ensino rigoroso da gramática para que todos aprendam a empregar corretamente os pronomes.

○ 79. (ENEM)



CAULOS. Disponível em: www.caulos.com. Acesso em: 24 set. 2011.

O cartum faz uma crítica social. A figura destacada está em oposição às outras e representa a:

- a) opressão das minorias sociais.
- b) carência de recursos tecnológicos.
- c) falta de liberdade de expressão.
- d) defesa da qualificação profissional.
- e) reação ao controle do pensamento coletivo.



80. (ENEM)



Disponível em: www.ccp.com.br. Acesso em: 27 jul. 2010 (adaptado).

O texto é uma propaganda de um adoçante que tem o seguinte mote: “Mude sua embalagem”. A estratégia que o autor utiliza para o convencimento do leitor baseia-se no emprego de recursos expressivos, verbais e não verbais, com vistas a:

- a) ridicularizar a forma física do possível cliente do produto anunciado, aconselhando-o a uma busca de mudanças estéticas.
- b) enfatizar a tendência da sociedade contemporânea de buscar hábitos alimentares saudáveis, reforçando tal postura.
- c) criticar o consumo excessivo de produtos industrializados por parte da população, propondo a redução desse consumo.
- d) associar o vocábulo “açúcar” à imagem do corpo fora de forma, sugerindo a substituição desse produto pelo adoçante.
- e) relacionar a imagem do saco de açúcar a um corpo humano que não desenvolve atividades físicas, incentivando a prática esportiva.

81. (ENEM)



Considerando que a internet influencia os modos de comunicação contemporânea, a charge faz uma crítica ao uso vicioso dessa tecnologia, pois:

- a) gera diminuição no tempo de descanso, substituído pelo contato com outras pessoas.
- b) propicia a continuação das atividades de trabalho, ainda que em ambiente doméstico.
- c) promove o distanciamento nos relacionamentos, mesmo entre pessoas próximas fisicamente.
- d) tem impacto negativo no tempo disponível para o lazer do casal.
- e) implica a adoção de atitudes agressivas entre os membros de uma mesma família.

82. (ENEM)

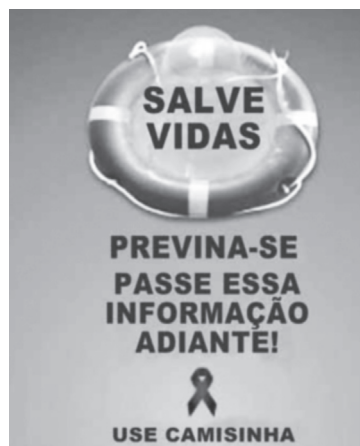


Disponível em: www.deskgram.org. Acesso em: 12 dez. 2018 (adaptado).

A associação entre o texto verbal e as imagens da garrafa e do cão configura recurso expressivo que busca:

- a) estimular denúncias de maus-tratos contra animais.
- b) desvincular o conceito de descarte da ideia de negligência.
- c) incentivar campanhas de adoção de animais em situação de rua.
- d) sensibilizar o público em relação ao abandono de animais domésticos.
- e) alertar a população sobre as sanções legais acerca de uma prática criminosa.

83. (ENEM)



Disponível em: <http://fsindical-rs.org.br>. Acesso em: 16 ago. 2012 (adaptado).

Nesse texto, associam-se recursos verbais e não verbais na busca de mudar o comportamento das pessoas quanto a uma questão de saúde pública. No cartaz, essa associação é ressaltada no(a):

- a) destaque dado ao laço, símbolo do combate à aids, seguido da frase “Use camisinha”.
- b) centralização da mensagem “Previna-se”.
- c) foco dado ao objeto camisinha em imagem e em palavra.
- d) laço como elemento de ligação entre duas recomendações.
- e) sobreposição da imagem da camisinha e da boia, relacionada à frase “Salve vidas”.



84. (ENEM)



Disponível em: www.blognerdegeek.com. Acesso em: 7 mar. 2013 (adaptado).

Na tirinha, o leitor é conduzido a refletir sobre relacionamentos afetivos. A articulação dos recursos verbais e não verbais tem o objetivo de:

- criticar a superficialidade com que as relações amorosas são expostas nas redes sociais.
- negar antigos conceitos ou experiências afetivas ligadas à vida amorosa dos adolescentes.
- ênfatisar a importância de incorporar novas experiências na vida amorosa dos adolescentes.
- valorizar as manifestações nas redes sociais como medida do sucesso de uma relação amorosa.
- associar a popularidade de uma mensagem nas redes sociais à profundidade de uma relação amorosa.

85. (ENEM)

NÃO INTERROMPA A LINHA DA VIDA.



Doe sangue. É simples e faz muito bem à saúde.



Destak, nov. 2015 (adaptado).

A imagem da caneta de tinta vermelha, associada às frases do cartaz, é utilizada na campanha para mostrar ao possível doador que:

- a doação de sangue faz bem à saúde.
- a linha da vida é fina como o traço de caneta.
- a atitude de doar sangue é muito importante.
- a caneta vermelha representa a atitude do doador.
- a reserva do banco de sangue está chegando ao fim.

86. (ENEM)



Disponível em: www.portaldapropaganda.com.br. Acesso em: 1 mar. 2012.

A publicidade, de uma forma geral, alia elementos verbais e imagéticos na constituição de seus textos. Nessa peça publicitária, cujo tema é a sustentabilidade, o autor procura convencer o leitor a:

- assumir uma atitude reflexiva diante dos fenômenos naturais.
- evitar o consumo excessivo de produtos reutilizáveis.
- aderir à onda sustentável, evitando o consumo excessivo.
- abraçar a campanha, desenvolvendo projetos sustentáveis.
- consumir produtos de modo responsável e ecológico.

87. (ENEM)



Disponível em: www.comunicadores.info. Acesso em: 27 ago. 2017.

Essa é uma campanha de conscientização sobre os efeitos do álcool na direção. Pela leitura do texto, depreende-se que:

- o álcool afeta os sentidos humanos, podendo provocar a morte de pessoas inocentes.
- a bicicleta é um veículo de difícil visibilidade para os motoristas alcoolizados.
- o recipiente da bebida pode ser usado como refletor da imagem da criança.
- a visão do motorista alcoolizado fica turva após a ingestão de bebida.
- a bebida alcóolica é proibida a menores de idade.



○ 88. (ENEM)



Disponível em: www.sul21.com.br. Acesso em: 1 dez. 2017 (adaptado).

Nesse texto, busca-se convencer o leitor a mudar seu comportamento por meio da associação de verbos no modo imperativo à:

- indicação de diversos canais de atendimento.
- divulgação do Centro de Defesa da Mulher.
- informação sobre a duração da campanha.
- apresentação dos diversos apoiadores.
- utilização da imagem das três mulheres.

○ 89. (ENEM)



Disponível em: www.portaldapropaganda.com.br. Acesso em: 28 jul. 2013.

Essa propaganda defende a transformação social e a diminuição da violência por meio da palavra. Isso se evidencia pela:

- predominância de tons claros na composição da peça publicitária.
- associação entre uma arma de fogo e um megafone.
- grafia com inicial maiúscula da palavra “voz” no *slogan*.
- imagem de uma mão segurando um megafone.
- representação gráfica da propagação do som.

○ 90. (ENEM)



Disponível em: <http://portal.saude.gov.br>. Acesso em: 29 fev. 2012.

As propagandas fazem uso de diferentes recursos para garantir o efeito apelativo, isto é, o convencimento do público em relação ao que apresentam. O cartaz da campanha promovida pelo Ministério da Saúde utiliza vários recursos, verbais e não verbais, como estratégia persuasiva, entre os quais se destaca:

- a ligação estabelecida entre as palavras “hábito” e “hemocentro”, explorando a ideia de frequência.
- a relação entre a palavra “corrente”, a imagem das pessoas de mãos dadas e a mão estendida ao leitor.
- o emprego da expressão “Um grande ato”, despertando a consciência das pessoas para o sentimento de solidariedade.
- a apresentação da imagem de pessoas saudáveis, estratégia adequada ao público-alvo da campanha.
- a associação entre o grande número de pessoas no cartaz e o número de pessoas que precisam receber sangue em nosso país.

○ 91. (ENEM)



Disponível em: www.ideiasustentavel.com.br. Acesso em: 30 maio 2016 (adaptado).

A importância da preservação do meio ambiente para a saúde é ressaltada pelos recursos verbais e não verbais utilizados nessa propaganda da SOS Mata Atlântica.

No texto, a relação entre esses recursos:

- condiciona o entendimento das ações da SOS Mata Atlântica.
- estabelece contraste de informações na propaganda.
- é fundamental para a compreensão do significado da mensagem.
- oferece diferentes opções de desenvolvimento temático.
- propõe a eliminação do desmatamento como suficiente para a preservação ambiental.





Considerando a dinâmica entre os recursos de construção do texto, os sentidos gerados por eles e a temática abordada, pode-se afirmar que

- a) há, no primeiro quadro, um contraste entre as linguagens, pois a verbal expressa o contrário do que se mostra com a não verbal.
- b) a comparação sugerida entre o cão e o ser humano cria uma imagem desfavorável ao primeiro e favorável a esse último.
- c) a linguagem não verbal, no segundo quadro, constrói uma representação de uma cena de agressão física, evidenciando o agente que a pratica e implicando o alvo da agressão.
- d) a coerência entre os dois quadros é estabelecida com base no seguinte raciocínio: a violência iguala homens a cães.
- e) o sentido de alimentar como *dar comida para saciar a fome física* está explorado apenas no primeiro quadro.

Anotações:



HABILIDADES À PROVA 2

» Acentuação

A Lenda da Mandioca (lenda dos índios Tupi)

1 Nasceu uma indiazinha linda, e a mãe e o pai tupis espantaram-se:

– Como é branquinha esta criança!

E era mesmo. Perto dos outros curu-
5 mins da taba, parecia um raiozinho de lua. Chamaram-na Mani. Mani era linda, silenciosa e quieta. Comia pouco e pouco bebia. Os pais preocupavam-se.

– Vá brincar, Mani, dizia o pai.

10 – Coma um pouco mais, dizia a mãe.

Mas a menina continuava quieta, cheia de sonhos na cabecinha. Mani parecia escon-
der um mistério. Uma bela manhã, não se levantou da rede. O pajé foi chamado. Deu
15 ervas e bebidas à menina. Mas não atinava com o que tinha Mani. Toda a tribo andava triste. Mas, deitada em sua rede, Mani sorria, sem doença e sem dor.

E sorrindo, Mani morreu. Os pais a en-
20 terraram dentro da própria oca. E regavam sua cova todos os dias, como era costume entre os índios Tupis. Regavam com lágrimas de saudade. Um dia perceberam que do túmulo de Mani rompia uma plantinha verde e viçosa.

25 – Que planta será esta? Perguntaram, admirados. Ninguém a conhecia.

– É melhor deixá-la crescer, resolveram os índios.

E continuaram a regar o brotinho mi-
30 moso. A planta desconhecida crescia depressa. Poucas luas se passaram, e ela estava altinha, com um caule forte, que até fazia a terra se rachar em torno.

– A terra parece fendida, comentou a
35 mãe de Mani.

– Vamos cavar?

E foi o que fizeram. Cavaram pouco e, à flor da terra, viram umas raízes grossas e morenas, quase da cor dos curumins, nome
40 que dão aos meninos índios. Mas, sob a casquinha marrom, lá estava a polpa branquinha, quase da cor de Mani. Da oca de terra de Mani surgia uma nova planta!

– Vamos chamá-la Mani-oca, resolve-
45 ram os índios.

– E, para não deixar que se perca, vamos transformar a planta em alimento!

Assim fizeram! Depois, fincando outros ramos no chão, fizeram a primeira
50 plantação de mandioca. Até hoje entre os índios do Norte e Centro do Brasil é este um alimento muito importante.

E, em todo Brasil, quem não gosta da plantinha misteriosa que surgiu na casa de
55 Mani?

Fonte: GIACOMO, Maria T. C. de. Lendas brasileiras, n. 7, 2. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1977. (adaptado)

○ 1. (UFSM) Considerando princípios ortográficos, fonológicos e morfológicos da língua portuguesa, considere as afirmativas a seguir.

I - Se inserido acento na sílaba final de “esta” (ℓ.3), altera-se a tonicidade, mas mantém-se inalterada a classe de palavra.

II - Em “linda” (ℓ.1), assim como em “quieta” (ℓ.7), verifica-se ocorrência de um fonema representado por duas letras.

III - Diferentemente de “pouco”, nas linhas 7 e 37, a palavra “Poucas”, na linha 31, flexiona-se para concordar com o nome que a acompanha.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas I e III.
- d) apenas II e III.
- e) I, II e III.



○ **2. (UFSM)** Analisando “Teríamos” e “país” e lembrando que se acentua o i tônico precedido de vogal que forma sílaba sozinha ou com s, pode-se concluir que

I. o encontro vocálico, nas duas palavras, forma um hiato.

II. a posição da sílaba tônica, marcada na escrita pelo acento agudo no i, é determinante para a acentuação tanto de “teríamos” quanto de “país”.

III. a regra apresentada aplica-se somente à acentuação de “país”.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas I e III.
- d) apenas II e III.
- e) I, II e III.

○ **3. (UFSM)** Observe o trecho: “a maior parte dos eleitores (...)tem entre 25 e 34 anos, mas seguida de perto pelos que têm entre 45 e 59 anos”. O verbo *ter* aparece duas vezes, uma sem acento gráfico e outra com acento. A segunda forma está acentuada

- a) porque é uma palavra monossílabo átona.
- b) porque é uma oxítona terminada em “-em”.
- c) para concordar com “a maior parte”.
- d) para concordar com “entre 45 e 59 anos”.
- e) para indicar a flexão da terceira pessoa do plural.

○ **4. (UFRGS)** A regra que determina o uso de acento em *contribuíram* é a mesma que prescreve seu uso na palavra:

- a) frequência.
- b) previsível.
- c) indivíduos.
- d) conteúdos.
- e) científico.

○ **5. (UFRGS)** Todas as palavras a seguir são paroxítonas. Qual é a única palavra em que o fato de ser paroxítona **não** é um critério para justificar sua acentuação gráfica?

- a) caráter.
- b) impossível.
- c) bênção.
- d) paraíso.
- e) éden.

○ **6. (UFRGS adaptada)** Assinale a alternativa em que as três palavras são acentuadas graficamente pela mesma razão:

- a) célebre - terrível - biólogo
- b) delícia - sabiá - diários
- c) sós - é - trás
- d) porém - país - até
- e) terríveis - espécimes - experiência

○ **7. (UFRGS)** A retirada do acento de uma palavra geralmente provoca mudanças na sua pronúncia, em uma leitura em voz alta, por exemplo. Muitas vezes essa alteração da pronúncia transforma a palavra original em outra palavra também existente na língua. Esse é o caso de todas as palavras listadas abaixo, **à exceção de:**

- a) análise.
- b) influência.
- c) originária.
- d) nós.
- e) inquérito.

○ **8. (UFRGS adaptada)** Todas as palavras abaixo têm um equivalente em Língua Portuguesa, sem acento gráfico, à **exceção de:**

- a) agência.
- b) é.
- c) às.
- d) acúmulo.
- e) hábitos.



09. (UFRGS) Considere os pares de palavras abaixo.

1. **puídos** e **indivíduo**.
2. **boêmia** e **próprio**.
3. **deus-dará** e **daí**.

Em qual(is) par(es) as palavras respeitam a mesma regra de acentuação ortográfica?

- a) Apenas 1.
- b) Apenas 2.
- c) Apenas 3.
- d) Apenas 1 e 2.
- e) Apenas 1 e 3.

10. (UFRGS) Considere as seguintes afirmações sobre a acentuação gráfica.

- I. A palavra **risível** recebe o acento gráfico pela mesma regra que preceitua o uso do acento em **ridículo**.
- II. A palavra **possuído** recebe o acento gráfico pela mesma regra de **aí**.
- III. Se fosse retirado o acento gráfico das palavras **várias**, **pública** e **está**, essa alteração provocaria o surgimento de outras palavras da Língua Portuguesa.

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas I e III.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

11. (UFRGS) Considere as seguintes afirmações acerca de acentuação.

- I. A mesma regra determina a acentuação gráfica das palavras *Laís* e *ninguém*.
- II. O emprego do acento gráfico em *adolescência* e *próprio* decorre da mesma regra.
- III. A palavra *pôsteres* recebe acento gráfico em virtude de ser o plural de uma palavra acentuada.

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e II.
- e) I, II e III.

12. (UFRGS) Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as afirmações abaixo, referentes a relações entre convenções ortográficas e pronúncia de palavras empregadas no texto.

- () A regra de acentuação gráfica válida para a palavra **mistérios** pode ser incluída na mesma que rege o emprego do acento gráfico em **gramática** e **sistemático**.
- () O som representado pela letra /s/ na palavra **conseguiu** é representado por duas outras letras na palavra **explicação**.
- () O acento gráfico em **é** é diferencial; ou seja, não corresponde a nenhuma distinção de pronúncia relativa à forma não acentuada.
- () A palavra **significa**, na pronúncia coloquial, permite a ocorrência de uma vogal não representada na forma ortográfica.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) V - F - V - F
- b) V - V - F - V
- c) F - V - V - V
- d) V - V - F - F
- e) F - F - V - V



HABILIDADES À PROVA 3

» Ortografia

Para responder à questão 1, leia o conto de Katia Canton, publicado na revista *Nova Escola, Edição Especial Era uma vez*, volume 4, abril de 2007.

Nino Quer Um Amigo

- 1 - Nino, por que você está sempre tão sério e cabisbaixo? Nino vivia triste. Ele se sentia sozinho. Ninguém queria ser amigo dele.
Pobre Nino.
- 5 - Um dia, na praia, ele ficou esperançoso de encontrar um amigo.
- Ah, um menino. Quem sabe..., e tentou chegar perto dele.
Mas o menino virou para o lado, cavou um buraco.
- 10 - E ainda jogou areia no Nino.
Coitado dele.
Outro dia, na escola, ele tentou puxar conversa com uma colega de turma. Olhou para a menina, que era toda sardenta, uma graça. Esboçou um sorriso e tentou puxar assunto.
- 15 - Mas estava tão acostumado a ficar calado e sério que as palavras demoraram a sair de sua boca.
A menina bonitinha desistiu de esperar que ele dissesse alguma coisa. Virou-se de costas e foi brincar com uma amiga.
- 20 - Tadinho do Nino.
Nem os animais pareciam querer ser seus amigos.
Uma tarde, Nino viu um menino com um cão passeando na praça.
- 25 - Ficou com vontade de agradar o cachorro, mas ficou com medo de que ele o mordesse.
Fez um agrado tímido.
O cão nem aí para ele.
Que pena, Nino.
- 30 - Até que um dia, ele tinha desistido de procurar.
Pensando em por que, quanto mais tentava encontrar um amigo, mais sozinho se sentia...
Ficou distraído, pensando, e adormeceu.
- 35 - Quando acordou, olhou-se no espelho.
Enquanto escovava os dentes, percebeu que fazia muitas caretas. Achou engraçado. Enxaguou a boca e continuou brincando com o espelho. Era riso daqui, riso de lá. Era língua de Nino e língua do espelho. Piscadela aqui, piscadela ali. Começou ali uma verdadeira folia. Era um jogo de _____ entre Nino e sua imagem no espelho. E não é que Nino era bem engraçadinho? Ele mesmo nunca tinha reparado nisso antes.
Que cara legal era o Nino.

- 45 - Que garoto charmoso, bem-humorado! Nino ficou encantado com seu espelho.
Fez-se ali uma grande amizade.
E depois dessa amizade surgiram muitas outras.
Nino hoje é um cara cheio de amigos. Incluindo ele mesmo.
- 50 - Valeu, Nino.

○ 1. (UFSM) Na abertura do texto, o narrador dirige-se ao personagem principal, interpelando-o diretamente através de uma pergunta (l.1).

Hipoteticamente, Nino poderia estabelecer um diálogo, respondendo:

- I. - Ando sério e cabisbaixo, porque me sinto muito sozinho.
II. - O porquê de eu estar sério e cabisbaixo é a falta de amigos.
III. - Não tenho amigos. Esse é o motivo por que vivo sério e cabisbaixo.

Qual(is) alternativa(s) apresenta(m) a correta grafia do porquê?

- a) Apenas I e II.
b) Apenas II.
c) Apenas I e III.
d) Apenas III.
e) I, II e III.



Leia o texto a seguir para responder à questão.



WATTERSON, B. *O mundo é mágico: as aventuras de Calvin & Haroldo*. São Paulo: Conrad, 2007. p. 116.

2. (UFSM) No segundo quadrinho, o tigre pergunta para Calvin: "Por que não?"

Nas alternativas a seguir, todos os segmentos sublinhados estão corretamente grafados, À EXCEÇÃO de

- a) Não sei por que recusas a folha.
- b) Não sei o por quê de recusares a folha.
- c) Não gostaste da tarefa, por quê?
- d) Guarda a folha, porque vais precisar dela.
- e) Porque estava desinteressado, o menino não juntou a folha.

3. (UFSM) Em artigo de opinião, um especialista formulou a seguinte questão: "Por que razão alguém investiria numa campanha eleitoral um valor muito superior ao que irá receber como subsídio nos próximos quatro anos?"

O segmento destacado aparece também em outros enunciados. Assinale a alternativa que apresenta uma forma de emprego INCORRETA.

- a) Ainda não sei *por que* partido vou optar.
- b) Muita gente escolhe um candidato sem ter um *por quê*.
- c) *Por que* votar em branco ou anular o voto?
- d) Muitos ignoram *por que* a eleição é importante para a democracia.
- e) Com tantos casos de corrupção, escolher mais um político, *por quê?*

4. (UFSM) Observe a palavra destacada:

A Justiça Eleitoral se mobiliza para conseguir o número suficiente de mesários para coordenar cada uma das 380.945 seções eleitorais do país.

Assinale a alternativa que apresenta o emprego correto da palavra destacada.

- a) A Câmara de Vereadores não apreciou o projeto em suas últimas seções plenárias.
- b) Por decisão judicial, o Executivo desistiu das seções de cestas básicas àqueles moradores.
- c) No segundo andar, há duas seções nas quais você pode encontrar esses equipamentos.
- d) Costumava assistir às seções de cinema.
- e) É preciso pelo menos duas seções para se obter uma boa foto.

5. (UFSM) Os gregos tinham o costume de ler o futuro _____ da imagem de uma pessoa refletida sobre uma tigela com água.

A superstição _____ um benefício imediato.

Procuramos saber _____ os costumes continuam existindo até hoje.

Assinale a sequência que completa corretamente as lacunas.

- a) a partir - trás - porque
- b) a partir - traz - porque
- c) a partir - traz - por que
- d) à partir - trás - porque
- e) à partir - traz - porquê

Instrução: A questão 6 está relacionada ao texto abaixo.

- 1 - Para mim esta é a melhor hora do dia - Ema disse, voltando do quarto dos meninos. - Com as crianças na cama, a
- 2 casa fica tão sossegada.
- 3 - Só que já é noite - a amiga corrigiu, sem tirar os olhos da revista. Ema agachou-se para recolher o quebra-cabeça
- 4 esparramado pelo chão.
- 5 - É força de expressão, sua boba. O dia acaba quando eu
- 6 vou dormir, isto é, o dia tem vinte quatro horas e a semana
- 7 tem sete dias, não está certo? - Descobriu um sapato sob
- 8 a poltrona. Pegou-o e, quase deitada no tapete, procurou,
- 9 depois, o par dos outros móveis.
- 10 Era bom ter uma amiga experiente. Nem precisa ser da
- 11 mesma idade - deixou-se cair no sofá - Bárbara, muito mais
- 12 sábia. Examinou-a a ler: uma linha de luz dourada valorizava
- 13 o perfil privilegiado. As duas eram tão inseparáveis quanto
- 14 seus maridos, colegas de escritório. Até ter filhos juntas
- 15 seguiram, acreditasse quem quisesse. Tão gostoso, ambas
- 16 no hospital. A semelhança física teria contribuído para o
- 17 perfeito entendimento? "Imaginava que fossem irmãs", muitos
- 18 diziam, o que sempre causava satisfação.
- 19 - O que está se passando nessa cabecinha?
- 20 Bárbara estranhou a amiga, só doente pararia quieta.
- 21 Admirou-a: os cabelos soltos, caídos no rosto, escondiam os
- 22 olhos, azuis ou verdes, conforme o reflexo da roupa.
- 23 De que cor estariam hoje seus olhos?
- 24 Ema apurou o corpo.
- 25 - Pensava que se nós morássemos numa casa grande,
- 26 vocês e nós...



29 Bárbara sorriu. Também ela uma vez tivera a ideia. – As
30 crianças brigariam o tempo todo.
31 Novamente a amiga tinha razão. Os filhos não se suporta-
32 vam, discutiam por qualquer motivo, ciúme doentio de tudo.
33 O que sombreava o relacionamento dos casais.
34 – Pelo menos podíamos morar mais perto, então.
35 Se o marido estivesse em casa, seria obrigada a assistir
36 à televisão, , ele mal chegava, ia ligando o aparelho, ain-
37 da que soubesse que ela detestava sentar que nem múmia
38 diante do aparelho – levantou-se, repelindo a lembrança. Pre-
39 parou uma jarra de limonada. todo aquele interesse de
40 Bárbara na revista? Reformulou a pergunta em voz alta.
41 – Nada em especial. Uma pesquisa sobre o comporta-
42 mento das crianças na escola, de como se modificam as per-
43 sonalidades longe dos pais.

Adaptado de: VAN STEEN, Edla. Intimidade. In: MORICONI, Italo (org.) Os cem melhores contos brasileiros do século . 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 440-441.

○ 6. (UFRGS) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das linhas 11, 24, 36, 39, nessa ordem.

- a) em baixo – cinza – por que – Porque
- b) embaixo – cinzas – porque – Por que
- c) embaixo – cinza – porque – Por que
- d) em baixo – cinzas – por que – Porque
- e) embaixo – cinzas – porque – Porque

Instrução: A questão 6 está relacionada ao texto abaixo.

01 Nada mais importante para chamar a atenção sobre
02 uma verdade do que exagerá-la. Mas também, nada mais
03 perigoso, um dia vem a reação indispensável e a relega
04 injustamente para a categoria do erro, até que se efetue a
05 operação difícil de chegar a um ponto de vista objetivo, sem
06 desfigurá-la de um lado nem de outro. É o que tem ocorri-
07 do com o estudo da relação entre a obra e o seu condicio-
08 namento social, que a certa altura chegou a ser vista como
09 chave para compreendê-la, depois foi rebaixada como falha
10 de visão, — e talvez só agora comece a ser proposta nos
11 devidos termos.

12 De fato, antes se procurava mostrar que o valor e o sig-
13 nificado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não
14 certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía
15 o que ela tinha de essencial. Depois, chegou-se à posição
16 oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra
17 é secundária, e que a sua importância deriva das operações
18 formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade
19 que a torna de fato independente de quaisquer condicio-
20 namentos, sobretudo social, considerado inoperante como
21 elemento de compreensão. Hoje sabemos que a integridade
22 da obra não permite adotar nenhuma dessas visões;
23 e que só a podemos entender fundindo texto e contexto
24 numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o
25 velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos,
26 quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura
27 é virtualmente independente, se combinam como momen-
28 tos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda,
29 que o externo (no caso, o social) importa, não como causa,
30 nem como significado, mas como elemento que desempe-
31 nha certo papel na constituição da estrutura, tornando-se,
32 portanto, interno.

33 Neste caso, saímos dos aspectos periféricos da socio-
34 logia, ou da história sociologicamente orientada, para che-
35 gar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão

36 social como fator de arte. Quando isto se dá, ocorre o pa-
37 radoxo assinalado inicialmente: o externo se torna interno
38 e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica.
39 Segundo essa ordem de ideias, o ângulo sociológico adqui-
40 re uma validade maior do que tinha. Em , não pode
41 mais ser imposto como critério único, ou mesmo preferen-
42 cial, pois a importância de cada fator depende do caso a
43 ser analisado. Uma crítica que se queira integral deve deixar
44 de ser unilateralmente sociológica, psicológica ou linguística,
45 para utilizar livremente os elementos capazes de conduzirem
46 a uma interpretação coerente.

Adaptado de: CANDIDO, Antônio. Literatura e sociedade. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

○ 7. (UFRGS) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das linhas 03, 22 e 40, nessa ordem.

- a) porque – dissociadas – compensação
- b) por que – dissociadas – compensação
- c) por que – dissociadas – compensação
- d) porque – dissociadas – compensação
- e) porque – dissociadas – compensação

Instrução: A questão 8 está relacionada ao texto abaixo.

01 No século XV, viu-se a Europa invadida por uma raça de
02 homens que, vindos ninguém sabe de onde, se espalharam
03 em bandos por todo o seu território. Gente inquieta e anda-
04 rilha, deles afirmou Paul de Saint-Victor que era mais fácil
05 predizer o das nuvens ou dos gafanhotos do que se-
06 guir as pegadas da sua invasão. Uns risonhos despreocupa-
07 dos: passavam a vida esquecidos do passado e descuidados
08 do futuro. Cada novo dia era uma nova aventura em busca
09 do escasso alimento para os manter naquela jornada. Trajo?
10 No mais completo : sujos e puídos cobriam-lhes
11 os corpos queimados do sol. Nômades, aventureiros, des-
12 preocupados – eram os boêmios.

13 Assim nasceu a semântica da palavra *boêmio*. O nome
14 gentílico de Boêmia passou a aplicar-se ao indivíduo des-
15 preocupado, de existência irregular, relaxado no vestuário,
16 vivendo ao deus-dará, à toa, na vagabundagem alegre. Daí
17 também o substantivo *boêmia*. Na definição de Antenor
18 Nascentes: vida despreocupada e alegre, vadiagem, estúrdia,
19 vagabundagem. Aplicou-se depois o termo, especializadamente,
20 à vida desordenada e sem preocupações de artístas e
21 escritores mais dados aos prazeres da noite que aos
22 trabalhos do dia. Eis um exemplo clássico do que se chama
23 degenerescência semântica. De limpo gentílico – natural ou
24 habitante da Boêmia – boêmio acabou carregado de todas
25 essas conotações desfavoráveis.

26 A respeito do substantivo *boêmia*, vale dizer que a for-
27 ma de uso, ao menos no Brasil, é *boemia*, acento tônico em
28 *-mi-*. É natural que assim seja, considerando-se que *-ia* é
29 sufixo que exprime condição, estado, ocupação. Conferir:
30 *alegria, anarquia, barbaria, rebeldia, tropelia, pirataria...* Pen-
31 so que sobretudo palavras como *folia* e *orgia* devem ter in-
32 fluído na fixação da tonicidade de *boemia*. Notar também
33 o par *abstêmio/abstemia*. Além do mais, a prosódia boêmia
34 estava prejudicada na origem pelo nome próprio *Boêmia*:
35 esses boêmios não são os que vivem na Boêmia...

Adaptado de: LUFT, Celso Pedro. Boêmios, Boêmia e boemia.
In: *O romance das palavras*. São Paulo: Ática, 1996. p. 30-31.



○ 8. (UFRGS) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas das linhas 05, 10 e 10, nessa ordem:

- a) itinerário – desleicho – molambos
- b) itinerário – desleixo – mulambos
- c) itinerário – desleixo – molambos
- d) itinerário – desleixo – mulambos
- e) itinerário – desleicho – mulambos

Instrução: A questão 9 está relacionada ao texto abaixo.

01 Se, em um tempo futuro, muito distante, só tivessem
02 sobrado de nós vestígios, e alguns deles fossem encontra-
03 dos, e entre esses, fotografias, pensemos que um fato seria
04 possível: por meio delas, para os que as encontrariam, po-
05 deria se operar uma revelação. As fotografias diriam sobre
06 quem fomos e como vivemos. Caso os habitantes do futuro
07 encontrassem, por acaso, soterrado um arquivo de foto-
08 grafias de guerra, quem sabe deduziriam a condição
09 daquela humanidade perdida e suspirariam de alívio pela
10 nossa Se, ao contrário, o que encontrassem fossem
11 álbuns de uma prosaica família, apreciariam crianças foto-
12 grafadas, ao longo dos anos, sempre tão divertidas, cenas
13 de trivial alegria.

14 Por um lado, redução: há como superar a finitude. Por
15 outro, castigo: não se esquecerá enquanto houver a foto-
16 grafia. O que se lembra diante do retrato de um anônimo
17 fotografado no séc. XIX? Há sempre um encanto imanente
18 nessas imagens do passado; são como pontos que não se
19 cruzam, como caminhos indicados por setas que parecem
20 levar a lugar nenhum. Mas nos fazem desejar, pela expecta-
21 tiva do que se pode ver do outro lado, cruzá-los.

22 Um postulado pode ser enunciado nos termos de que,
23 se está na imagem, existe; ou, tratando-se de fotografia, se
24 está na foto, existiu e pode ou não ainda existir. Na esteira
25 dessa lógica, então, seria aceitável considerar que esquecer
26 é humano e lembrar é fotográfico. Se remontarmos às nos-
27 sas experiências, considerando o álbum de família, segura-
28 mente a maioria de nós dará como depoimento a surpresa
29 do encontro com o passado. A palavra encontro talvez seja
30 um superlativo do que realmente acontece, visto que o má-
31 ximo que a fotografia nos oferece é a possibilidade de uma
32 projeção do aproximar-se com o que foi. Há uma tendência
33 em acreditarmos na foto, desde, é claro, que a informação
34 nela contida não nossas certezas projetadas em ima-
35 gens mentais sobre o passado. Uma personagem de Virgi-
36 nia Wolf comenta: “Não possuímos as palavras. Elas estão
37 por trás dos olhos, não sobre os lábios”. E sem as palavras,
38 o que contariam as fotografias? Talvez não possam contar,
39 mas seguramente alguma coisa do passado vem evocada
40 nelas, como a dúvida, ou no mínimo a nostalgia daquele fato
41 fragmentado em imagem, na referência a outra pessoa em
42 uma festa perdida na lembrança.

Adaptado de: MICHELON, F. F. Introdução. In: MICHELON, F. F.; TAVARES, F. S. (orgs.). Fotografia e memória. Pelotas, RS: EdUPel, 2008. p. 7-15.

○ 9. (UFRGS) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das linhas 08, 10 e 34, nessa ordem.

- a) egnóbil – extinsão – dezestabilise
- b) ignóbil – estinção – desestabilize
- c) egnóbil – extinção – desestabilise
- d) ignobil – extinsão – dezestabilize
- e) ignóbil – extinção – desestabilize

Instrução: A questão 10 está relacionada ao texto abaixo.

01 À porta do Grande Hotel, pelas duas da tarde, Chagas
02 e Silva postava-se de palito à boca, como se tivesse descido
03 do restaurante lá de cima. Poderia parecer, pela estampa,
04 que somente ali se comesse bem em Porto Alegre. Longe
05 disso! A Rua da Praia que o diga, ou melhor, que o disses-
06 se. O faz de conta do inefável personagem ligava-se mais à
07 importância, à moldura que aquele portal lhe conferia. Ele,
08 que tanto marcou a rua, tinha franco acesso às poltronas
09 do saguão em que se refestelavam os importantes. Andava
10 dentro de um velho fraque, usava gravata, chapéu, bengala
11 sob o braço, barba curta, polainas e uns olhinhos apertados
12 na bronzeada. O charuto apagado na boca, para durar
13 bastante, era o toque final dessa composição de pardavasco
14 vindo das Alagoas.

15 Chagas e Silva chegou a Porto Alegre em 1928. Fixou-
16 -se na Rua da Praia, que percorria com passos lentos, car-
17 regando um ar de indecifrável importância, tão ao jeito dos
18 grandes de então. Os estudantes tomaram conta dele. Im-
19 provisaram comícios na praça, carregando-o nos braços e
20 fazendo-o discursar. Dava discretas mordidas e consentia
21 em que lhe pagassem o cafezinho. Mandava imprimir sone-
22 tos, que “trocava” por dinheiro.

23 Não era de meu propósito ocupar-me do “doutor” Cha-
24 gas e, sim, de como se comia bem na Rua da Praia de antiga-
25 mente. Mas ele como que me puxou pela manga e levou-me
26 a visitar casas por onde sua imaginação de longe esvoaçava.

27 Porto Alegre, sortida por tradicionais armazéns de es-
28 pecialidades, dispunha da melhor matéria-prima para as ca-
29 sas de pasto. Essas casas punham ao alcance dos *gourmets*
30 virtuosíssimos “secos e molhados” vindos de Portugal, da
31 Itália, da França e da Alemanha. Daí um longo e perí-
32 do de boa comida, para regalo dos homens de espírito e dos
33 que eram mais estômago que outra coisa.

34 Na arte de comer bem, talvez a dificuldade fosse a da
35 escolha. Para qualquer lado que o passante se virasse, en-
36 contraria salões ornamentados, maiores ou menores,
37 tabernas ou simples tascas. A Cidade divertia-se também
38 pela barriga.

Adaptado de: RUSCHEL, Nilo. Rua da Praia. Porto Alegre: Editora da Cidade, 2009. p. 110-111.

○ 10. (UFRGS) Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas das linhas 12, 31 e 36.

- a) tes – florecente – recintos
- b) tez – florecente – rescintos
- c) tez – florescente – rescintos
- d) tes – florescente – recintos
- e) tez – florescente – recintos



Instrução: A questão 11 está relacionada ao texto abaixo.

Anotações:

01 Entre as situações linguísticas que o português já viveu
02 em seu contato com outras línguas, cabe considerar uma
03 situação que se realiza em nossos dias: aquela em que ele
04 é uma língua de emigrantes. Para o leitor brasileiro, soará
05 talvez estranho que falemos aqui do português como uma
06 língua de *emigrantes*, pois o Brasil foi antes de mais nada
07 um país para o qual se dirigiam em massa, durante mais de
08 dois séculos, pessoas nascidas em vários países europeus e
09 asiáticos; assim, para a maioria dos brasileiros, a representa-
10 ção mais natural é a da convivência no Brasil com *imigran-*
11 *tes* vindos de outros países. Sabemos, entretanto, que, nos
12 últimos cem anos, muitos falantes do português foram bus-
13 car melhores condições de vida, partindo não só de Portugal
14 para o Brasil, mas também desses dois países para a Amé-
15 rica do Norte e para vários países da Europa: em certo mo-
16 mento, na década de 1970, viviam na região parisiense mais
17 de um milhão de portugueses – uma população superior à
18 que tinha então a cidade de Lisboa. Do Brasil, têm ____ nas
19 últimas décadas muitos jovens e trabalhadores, dirigindo-se
20 aos quatro cantos do mundo.

21 A existência de comunidades de imigrantes é sempre
22 uma situação delicada para os próprios imigrantes e para
23 o país que os recebeu: normalmente, os imigrantes vão a
24 países que têm interesse em usar sua força de trabalho,
25 mas qualquer oscilação na economia faz com que os nativos
26 ____ sua presença como indesejável; as diferenças na cul-
27 tura e na fala podem alimentar preconceitos e desencadear
28 problemas reais de diferentes ordens.

29 Em geral, proteger a cultura e a língua do imigrante não
30 é um objetivo prioritário dos países hospedeiros, mas no caso
31 do português tem havido _____. Em certo momento, o por-
32 tuguês foi uma das línguas estrangeiras mais estudadas na
33 França; e, em algumas cidades do Canadá e dos Estados Uni-
34 dos, um mínimo de vida associativa tem garantido a sobre-
35 vivência de jornais editados em português, mantidos pelas
36 próprias comunidades de origem portuguesa e brasileira.

Adaptado de: ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. O português como língua de emigrantes. In: _____.
O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006. p. 42-43.

11. (UFRGS) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das linhas 18, 26 e 31, nessa ordem.

- a) imigrado – incarem – exceções
- b) emigrado – incarem – exceções
- c) emigrado – encarem – exceções
- d) imigrado – encarem – excessões
- e) emigrado – encarem – excessões

Anotações:



HABILIDADES À PROVA 4



» *Classes gramaticais*

○ 1. (ENEM)

MORUMBI PRÓXIMA AO COL. PIO XII

Linda residência rodeada por maravilhoso jardim com piscina e amplo espaço gourmet. 1 000 m² construídos em 2 000 m² de terreno, 6 suítes. R\$ 3 200 000. Rua tranquila: David Pimentel. Cód. 480067 Morumbi Palácio Tel.: 3740-5000

Folha de S. Paulo. Classificados, 27 fev. 2012 (adaptado)

Os gêneros textuais nascem emparelhados a necessidades e atividades da vida sociocultural. Por isso, caracterizam-se por uma função social específica, um contexto de uso, um objetivo comunicativo e por peculiaridades linguísticas e estruturais que lhes conferem determinado formato. Esse classificado procura convencer o leitor a comprar um imóvel e, para isso, utiliza-se:

- a) da predominância das formas imperativas dos verbos e de abundância de substantivos.
- b) de uma riqueza de adjetivos que modificam os substantivos, revelando as qualidades do produto.
- c) de uma enumeração de vocábulos, que visam conferir ao texto um efeito de certeza.
- d) do emprego de numerais, quantificando as características e aspectos positivos do produto.
- e) da exposição de opiniões de corretores de imóveis no que se refere à qualidade do produto.

Anotações:



O fardo da sede

Na África, com uma simples torneira na porta de casa, sociedades inteiras poderiam se transformar.

1 Mesmo às 4 da madrugada, à luz das estrelas, Aylito Binayo consegue correr sozinha pelas pedras, morro abaixo, até o rio Toiro e enfrentar a íngreme subida de volta para sua aldeia com 23 quilos de água nas costas. Ela tem feito esse percurso três vezes ao dia em quase todos seus 25 anos de vida, a exemplo de qualquer outra mulher de Foro, a aldeia em que mora no distrito de Konso, no sudoeste da Etiópia. [...]

Num fim de tarde quente, vou com Aylito ao rio carregando um galão vazio. A trilha é inclinada e, em alguns lugares, escorregadia. Descemos aos trancos e barrancos por grandes rochas ladeadas por cactos e arbustos espinhentos. Depois de 50 minutos, chegamos ao rio – ou o que vira rio em algumas épocas do ano. Agora ele é uma série de poços barrentos. As barrancas e as pedras estão cobertas com excremento de burros e vacas. Há cerca de 40 pessoas no rio, o suficiente para que Aylito decida se encaminhar a um ponto rio acima onde a concorrência poderá ser menor [...].

15 Caminhamos por mais dez minutos rio acima, e Aylito reivindica um lugarzinho para se agachar à beira de um bom poço [...]. Uma hora depois de nossa chegada ao rio, Aylito encheu dois galões – um para si, outro que eu deverei carregar para ela. Ela ata uma tira de couro ao meu recipiente e o coloca às minhas costas. Fico grata pelo couro macio da tira – a própria Aylito usa uma corda áspera. Mesmo assim, as tiras lanham meus ombros. Com dificuldade, chego à metade do caminho. Mas, quando a trilha se torna mais íngreme, não consigo ir em frente. Envergonhada, troco de galão com uma garota de uns 8 anos; o dela tem a metade do tamanho do meu. A menina enfrenta como pode o peso do galão maior, mas a cerca de dez minutos do topo o fardo torna-se demais para ela. Aylito pega o pesado galão da garota e o instala em suas próprias costas, em cima do que já carregava. Ela nos fuzila com o olhar de desaprovação e segue montanha acima, agora com perto de 25 litros d'água às costas.

30 “Ao nascer, sabemos que vamos ter uma vida dura”, diz depois, sentada à porta de uma cabana, diante da mandioca que seca sobre uma pele de cabra, segurando seu filho Kumacho. “Essa é a cultura do Konso desde muito tempo antes de nós”. Ela jamais questionou essa vida, nunca esperou nada diferente.

Fonte: ROSENBERG, Tina. O fardo da sede. *National Geographic*, abr. 2010, p. 128-129. (adaptado)

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.



2. (UFSM) Assinale verdadeira (V) ou falsa (F) nas afirmações.

() Ao contextualizar a rotina de uma mulher e relatar em detalhes uma das suas jornadas para trazer água de um rio, o texto apresenta, a partir de elementos concretos, a crise do abastecimento de água na África.

() O texto apresenta uma progressão temporal, indicada por expressões que situam os acontecimentos relatados, tais como “Depois de 50 minutos” (l.10), “Uma hora depois de nossa chegada” (l 16-17) e “depois” (l.29).

() A descrição da trilha, das rochas, dos cactos e dos arbustos dá uma dimensão da dificuldade no percurso até o rio, intensificada pelo peso do galão de água no retorno para casa.

A sequência correta é

- a) F - F - V.
- b) V - F - V.
- c) F - V - F.
- d) V - V - V.
- e) V - F - F.

3. (UFSM) Leia o texto a seguir para responder a questão

Leia o texto a seguir, da autoria de Pelé, para responder à questão.

Bola, chuteira, gol e tecnologia

O uso de *chip* pode acabar com os erros de arbitragem nas partidas de futebol?



Edison Arantes do Nascimento

- 1 O pensamento por trás da defesa da tecnologia para a linha do gol é: se o árbitro acredita que a bola entrou, vai parar o jogo e perguntar a
- 5 alguém num estúdio de TV, que vai responder sim ou não. [...]
- Nos esportes que têm paradas regulares isso é ótimo. Há tempo para verificar as reclamações.
- 10 No futebol as coisas estão sempre acontecendo, e é tudo muito complicado. O gol de Geoff Hurst para a Inglaterra, no jogo contra a Alemanha no final da Copa do Mundo
- 15 de 1966, foi rapidíssimo. Será que esse gol se manteria de pé após um exame minucioso? [...]
- Na realidade, a tecnologia para a linha de gol já se mostrou
- 20 problemática. Em Dubai foram feitos experimentos com um *chip* na bola, mas quando o goleiro cobria esse *chip*, o dispositivo não funcionava. Se você usa a tecnologia e ainda
- 25 assim não obtém resultados certos em todas as situações, ela não aumenta o nível de justiça no jogo.

A resposta de Pelé para a pergunta que constitui o subtítulo do texto é _____, opinião manifestada, dentre outros recursos linguísticos, por meio de índice avaliativo, como _____, e sustentada por argumento construído com recurso de quantificação, como _____.

Assinale a alternativa que completa, corretamente, as lacunas.

- a) não - “problemática” (l.20) - “todas” (l.26)
- b) sim - “ótimo” (l.8) - “certos” (l.25)
- c) sim - “justiça” (l.27) - “tudo” (l.11)
- d) não - “complicado” (l.12) - “mas” (l.22)
- e) não - “certos” (l.25) - “tudo” (l.11)



- 1 Nino, por que você está sempre tão sério e cabisbaixo?
 2 Nino vivia triste. Ele se sentia sozinho. Ninguém queria ser amigo dele.
 3 Pobre Nino.
 4 Um dia, na praia, ele ficou esperançoso de encontrar um amigo.
 5 - Ah, um menino. Quem sabe..., e tentou chegar perto dele.
 6 Mas o menino virou para o lado, cavou um buraco.
 7 E ainda jogou areia no Nino.
 8 Coitado dele.
 9 Outro dia, na escola, ele tentou puxar conversa com uma colega de turma.
 10 Olhou para a menina, que era toda sardenta, uma graça. Esboçou um
 11 sorriso e tentou puxar assunto.
 12 Mas estava tão acostumado a ficar calado e sério que as palavras
 13 demoraram a sair de sua boca.
 14 A menina bonitinha desistiu de esperar que ele dissesse alguma coisa.
 15 Virou-se de costas e foi brincar com uma amiga.
 16 Tadinho do Nino.
 17 Nem os animais pareciam querer ser seus amigos.
 18 Uma tarde, Nino viu um menino com um cão passeando na praça.
 19 Ficou com vontade de agradecer o cachorro, mas ficou com medo de
 20 mordesse.
 21 Fez um agrado bem tímido.
 22 O cão nem aí para ele.
 23 Que pena, Nino.
 24 Até que um dia, ele tinha desistido de procurar.
 25 Pensando em por que quanto mais tentava encontrar um amigo,
 26 sozinho se sentia...
 27 Ficou distraído, pensando, e adormeceu.
 28 Quando acordou, olhou-se no espelho.
 29 Enquanto escovava os dentes, percebeu que fazia muitas caretas.
 30 Achou engraçado. Enxaguou a boca e continuou brincando com o espelho.
 31 Era riso daqui, riso de lá. Era língua do Nino e língua do espelho. Pis-
 32 cadela
 33 aqui, piscadela ali. Começou ali uma verdadeira folia. Era um jogo de
 34 bem engraçadinho? Ele mesmo nunca tinha reparado nisso antes.
 35 Que cara legal era o Nino.
 36 Que garoto charmoso, bem-humorado!
 37 Nino ficou encantado com seu espelho.
 38 Fez-se ali uma grande amizade.
 39 E depois dessa amizade surgiram muitas outras.
 40 Nino hoje é um cara cheio de grandes amigos. Incluindo ele mesmo.
 41 Valeu, Nino.

○ 4. (UFSM)

A - *cabisbaixo* (l. 1), *triste* (l. 2), *sozinho* (l. 2), *calado* (l. 12),
sério (l. 12), *distraído* (l. 30)

B - *engraçadinho* (l. 34), *legal* (l. 35), *charmoso* (l. 36),
bem-humorado (l. 36)

Julgue se é verdadeiro (V) ou falso (F) o que se afirma sobre o emprego e a formação dos adjetivos destacados em A e B.

() No texto, os adjetivos dos grupos A e B expressam qualidades e estados atribuídos a um único referente.

() Os adjetivos do grupo B revelam uma mudança na avaliação do referente, estabelecida a partir da perspectiva que o próprio Nino passa a ter de suas qualidades.

() No processo de formação dos adjetivos, constata-se a contribuição do sufixo em *cabisbaixo* e *charmoso* e do prefixo em *calado* e *bem-humorado*.

A sequência correta é

- a) V - F - V.
 b) F - V - F.
 c) V - V - V.
 d) V - V - F.
 e) F - F - V.

○ 5. (UFSM) Algumas palavras do fragmento a seguir receberam números.

"É uma (1) conquista (2) civilizatória para o Brasil ter a (3) imensa maioria das (4) crianças em idade (5) escolar com acesso às salas de aula (...)"

Analise as afirmativas relacionadas às palavras numeradas.

- I. 1 é um substantivo derivado de um verbo.
 II. 2 e 3 são adjetivos, mas, em relação às palavras que modificam, ocupam posições diferentes.
 III. 4 e 5 não pertencem à mesma classe, mas são formados pelo mesmo processo de derivação sufixal.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
 b) apenas II.
 c) apenas III.
 d) apenas I e II.
 e) I, II e III.

○ 6. (UFSM) Para a identificação da classe de determinadas palavras, a presença do artigo ajuda a perceber a mudança de classe dessas palavras, quando permanecem com a mesma forma. Em qual dos segmentos sublinhados há um exemplo dessa possibilidade?

- Há um menino
 a
 na sinaleira.
 b
 A idade se conta
 c
 nos dedos das mãos.
 d
 (E sobram dedos
 para apontar os culpados.)
 e



7. (UFRGS)

01 O Brasil tem uma das menores populações negras do mun-
02 do, para o IBGE. “Se continuarmos como está, o censo de-
03 mográfico ainda irá mostrar que o Brasil tem menos negros
04 do que a França”, Wania Sant’Anna, historiadora
05 e pesquisadora. Com a segunda maior população negra do
06 mundo, conforme relatório do Programa das Nações Unidas
07 para o Desenvolvimento, publicado em 1997, o Brasil possui-
08 ria, para o IBGE, a pouca expressiva porcentagem de 5% de
09 negros em sua população, segundo o censo demográfico de
10 1991. Para o IBGE, também fazem parte do caldeirão racial
11 brasileiro 45% de pardos e 50% de brancos.

12 Na mira dos ativistas negros, a categoria “pardos”, no
13 questionário do censo do IBGE, é vista como “inconsistente”.
14 Segundo eles, esse é um balaio-de-gatos que dificilmente é
15 alcançado por políticas sociais. “Um diálogo franco e aberto
16 entre os brasileiros pode levar a população parda a se de-
17 clarar negra. Não queremos colocar camisa-de-força em nin-
18 guém. Gostaríamos que os pardos fossem mais livres para
19 dizer: ‘Eu tenho essa origem e não tenho problemas com re-
20 lação a isso’”, Ivanir dos Santos, secretário execu-
21 tivo do Centro de Articulação de Populações Marginalizadas
22 (CEAP).

23 A solução apontada pelo IBGE para a demanda do mo-
24 vimento negro é incluir no questionário do ano 2000, além
25 da habitual pergunta sobre cor e raça, uma questão sobre
26 a origem. “Acho pertinente, porque nunca investigamos no
27 censo as origens do povo brasileiro. De antemão, através
28 de nossos testes, já sabemos que poucas pessoas pardas se
29 dizem afrodescendentes”, Simon Schwartz-
30 man, presidente do IBGE.

Adjetivos podem funcionar como substantivos no contex-
to da frase em que se encontram. Observe os contextos em
que ocorrem os adjetivos abaixo.

1. negras (l. 01)
2. negros (l. 03-04)
3. brasileiros (l. 16)
4. parda (l. 16)
5. pardos (l. 18)
6. brasileiro (l. 27)

Os que funcionam como substantivos são apenas os de nú-
meros:

- a) 1, 2 e 3.
- b) 2, 3 e 5.
- c) 3, 4 e 6.
- d) 4, 5 e 6.
- e) 1, 2, 3 e 4.

Anotações:

8. (UFRGS 2023)

01 *Leia isto.* A depender da maneira como a frase acima
02 for falada, ela será entendida como um pedido, uma or-
03 dem ou uma sugestão.

04 Suponha, por exemplo, que ela seja falada por alguém
05 que acabou de chegar do consultório médico e não con-
06 segue decifrar o que está escrito na receita. Suponha
07 agora que seja falada por um oftalmologista, apontando
08 para a primeira linha de um quadro de letras, durante
09 uma avaliação oftalmológica. Suponha ainda que seja
10 falada por um amigo, numa livraria, segurando o novo
11 livro de Daniel Galera. Agora suponha que a pessoa com
12 a receita quer, na verdade, ironizar porque sabe que nin-
13 guém vai entender os rabiscos do médico e que o amigo,
14 fã de Daniel Galera, denuncia com a sugestão o entu-
15 siasmo pelo novo livro. Suponha, por fim, que o pacien-
16 te examinado comece a ler a segunda linha do quadro e
17 seja interrompido pelo oftalmologista, que aponta para a
18 primeira linha e fala: “Leia ISTO”.

19 Como uma mesma combinação de sons consegue ex-
20 pressar sentidos diversos? Como vimos, a frase que ini-
21 cia este texto pode ser utilizada para realizar diferentes
22 ações (um pedido ou uma ordem, por exemplo), pode in-
23 dicar uma atitude (ironia, por exemplo) ou uma emoção
24 (alegria, entusiasmo, euforia etc.). Também é possível
25 destacar uma das palavras da frase, de maneira a indi-
26 car um contraste (no exemplo, o oftalmologista apontou
27 para o que estava escrito na primeira linha do quadro,
28 em oposição ao que estava escrito na segunda linha). A
29 frase, escrita como está, não consegue sozinha, sem a
30 ajuda de um contexto, expressar nenhum desses senti-
31 dos. Quando falada, sim. Mas que propriedades da fala
32 são responsáveis pela diversidade de sentidos que ela é
33 capaz de expressar? Não são certamente as proprieda-
34 des de cada segmento sonoro individual que formam,
35 em combinação, as palavras. São propriedades que não
36 estão no nível do segmento, mas num nível acima dele.
37 Uma frase como a de nosso exemplo pode ser enunciada
38 mais lenta ou mais rapidamente. Podemos sobrepor uma
39 duração diferenciada a um mesmo grupo de sons. Tam-
40 bém é possível falar a frase bem baixinho ou até mesmo
41 gritá-la. É possível então regular a intensidade de enun-
42 ciação de um mesmo conjunto de sons. Por fim, também
43 podemos usar um tom mais grave (grosso) ou mais agu-
44 do (fino) para falar uma mesma frase.

45 Por sua vez, a escrita tenta capturar a entonação de
46 diversas maneiras. Assim, por exemplo, temos os sinais
47 de pontuação; eles servem para indicar se determinada
48 frase é uma pergunta ou uma afirmação e também para
49 indicar quando uma frase termina e outra começa ou
50 quando ela não terminou por completo e ainda há mais
51 por dizer. Na escrita, utilizamos marcas para explicitar
52 que vamos iniciar uma nova porção do discurso, utiliza-
53 mos maiúsculas ou itálicos para indicar ênfase e assim
54 por diante. No entanto, a escrita não consegue expressar
55 muito do que é possível com a entonação. Comumente te-
56 mos de indicar expressamente que estamos sendo irôni-
57 cos ou gentis, por exemplo, para evitar mal-entendidos na
58 escrita, o que, mesmo de maneira restrita, indica o modo
59 como um texto deve ser lido ou compreendido.

Adaptado de: OLIVEIRA JR., M. O que é entonação? In: OTHERO, G. A.; FLORES, V. N. O que sabemos sobre a linguagem? São Paulo: Parábola, 2022.



No bloco superior abaixo, estão listadas palavras retiradas do texto; no inferior, afirmações sobre a classe gramatical dessas palavras. Associe adequadamente o bloco superior ao inferior.

- () *linha* (l. 08).
- () *sozinha* (l. 29).
- () *diferenciada* (l. 39).
- () *bem* (l. 40).
- () *baixinho* (l. 40).

- 1 - Palavras que estão sendo empregadas como adjetivos.
- 2 - Palavras que estão sendo empregadas como substantivos.
- 3 - Palavras que estão sendo empregadas como advérbios.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a) 2 - 1 - 1 - 3 - 3.
- b) 1 - 3 - 3 - 2 - 1.
- c) 2 - 3 - 1 - 1 - 2.
- d) 1 - 1 - 3 - 3 - 3.
- e) 2 - 1 - 3 - 1 - 3.

01 Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estra-
02 nha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os
03 olhos de minha mãe? Atordoada, custei reconhecer o quar-
04 to da nova casa em que estava morando e não conseguia
05 me lembrar como havia chegado até ali. E a insistente per-
06 gunta, martelando, martelando... De que cor eram os olhos
07 de minha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há
08 meses, posso dizer. Entre um afazer e outro, eu me pegava
09 pensando de que cor seriam os olhos de minha mãe. E o
10 que a princípio tinha sido um mero pensamento interroga-
11 tivo, naquela noite se transformou em uma dolorosa per-
12 gunta carregada de um tom acusatório. Então, eu não sabia
13 de que cor eram os olhos de minha mãe?

14 Sendo primeira de sete filhas, desde cedo, busquei dar
15 conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, pas-
16 sando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de mi-
17 nha mãe aprendi conhecê-la. Decifrava o seu silêncio
18 nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer
19 em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias. Naquele
20 momento, entretanto, me descobria cheia de culpa, por não
21 recordar de que cor seriam os seus olhos. Eu achava tudo
22 muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários
23 detalhes do corpo dela. Da unha encravada do dedo min-
24 dinho do pé esquerdo... Da verruga que se perdia no meio
25 da cabeleira crespa e bela... Um dia, brincando de pentear
26 boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por
27 uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupagens
28 alheias, se tornava uma grande boneca negra para as filhas,
29 descobrimos uma bolinha escondida bem no couro cabelu-
30 do dela. Pensamos que fosse carrapato. A mãe cochilava e
31 uma de minhas irmãs aflita, querendo livrar a boneca-mãe
32 daquele padecer, puxou rápido o bichinho. A mãe e nós ri-
33 mos e rimos e rimos de nosso engano. A mãe riu tanto das
34 lágrimas escorrerem. Mas, de que cor eram os olhos dela?

35 Eu me lembrava também de algumas histórias da infância
36 de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no
37 interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem
38 grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a
39 brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. vezes,
40 as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com
41 de minha própria infância. Lembro-me

42 de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela
43 subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o
44 nosso desesperado desejo de alimento. E era justamen-
45 te nos dias de parco ou nenhum alimento que ela mais
46 brincava com as filhas. Nessas ocasiões a brincadeira pre-
47 ferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha.
48 Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho
49 de madeira.

50 Felizes colhíamos flores cultivadas em um pequeno pe-
51 daço de terra que circundava o nosso barraco. Aquelas
52 flores eram depois solenemente distribuídas por seus ca-
53 belos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências
54 à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos ca-
55 beça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, can-
56 távamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só ria, de uma
57 maneira triste e com um sorriso molhado... Mas de que
58 cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde aquela
59 época, que a mãe inventava esse e outros jogos para dis-
60 traír a nossa fome. E a nossa fome se distraía.

61 De vez em quando, no final da tarde, antes que a noite
62 tomasse conta do tempo, ela se assentava na soleira da
63 porta e juntas ficávamos contemplando as artes das nu-
64 vens no céu. Umias viravam carneirinhos; outras, cachor-
65 rinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas
66 que eram só nuvens, algodão doce. Tudo tinha de ser
67 muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela
68 também se esvaecessem os nossos sonhos. Mas, de que
69 cor eram os olhos de minha mãe?

Adaptado de: EVARISTO, C. *Olhos d'água*.
Rio de Janeiro: Pallas, 2016.



9. (UFRGS 2024)

No bloco superior abaixo, são feitas afirmações sobre o emprego de palavras no texto; no bloco inferior, estão listadas palavras retiradas do texto.

Associe adequadamente o bloco inferior ao superior.

- 1 - Palavra empregada como adjetivo.
- 2 - Palavra empregada como advérbio.
- 3 - Palavra empregada como substantivo.

- () mero (l. 10).
() rápido (l. 15).
() bem (l. 37).
() gigantes (l. 65).
() rápido (l. 67).

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a) 3 - 1 - 3 - 1 - 1.
- b) 2 - 2 - 1 - 3 - 2.
- c) 1 - 2 - 2 - 3 - 1.
- d) 1 - 1 - 2 - 3 - 2.
- e) 3 - 1 - 3 - 1 - 2.

10. (UFRGS)

01 Quando a economia política clássica nasceu, no Reino
02 Unido e na França, ao final do século XVIII e início do sécu-
03 lo XIX, a questão da distribuição da renda já se encontrava
04 no centro de todas as análises. Estava claro que transfor-
05 mações radicais entraram em curso, propelas pelo cresci-
06 mento demográfico sustentado – inédito até então – e pelo
07 início do êxodo rural e da Revolução Industrial. Quais seriam
08 as consequências sociais dessas mudanças?

09 Para Thomas Malthus, que publicou em 1798 seu *Ensaio*
10 *sobre o princípio da população*, não restava dúvida: a super-
11 população era uma ameaça. Preocupava-se especialmente
12 com a situação dos franceses vésperas da Revolução
13 de 1789, quando havia miséria generalizada no campo. Na
14 época, a França era de longe o país mais populoso da Euro-
15 pa: por volta de 1700, já contava com mais de 20 milhões de
16 habitantes, enquanto o Reino Unido tinha pouco mais de 8
17 milhões de pessoas. A população francesa se expandiu em
18 ritmo crescente ao longo do século XVIII, aproximando-se
19 dos 30 milhões. Tudo leva a crer que esse dinamismo de-
20 mográfico, desconhecido nos séculos anteriores, contribuiu
21 para a estagnação dos salários no campo e para o aumento
22 dos rendimentos associados à propriedade da terra, sendo
23 portanto um dos fatores que levaram Revolução Fran-
24 cesa. Para evitar que torvelinho similar vitimasse o Reino
25 Unido, Malthus argumentou que toda assistência aos po-
26 bres.

27 Já David Ricardo, que publicou em 1817 os seus *Princi-
28 pios de economia política e tributação*, preocupava-se com a
29 evolução do preço da terra. Se o crescimento da população
30 e, consequentemente, da produção agrícola se prolongasse,
31 a terra tenderia a se tornar escassa. De acordo com a lei
32 da oferta e da procura, o preço do bem escasso – a terra
33 – deveria subir de modo contínuo. No limite, os donos da
34 terra receberiam uma parte cada vez mais significativa da
35 renda nacional, e o restante da população, uma parte cada
36 vez mais reduzida, destruindo o equilíbrio social. De fato,
37 o valor da terra permaneceu alto por algum tempo, mas,
38 ao longo do século XIX, caiu em relação outras formas
39 de riqueza, à medida que diminuía o peso da agricultura na

40 renda das nações. Escrevendo nos anos de 1810, Ricardo
41 não poderia antever a importância que o progresso tecnoló-
42 gico e o crescimento industrial teriam ao longo das décadas
43 seguintes para a evolução da distribuição da renda.

Adaptado de: PIKETTY, T. *O Capital no Século XXI*. Trad. de M. B. de Bolle.
Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. p.11-13.

Geralmente, substantivos denotam seres ou coisas. Às vezes, no entanto, podem denotar ação ou processo. Assinale a alternativa que contém um substantivo que, no texto, denota processo.

- a) **economia** (l. 01)
- b) **estagnação** (l. 21)
- c) **similar** (l. 24)
- d) **tornar** (l. 31)
- e) **restante** (l. 35)

11. (ENEM)

Seu nome define seu destino. Será?

“O nome próprio da pessoa marca a sua identidade e a sua experiência social e, por isso, é um dado essencial na sua vida”, diz Francisco Martins, professor do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília e autor do livro *Nome próprio* (Editora UnB). “Mas não dá para dizer que ele conduz a um destino específico. É você quem constrói a sua identidade. Existe um processo de elaboração, em que você toma posse do nome que lhe foi dado. Então, ele pesa, mas não é decisivo”. De acordo com Martins, essa apropriação do nome se dá em várias fases: na infância, quando se desenvolve a identidade sexual; na adolescência, quando a pessoa começa a assinar o nome; no casamento, quando ela adiciona (ou não) o sobrenome do marido ao seu. “O importante é a pessoa tomar posse do nome, e não ficar brigando com ele”.

CHAMARY, J. V.; GIL, M. A. Knowledge, jul. 2010.

Pronomes funcionam nos textos como elementos de coesão referencial, auxiliando a manutenção do tema abordado. No trecho da reportagem, o vocábulo “nome” é retomado pelo pronome destacado em:

- a) “**Seu** nome define seu destino”.
- b) “É você quem constrói a **sua** identidade”.
- c) “Existe um processo de elaboração, em **que** você toma posse do nome [...]”.
- d) “[...] você toma posse do nome que **lhe** foi dado”.
- e) “[...] não ficar brigando com **ele**”.



○ 12. (ENEM)

Fazer 70 anos

Fazer 70 anos não é simples.

A vida exige, para o conseguirmos,
perdas e perdas no íntimo do ser,
como, em volta do ser, mil outras perdas.

[...]

Ó José Carlos, irmão-em-Escorpião!

Nós o conseguimos...

E sorrimos

de uma vitória comprada por que preço?

Quem jamais o saberá?

ANDRADE, C. D. Amar se aprende amando. São Paulo: Círculo do Livro, 1992 (fragmento).

O pronome oblíquo "o", nos versos "A vida exige, para o conseguirmos" e "Nós o conseguimos", garante a progressão temática e o encadeamento textual, recuperando o segmento:

- a) "Ó José Carlos".
- b) "perdas e perdas".
- c) "A vida exige".
- d) "Fazer 70 anos".
- e) "irmão-em-Escorpião".

○ 13. (ENEM)



VERÍSSIMO, L. F. As cobras em: Se Deus existe que eu seja atingido por um raio. Porto Alegre: L&PM, 1997, p. 98.

O humor da tira decorre da reação de uma das cobras com relação ao uso de pronome pessoal reto, em vez de pronome oblíquo. De acordo com a norma padrão da língua, esse uso é **inadequado**, pois:

- a) contraria o uso previsto para o registro oral da língua.
- b) contraria a marcação das funções sintáticas de sujeito e objeto.
- c) gera inadequação na concordância com o verbo.
- d) gera ambiguidade na leitura do texto.
- e) apresenta dupla marcação de sujeito.

Anotações:

○ 14. (UFSM) Cada região brasileira possui hábitos alimentares próprios e pratos emblemáticos, que servem como marcadores identitários regionais. Os textos a seguir exemplificam essa situação.

Texto 1

1 No Rio Grande do Sul, o churrasco é a "especialidade local". Não por ser uma comida do cotidiano, mas por estar associado à figura do gaúcho em que "comer" e "fazer" churrasco envolvem um grupo social, e não se refere apenas ao ato de assar a carne, mas, sim, a uma organização social que se estabelece em torno do churrasco. O "fazer um churrasco" obedece a códigos, normas e 10 comportamentos aceitos e reconhecidos por todos, o que leva a pensá-los como um "ritual de comensalidade e de partilha", destaca Maciel (1996).

Fonte: GOES, J.A.W. Hábitos alimentares: globalização ou diversidade? In: FREITAS, M.C.S.; FONTES, G.A.V.; OLIVEIRA, N. (Orgs.). *Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura* [online]. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 392. (adaptado)

Texto 2

1 Em Navegação de cabotagem, uma espécie de "quase-memória" do autor, escreveu Jorge Amado: "onde quer que esteja levo o Brasil comigo mas, ai de mim, não levo s farinha de mandioca e sinto falta todos os dias, ao almoço e ao jantar".

Fonte: SCHWARZ, L.M. O artista da mestiçagem. In: SCHWARZ, L. M.; GOLDSTEIN, I.S. (Orgs.). *O universo de Jorge Amado. Caderno de leituras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 38.

()

- Assinale V na(s) afirmativa(s) verdadeira(s) e F na(s) falsa(s).
- () No Texto 1, "los" (ℓ.11) refere-se, no contexto, a "todos" (ℓ.11).
 - () A palavra "todos", tanto no Texto 1 (ℓ.11) quanto no Texto 2 (ℓ.5), retoma elementos mencionados anteriormente.
 - () No Texto 2, "ai de mim" (ℓ.4) expressa desagrado com relação ao consumo de farinha de mandioca como parte da cultura vivenciada por Jorge Amado.

- a) F – F – F.
- b) V – F – V.
- c) F – V – F.
- d) V – V – F.
- e) F – F – V.



Sujinho e saudável

Pesquisas confirmam que não se deve levar a extremos os cuidados com a higiene das crianças, sob pena de expô-las a alergias e infecções.

1 Uma série de pesquisas feitas desde o fim dos anos 80 leva os cientistas a acreditarem que [...] o exagero do esforço de manter as crianças afastadas das bactérias com que elas se deparam no seu dia a dia pode minar as resistências do organismo e abrir caminho para as doenças que se quer
5 evitar. A mais recente dessas pesquisas, desenvolvida pela Universidade da Califórnia e divulgada há três semanas, conclui que as bactérias *Staphylococcus epidermidis*, presentes na superfície da pele humana, agem sobre as células da epiderme para bloquear os processos inflamatórios. Essa
10 ação evita que pequenos ferimentos infeccionem. Ocorre que essas bactérias são destruídas por desinfetantes, detergentes e sabões.

A secretária gaúcha Andreia Garcia acredita que as mães de hoje são excessivamente preocupadas com a higiene das crianças. Seu filho Guilherme, de 4 anos, adora andar descalço e brincar na terra até ficar encardido, mas nunca leva bronca. "Acho que um pouco de vitamina S,
15 de Sujeira, reforça as defesas do organismo", ela diz. A pesquisa americana confirma a teoria batizada pelos cientistas de hipótese da higiene. Segundo ela, até os 5 anos de idade, quando o sistema imunológico da criança está em fase de amadurecimento, o contato com bactérias traz dois benefícios: prepara o corpo contra alergias e previne doenças autoimunes. [...].

20 "Nosso organismo precisa treinar a tolerância aos agentes externos", diz o imunologista Victor Nudelman, do Hospital Albert Einstein, de São Paulo. A técnica em radiologia Marília Mercer, de Londrina, atribui a saúde dos filhos Mateus, de 10 anos, e Gabriel, de 2, à liberdade que têm para brincar na terra. "Deixo as crianças livres. Se elas caem ou ingerem algo que
25 não devem, não me desespero", ela diz.

Fonte: BUTTI, Nathália. Sujinho e saudável. *Veja, Saúde*, 16 dez. 2009, p. 122-123. (adaptado).

○ 15. (UFSM) Com relação à estrutura frasal e a recursos coesivos presentes no texto, assinale verdadeira (V) ou falsa (F) nas afirmações a seguir.

() No subtítulo, a substituição de "las" por "lhes" é adequada sob o ponto de vista da norma-padrão, haja vista a bitransitividade do verbo expor.

() Em "seu dia a dia" (l.3) e "Seu filho" (l.12), os termos sublinhados retomam o mesmo referente no texto.

() Os elementos "elas" (l.3) e "que" (l.4) referem-se, respectivamente, a "bactérias" (l.3) e "doenças" (l.4).

A sequência correta é

a) F - V - F.

b) V - F - V.

c) F - F - F.

d) V - V - F.

e) F - V - V.



Para responder à questão 16, leia o texto apresentado a seguir, que integra a reportagem intitulada *Leitura, moral e ética* sobre o 1º Seminário Victor Civita de Educação. Essa matéria foi publicada na edição de novembro de 2006 da revista Nova Escola.

Professor peregrino

- 1 - Para analisar a ética e a moral do homem pós-moderno e propor caminhos mais promissores, o psicólogo Yves de La Taille comparou-o a um turista e colocou-o em oposição a um peregrino.
- 5 - O turista, de acordo com ele, viaja por recreação, busca apenas o prazer, não dá atenção à situação social do local que visita e muito menos às pessoas que lá estão apenas para servi-lo.
Raramente traz de volta uma experiência de vida.
- 10 - Para o turista, pouco importa o caminho. O tempo da viagem é um hiato, um tempo perdido, programado, quando geralmente ele dorme. A programação do turista é prévia: ele quer conhecer partes, em tempos corretos, e nada pode dar errado. Sua viagem, em geral, nada tem a ver com o momento que está vivendo, antes e depois das férias.
- 15 - Já o peregrino, segundo De La Taille, viaja porque tem um querer, busca alguma coisa, uma identidade. Escreve um diário e traz da sua viagem uma experiência. Para ele, a ida e a volta são lentas e importantes, o caminhar tem seu valor. O peregrino não busca o prazer, mas a alegria. Enquanto o turista espera, o peregrino quer.
“Que cidadãos estamos reproduzindo na escola, turistas ou peregrinos?”, perguntou De La Taille, acreditando ser a primeira opção a resposta.
- 25 - Para ele, vivemos numa era de fragmentação, tanto de tempos como de espaços. E citou o Jornal Nacional, com seus fragmentos de notícias, os shoppings, com suas lojas que nada têm a ver umas com as outras (a não ser o fato de serem lojas), os vídeos, com suas colagens de imagens desconexas... “Nosso tempo é uma sequência de pequenas urgências”, argumentou.
O celular, que o psicólogo fez questão de dizer que não tem, e o e-mail, da forma como são utilizados, são os exemplos máximos desse tipo de fragmentação. “Vivemos a ditadura do prazer numa época em que a ordem é comunicar-se, o que é muito diferente de estar com o outro”.
- 35 - Mas o que vai na bagagem de um professor turista e de um professor peregrino? A questão, feita por um dos presentes, foi assim respondida por De La Taille: “Na bagagem do turista – grande e espaçosa –, encontraríamos apenas as receitas, a tecnologia. Na do peregrino – uma trouxinha, pois o que importa está na cabeça –, haveria o conhecimento, a experiência e tudo o que ele tem a compartilhar com seus alunos”.

RICARDO FALZETTA

○ 16. (UFSM) Conforme La Taille, o homem pós-moderno identifica-se, ética e moralmente, com um turista e opõe-se a um peregrino. A distinção entre turista e peregrino é também analisada na esfera da cidadania e da educação, o que leva o redator a usar, no texto, mecanismos de coesão para retomar esses dois referentes, evitando sua repetição. Todos os elementos coesivos sublinhados nos segmentos a seguir retomam turista, À EXCEÇÃO DE

- a) lá estão apenas para servi-lo. (l. 6-7)
b) quando geralmente ele dorme. (l. 10-11)
c) Sua viagem, em geral, nada tem a ver (...) (l. 12-13)
d) acreditando ser a primeira opção a resposta. (l. 22-23)
e) ele tem a compartilhar com seus alunos. (l. 41)

○ 17. (UFSM) Leia o quadrinho:

PREZADO CLIENTE
SUA SIGNE
SATISFAÇÃO
É NOSSO MAIORAL
PRAZER

Duas palavras, *signe* e *maioral*, provocam estranhamento por estarem, de certa forma, em desacordo com a expectativa de uma tabuleta de bar de campanha. Analise as afirmativas a seguir sobre os elementos linguísticos que compõem o aviso de boas-vindas.

- I. Embora não apareça em dicionários contemporâneos, a palavra *signe*, no contexto, desempenha papel de substantivo.
II. Tradicionalmente, *maioral* é um substantivo que significa chefe, superior; por isso, causa estranheza o seu papel de qualificar *prazer*, que também é um substantivo.
III. Os pronomes demonstrativos põem em evidência a relação entre cliente e proprietário.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas II.
b) apenas I e II.
c) apenas III.
d) apenas I e III.
e) I, II e III.

Anotações:



Leia o texto III para responder à questão 18.

Texto III



Liberdade - Quino.

○ 18. (UFSM) Analise as afirmações relacionadas a "Um triângulo cujos lados são todos iguais é.....?" (5º quadrinho)

- I. Como equi significa igual, a palavra que completa a frase é equiângulo.
- II. O pronome relativo "cujos" se relaciona com "triângulo" - o possuidor - e concorda com "lados" - o elemento possuído.
- III. O acréscimo de um artigo antes da palavra "lados" tornaria a oração mais adequada ao padrão culto da língua.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- d) apenas I e II.
- e) apenas I e III.

Leia o texto da questão 08 para responder à questão 19.

○ 19. (UFRGS 2023) Assinale a alternativa em que, de acordo com o texto, o primeiro elemento está corretamente relacionado ao segundo.

- a) *que* (l. 20) - *o paciente* (l. 15-16).
- b) Elipse antes de *pode* (l. 22) - *combinação de sons* (l. 19).
- c) *ela* (l. 32) - *A frase* (l. 37).
- d) *que* (l. 35) - *propriedades da fala* (l. 31).
- e) *dele* (l. 36) - *num nível* (l. 36).

○ 20. (UFRGS 2022)

- 1 - Esse delírio que por aí vai pelo futebol seus fundamentos na própria natureza humana. O espetáculo da luta sempre foi o maior encanto do homem; e o prazer da vitória, pessoal ou do partido, foi, e será a ambrosia dos deuses manipulada na Terra. Admiramos hoje os grandes filósofos gregos, Platão, Sócrates, Aristóteles; seus coevos, porém, admiravam muito mais os atletas que venciam no estádio. Milon de Crotona, campeão na arte de torcer pescoços de touros, só para nós tem menos importância que seu mestre Pitágoras. Para os gregos, para a massa popular grega, seria inconcebível a ideia de que o filósofo pudesse no futuro ofuscar a glória do lutador.
- 5 -
- 10 -

Na França, o homem hoje mais popular é George Carpentier, mestre em socos de primeira classe; e, se derem nas massas um balanço sincero, verão que ele sobrepuja em prestígio aos próprios chefes supremos vencedores da guerra.

Nos Estados Unidos, há sempre um campeão de boxe tão entranhado na idolatria do povo que está em suas mãos subverter o regime político.

20 - E os delírios coletivos provocados pelo combate de dois campeões em campo? Impossível assistir-se a espetáculo mais revelador da alma humana que os jogos de futebol.

Não é mais esporte, é guerra. Não se batem duas equipes, mas dois povos, duas nações. Durante o tempo da luta, de quarenta a cinquenta mil pessoas deliram em transe, estáticas, na ponta dos pés, coração aos pulos e nervos tensos como cordas de viola. Conforme corre o jogo, pausas de silêncio absoluto na multidão suspensa, ou deflagrações violentíssimas de entusiasmo, que só a palavra delírio classifica. E gente pacífica, bondosa, incapaz de sentimentos exaltados, sai fora de si, torna-se capaz de cometer os mais horroresos desatinos.

25 - A luta de vinte e duas feras no campo transforma em feras os cinquenta mil espectadores, possibilitando um enfraquecimento mútuo, num conflito horrendo, caso um incidente qualquer funda em corisco, eletricidades psíquicas acumuladas em cada indivíduo.

30 - O jogo de futebol teve a honra de despertar o nosso povo do marasmo de nervos em que vivia.

Adaptado de LOBATO, Monteiro. A onda verde. São Paulo: Globo, 2008. p. 119-120.

Considere as seguintes afirmações.

- I - O pronome possessivo **seus** (l. 01) expressa uma relação entre **fundamentos** (l. 01-02) e **natureza humana** (l. 02).
- II - O pronome possessivo **seu** (l. 10) expressa uma relação entre **campeão** (l. 08) e **mestre Pitágoras** (l. 10).
- III - O pronome possessivo **suas** (l. 18) expressa uma relação entre **um campeão de boxe** (l. 17) e **mãos** (l. 18).

Quais estão corretas?



- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

○ 21. (UFRGS 2022)

- 1 - Entre a desordem carnavalesca, que permite e estimula o excesso, e a ordem, que requer a continência e a disciplina pela obediência estrita às leis, como é que nós, brasileiros, ficamos? Qual a nossa relação e a nossa atitude para com e
- 5 - diante de uma lei universal que teoricamente deve valer para todos? Como procedemos diante da norma geral, se fomos criados numa casa onde, desde a mais tenra idade, aprendemos que há sempre um modo de satisfazer nossas vontades e desejos, mesmo que isso vá de encontro às normas do bom-senso e da coletividade em geral?

10 - Num livro que escrevi – *Carnavais, malandros e heróis* –, lancei a tese de que o dilema brasileiro residia numa trágica oscilação entre um esqueleto nacional feito de leis universais cujo sujeito era o indivíduo e situações onde cada qual se

15 - salvava e se despachava como podia, utilizando para isso o seu sistema de relações pessoais. Haveria, assim, nessa colocação, um verdadeiro combate entre as leis que devem valer para todos e as relações que evidentemente só podem funcionar para quem as tem. O resultado é um sistema social dividido e até mesmo equilibrado entre duas unidades sociais básicas: o indivíduo (o sujeito das leis universais que modernizam a sociedade) e a pessoa (o sujeito das relações pessoais, que conduz ao polo tradicional do sistema). Entre os dois, o coração dos brasileiros balança. E no meio dos dois,

20 - a malandragem, o “jeitinho” e o famoso e antipático “sabe com quem está falando?” seriam modos de enfrentar essas contradições e paradoxos de modo tipicamente brasileiro. Ou seja: fazendo uma mediação também pessoal entre a lei,

25 - a situação onde ela deveria aplicar-se e as pessoas nela implicadas, de tal sorte que nada se modifique, apenas ficando a lei um pouco desmoralizada, mas, como ela é insensível e não é gente como nós, todo mundo fica, como se diz, numa boa, e a vida retorna ao seu normal...

- 30 - De fato, como é que reagimos diante de um “proibido estacionar”, “proibido fumar”, ou diante de uma fila quilométrica? Como é que se faz diante de um requerimento que está sempre errado? Ou diante de um prazo que já se esgotou e conduz a uma multa automática que não foi divulgada de modo apropriado pela autoridade pública? Ou de uma taxa-
- 35 - ção injusta e abusiva?

Adaptado de: DA MATTA, Roberto. O que faz o Brasil, Brasil?. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. p. 97-99.

Assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as afirmações a seguir.

- () O pronome **isso** (l. 09) se refere ao trecho **um modo de satisfazer nossas vontades e desejos** (l. 08-09).
- () O pronome **cujo** (l. 14) expressa uma relação de posse entre **trágica oscilação** (l. 12-13) e **sujeito** (l. 14).
- () O pronome **isso** (l. 15) se refere à ideia de cada um se salvar e se despachar como pode, expressa nas linhas 14-15.
- () O pronome **ela** (l. 29) se refere à expressão **uma mediação** (l. 38).

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) V - F - F - V.
- b) V - F - V - F.
- c) F - V - F - V.
- d) V - V - V - F.
- e) F - V - F - F.

○ 22. (UFRGS)

01 Muita gente que ouve a expressão “políticas linguísticas”
 02 pela primeira vez pensa em algo solene, formal, oficial, em
 03 leis e portarias, em autoridades oficiais, e pode ficar se per-
 04 guntando o que seriam leis sobre línguas. De fato, há leis sob-
 05 re línguas, mas as políticas linguísticas também podem ser
 06 menos formais – e nem passar por leis propriamente ditas.
 07 Em quase todos os casos, figuram no cotidiano, pois envol-
 08 vem não só a gestão da linguagem, mas também as práticas
 09 de linguagem, e as crenças e os valores que circulam a res-
 10 peito delas. Tome, por exemplo, a situação do cidadão das
 11 classes confortáveis brasileiras, que quer que a escola ensine
 12 a norma culta da língua portuguesa. Ele folga em saber que
 13 se vai exigir isso dos candidatos às vagas para o ensino supe-
 14 rior, mas nem sempre observa ou exige o mesmo padrão cul-
 15 to, por exemplo, na ata de condomínio, que ele aprova como
 16 está, desapegada da ortografia e das regras de concordância
 17 verbais e nominais preconizadas pela gramática normativa.
 18 Ele acha ótimo que a escola dos filhos faça baterias de exercí-
 19 cios para fixar as normas ortográficas, mas pouco se incomo-
 20 da com os problemas de redação nos enunciados das tarefas
 21 dirigidas às crianças ou nos textos de comunicação da escola
 22 dirigidos à comunidade escolar. Essas são políticas linguísti-
 23 cas. Afinal, onde há gente, há grupos de pessoas que falam
 24 línguas. Em cada um desses grupos, há decisões, tácitas ou
 25 explícitas, sobre como proceder, sobre o que é aceitável ou
 26 não, e por aí afora. Vamos chamar essas escolhas – assim
 27 como as discussões que levam até elas e as ações que delas
 28 resultam – de políticas. Esses grupos, pequenos ou grandes,
 29 de pessoas tratam com outros grupos, que por sua vez usam
 30 línguas e têm as suas políticas internas. Vivendo imersos em
 31 linguagem e tendo constantemente que lidar com outros in-
 32 divíduos e outros grupos mediante o uso da linguagem, não
 33 surpreende que os recursos de linguagem lá pelas tantas se
 34 tornem, eles próprios, tema de política e objetos de políticas
 35 explícitas. Como esses recursos podem ou devem se apre-
 36 sentar? Que funções eles podem ou devem ter? Quem pode
 37 ou deve ter acesso a eles? Muito do que fazemos, portanto,
 38 diz respeito às políticas linguísticas.

Adaptado de: GARCEZ, P. M.; SCHULZ, L. Do que tratam as políticas linguísticas. ReVEL, v. 14, n. 26, 2016.

Assinale com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as afirmações abaixo, acerca das relações referenciais no texto.



- () **delas** (l. 10) retoma **políticas linguísticas** (l. 05).
 () **Ele** (l. 12) retoma **cidadão das classes confortáveis brasileiras** (l. 10-11).
 () **elas** (l. 27) retoma **as discussões** (l. 27).
 () **eles** (l. 37) retoma **esses recursos** (l. 35).

A alternativa que preenche corretamente os parênteses, de cima para baixo, é:

- a) F - V - F - V
 b) F - V - F - F
 c) F - F - V - V
 d) V - F - V - F
 e) V - V - F - V

○ 23. (UFRGS)

01 Entre as situações linguísticas que o português já viveu
 02 em seu contato com outras línguas, cabe considerar uma
 03 situação que se realiza em nossos dias: aquela em que ele
 04 é uma língua de emigrantes. Para o leitor brasileiro, soar
 05 talvez estranho que falemos aqui do português como uma
 06 língua de *emigrantes*, pois o Brasil foi antes de mais nada
 07 um país para o qual se dirigiam em massa, durante mais de
 08 dois séculos, pessoas nascidas em vários países europeus e
 09 asiáticos; assim, para a maioria dos brasileiros, a represen-
 10 tação mais natural é a da convivência no Brasil com *imigran-
 11 tes* vindos de outros países. Sabemos, entretanto, que, nos
 12 últimos cem anos, muitos falantes do português foram bus-
 13 car melhores condições de vida, partindo não só de Portugal
 14 para o Brasil, mas também desses dois países para a Amé-
 15 rica do Norte e para vários países da Europa: em certo mo-
 16 mento, na década de 1970, viviam na região parisiense mais
 17 de um milhão de portugueses – uma população superior à
 18 que tinha então a cidade de Lisboa. Do Brasil, têm ____ nas
 19 últimas décadas muitos jovens e trabalhadores, dirigindo-se
 20 aos quatro cantos do mundo.

21 A existência de comunidades de imigrantes é sempre
 22 uma situação delicada para os próprios imigrantes e para
 23 o país que os recebeu: normalmente, os imigrantes vão a
 24 países que têm interesse em usar sua força de trabalho,
 25 mas qualquer oscilação na economia faz com que os nativos
 26 ____ sua presença como indesejável; as diferenças na cul-
 27 tura e na fala podem alimentar preconceitos e desencadear
 28 problemas reais de diferentes ordens.

29 Em geral, proteger a cultura e a língua do imigrante não
 30 é um objetivo prioritário dos países hospedeiros, mas no caso
 31 do português tem havido _____. Em certo momento, o por-
 32 tuguês foi uma das línguas estrangeiras mais estudadas na
 33 França; e, em algumas cidades do Canadá e dos Estados Uni-
 34 dos, um mínimo de vida associativa tem garantido a sobre-
 35 vivência de jornais editados em português, mantidos pelas
 36 próprias comunidades de origem portuguesa e brasileira.

Adaptado de: ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. O português como língua de emigrantes. In: _____.
 O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006. p. 42-43.

Assinale a alternativa em que se estabelece uma relação cor-
 reta entre uma expressão e aquilo a que se refere.

- a) **aquela** (l. 03) - língua
 b) **aqui** (l. 05) - Brasil
 c) **o qual** (l. 07) - Brasil
 d) **que** (l. 18) - cidade de Lisboa
 e) **sua presença** (l. 26) - presença dos imigrantes

○ 24. (UFRGS)

01 Não faz muito que temos esta nova TV com controle re-
 02 moto, mas devo dizer que se trata agora de um instrumento
 03 sem o qual eu não saberia viver. Passo os dias sentado na
 04 velha poltrona, mudando de um canal para o outro – uma
 05 tarefa que antes exigia certa movimentação, mas que ago-
 06 ra ficou muito fácil. Estou num canal, não gosto – zap, mudo
 07 para outro. Eu gostaria de ganhar em dólar num mês o núme-
 08 ro de vezes que você troca de canal em uma hora, diz minha
 09 mãe. Trata-se de uma pretensão fantasiosa, mas pelo menos
 10 indica disposição para o humor, admirável nessa mulher.

11 Sofre minha mãe. Sempre sofreu: infância carente, pai
 12 cruel, etc. Mas o seu sofrimento aumentou muito quando
 13 meu pai a deixou. Já faz tempo; foi logo depois que eu nas-
 14 ci, e estou agora com treze anos. Uma idade em que se vê
 15 muita televisão, e em que se muda de canal constantemen-
 16 te, ainda que minha mãe ache isso um absurdo. Da tela,
 17 uma moça sorridente pergunta se o caro telespectador já
 18 conhece certo novo sabão em pó. Não conheço nem quero
 19 conhecer, de modo que – zap – mudo de canal. “Não me
 20 abandone, Mariana, não me abandone!”. Abandono, sim.
 21 Não tenho o menor remorso, e agora é um desenho, que
 22 eu já vi duzentas vezes, e – zap – um homem falando. Um
 23 homem, abraçado guitarra elétrica, fala uma en-
 24 trevistadora. É um roqueiro. É meio velho, tem cabelos gri-
 25 salhos, rugas, falta-lhe um dente. É o meu pai.

26 É sobre mim que ele fala. Você tem um filho, não tem?,
 27 pergunta a apresentadora, e ele, meio constrangido – situ-
 28 ação pouco admissível para um roqueiro de verdade –, diz
 29 que sim, que tem um filho, só que não vê há muito tempo.
 30 Hesita um pouco e acrescenta: você sabe, eu tinha que fazer
 31 uma opção, era a família ou o rock. A entrevistadora, porém,
 32 insiste (é chata, ela): mas o seu filho gosta de rock? Que você
 33 saiba, seu filho gosta de rock?

34 Ele se mexe na cadeira; o microfone, preso desbo-
 35 tada camisa, roça-lhe o peito, produzindo um desagradável
 36 e bem audível rascar. Sua angústia é compreensível; aí está,
 37 num programa local e de baixíssima audiência – e ainda tem
 38 de passar pelo vexame de uma pergunta que o embarça e
 39 à qual não sabe responder. E então ele me olha. Vocês dirão
 40 que não, que é para a câmera que ele olha; aparentemente
 41 é isso; mas na realidade é a mim que ele olha, sabe que,
 42 em algum lugar, diante de uma tevê, estou a fitar seu rosto
 43 atormentado, as lágrimas me correndo pelo rosto; e no meu
 44 olhar ele procura a resposta pergunta da apresentado-
 45 ra: você gosta de rock? Você gosta de mim? Você me perdoa?
 46 – mas aí comete um engano mortal: insensivelmente, auto-
 47 maticamente, seus dedos começam a dedilhar as cordas da
 48 guitarra, é o vício do velho roqueiro. Seu rosto se ilumina e
 49 ele vai dizer que sim, que seu filho ama o rock tanto quanto
 50 ele, mas nesse momento – zap – aciono o controle remoto
 51 e ele some. Em seu lugar, uma bela e sorridente jovem que
 52 está – à exceção do pequeno relógio que usa no pulso – nua,
 53 completamente nua.

Adaptado de: SCLIAR, M. Zap. In: MORICONI, Í. (Org.) Os cem melhores contos brasileiros.
 Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 547-548.

Assinale a alternativa que estabelece uma relação correta en-
 tre um pronome ou expressão e aquilo a que se refere no texto.

- a) **o qual** (l. 03) - um instrumento
 b) **isso** (l. 16) - sofrimento da mãe do personagem
 c) **ele** (l. 27) - velho
 d) **lhe** (l. 35) - camisa
 e) **seu lugar** (l. 51) - lugar do rock

○ 25. (UFRGS)

01 Assim que a seleção francesa foi desclassificada, tirando
02 da competição a supostamente invencível Marselhesa, *The*
03 *Guardian* anunciou: “O Brasil agora possui o melhor hino
04 nacional da Copa Mundial de 2002”. E não apareceu ninguém
05 para desmentir o jornal inglês.

06 Para *The Guardian*, nosso hino nacional é “o mais alegre,
07 o mais animado, o mais melodioso e o mais encantador do
08 planeta”.

09 A despeito da secular pinimba dos britânicos com os
10 franceses, não me pareceu forçada a restrição que fizeram à
11 Marselhesa e seus “belicosos apelos às armas”, desfavoravel-
12 mente comparados ao estímulo aos sentimentos nacionais e
13 às belezas naturais do florão da América contido nos versos
14 que Joaquim Osório Duque Estrada escreveu para a música
15 de Francisco Manuel da Silva.

16 Cânticos de louvor a nações e seus povos, os hinos pouco
17 se diferenciam: são quase sempre hipérbolos patrióticas, não
18 raro jingoístas, demasiado apegadas a glórias passadas e
19 inclinadas a exortar a alma guerreira que em muitos de nós
20 dormita. Entretanto, comparado aos hinos dos países que
21 nós derrotamos nas três fases da Copa, o nosso ganha fácil
22 em beleza melódica e expressividade poética. “É como se
23 tivesse vindo pronto, já composto, de uma casa de ópera”,
24 bajulou *The Guardian*.

25 Quase um século nos separa da concepção da letra do
26 *Hino Nacional Brasileiro*. Ela é antiga, solene, inflamada, alam-
27 bicada, anacrônica, como todas de sua espécie. Custamos a
28 nos acostumar com ela. Suas anástrofes e seus cacófatos
29 até hoje aturdem as crianças. Passei um bom tempo de
30 minha infância sem atinar para o sentido de alguns versos e

31 acreditando que a nossa terra era “margarida”, e não “mais
32 garrida”. Por uma deformação mental qualquer – ou, quem
33 sabe, condicionado por outros hinos e por fatos de nossa nada
34 incruenta história, vivia a cantar “paz no futuro e guerra (em
35 vez de ‘glória’) no passado”. Encontrei uma versão em que
36 tiraram do berço o gigante eternamente deitado: “Erguido
37 virilmente em solo esplêndido / Entre as ondas do mar e o
38 céu profundo”. Prefiro os versos originais. Não por convicções
39 ideológicas, mas por uma questão de métrica, de eufonia – e
40 um pouco por desconhecer que sempre vivemos deitados em
41 berço esplêndido, dormindo mais do que deveríamos.

Adaptado de: AUGUSTO, Sérgio. *Bravo!*, ano 5, nº 59, ago. 2002.

Assinale com V (verdadeiro) as ocorrências em que a palavra **que** substitui uma palavra ou expressão anteriormente explicitada no texto e com F (falso) as ocorrências da palavra **que** em que isso **não** ocorre:

- () **que** a seleção francesa foi desclassificada (l. 01)
- () **que** Joaquim Osório Duque Estrada escreveu (l. 14)
- () **que** nós derrotamos nas três fases da Copa (l. 20-21)
- () **que** a nossa terra era “margarida” (l. 31)
- () **que** sempre vivemos deitados em berço esplêndido (l. 40-41)

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) V - F - F - V - V
- b) F - V - V - F - F
- c) F - V - V - V - F
- d) F - F - F - F - V
- e) V - V - F - F - F

○ 26. (ENEM) Certa vez minha mãe surrou-me com uma corda nodosa que me pintou as costas de manchas sangrentas. Moído, virando a cabeça com dificuldade, eu distinguia nas costelas grandes lanhos vermelhos. Deitaram-me, enrolaram-me em panos molhados com água de sal – e houve uma discussão na família. Minha avó, que nos visitava, condenou o procedimento da filha e esta afligiu-se. Irritada, ferira-me à toa, sem querer. Não guardei ódio a minha mãe: o culpado era o nó.

RAMOS, G. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

Num texto narrativo, a sequência dos fatos contribui para a progressão temática. No fragmento, esse processo é indicado pela:

- a) alternância das pessoas do discurso que determinam o foco narrativo.
- b) utilização de formas verbais que marcam tempos narrativos variados.
- c) indeterminação dos sujeitos de ações que caracterizam os eventos narrados.
- d) justaposição de frases que relacionam semanticamente os acontecimentos narrados.
- e) recorrência de expressões adverbiais que organizam temporalmente a narrativa.

○ 27. (ENEM) Em junho de 1913, embarquei para a Europa a fim de me tratar num sanatório suíço. Escolhi o de Clavadel, perto de Davos-Platz, porque a respeito dele me falara João Luso, que ali passara um inverno com a senhora. Mais tarde vim a saber que antes de existir no lugar um sanatório, lá estivera por algum tempo Antônio Nobre. “Ao cair das folhas”, um de seus mais belos sonetos, talvez o meu predileto, está datado de “Clavadel, outubro, 1895”. Fiquei na Suíça até outubro de 1914.

BANDEIRA, M. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.

No relato de memórias do autor, entre os recursos usados para organizar a sequência dos eventos narrados, destaca-se a

- a) construção de frases curtas a fim de conferir dinamicidade ao texto.
- b) presença de advérbios de lugar para indicar a progressão dos fatos.
- c) alternância de tempos do pretérito para ordenar os acontecimentos.
- d) inclusão de enunciados com comentários e avaliações pessoais.
- e) alusão a pessoas marcantes na trajetória de vida do escritor.



○ 28. (ENEM) João/Zero (Wagner Moura) é um cientista genial, mas infeliz porque há 20 anos atrás foi humilhado publicamente durante uma festa e perdeu Helena (Alinne Moraes), uma antiga e eterna paixão. Certo dia, uma experiência com um de seus inventos permite que ele faça uma viagem no tempo, retornando para aquela época e podendo interferir no seu destino. Mas quando ele retorna, descobre que sua vida mudou totalmente e agora precisa encontrar um jeito de mudar essa história, nem que para isso tenha que voltar novamente ao passado. Será que ele conseguirá acertar as coisas?

Disponível em: <http://adorocinema.com>. Acesso em: 4 out. 2011.

Qual aspecto da organização gramatical atualiza os eventos apresentados na resenha, contribuindo para despertar o interesse do leitor pelo filme?

- O emprego do verbo *haver*, em vez de *ter*, em “há 20 anos atrás foi humilhado”.
- A descrição dos fatos com verbos no presente do indicativo, como “retorna” e “descobre”.
- A repetição do emprego da conjunção “mas” para contrapor ideias.
- A finalização do texto com a frase de efeito “Será que ele conseguirá acertar as coisas?”.
- O uso do pronome de terceira pessoa “ele” ao longo do texto para fazer referência ao protagonista “João/Zero”.

○ 29. (ENEM)

E-mail no ambiente de trabalho

T. C., consultor e palestrante de assuntos ligados ao mercado de trabalho, alerta que a objetividade, a organização da mensagem, sua coerência e ortografia são pontos de atenção fundamentais para uma comunicação virtual eficaz.

E, para evitar que erros e falta de atenção resultem em saias justas e situações constrangedoras, confira cinco dicas para usar o *e-mail* com bom senso e organização:

- Responda às mensagens imediatamente após recebê-las.
- Programe sua assinatura automática em todas as respostas e encaminhamentos.
- Ao final do dia, exclua as mensagens sem importância e arquive as demais em pastas previamente definidas.
- Utilize o recurso de “confirmação de leitura” somente quando necessário.
- Evite mensagens do tipo “corrente”.

Disponível em: <http://noticias.uol.com.br>. Acesso em: 30 jul. 2012 (fragmento).

O texto apresenta algumas sugestões para o leitor. Esse caráter instrucional é atribuído, principalmente, pelo emprego:

- do modo verbal imperativo, como em “responda” e “programe”.
- das marcas de qualificação do especialista, como “consultor” e “palestrante”.
- de termos específicos do discurso no mundo virtual.
- de argumentos favoráveis à comunicação eficaz.
- da palavra “dica” no desenvolvimento do texto.

○ 30. (ENEM)



Disponível em: www.behance.net. Acesso em: 21 fev. 2013 (adaptado).

A rapidez é destacada como uma das qualidades do serviço anunciado, funcionando como estratégia de persuasão em relação ao consumidor do mercado gráfico. O recurso da linguagem verbal que contribui para esse destaque é o emprego:

- do termo “fácil” no início do anúncio, com foco no processo.
- de adjetivos que valorizam a nitidez da impressão.
- das formas verbais no futuro e no pretérito, em sequência.
- da expressão intensificadora “menos do que” associada à qualidade.
- da locução “do mundo” associada a “melhor”, que quantifica a ação.

○ 31. (ENEM-2020)

DECRETO N. 28 314, DE 28 DE SETEMBRO DE 2007

Demite o Gerúndio do Distrito Federal e dá outras providências.

O **GOVERNADOR DO DISTRITO FEDERAL**, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 100, incisos VII e XXVI, da Lei Orgânica do Distrito Federal, DECRETA:

Art. 1º Fica demitido o Gerúndio de todos os órgãos do Governo do Distrito Federal.

Art. 2º Fica proibido, a partir desta data, o uso do gerúndio para desculpa de INEFICIÊNCIA.

Art. 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 28 de setembro de 2007.
119º da República e 48º de Brasília

Disponível em: www.dodf.gov.br. Acesso em: 11 dez. 2017.

Esse decreto pauta-se na ideia de que o uso do gerúndio, como “desculpa de ineficiência”, indica:

- conclusão de uma ação.
- realização de um evento.
- repetição de uma prática.
- continuidade de um processo.
- transferência de responsabilidade.



32. (ENEM)



BROWNE, C. Hagar, o horrível. Jornal O GLOBO, Segundo Caderno. 20 fev. 2009.

A linguagem da tirinha revela:

- a) o uso de expressões linguísticas e vocabulário próprios de épocas antigas.
- b) o uso de expressões linguísticas inseridas no registro mais formal da língua.
- c) o caráter coloquial expresso pelo uso do tempo verbal no segundo quadrinho.
- d) o uso de um vocabulário específico para situações comunicativas de emergência.
- e) a intenção comunicativa dos personagens: a de estabelecer a hierarquia entre eles.

33. (ENEM)

Querido Sr. Clemens,

Sei que o ofendi porque sua carta, não datada de outro dia, mas que parece ter sido escrita em 5 de julho, foi muito abrupta; eu a li e reli com os olhos turvos de lágrimas. Não usarei meu maravilhoso broche de peixe-anjo se o senhor não quiser; devolverei ao senhor, se assim me for pedido...

OATES, J. C. Descanse em paz. São Paulo: Leya, 2008.

Nesse fragmento de carta pessoal, quanto à sequenciação dos eventos, reconhece-se a norma padrão pelo(a):

- a) colocação pronominal em próclise.
- b) uso recorrente de marcas de negação.
- c) emprego adequado dos tempos verbais.
- d) preferência por arcaísmos, como “abrupta” e “turvo”.
- e) presença de qualificadores, como “maravilhoso” e “peixe-anjo”.

Anotações:



World Happiness Report 2023



Fonte: Shaurya Sagar/Unplash. Disponível em: <<https://unsplash.com/pt-br/fotografias/A4wa3SpyOsg>>. Acesso em: 15 maio 2023. (Adaptado)

1 Seguindo a tradição, a ONU divulgou a edição de 2023 do Relatório Mundial da Felicidade (WHR) no dia 20 de março, data em que se celebra o Dia Mundial da Felicidade. Mesmo que haja diferentes visões sobre o

5 que é felicidade, nos últimos 10 anos, mais e mais pessoas passaram a acreditar que o sucesso de um país deveria ser avaliado pela felicidade de seu povo.

Parece evidente que um país prospera se sua população experimenta níveis elevados de satisfação geral por

10 meio de uma vida saudável, significativa e igualmente próspera. Não é, portanto, nenhuma surpresa que países com melhores índices de desenvolvimento figurem entre os primeiros no *ranking* do WHR 2023.

E, como tem ocorrido nos últimos 6 anos, a

15 Finlândia é o país que apresenta a maior média nos níveis de felicidade de sua população. A Dinamarca e a Islândia seguem logo atrás, em 2º e 3º lugar. Holanda, Suécia, Noruega e Nova Zelândia também figuram entre os 10 países mais felizes (ver o Quadro a seguir).

	2020		2021		2022		2023	
	Posição	Pontos	Posição	Pontos	Posição	Pontos	Posição	Pontos
Finlândia	1º	7809	1º	7842	1º	7821	1º	7.804
Dinamarca	2º	7646	2º	7620	2º	7636	2º	7.586
Islândia	4º	7504	4º	7554	3º	7557	3º	7.530
Israel	14º	7129	12º	7157	9º	7364	4º	7.473
Holanda	6º	7449	5º	7464	5º	7415	5º	7.403
Suécia	7º	7353	7º	7363	7º	7384	7º	7.395
Noruega	5º	7488	6º	7392	8º	7365	8º	7.315
Suíça	3º	7560	3º	7571	4º	7512	4º	7.240
Luxemburgo	10º	7238	8º	7324	6º	7404	6º	7.228
Nova Zelândia	8º	7300	9º	7277	10º	7200	10º	7.123
BRASIL	32º	6376	35º	6330	38º	6293	49º	6125

Fonte: World Happiness Report, 2023

20 Na edição de 2023 do WHR, o Brasil figura na 49ª posição, tendo recuado 11 posições em relação ao *ranking* de 2022. O que mais preocupa, no entanto, é a queda gradual dos níveis de felicidade dos brasileiros, desde que a pandemia teve início.

25 Se o assunto é felicidade, quando avaliamos um país, uma sociedade ou uma nação, não podemos considerar apenas a felicidade média ou a alegria de seu povo. Outros fatores, que afetam diretamente a satisfação geral com a vida, têm que ser analisados,

30 como o acesso à saúde, a taxa de alfabetização e a geração de renda, por exemplo. Temos que olhar, de modo especial, para o índice de miséria, pois ele está diretamente relacionado com a baixa satisfação com a vida.

35 Esses fatores têm sido considerados em cada edição do WHR, mas o Brasil não tem apresentado um bom desempenho em nenhum deles. Se compararmos, por exemplo, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) dos três países mais felizes da

40 edição do WHR 2023 com os do Brasil, veremos que a diferença é enorme.

A edição 2023 do WHR aponta ainda outros fatores, além de renda e saúde, que influenciam nas avaliações de vida em um país. Dentre eles, podemos citar: ter alguém com quem contar, ter liberdade para tomar as decisões importantes na vida, demonstrar generosidade e não haver corrupção.

O WHR é construído com base na mensuração da felicidade de um país, perguntando-se a uma

50 amostra nacionalmente representativa de pessoas se elas estão satisfeitas com suas vidas atualmente. Assim, é de se esperar que as respostas sejam influenciadas por aspectos como inflação, taxa de juros, desemprego, endividamento, segurança

55 alimentar e acesso à saúde e educação. Ou seja, a felicidade de um país é diretamente impactada pelos níveis de bem-estar objetivo das pessoas.

Fonte: WORLD HAPPINESS REPORT 2023. 2023. Disponível em: <<https://pausaprafelicidade.com/2023/03/24/world-happines-report-2023>>. Acesso em: 27 maio 2023. (Adaptado)

○ 34. (UFSM 2023) No decorrer do texto, foram empregados vários verbos que representam atividades da consciência humana.

Associe as categorias apresentadas na coluna à esquerda com as formas verbais apresentadas na coluna à direita.

- | | |
|------------------------|--------------------------|
| (1) Verbo de cognição | () "preocupa" (ℓ. 22) |
| (2) Verbo de emoção | () "avaliamos" (ℓ. 25) |
| (3) Verbo de desejo | () "analisados" (ℓ. 29) |
| (4) Verbo de percepção | () "olhar" (ℓ. 31) |
| | () "esperar" (ℓ. 52) |

A sequência correta é

- | | |
|-----------------------|-----------------------|
| a) 1 - 3 - 2 - 4 - 2. | d) 3 - 1 - 4 - 2 - 2. |
| b) 2 - 1 - 1 - 4 - 3. | e) 3 - 1 - 2 - 4 - 3. |
| c) 2 - 4 - 1 - 3 - 1. | |

○ 35. (UFSM 2023) A respeito do grau de comprometimento do escritor em passagens do texto, é correto afirmar que

- a) "deveria ser avaliado" (ℓ. 7) indica uma obrigação de alto grau.
 b) "Parece evidente" (ℓ. 8) indica uma probabilidade de alto grau.
 c) "não podemos considerar" (ℓ. 26-27) indica permissão.
 d) "têm que ser analisados" (ℓ. 29) equivale a "é preciso analisar".
 e) "temos que olhar" (ℓ. 31) equivale a "é necessário olhar".



Super-heróis ajudam crianças a aceitar quimioterapia

Hospital cria tratamento infantil com acessórios da Liga da Justiça e oferece gibi sobre a luta do Batman contra o câncer como inspiração a crianças com a doença.



1 Batman está com câncer, mas os vilões nem tiveram tempo de comemorar a revelação feita na edição extra da história em quadrinhos (HQ). Logo após o diagnóstico, o herói mascarado já começou a receber uma "Superfórmula" contra a doença e, apesar de ter perdido cabelo e emagrecido um pouco, está forte para voltar a combater o mal.

10 Na vida real, todos os pacientes infantis atendidos no Centro de Referência AC.Camargo, em São Paulo, também passaram a ter acesso ao

tratamento que, no gibi, promete salvar a vida do homem-morcego.

15 Parceria firmada há 20 dias entre o AC. Camargo, a Warner e a agência JWT transformou o 6º andar da unidade hospitalar na nova sede da Liga da Justiça. O QG de super-heróis instalado no hospital tem 15 vagas ocupadas por heróis mirins que precisam de uma ajudinha externa da medicina para voltar à ativa. Natan Henrique Roseno, 7 anos, e Porthos

20 Martinez, 13, são os integrantes mais recentes da ala infantil.

Após lerem a HQ com a trajetória vitoriosa de Batman, os meninos estavam confiantes de que a Superfórmula também vai ajudá-los a vencer a leucemia diagnosticada em ambos. [...]

25 Todos os quartos e acessórios utilizados no tratamento dos pacientes da oncologia pediátrica receberam a adaptação em cores, símbolos e adereços de personagens como Mulher-Maravilha, Batman, Lanterna Verde e Superman.

A chefe da oncologia pediátrica do AC.Camargo, Cecília Maria de Lima da Costa, explica que usar os adereços é uma fórmula de apresentar o câncer às crianças de uma maneira lúdica e didática, já que elas precisam entender o tratamento para aceitá-lo melhor.

30 "A quimioterapia tem efeitos colaterais que não são agradáveis (como enjoos, apetite desregulado, queda de cabelos). Se a criança não entende que o medicamento é um benefício, apesar de todos esses sintomas, pode ficar confusa e resistente", afirma a especialista.

35 Enxergar a vilã quimioterapia como a mocinha Superfórmula faz toda a diferença para os meninos e as meninas, dizem os próprios heróis-mirins. [...] "Fica menos confuso na cabeça da gente. Porque às vezes eu não gosto dos remédios, dá um nó no estômago. Mas sei que eles vão me ajudar e

40 saber disso ajuda", diz um dos garotos.

Fonte: ARANHA, Fernanda. *Minha Saúde*. IG São Paulo. Disponível em: <www.saude.ig.com.br/2013-06-06/super-herois-ajudam-criancas-a-aceitar-quimioterapia.html>. Acesso em: 06. jun. 2013. (adaptado).

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.810, de 19 de fevereiro de 1998.

36. (UFSM) Assinale verdadeira (V) ou falsa (F) nas afirmativas a seguir.

A sequência correta é

() No título e subtítulo da notícia, o uso dos verbos no presente do indicativo sugere que o tratamento criado pelo hospital AC.Camargo perdura no momento da enunciação.

() As expressões "vai ajudá-los" (l.22) e "vão me ajudar" (l.39) apresentam uma estrutura gramatical frequente na linguagem informal para indicar futuramente, o que corresponderia, na norma padrão, a "os ajudarão" e "me ajudarão" respectivamente.

() Os aspectos verbais de "começou a receber" (l.6) e "passaram a ter acesso" (l.13) indicam diferentes condições de saúde em que se encontram o super-herói e as crianças com câncer internadas no AC.Camargo.

- a) F – F – V.
- b) V – F – F.
- c) F – V – F.
- d) V – V – F.
- e) V – V – V.



○ **37. (UFRGS 2024)** Considere as seguintes afirmações sobre palavras e expressões do texto da questão 09.

I - As formas *ali* (l. 5), *Ali* (l. 37) e *ali* (l. 43) fazem referência ao espaço onde morava e circulava a narradora-personagem com a sua mãe.

II - A repetição da palavra *martelando* (l. 06), seguida de reticências, expressa a ideia de que determinado pensamento comparecia repetidamente na mente da narradora-personagem.

III - As formas verbais no pretérito perfeito e no pretérito imperfeito marcam ações pontuais e ações contínuas, respectivamente.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas III.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

01 Carducci saía do atelier. Sandro tentou seguir adiante, mas o fotógrafo já o chamava.

02 - É comigo?

03 - Sim. Não gostaria de conhecer meu estabelecimento?

04 Sandro ia dar uma desculpa, mas o gesto do outro, imperioso e afável, acabou por vencê-lo.

05 Dentro do estúdio vagava um cheiro de líquidos perigosos. Sandro conhecia o método fotográfico, apenas o que entrevia no indigente estúdio de Paolo Pappalardo, em Ancona. O que Nadar ocultara, Carducci hoje mostrava. Abriu a tampa de uma caixa-baú organizada em compartimentos quadrangulares.

06 Ali estavam, acomodados, vidros transparentes de diversos tamanhos, com rótulos em francês.

07 Continham pós e soluções. Também funis, tubos milimetrados, pequenos cálices em formato de sino e uma balança. No verso da tampa, um carimbo oval, em pirogravura: Charles Chevalier – Paris.

08 - É meu material – disse Carducci. – Essa caixa já vem pronta, da França, pelo porto de Montevidéu. Acompanha uma câmara portátil e um pequeno manual para os amadores. Claro que os pós e os líquidos acabam, mas ali – e mostrava uma sucessão de garrafas numa prateleira – está a reposição que eu mesmo providencio. Agora vou lhe explicar como isso funciona. E colocou um vaso com flores de tule sobre a sua mesinha de trabalho. Fotografou-o, revelou a chapa e copiou-a.

09 - Que tal? Não parece um quadro? Em preto e branco, mas um quadro.

10 - Bonito.

11 - Quer que lhe tire uma foto?

12 - Não sou bom modelo. Foi um desastre, a última vez que me tiraram.

13 A cara decepcionada de Carducci, entretanto, fez com que concordasse. E posou, inquieto.

14 Já com a foto na mão, teve uma sensação de alívio. Guardou-a.

15 - Está ótima. Quanto lhe devo?

16 - Esqueça. Venha para conversar. Afinal, temos o mesmo trabalho, embora cada qual a seu modo. – Carducci tossiu de modo preocupante.

17 - Desculpe: como o senhor vê, a idade não traz só experiência. Que me diz? Não devemos criar inimizades.

44 Somos patrícios. A cidade é tão pequena. Ademais, esse boato que corre a seu respeito é uma infâmia. Inventarem uma coisa dessas...

45 Sandro tornou-se sensível generosidade.

46 - Virei qualquer dia desses. Aguarde.

Adaptado de: ASSIS BRASIL, L. A. O pintor de retratos. Porto Alegre: L&PM, 2002.

○ **38. (UFRGS 2023)** Considere as seguintes afirmações acerca de formas temporais e suas relações de sentido expressas no texto.

I - As formas *vagava* (l. 07) e *conhecia* (l. 08), pertencentes ao pretérito imperfeito, servem como descrição de espaços.

II - As formas verbais *ocultara* (l. 10), *devo* (l. 38) e *virei* (l. 48) são usadas para expressar passado, presente e futuro, respectivamente.

III - O emprego das formas *hoje* (l. 10) e *agora* (l. 24) referem-se ao dia e ao momento de escrita do texto, usos que têm o propósito de aproximar o narrador do leitor.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e II.
- e) I, II e III.

Anotações:



39. (UFRGS)

01 Esse delírio que por aí vai pelo futebol seus funda-
02 mentos na própria natureza humana. O espetáculo da luta
03 sempre foi o maior encanto do homem; e o prazer da vitória,
04 pessoal ou do partido, foi, é e será a ambrosia dos deuses
05 manipulada na Terra. Admiramos hoje os grandes filósofos
06 gregos, Platão, Sócrates, Aristóteles; seus coevos, porém,
07 admiravam muito mais os atletas que venciam no estádio.
08 Milon de Crotona, campeão na arte de torcer pescoços de
09 touros, só para nós tem menos importância que seu mestre
10 Pitágoras. Para os gregos, para a massa popular grega, se-
11 ria inconcebível a ideia de que o filósofo pudesse no futuro
12 ofuscar a glória do lutador.

13 Na França, o homem hoje mais popular é George Car-
14 pentier, mestre em socos de primeira classe; e, se derem
15 nas massas um balanço sincero, verão que ele sobrepõe
16 em prestígio aos próprios chefes supremos vencedores da
17 guerra.

18 Nos Estados Unidos, há sempre um campeão de boxe
19 tão entranhado na idolatria do povo que está em suas mãos
20 subverter o regime político.

21 E os delírios coletivos provocados pelo combate
22 de dois campeões em campo? Impossível assistir-se a es-
23 petáculo mais revelador da alma humana que os jogos de
24 futebol.

25 Não é mais esporte, é guerra. Não se batem duas equi-
26 pes, mas dois povos, duas nações.

27 Durante o tempo da luta, de quarenta a cinquenta mil pes-
28 soas deliram em transe, estáticas, na ponta dos pés, coração
29 aos pulos e nervos tensos como cordas de viola. Conforme
30 corre o jogo, pausas de silêncio absoluto na multidão
31 suspensão, ou deflagrações violentíssimas de entusiasmo,
32 que só a palavra delírio classifica. E gente pacífica, bondosa,
33 incapaz de sentimentos exaltados, sai fora de si, torna-se ca-
34 paz de cometer os mais horrorosos desatinos.

35 A luta de vinte e duas feras no campo transforma em
36 feras os cinquenta mil espectadores, possibilitando um en-
37 fraquecimento mútuo, num conflito horrendo, caso um inci-
38 dente qualquer funda em corisco, eletricidades psíqui-
39 cas acumuladas em cada indivíduo.

40 O jogo de futebol teve a honra de despertar onosso
41 povo do marasmo de nervos em que vivia.

Adaptado de LOBATO, Monteiro. *A onda verde*.
São Paulo: Globo, 2008. p. 119-120.

Considere as seguintes afirmações acerca de formas temporais e suas relações de sentido expressas no texto.

I - Os empregos da forma **hoje** (l. 05 e 13) referem-se exclusivamente ao dia em que o autor escreveu o texto.

II - O uso de **foi** (l. 04), **é** (l. 04) e **será** (l. 04) são formas verbais vindas de infinitivos distintos para expressar passado, presente e futuro.

III - As formas **admiravam** (l. 07) e **venciam** (l. 07), pertencentes ao pretérito imperfeito, apresentam a ideia de ação passada habitual ou repetida.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

40. (UFRGS)

01 Recebi consulta de um amigo que tenta deslindar se-
02 gredos da língua para estrangeiros que querem aprender
03 português. Seu problema: "se digo em uma sala de aula:
04 'Pessoal, leiam o livro X', como explicar a concordância? Cer-
05 tamente, não se diz 'Pessoal, leia o livro X'".

06 Pela pergunta, vê-se que não se trata de fornecer re-
07 gras para corrigir eventuais problemas de padrão. Trata-se
08 de entender um dado que ocorre regularmente, mas que
09 parece oferecer alguma dificuldade de análise.

10 Em primeiro lugar, é óbvio que se trata de um pedido
11 (ou de uma ordem) mais ou menos informal. Caso contrário,
12 não se usaria a expressão "pessoal", mas talvez "Senhores"
13 ou "Senhores alunos".

14 Em segundo lugar, não se trata da tal concordância
15 ideológica, nem de silepse (hipóteses previstas pela gramá-
16 tica para explicar concordâncias mais ou menos excepcio-
17 nais, que se devem menos a fatores sintáticos e mais aos
18 semânticos; exemplos correntes do tipo "A gente fomos" e
19 "o pessoal gostaram" se explicam por esse critério). Como se
20 pode saber que não se trata de concordância ideológica ou
21 de silepse? A resposta é que, nesses casos, o verbo se liga ao
22 sujeito em estrutura sem vocativo, diferentemente do que
23 acontece aqui. E em casos como "Pedro, venha cá", "venha"
24 não se liga a "Pedro", mesmo que pareça que sim, porque
25 Pedro não é o sujeito.

26 Para tentar formular uma hipótese mais clara para o
27 problema apresentado, talvez se deva admitir que o sujeito
28 de um verbo pode estar apagado e, mesmo assim, produzir
29 concordância. O ideal é que se mostre que o fenômeno não
30 ocorre só com ordens ou pedidos, nem só quando há voca-
31 tivo. Vamos por partes: a) é normal, em português, haver
32 orações sem sujeito expresso e, mesmo assim, haver flexão
33 verbal. Exemplos correntes são frases como "chegaram e
34 saíram em seguida", que todos conhecemos das gramáticas;
35 b) sempre que há um vocativo, em princípio, o sujeito pode
36 não aparecer na frase. É o que ocorre em "meninos, saiam
37 daqui"; mas o sujeito pode aparecer, pois não seria estranha
38 a sequência "meninos, vocês se comportem"; c) se forem
39 aceitas as hipóteses a) e b) (diria que são fatos), não seria
40 estranho que a frase "Pessoal, leiam o livro X" pudesse ser
41 tratada como se sua estrutura fosse "Pessoal, vocês leiam o
42 livro X". Se a palavra "vocês" não estivesse apagada, a con-
43 cordância se explicaria normalmente; d) assim, o problema
44 real não é a concordância entre "pessoal" e "leiam", mas a
45 passagem de "pessoal" a "vocês", que não aparece na super-
46 fície da frase.

47 Este caso é apenas um, entre tantos outros, que nos
48 obrigariam a considerar na análise elementos que parecem
49 não estar na frase, mas que atuam como se lá estivessem.

Adaptado de: POSSENTI, Sírio. *Malcomportadas línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 85-86.



Considere as seguintes afirmações acerca dos usos verbais no texto e assinale a alternativa correta.

a) O verbo **Recebi** (l. 01), no pretérito perfeito, faz referência a um dizer do amigo do autor no momento em que ensinava língua portuguesa para estrangeiros e buscava deslindar os segredos da língua.

b) O uso predominante de verbos no presente diz respeito ao fato de que o texto aborda uma questão atual sobre a língua portuguesa, que precisa ser discutida em sala de aula.

c) A expressão **se deva** (l. 27), no presente do subjuntivo, possibilita ao autor apresentar certeza em sua argumentação diante de um caso problemático no uso da língua portuguesa.

d) A locução verbal **forem aceitas** (l. 38-39) vincula-se ao verbo **seria** (l. 39) para o autor situar a sua argumentação como possibilidade.

e) Os empregos de formas infinitivas do verbo, no decorrer do texto, estão ligados ao fato de que o autor se vale de verbos auxiliares para expressar modo e tempo, com o propósito de criar um estilo mais informal.

○ 41. (UFRGS)

01 - Para mim esta é a melhor hora do dia - Ema disse,
02 voltando do quarto dos meninos. - Com as crianças na cama,
03 a casa fica tão sossegada.

04 - Só que já é noite - a amiga corrigiu, sem tirar os olhos
05 da revista. Ema agachou-se para recolher o quebra-cabeça
06 esparramado pelo chão.

07 - É força de expressão, sua boba. O dia acaba quando
08 eu vou dormir, isto é, o dia tem vinte quatro horas e a sema-
09 na tem sete dias, não está certo? - Descobriu um sapato sob
10 a poltrona. Pegou-o e, quase deitada no tapete, procurou,
11 depois, o par dos outros móveis.

12 Era bom ter uma amiga experiente. Nem precisa ser da
13 mesma idade - deixou-se cair no sofá - Bárbara, muito mais
14 sábia. Examinou-a a ler: uma linha de luz dourada valorizava
15 o perfil privilegiado. As duas eram tão inseparáveis quanto
16 seus maridos, colegas de escritório. Até ter filhos juntas con-
17 seguiram, acreditasse quem quisesse. Tão gostoso, ambas
18 no hospital. A semelhança física teria contribuído para o per-
19 feito entendimento? "Imaginava que fossem irmãs", muitos
20 diziam, o que sempre causava satisfação.

21 - O que está se passando nessa cabecinha? - Bárbara
22 estranhou a amiga, só doente pararia quieta. Admirou-a: os
23 cabelos soltos, caídos no rosto, escondiam os olhos, azuis
24 ou verdes, conforme o reflexo da roupa. De que cor esta-
25 riam hoje seus olhos?

26 Ema aprumou o corpo.

27 - Pensava que se nós morássemos numa casa grande,
28 vocês e nós...

29 Bárbara sorriu. Também ela uma vez tivera a ideia. - As
30 crianças brigariam o tempo todo.

31 Novamente a amiga tinha razão. Os filhos não se su-
32 portavam, discutiam por qualquer motivo, ciúme doentio de
33 tudo. O que sombreava o relacionamento dos casais.

34 - Pelo menos podíamos morar mais perto, então.

35 Se o marido estivesse em casa, seria obrigada a assistir
36 à televisão, ele mal chegava, ia ligando o aparelho,
37 ainda que soubesse que ela detestava sentar que nem mú-
38 mia diante do aparelho - levantou-se, repelindo a lembran-
39 ça. Preparou uma jarra de limonada. todo aquele
40 interesse de Bárbara na revista? Reformulou a pergunta em
41 voz alta.

42 - Nada em especial. Uma pesquisa sobre o comporta-
43 mento das crianças na escola, de como se modificam as per-
44 sonalidades longe dos pais.

Adaptado de: VAN STEEN, Edla. Intimidade.
In: MORICONI, Italo (org.) Os cem melhores contos brasileiros do século. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva,
2009. p. 440-441.

Considere as seguintes afirmações sobre a temporalidade e suas relações de sentido expressas no texto.

I. Os empregos do pretérito perfeito na narrativa situam as ações da personagem Ema no dia em que recebe a visita de sua amiga Bárbara, enquanto o presente faz parte do diálogo das personagens nesse passado narrado.

II. A palavra **depois** (l. 11) expressa o tempo posterior à Ema descobrir um sapato sob a poltrona, auxiliando na marcação de início e término das ações na narrativa.

III. Os usos do pretérito imperfeito na passagem **Os filhos não se suportavam, discutiam por qualquer motivo** (l. 31-32) descrevem as ações continuadas dos filhos das personagens no passado narrado para caracterizar o relacionamento das crianças.

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e III.
- e) I, II e III.

○ 42. (UFRGS)

01 As primeiras lições que recebi de aeronáutica foram-
02 -me dadas por um grande visionário: Júlio Verne. De 1888,
03 mais ou menos, a 1891, quando parti pela primeira vez para
04 a Europa, li, com grande interesse, todos os livros desse
05 grande vidente da locomoção aérea e submarina.

06 Estava eu em Paris quando, na véspera de partir para o
07 Brasil, fui, com meu pai, visitar uma exposição de máquinas
08 no desaparecido Palácio da Indústria. Qual não foi o meu
09 espanto quando vi, pela primeira vez, um motor a petróleo,
10 da força de um cavalo, muito compacto, e leve, em compa-
11 ração aos que eu conhecia, e ... funcionando! Parei diante
12 dele como que pregado pelo destino. Estava completa-
13 mente fascinado. Meu pai, distraído, continuou a andar até que,
14 depois de alguns passos, dando pela minha falta, voltou,
15 perguntando-me o que havia. Contei-lhe a minha admiração
16 de ver funcionar aquele motor, e ele me respondeu: "Por
17 hoje basta". Aproveitando-me dessas palavras, pedi-lhe li-
18 cença para fazer meus estudos em Paris. Continuamos o
19 passeio, e meu pai, como distraído, não me respondeu. Nes-
20 sa mesma noite, no jantar de despedida, reunida a família,
21 meu pai anunciou que pretendia fazer-me voltar a Paris para
22 acabar meus estudos. Nessa mesma noite, corri vários livreiros;
23 comprei todos os livros que encontrei sobre balões e
24 viagens aéreas.

25 Diante do motor a petróleo, tinha sentido a possibili-
26 dade de tornar reais as fantasias de Júlio Verne. Ao motor a
27 petróleo devi, mais tarde, todo o meu êxito. Tive a felicidade
28 de ser o primeiro a empregá-lo nos ares.

29 Uma manhã, em São Paulo, com grande surpresa mi-
30 nha, convidou-me meu pai a ir à cidade e, dirigindo-se a
31 um cartório de tabelião, mandou lavrar escritura de minha
32 emancipação. Tinha eu dezoito anos. De volta à casa, cha-
33 mou-me ao escritório e disse-me: "Já lhe dei hoje a liberda-
34 de; aqui está mais este capital", e entregou-me títulos no va-
35 lor de muitas centenas de contos. "Tenho ainda alguns anos
36 de vida; quero ver como você se conduz; vai para Paris, o
37 lugar mais perigoso para um rapaz. Vamos ver se você se faz



38 um adulto; prefiro que não se faça doutor; em Paris, você
39 procurará um especialista em física, química, mecânica, ele-
40 tricidade, etc., estude essas matérias e não esqueça que o
41 futuro do mundo está na mecânica".

Adaptado de DUMONT, Santos. O que eu vi, o que nós veremos. Rio de Janeiro: Hedra, 2016. Organização de Marcos Villares.

Considere as afirmações abaixo, sobre os tempos verbais no texto.

I - O presente verbal comparece para marcar o agora das situações de diálogo entre Santos Dumont e seu pai.

II - O pretérito verbal marca a narrativa passada relativamente à situação presente na qual Santos Dumont escreve o texto.

III - O futuro do presente nas formas verbais envolve uma ação posterior ao tempo presente em que estavam Santos Dumont e seu pai.

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas I e III.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

○ 43. (UFRGS)

01 Não faz muito que temos esta nova TV com controle re-
02 moto, mas devo dizer que se trata agora de um instrumento
03 sem o qual eu não saberia viver. Passo os dias sentado na
04 velha poltrona, mudando de um canal para o outro – uma
05 tarefa que antes exigia certa movimentação, mas que ago-
06 ra ficou muito fácil. Estou num canal, não gosto – zap, mudo
07 para outro. Eu gostaria de ganhar em dólar num mês o núme-
08 ro de vezes que você troca de canal em uma hora, diz minha
09 mãe. Trata-se de uma pretensão fantasiosa, mas pelo menos
10 indica disposição para o humor, admirável nessa mulher.

11 Sofre minha mãe. Sempre sofreu: infância carente, pai
12 cruel, etc. Mas o seu sofrimento aumentou muito quando
13 meu pai a deixou. Já faz tempo; foi logo depois que eu naci,
14 e estou agora com treze anos. Uma idade em que se vê
15 muita televisão, e em que se muda de canal constantemente,
16 ainda que minha mãe ache isso um absurdo. Da tela,
17 uma moça sorridente pergunta se o caro telespectador já
18 conhece certo novo sabão em pó. Não conheço nem quero
19 conhecer, de modo que – zap – mudo de canal. "Não me
20 abandone, Mariana, não me abandone!". Abandono, sim.
21 Não tenho o menor remorso, e agora é um desenho, que
22 eu já vi duzentas vezes, e – zap – um homem falando. Um
23 homem, abraçado guitarra elétrica, fala uma en-
24 trevistadora. É um roqueiro. É meio velho, tem cabelos gri-
25 salhos, rugas, falta-lhe um dente. É o meu pai.

26 É sobre mim que ele fala. Você tem um filho, não tem?,
27 pergunta a apresentadora, e ele, meio constrangido – situ-
28 ação pouco admissível para um roqueiro de verdade –, diz
29 que sim, que tem um filho, só que não vê há muito tempo.
30 Hesita um pouco e acrescenta: você sabe, eu tinha que fazer
31 uma opção, era a família ou o rock. A entrevistadora, porém,
32 insiste (é chata, ela): mas o seu filho gosta de rock? Que você
33 saiba, seu filho gosta de rock?

34 Ele se mexe na cadeira; o microfone, preso desbo-
35 tada camisa, roça-lhe o peito, produzindo um desagradável
36 e bem audível rascar. Sua angústia é compreensível; aí está,
37 num programa local e de baixíssima audiência – e ainda tem
38 de passar pelo vexame de uma pergunta que o embaraça e
39 à qual não sabe responder. E então ele me olha. Vocês dirão
40 que não, que é para a câmera que ele olha; aparentemente

41 é isso; mas na realidade é a mim que ele olha, sabe que,
42 em algum lugar, diante de uma tevê, estou a fitar seu rosto
43 atormentado, as lágrimas me correndo pelo rosto; e no meu
44 olhar ele procura a resposta pergunta da apresentado-
45 ra: você gosta de rock? Você gosta de mim? Você me perdoa?
46 – mas aí comete um engano mortal: insensivelmente, auto-
47 maticamente, seus dedos começam a dedilhar as cordas da
48 guitarra, é o vício do velho roqueiro. Seu rosto se ilumina e
49 ele vai dizer que sim, que seu filho ama o rock tanto quanto
50 ele, mas nesse momento – zap – aciono o controle remoto
51 e ele some. Em seu lugar, uma bela e sorridente jovem que
52 está – à exceção do pequeno relógio que usa no pulso – nua,
53 completamente nua.

Adaptado de: SCLIAR, M. Zap. In: MORICONI, Í. (Org.) Os cem melhores contos brasileiros. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 547-548.

Assinale a afirmativa correta acerca dos usos das formas verbais no texto e dos seus sentidos.

- a) O emprego de **temos** (l. 01) faz referência ao passado em que o narrador-personagem e sua mãe viveram a experiência de possuir uma televisão com controle remoto.
- b) O emprego de **gostaria** (l. 07), no futuro do pretérito, faz referência ao desejo do narrador-personagem de ganhar mensalmente muitos dólares, assim como as muitas vezes em que troca os canais da televisão.
- c) Os empregos de **Trata-se** (l. 09) e **indica** (l. 10) fazem referência ao presente em que o narrador-personagem apresenta a sua opinião sobre a pretensão e a disposição de sua mãe.
- d) Os empregos de **sofre** (l. 11) e **sofreu** (l. 11), no presente e no pretérito, fazem referência, respectivamente, ao presente e ao passado, momentos em que o narrador-personagem vive com sua mãe.
- e) A forma verbal **falando** (l. 22) revela a ação de falar do pai do narrador-personagem no passado em que o narrador-personagem brincava de trocar os canais da televisão com controle remoto.

Anotações:



○ 44. (ENEM)

O sedutor médio

Vamos juntar
Nossas rendas e
expectativas de vida
querida,
o que me dizes?
Ter 2, 3 filhos
e ser meio felizes?

VERISSIMO, L. F. Poesia numa hora dessas?! Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

No poema *O sedutor médio*, é possível reconhecer a presença de posições críticas:

- a) nos três primeiros versos, em que “juntar expectativas de vida” significa que, juntos, os cônjuges poderiam viver mais, o que faz do casamento uma convenção benéfica.
- b) na mensagem veiculada pelo poema, em que os valores da sociedade são ironizados, o que é acentuado pelo uso do adjetivo “médio” no título e do advérbio “meio” no verso final.
- c) no verso “e ser meio felizes?”, em que “meio” é sinônimo de metade, ou seja, no casamento, apenas um dos cônjuges se sentiria realizado.
- d) nos dois primeiros versos, em que “juntar rendas” indica que o sujeito poético passa por dificuldades financeiras e almeja os rendimentos da mulher.
- e) no título, em que o adjetivo “médio” qualifica o sujeito poético como desinteressante ao sexo oposto e inábil em termos de conquistas amorosas.

○ 45. (ENEM)

O American Idol islâmico

Quem não gosta do *Big Brother* diz que os *reality shows* são programas vazios, sem cultura. No mundo árabe, esse problema já foi resolvido: em *The Millions' Poet* (“O Poeta dos Milhões”), líder de audiência no golfo pérsico, o prêmio vai para o melhor poeta. O programa, que é transmitido pela Abu Dhabi TV e tem 70 milhões de espectadores, é uma competição entre 48 poetas de 12 países árabes – em que o vencedor leva um prêmio de US\$ 1,3 milhão.

Mas lá, como aqui, o *reality* gera controvérsia. O *BBB* teve a polêmica dos “coloridos” (grupo em que todos os participantes eram homossexuais). E *Millions' Poet* detonou uma discussão sobre os direitos da mulher no mundo árabe.

GARATTONI, B. American Idol islâmico. Superinteressante. Edição 278, maio 2010 (fragmento).

No trecho “Mas lá, como aqui, o *reality* gera controvérsia”, o termo destacado foi utilizado para estabelecer uma ligação com outro termo presente no texto, isto é, fazer referência ao:

- a) vencedor, que é um poeta árabe.
- b) poeta, que mora na região da Arábia.
- c) mundo árabe, local em que há o programa.
- d) Brasil, lugar onde há o programa *BBB*.
- e) programa, que há no Brasil e na Arábia.

○ 46. (ENEM)

Revolução digital cria a era do leitor-sujeito

Foi-se uma vez um leitor. Com a revolução digital, quem lê passa a ter voz no processo de leitura. “Até outro dia, as críticas literárias eram exclusividade de um grupo fechado, assim como em tantas outras áreas. Agora, temos grupos que conversam, trocam, se manifestam em tempo real, recomendam ou desaprovam, trocam ideias com os autores, participam ativamente da construção de obras literárias coletivas. Isso é um jeito novo de pensar a escrita, de construir memória e o próprio conhecimento”, analisa uma professora de comunicação da PUC-MG.

A secretária Fabiana Araújo, 32, é uma “leitora-sujeito”, como Daniela chama esses novos atores do universo da leitura. Leitora assídua desde o final da adolescência, quando foi seduzida pela série *Harry Potter*, só neste ano já leu mais de 30 títulos. Suas leituras não costumam terminar quando fecha um livro. Fabiana escreve resenhas de títulos como *Estilhaça-me*, romance fantástico na linha de *Crepúsculo*, publicadas em um *blog* com o qual foi convidada a colaborar. “Escrever sobre um livro é uma forma de relê-lo. E conversar, pessoal ou virtualmente, com outros leitores também”, defende.

FANTINI, D. Jornal Pampulha, n. 1138, maio 2012 (adaptado).

As sequências textuais “Até outro dia” e “agora” auxiliam a progressão temática do texto, pois delimitam:

- a) o perfil social dos envolvidos na revolução digital.
- b) o limite etário dos promotores da revolução digital.
- c) os períodos pré e pós revolução digital.
- d) a urgência e a rapidez da revolução digital.
- e) o alcance territorial da leitura digital.

Anotações:



Texto 1



Fonte: BECK, A. Armandinho dois. Florianópolis, 2014, p. 18. (adaptado)

Texto 2

Por que comemos com o garfo?

- 1 Norbert Elias, sociólogo alemão que viveu entre 1897 e 1990, analisa, a partir de manuais de boas maneiras produzidos entre a Idade Média e o início da era moderna, as mudanças operadas no âmbito do uso do garfo, utensílio que surgiu no fim da Idade Média, com o objetivo de retirar alimentos da travessa comum. Paulatinamente, foi introduzido como utensílio de uso individual. De início, o uso do garfo para se levar o alimento à boca era considerado um sinal exagerado de refinamento e s riamente reprimido.
- 5
- 10 Na análise de Elias (1994, p. 133), “o garfo nada mais é que a corporificação de um padrão específico de emoções e um nível específico de nojo”. Esse processo nos mostra como ocorriam as relações entre as pessoas na Idade Média. Segundo o sociólogo alemão, “as pessoas que comiam juntas na maneira costumeira na Idade Média, pegando a carne com os dedos na mesma travessa, bebendo vinho no mesmo cálice, tomando a sopa na mesma travessa ou prato fundo – essas pessoas tinham entre si relações diferentes das que hoje vivemos. E isto envolve não só o nível da consciência, clara e racional, pois sua vida emocional revestia-se também de diferente estrutura e caráter” (ELIAS, 1994, p. 82).

Anotações:

○ 47. (UFSM) Considere as afirmativas:

- I - Pelo princípio da invariabilidade do advérbio, justifica-se a palavra “meio” não estar concordando com o adjetivo “nervosa” no 1º quadro da tirinha.
- II - O humor da tirinha é decorrente do sentido atribuído pelo menino à expressão “reeducação alimentar”, ao compreendê-la como aprendizado do modo de comer em vez de modificação de hábitos no consumo de alimentos.
- III - O uso naturalizado do garfo na sociedade contemporânea, como denota o Texto 1, pode ser considerado um indício da individualidade que começou a se configurar na estrutura social no fim da Idade Média, em análise no Texto 2.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
b) apenas II.
c) apenas I e III.
d) apenas II e III.
e) I, II e III.

Os hormônios da felicidade: como desencadear efeitos da endorfina, oxitocina, dopamina e serotonina

Ao longo dos séculos, artistas e pensadores se dedicaram a definir e representar a realidade. Nas últimas décadas, porém, grupos menos românticos se juntaram a essa difícil tarefa: endocrinologistas e neurocientistas.

- o objetivo é estudar a felicidade como um processo biológico para encontrar o que desencadeia esse sentimento sob o ponto de vista físico. Ou seja, eles não se importam se as pessoas são mais felizes por amor ou dinheiro, mas o que acontece no corpo quando a alegria definitivamente dispara, e como “forçar” esse sentimento.

- Nesse sentido, há quatro substâncias químicas naturais em nossos corpos geralmente definidas como o “quarteto da felicidade”: endorfina, serotonina, dopamina e oxitocina.

- A pesquisadora Loreta Breuning, autora do livro *Habits of a happy brain* (“Hábitos de um cérebro feliz”, em tradução livre), explica que “quando o seu cérebro emite uma dessas químicas, você se sente bem. Seria bom que surgissem o tempo todo, mas não funcionam assim”, diz a professora da Universidade Estadual da Califórnia (EUA). “Cada substância da felicidade tem um trabalho especial para fazer e se apaga assim que o trabalho é feito”.

Fonte: OS HORMÔNIOS... 2017. Disponível em: <<https://bbc.com/portuguese/geral-39299792>>. Acesso em: 15 maio 2023. (Adaptado)



○ 48. (UFSM 2023) Há, no texto, várias referências temporais, textualizadas de diferentes formas e sinalizadoras das diferentes relações internas ao evento, a exemplo de

"(...) quando a alegria definitivamente dispara (...)" (l. 10)

"(...) o tempo todo (...)" (l. 20)

"(...) assim que o trabalho é feito". (l. 24)

A sequência que aponta adequadamente para a relação temporal é a que descreve a eventualidade em cada um dos trechos, respectivamente, como

- a) subsequente – contínua – anterior.
- b) concomitante – contínua – subsequente.
- c) subsequente – permanente – prévia.
- d) antecedente – permanente – subsequente.
- e) concomitante – contínua – precedente.

Super-heróis ajudam crianças a aceitar quimioterapia

Hospital cria tratamento infantil com acessórios da Liga da Justiça e oferece gibi sobre a luta do Batman contra o câncer como inspiração a crianças com a doença.



1 Batman está com câncer, mas os vilões nem tiveram tempo de comemorar a revelação feita na edição extra da história em quadrinhos (HQ). Logo após o

5 diagnóstico, o herói mascarado já começou a receber uma "Superfórmula" contra a doença e, apesar de ter perdido cabelo e emagrecido um pouco, está forte para voltar a combater o mal.

10 Na vida real, todos os pacientes infantis atendidos no Centro de Referência AC.Camargo, em São Paulo, também passaram a ter acesso ao tratamento que, no gibi, promete salvar a vida do homem-morcego.

15 Parceria firmada há 20 dias entre o AC. Camargo, a Warner e a agência JWT transformou o 6º andar da unidade hospitalar na nova sede da Liga da Justiça. O QG de super-heróis instalado no hospital tem 15 vagas ocupadas por heróis mirins que precisam de uma ajudinha externa da medicina para voltar à ativa. Natan Henrique Roseno, 7 anos, e Porthos

20 Martinez, 13, são os integrantes mais recentes da ala infantil. Após lerem a HQ com a trajetória vitoriosa de Batman, os meninos estavam confiantes de que a Superfórmula também vai ajudá-los a vencer a leucemia diagnosticada em ambos. [...]

25 Todos os quartos e acessórios utilizados no tratamento dos pacientes da oncologia pediátrica receberam a adaptação em cores, símbolos e adereços de personagens como Mulher-Maravilha, Batman, Lanterna Verde e Superman.

A chefe da oncologia pediátrica do AC.Camargo, Cecília Maria de Lima da Costa, explica que usar os adereços é uma fórmula de apresentar o câncer

30 às crianças de uma maneira lúdica e didática, já que elas precisam entender o tratamento para aceitá-lo melhor.

"A quimioterapia tem efeitos colaterais que não são agradáveis (como enjoos, apetite desregulado, queda de cabelos). Se a criança não entende que o medicamento é um benefício, apesar de todos esses sintomas,

35 pode ficar confusa e resistente", afirma a especialista.

Enxergar a vilã quimioterapia como a mocinha Superfórmula faz toda a diferença para os meninos e as meninas, dizem os próprios heróis-mirins. [...]

40 "Fica menos confuso na cabeça da gente. Porque às vezes eu não gosto dos remédios, dá um nó no estômago. Mas sei que eles vão me ajudar e saber disso ajuda", diz um dos garotos.

Fonte: ARAÚJO, Fernanda. Minha Saúde. IG São Paulo. Disponível em: <www.saude.ig.com.br/2013-06-06/super-herois-ajudam-criancas-a-aceitar-quimioterapia.html>. Acesso em: 06. Jun. 2013. (data grada).



○ 49. (UFSM) Assinale a alternativa correta quanto ao papel semântico exercido pela preposição no excerto em destaque, tendo em vista o contexto em que foi empregada no texto.

- a) Superfórmula contra a doença” (ℓ.6-7) – proximidade
- b) “a HQ com a trajetória vitoriosa” (ℓ.21) – companhia
- c) “oncologia pediátrica do AC.Camargo” (ℓ.28) – posse
- d) “apresentar o câncer às crianças” (ℓ.29-30) – causa
- e) “faz toda a diferença para os meninos e as meninas” (ℓ.36-37) – lugar

Leia o texto III, para responder à questão 49.

- 1 - *Lições para Toda Vida (Secondhand Lions, EUA, 2003. Estreia em circuito nacional nesta sexta-feira)* - Haley Joel Osment cresceu. O garotinho que via fantasmas em *O Sexto Sentido* ganhou voz de taquara rachada e chega à adolescência estrelando essa comédia dramática, ambientada no início dos anos 60. Osment interpreta um rapazote tímido, cuja mãe destrambelhada o abandona na fazenda de seus tios-avós, durante as férias de verão. Os irmãos matutos, vividos por Michael Caine e
- 5 - Robert Duvall, recebem vendedores ambulantes a tiros de espingarda e vivem das lembranças da juventude. Artigo raro em Hollywood: um delicado filme familiar em que os protagonistas têm menos que 15 e mais de 70 anos. Diretor e roteirista, Tim McCanlies promove
- 10 - esse encontro de gerações e doma o sentimentalismo com rédeas curtas.

Veja, 31 de março, 2001. p. 124 (adaptado)

○ 50. (UFSM) As cinco expressões a seguir apresentam a mesma característica: iniciam por preposição. Todas elas expressam uma circunstância, EXCETO

- a) em *O Sexto Sentido* (l. 3).
- b) de taquara rachada (l. 4).
- c) no início dos anos 60 (l. 5).
- d) a tiros de espingarda (l. 10).
- e) com rédeas curtas (l. 14).

Anotações:

○ 51. (UFRGS)

01 – Para mim esta é a melhor hora do dia - Ema disse,
02 voltando do quarto dos meninos. - Com as crianças na cama,
03 a casa fica tão sossegada.

04 – Só que já é noite - a amiga corrigiu, sem tirar os olhos
05 da revista. Ema agachou-se para recolher o quebra-cabeça
06 esparramado pelo chão.

07 – É força de expressão, sua boba. O dia acaba quando
08 eu vou dormir, isto é, o dia tem vinte quatro horas e a semana
09 tem sete dias, não está certo? - Descobriu um sapato sob
10 a poltrona. Pegou-o e, quase deitada no tapete, procurou,
11 depois, o par dos outros móveis.

12 Era bom ter uma amiga experiente. Nem precisa ser da
13 mesma idade - deixou-se cair no sofá – Bárbara, muito mais
14 sábia. Examinou-a a ler: uma linha de luz dourada valorizava
15 o perfil privilegiado. As duas eram tão inseparáveis quanto
16 seus maridos, colegas de escritório. Até ter filhos juntas con-
17 seguiram, acreditasse quem quisesse. Tão gostoso, ambas
18 no hospital. A semelhança física teria contribuído para o per-
19 feito entendimento? “Imaginava que fossem irmãs”, muitos
20 diziam, o que sempre causava satisfação.

21 – O que está se passando nessa cabecinha? - Bárbara
22 estranhou a amiga, só doente pararia quieta. Admirou-a: os
23 cabelos soltos, caídos no rosto, escondiam os olhos, azuis
24 ou verdes, conforme o reflexo da roupa. De que cor esta-
25 riam hoje seus olhos?

26 Ema aprumou o corpo.

27 – Pensava que se nós morássemos numa casa grande,
28 vocês e nós...

29 Bárbara sorriu. Também ela uma vez tivera a ideia. – As
30 crianças brigariam o tempo todo.

31 Novamente a amiga tinha razão. Os filhos não se su-
32 portavam, discutiam por qualquer motivo, ciúme doentio de
33 tudo. O que sombreava o relacionamento dos casais.

34 – Pelo menos podíamos morar mais perto, então.

35 Se o marido estivesse em casa, seria obrigada a assistir
36 à televisão, ele mal chegava, ia ligando o aparelho,
37 ainda que soubesse que ela detestava sentar que nem mú-
38 mia diante do aparelho – levantou-se, repelindo a lembran-
39 ça. Preparou uma jarra de limonada. todo aquele
40 interesse de Bárbara na revista? Reformulou a pergunta
41 em voz alta.

42 – Nada em especial. Uma pesquisa sobre o comporta-
43 mento das crianças na escola, de como se modificam as per-
44 sonalidades longe dos pais.

Adaptado de: VAN STEEN, Edla. Intimidade.
In: MORICONI, Ítalo (org.) Os cem melhores contos brasileiros do século. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva,
2009. p. 440-441.

O texto apresenta sentimentos de admiração de Ema por sua amiga Bárbara. Esses sentimentos transparecem na relação entre palavras.

Assinale a alternativa em que a reunião de advérbios e adjetivo expressa esse sentido de admiração de Ema por sua amiga.

- a) amiga experiente (l. 12).
- b) muito mais sábia (l. 13-14).
- c) valorizava o perfil privilegiado (l. 14-15).
- d) cabelos soltos (l. 23).
- e) Novamente [...] tinha razão (l. 31).



○ 52. (UFRGS)

01 Recebi consulta de um amigo que tenta deslindar se-
02 gredos da língua para estrangeiros que querem aprender
03 português. Seu problema: “se digo em uma sala de aula:
04 ‘Pessoal, leiam o livro X’, como explicar a concordância?
05 Certamente, não se diz ‘Pessoal, leia o livro X’”.

06 Pela pergunta, vê-se que não se trata de fornecer re-
07 gras para corrigir eventuais problemas de padrão. Trata-se
08 de entender um dado que ocorre regularmente, mas que
09 parece oferecer alguma dificuldade de análise.

10 Em primeiro lugar, é óbvio que se trata de um pedido
11 (ou de uma ordem) mais ou menos informal. Caso contrário,
12 não se usaria a expressão “pessoal”, mas talvez “Senhores”
13 ou “Senhores alunos”.

14 Em segundo lugar, não se trata da tal concordância
15 ideológica, nem de silepse (hipóteses previstas pela gramá-
16 tica para explicar concordâncias mais ou menos excepcio-
17 nais, que se devem menos a fatores sintáticos e mais aos
18 semânticos; exemplos correntes do tipo “A gente fomos” e
19 “o pessoal gostaram” se explicam por esse critério). Como se
20 pode saber que não se trata de concordância ideológica ou
21 de silepse? A resposta é que, nesses casos, o verbo se liga ao
22 sujeito em estrutura sem vocativo, diferentemente do que
23 acontece aqui. E em casos como “Pedro, venha cá”, “venha”
24 não se liga a “Pedro”, mesmo que pareça que sim, porque
25 Pedro não é o sujeito.

26 Para tentar formular uma hipótese mais clara para o pro-
27 blema apresentado, talvez se deva admitir que o sujeito de um
28 verbo pode estar apagado e, mesmo assim, produzir concor-
29 dância. O ideal é que se mostre que o fenômeno não ocorre
30 só com ordens ou pedidos, nem só quando há vocativo.

31 Vamos por partes: a) é normal, em português, haver
32 orações sem sujeito expresse e, mesmo assim, haver flexão
33 verbal. Exemplos correntes são frases como “chegaram e
34 saíram em seguida”, que todos conhecemos das gramáticas;
35 b) sempre que há um vocativo, em princípio, o sujeito pode
36 não aparecer na frase. É o que ocorre em “meninos, saiam
37 daqui”; mas o sujeito pode aparecer, pois não seria estranha
38 a sequência “meninos, vocês se comportem”; c) se forem
39 aceitas as hipóteses a) e b) (diria que são fatos), não seria
40 estranho que a frase “Pessoal, leiam o livro X” pudesse ser
41 tratada como se sua estrutura fosse “Pessoal, vocês leiam o
42 livro X”. Se a palavra “vocês” não estivesse apagada, a con-
43 cordância se explicaria normalmente; d) assim, o problema
44 real não é a concordância entre “pessoal” e “leiam”, mas a
45 passagem de “pessoal” a “vocês”, que não aparece na super-
46 fície da frase.

47 Este caso é apenas um, entre tantos outros, que nos
48 obrigariam a considerar na análise elementos que parecem
49 não estar na frase, mas que atuam como se lá estivessem.

Adaptado de: POSSENTI, Sírio. *Malcomportadas línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 85-86.

Considere os usos de advérbios no texto e assinale com 1
aqueles em que o advérbio modifica o sentido de apenas uma
palavra e com 2 aqueles em que modifica o sentido de segmen-
tos textuais.

- () Certamente (l. 05)
() menos (l. 11)
() mais (l. 26)
() talvez (l. 27)

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de
cima para baixo, é:

- a) 2 - 1 - 2 - 1.
b) 1 - 1 - 1 - 2.

- c) 2 - 1 - 1 - 2.
d) 2 - 2 - 2 - 1.
e) 1 - 2 - 2 - 2.

○ 53. (UFRGS) Assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as afir-
mações abaixo.

() A expressão **Seu problema** (l. 03) faz remissão ao problema
de um amigo do autor do texto sobre um fato da língua portu-
guesa.

() A expressão **nesses casos** (l. 21) faz referência a **exemplos
correntes** (l. 18).

() A palavra **aqui** (l. 23) faz remissão à problemática central do
texto acerca da concordância.

() A palavra **lá** (l. 49) faz remissão à **na frase** (l. 49).

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de
cima para baixo, é:

- a) F - V - V - F.
b) F - V - V - V.
c) V - V - F - V.
d) V - F - F - F.
e) V - F - V - V.

01. No momento em que abrimos um livro nos
02. pomos no reino da palavra escrita,
03. compartilhando desse sortilégio fala
04. Veríssimo no texto *Sinais mortíferos*, dessa
05. mágica de sinais gravados une as
06. mentes das quais saíram sinais, e outros sinais,
07. e outros sinais...

08. Ninguém duvida de que a manifestação
09. falada é a linguagem primeira, é a linguagem
10. natural, que prescinde das tábuas e dos sulcos
11. que um dia os homens inventaram para
12. cumprir desígnios que foram sendo
13. estabelecidos, para o bem e para o mal.

14. Nas sagas que cantou, Homero distinguiu
15. heróis da palavra, heróis que eram os homens
16. de fala forte, de fala efetiva, de fala eficiente.
17. Assim como havia heróis excelentes na ação,
18. havia aqueles excelentes na palavra (porque,
19. para o épico, excelente em tudo só Zeus!). E
20. entre eles Homero ressalta muito
21. significativamente a figura do velho conselheiro
22. Nestor, sempre à parte dos combates, mas
23. dono de palavras sábias que dirigiam rumos
24. das ações. Ele ressalta, entre todos – no foco
25. da epopeia –, a figura de Odisseu/Ulisses, que
26. nunca foi cantado como herói de combate
27. renhido, mas que foi o senhor das palavras
28. astutas que construíram a *Odisseia*.

29. Hoje a força da palavra falada é a mesma,
30. nada mudou, na história da humanidade,
31. quanto ao exercício natural da capacidade que
32. o humano tem de falar e quanto à destinação
33. natural desse exercício. Mas, que diferença!!

34. E vem agora o lado prático dessa conversa
35. inicial: sem discussão, pode-se dizer que a
36. palavra escrita é sustentáculo da cultura,



37. embora não ouse supor que as sociedades
 38. ágrafas sejam excluídas da noção de “cultura”,
 39. e que os textos de Homero, que então eram
 40. apenas cantados, não tenham sido sustentáculo
 41. de cultura no mundo grego, exatamente por
 42. onde chegaram ao registro escrito.
 43. Diz Verissimo que a palavra escrita “dá
 44. permanência à linguagem”, e isso se
 45. comprovaria, banalmente, no fato de que hoje
 46. os versos de Homero nos chegam somente
 47. cravados em folha de papel ou em tela de
 48. computador. Mas com certeza o cronista, que
 49. não esqueceu a permanência do texto oral de
 50. Homero, também não terá esquecido que, já
 51. há algum tempo, gravam-se falas, e que,
 52. portanto, a tecnologia humana já soube dar
 53. registro permanente também à palavra falada.
 54. Ocorre que a permanência de que fala
 55. Verissimo é outra: acima do fato de que a
 56. escrita representa um registro concreto
 57. permanente, está o fato de que ela leva a
 58. palavra a “outro domínio”. A palavra falada
 59. povoa um domínio que, já por funcionar
 60. automaticamente segundo o *software* que
 61. trouxemos à vida com a vida, não desvenda
 62. todos os sortilégios nos quais entramos quando
 63. complicamos o viver. Que digam os versos dos
 64. poetas que no geral se produzem no suporte
 65. gráfico e assim nos chegam (no papel ou em
 66. tela do monitor, insisto), mas vêm carregados
 67. da melodia que lhes dá sentido, e por aí nos
 68. transportam a um mundo particularmente mágico
 69. a que passamos a pertencer com a leitura!!!
 70. Este é, por si, o mundo da palavra mágica!!
 71. E chegamos à função da escola nesse
 72. mundo da mágica da linguagem. Se, como diz
 73. Verissimo, a escrita traz o preço de “roubar a
 74. palavra à sua vulgaridade democrática”, cabe
 75. aos professores, que são aqueles é dado
 76. levar às gerações a força da linguagem e a
 77. força da cultura reverter o processo e reverter
 78. o argumento: cabe-lhes valorizar a democrática
 79. palavra falada, sim, mas sua missão muito
 80. particular é *vulgarizar democraticamente* a
 81. palavra (escrita) dos livros sem tirar-lhes o
 82. sortilégio: acreditemos ou não em sortilégios...

Adaptado de: MOURA NEVES, M.H. Introdução. A gramática do português revelada em textos. São Paulo: Editora da Unesp, 2018.

○ 54. (UFRGS 2024) Considere as afirmações abaixo, sobre alternativas de reescrita de algumas frases do texto, fazendo os ajustes necessários dos sinais de pontuação em cada caso.

I - O advérbio *banalmente* (l. 45) poderia ser deslocado para imediatamente depois de *Homero* (l. 46).

II - O advérbio *hoje* (l. 45) poderia ser deslocado para imediatamente depois de *chegam* (l. 46).

III - A expressão *com certeza* (l. 48) poderia ser deslocada para imediatamente depois de *que* (l. 51).

Quais alterações poderiam ser efetuadas sem acarretar mudan-

ça de sentido na frase original?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

○ 55. (UFRGS)

01 A variação linguística é uma realidade que, embora ra-
 02 zoavelmente bem estudada pela sociolinguística, pela diale-
 03 tologia e pela linguística histórica, provoca, em geral, reações
 04 sociais muito negativas.

05 O senso comum tem escassa percepção de que a língua
 06 é um fenômeno heterogêneo, que alberga grande variação
 07 e está em mudança contínua. Por isso, costuma folclorizar a
 08 variação regional; demoniza a variação social e tende a inter-
 09 pretar as mudanças como sinais de deterioração da língua.
 10 O senso comum não se dá bem com a variação linguística e
 11 chega, muitas vezes, a explosões de ira e a gestos de grande
 12 violência simbólica diante de fatos de variação.

13 Boa parte de uma educação de qualidade tem a ver
 14 precisamente com o ensino de língua – um ensino que ga-
 15 ranta o domínio das práticas socioculturais de leitura, escrita
 16 e fala nos espaços públicos. E esse domínio inclui o das
 17 variedades linguísticas historicamente identificadas como as
 18 mais próprias a essas práticas – isto é, as variedades escritas
 19 e faladas que devem ser identificadas como constitutivas da
 20 chamada norma culta. Isso pressupõe, inclusive, uma ampla
 21 discussão sobre o próprio conceito de norma culta e suas
 22 efetivas características no Brasil contemporâneo.

23 Parece claro hoje que o domínio dessas variedades
 24 caminha junto com o domínio das respectivas práticas so-
 25 cioculturais. Parece claro também, por outro lado, que não
 26 se trata apenas de desenvolver uma pedagogia que garanta
 27 o domínio das práticas socioculturais e das respectivas va-
 28 riedades linguísticas. Considerando o grau de rejeição so-
 29 cial das variedades ditas populares, parece que o que nos
 30 desafia é a construção de toda uma cultura escolar abert-
 31 a à crítica da discriminação pela língua e preparada para
 32 combatê-la, o que pressupõe uma adequada compreensão
 33 da heterogeneidade linguística do país, sua história social e
 34 suas características atuais. Essa compreensão deve alcan-
 35 çar, em primeiro lugar, os próprios educadores e, em segui-
 36 da, os educandos.

37 Como fazer isso? Como garantir a disseminação dessa
 38 cultura na escola e pela escola, considerando que a socie-
 39 dade em que essa escola existe não reconhece sua cara lin-
 40 guística e não só discrimina impunemente pela língua, como
 41 dá sustento explícito a esse tipo de discriminação? Em suma,
 42 como construir uma pedagogia da variação linguística?

Adaptado de: ZILLES, A. M.; FARACO, C. A. Apresentação. In: ZILLES, A. M.; FARACO, C. A. orgs., Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola, 2015.

Considere as seguintes propostas de alteração da ordem de elementos adverbiais do texto.

I. Deslocamento de *em geral*, (l. 03) para imediatamente antes de *razoavelmente* (l. 01-02).

II. Deslocamento de *, muitas vezes*, (l. 11) para imediatamente antes de *chega* (l. 11).

III. Deslocamento de *inclusive* (l. 20), precedido de vírgula, para imediatamente depois de *características* (l. 22).

Qual(is) proposta(s) está(ão) correta(s) e preserva(m) o sentido do texto?



- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas I e III.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

○ 56. (UFRGS 2022)

01 Esse delírio que por aí vai pelo futebol seus funda-
02 mentos na própria natureza humana. O espetáculo da luta
03 sempre foi o maior encanto do homem; e o prazer da vitória,
04 pessoal ou do partido, foi, é e será a ambrosia dos deuses
05 manipulada na Terra. Admiramos hoje os grandes filósofos
06 gregos, Platão, Sócrates, Aristóteles; seus coevos, porém,
07 admiravam muito mais os atletas que venciam no estádio.
08 Milon de Crotona, campeão na arte de torcer pescoços de
09 touros, só para nós tem menos importância que seu mestre
10 Pitágoras. Para os gregos, para a massa popular grega, se-
11 ria inconcebível a ideia de que o filósofo pudesse no futuro
12 ofuscar a glória do lutador.

13 Na França, o homem hoje mais popular é George Car-
14 pentier, mestre em socos de primeira classe; e, se derem
15 nas massas um balanço sincero, verão que ele sobrepuja
16 em prestígio aos próprios chefes supremos vencedores da
17 guerra.

18 Nos Estados Unidos, há sempre um campeão de boxe
19 tão entranhado na idolatria do povo que está em suas mãos
20 subverter o regime político.

21 E os delírios coletivos provocados pelo combate de dois
22 campeões em campo? Impossível assistir-se a espetáculo
23 mais revelador da alma humana que os jogos de futebol.

24 Não é mais esporte, é guerra. Não se batem duas equi-
25 pes, mas dois povos, duas nações. Durante o tempo da luta,
26 de quarenta a cinquenta mil pessoas deliraram em transe, es-
27 táticas, na ponta dos pés, coração aos pulos e nervos tensos
28 como cordas de viola. Conforme corre o jogo, pausas
29 de silêncio absoluto na multidão suspensa, ou deflagrações
30 violentíssimas de entusiasmo, que só a palavra delírio clas-
31 sifica. E gente pacífica, bondosa, incapaz de sentimentos
32 exaltados, sai fora de si, torna-se capaz de cometer os mais
33 horrorosos desastrosos.

34 A luta de vinte e duas feras no campo transforma em
35 feras os cinquenta mil espectadores, possibilitando um en-
36 fraquecimento mútuo, num conflito horrendo, caso um inci-
37 dente qualquer funda em corisco, eletricidades psíqui-
38 cas acumuladas em cada indivíduo.

39 O jogo de futebol teve a honra de despertar o nosso
40 povo do marasmo de nervos em que vivia.

Adaptado de LOBATO, Monteiro. A onda verde. São Paulo: Globo, 2008. p. 119-120.

O deslocamento de segmentos de um texto pode ou não afetar as relações de sentido estabelecidas. Assinale a alternativa em que o deslocamento de segmentos, considerando os ajustes com maiúscula, minúscula e pontuação, mantém as relações de sentido no contexto em que ocorrem.

- a) **Hoje** (l. 05) para imediatamente depois de **seus coevos** (l. 06).
- b) **porém** (l. 06) para imediatamente antes de **seus coevos** (l. 06).
- c) **sempre** (l. 18) para imediatamente depois de **mãos** (l. 19).
- d) **em campo** (l. 22) para imediatamente depois de **coletivos** (l. 21).
- e) **Conforme corre o jogo** (l. 28) para imediatamente depois de **classifica** (l. 30-31).

○ 57. (ENEM)

Da timidez

Ser um tímido notório é uma contradição. O tímido tem horror a ser notado, quanto mais a ser notório. Se ficou notório por ser tímido, então tem que se explicar. Afinal, que retumbante timidez é essa, que atrai tanta atenção? Se ficou notório apesar de ser tímido, talvez estivesse se enganando junto com os outros, e sua timidez seja apenas um estratagema para ser notado. Tão secreto que nem ele sabe. É como no paradoxo psicanalítico, só alguém que se acha muito superior procura o analista para tratar um complexo de inferioridade, porque só ele acha que se sentir inferior é doença. [...]

O tímido tenta se convencer de que só tem problemas com multidões, mas isto não é vantagem. Para o tímido, duas pessoas são uma multidão. Quando não consegue escapar e se vê diante de uma plateia, o tímido não pensa nos membros da plateia como indivíduos. Multiplica-os por quatro, pois cada indivíduo tem dois olhos e dois ouvidos. Quatro vias, portanto, para receber suas gafes. Não adianta pedir para a plateia fechar os olhos ou tapar um olho e um ouvido para cortar o desconforto do tímido pela metade. Nada adianta. O tímido, em suma, é uma pessoa convencida de que é o centro do Universo, e que seu vexame ainda será lembrado quando as estrelas virarem pó.

VERISSIMO, L. F. Comédias para se ler na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Entre as estratégias de progressão textual presentes nesse trecho, identifica-se o emprego de elementos conectores. Os elementos que evidenciam noções semelhantes estão destacados em:

- a) **Se** ficou notório por ser tímido” e “[...] então tem que **se** explicar.”
- b) “[...] **então** tem que se explicar” e “[...] **quando** as estrelas virarem pó”.
- c) “[...] ficou notório **apesar de** ser tímido [...]” e “[...] **mas** isso não é vantagem [...]”.
- d) “[...] um estratagema **para** ser notado [...]” e “Tão secreto **que** nem ele sabe”.
- e) “[...] **como** no paradoxo psicanalítico [...]” e “[...] **porque** só ele acha [...]”.

○ 58. (ENEM)

Argumento

Tá legal
Eu aceito o argumento
Mas não me altere o samba tanto assim
Olha que a rapaziada está sentindo a falta

De um cavaco, de um pandeiro e de um tamborim
Sem preconceito
Ou mania de passado
Sem querer ficar do lado
De quem não quer navegar
Faça como o velho marinheiro
Que durante o nevoeiro Leva o barco devagar.

PAULINHO DA VIOLA. Disponível em: www.paulinhodaviola.com.br. Acesso em: 6 dez. 2012.



Na letra da canção, percebe-se uma interlocução. A posição do emissor é conciliatória entre as tradições do samba e os movimentos inovadores desse ritmo. A estratégia argumentativa de concessão, nesse cenário, é marcada no trecho:

- a) "Mas não me altere o samba tanto assim".
- b) "Olha que a rapaziada está sentindo a falta".
- c) "Sem preconceito / Ou mania de passado".
- d) "Sem querer ficar do lado / De quem não quer navegar".
- e) "Leva o barco devagar".

○ 59. (ENEM)

O mundo é grande

O mundo é grande e cabe
nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
no breve espaço de beijar.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

Nesse poema, o poeta realizou uma opção estilística: a reiteração de determinadas construções e expressões linguísticas, como o uso da mesma conjunção para estabelecer a relação entre as frases. Essa conjunção estabelece, entre as ideias relacionadas, um sentido de:

- a) oposição.
- b) comparação.
- c) conclusão.
- d) alternância.
- e) finalidade.

○ 60. (ENEM)

A PREGUIÇA É A MÃE DE
TODOS OS VÍCIOS, MAS UMA
MÃE É UMA MÃE E É PRECISO
RESPEITÁ-LA, PRONTO!



Disponível em: <http://clubedamafalda.blogspot.com.br>. Acesso em: 21 set. 2011.

Nessa charge, o recurso morfossintático que colabora para o efeito de humor está indicado pelo(a):

- a) emprego de uma oração adversativa, que orienta a quebra da expectativa ao final.
- b) uso de conjunção aditiva, que cria uma relação de causa e efeito entre as ações.
- c) retomada do substantivo "mãe", que desfaz a ambiguidade dos sentidos a ele atribuídos.
- d) utilização da forma pronominal "la", que reflete um tratamento formal do filho em relação à "mãe".
- e) repetição da forma verbal "é", que reforça a relação de adição existente entre as orações.

○ 61. (ENEM)

Tarefa

Morder o fruto amargo e não cuspir
Mas avisar aos outros quanto é amargo
Cumprir o trato injusto e não falhar
Mas avisar aos outros quanto é injusto
Sofrer o esquema falso e não ceder
Mas avisar aos outros quanto é falso
Dizer também que são coisas mutáveis...
E quando em muitos a não pulsar
— do amargo e injusto e falso por mudar —
então confiar à gente exausta o plano
de um mundo novo e muito mais humano.

CAMPOS, G. Tarefa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

Na organização do poema, os empregos da conjunção "mas" articulam, para além de sua função sintática:

- a) a ligação entre verbos semanticamente semelhantes.
- b) a oposição entre ações aparentemente inconciliáveis.
- c) a introdução do argumento mais forte de uma sequência.
- d) o reforço da causa apresentada no enunciado introdutório.
- e) a intensidade dos problemas sociais presentes no mundo.

○ 62. (ENEM)

Miss Universo: "As pessoas racistas devem procurar ajuda"

SÃO PAULO — Leila Lopes, de 25 anos, não é a primeira negra a receber a faixa de Miss Universo. A primazia coube a Janelle "Penny" Commissiong, de Trinidad e Tobago, vencedora do concurso em 1977. Depois dela vieram Chelsi Smith, dos Estados Unidos, em 1995; Wendy Fitzwilliam, também de Trinidad e Tobago, em 1998; e Mpule Kwelagobe, de Botswana, em 1999. Em 1986, a gaúcha Deise Nunes, que foi a primeira negra a se eleger Miss Brasil, ficou em sexto lugar na classificação geral. Ainda assim a estupidez humana faz com que, vez ou outra, surjam manifestações preconceituosas como a de um site brasileiro que, às vésperas da competição, e se valendo do anonimato de quem o criou, emitiu opiniões do tipo "Como alguém consegue achar uma preta bonita?". Após receber o título, a mulher mais linda do mundo — que tem o português como língua materna e também fala fluentemente o inglês — disse o que pensa de atitudes como essa e também sobre como sua conquista pode ajudar os necessitados de Angola e de outros países.

COSTA, D. Disponível em: <http://oglobo.globo.com>. Acesso em: 10 set. 2011 (adaptado)

O uso da expressão "ainda assim" presente nesse texto tem como finalidade:

- a) criticar o teor das informações fatuais até ali veiculadas.
- b) questionar a validade das ideias apresentadas anteriormente.
- c) comprovar a veracidade das informações expressas anteriormente.
- d) introduzir argumentos que reforçam o que foi dito anteriormente.
- e) enfatizar o contrassenso entre o que é dito antes e o que vem em seguida.



○ 63. (ENEM)

Enquanto isso, nos bastidores do universo

Você planeja passar um longo tempo em outro país, trabalhando e estudando, mas o universo está preparando a chegada de um amor daqueles de tirar o chão, um amor que fará você jogar fora seu atlas e criar raízes no quintal como se fosse uma figueira.

Você treina para a maratona mais desafiadora de todas, mas não chegará com as duas pernas intactas na hora da largada, e a primeira perplexidade será esta: a experiência da frustração.

O universo nunca entrega o que promete. Aliás, ele nunca prometeu nada, você é que escuta vozes.

No dia em que você pensa que não tem nada a dizer para o analista, faz a revelação mais bombástica dos seus dois anos de terapia. O resultado de um exame de rotina coloca sua rotina de cabeça para baixo. Você não imaginava que iriam tantos amigos à sua festa, e tampouco imaginou que justo sua grande paixão não iria. Quando achou que estava bela, não arrasou corações. Quando saiu sem maquiagem e com uma camiseta puída, chamou a atenção. E assim seguem os dias à prova de planejamento e contrariando nossas vontades, pois, por mais que tenhamos ensaiado nossa fala e estejamos preparados para a melhor cena, nos bastidores do universo alguém troca nosso papel de última hora, tornando surpreendente a nossa vida.

MEDEIROS, M. O Globo. 21 Jun. 2015.

Entre as estratégias argumentativas utilizadas para sustentar a tese apresentada nesse fragmento, destaca-se a recorrência de:

- a) estruturas sintáticas semelhantes, para reforçar a velocidade das mudanças da vida.
- b) marcas de interlocução, para aproximar o leitor das experiências vividas pela autora.
- c) formas verbais no presente, para exprimir reais possibilidades de concretização das ações.
- d) construções de oposição, para enfatizar que as expectativas são afetadas pelo inesperado.
- e) sequências descritivas, para promover a identificação do leitor com as situações apresentadas.

○ 64. (ENEM) Os filhos de Anna eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta. Cresciam, tomavam banho, exigiam para si, malcriados, instantes cada vez mais completos. A estouros. O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando. **Mas** o vento batendo nas cortinas que ela mesma cortara lembrava-lhe que se quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o calmo horizonte. Como um lavrador. Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, **mas** essas apenas.

LISPECTOR, C. Laços de família. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

A autora emprega por duas vezes o conectivo *mas* no fragmento apresentado. Observando aspectos da organização, estruturação e funcionalidade dos elementos que articulam o texto, o conectivo *mas*:

- a) expressa o mesmo conteúdo nas duas situações em que aparece no texto.
- b) quebra a fluidez do texto e prejudica a compreensão, se usado no início da frase.
- c) ocupa posição fixa, sendo inadequado seu uso na abertura da frase.
- d) contém uma ideia de sequência temporal que direciona a conclusão do leitor.
- e) assume funções discursivas distintas nos dois contextos de uso.

○ 65. (ENEM) O Flamengo começou a partida no ataque, **enquanto** o Botafogo procurava fazer uma forte marcação no meio campo e tentar lançamentos para Victor Simões, isolado entre os zagueiros rubro-negros. **Mesmo** com mais posse de bola, o time dirigido por Cuca tinha grande dificuldade de chegar à área alvinegra **por causa do** bloqueio montado pelo Botafogo na frente da sua área.

No entanto, na primeira chance rubro-negra, saiu o gol. **Após** cruzamento da direita de Ibson, a zaga alvinegra rebateu a bola de cabeça para o meio da área. Kléberson apareceu na jogada e cabeceou por cima do goleiro Renan. Ronaldo Angelim apareceu nas costas da defesa e empurrou para o fundo da rede quase que em cima da linha: Flamengo 1 a 0.

Disponível em: <http://momentodofutebol.blogspot.com> (adaptado).

O texto, que narra uma parte do jogo final do Campeonato Carioca de futebol, realizado em 2009, contém vários conectivos, sendo que:

- a) **após** é conectivo de causa, já que apresenta o motivo de a zaga alvinegra ter rebatido a bola de cabeça.
- b) **enquanto** tem um significado alternativo, porque conecta duas opções possíveis para serem aplicadas no jogo.
- c) **no entanto** tem significado de tempo, porque ordena os fatores observados no jogo em ordem cronológica de ocorrência.
- d) **mesmo** traz ideia de concessão, já que “com mais posse de bola”, ter dificuldade não é algo naturalmente esperado.
- e) **por causa de** indica consequência, porque as tentativas de ataque do Flamengo motivaram o Botafogo a fazer um bloqueio.

○ 66. (ENEM)

A palavra e a imagem têm o poder de criar e destruir, de prometer e negar. A publicidade se vale desse recurso linguístico-imagético como seu principal instrumento. Vende a ficção como o real, o normal como algo fantástico; transforma um carro em um símbolo de prestígio social, uma cerveja em uma loira bonita, e um cidadão comum num astro ou estrela, bastando tão somente utilizar o produto ou serviço divulgado. Assim, fazer o banal tornar-se o ideal é tarefa ordinária da linguagem publicitária.

ALMEIDA, W. M. A linguagem publicitária e o estrangeirismo. Língua Portuguesa, n. 35, jan. 2012.

Alguns elementos linguísticos estabelecem relações entre as diferentes partes do texto. Nesse texto, o vocábulo “Assim” (l. 9) tem a função de:

- a) contrariar os argumentos anteriores.
- b) sintetizar as informações anteriores.
- c) acrescentar um novo argumento.
- d) introduzir uma explicação.
- e) apresentar uma analogia.

Anotações:



○ **67. (ENEM)** Cultivar um estilo de vida saudável é extremamente importante para diminuir o risco de infarto, mas também de problemas como morte súbita e derrame. Significa que manter uma alimentação saudável e praticar atividade física regularmente já reduz, por si só, as chances de desenvolver vários problemas. Além disso, é importante para o controle da pressão arterial, dos níveis de colesterol e de glicose no sangue. Também ajuda a diminuir o estresse e aumentar a capacidade física, fatores que, somados, reduzem as chances de infarto. Exercitar-se, nesses casos, com acompanhamento médico e moderação, é altamente recomendável.

ATALIA, M. Nossa vida. Época. 23 mar. 2009.

As ideias veiculadas no texto se organizam estabelecendo relações que atuam na construção do sentido. A esse respeito, identifica-se, no fragmento, que:

- a) a expressão “Além disso” marca uma sequenciação de ideias.
- b) o conectivo “mas também” inicia oração que exprime ideia de contraste.
- c) o termo “como”, em “como morte súbita e derrame”, introduz uma generalização.
- d) o termo “Também” exprime uma justificativa.
- e) o termo “fatores” retoma coesivamente “níveis de colesterol e de glicose no sangue”.

○ **68. (ENEM)**

Acho que educar é como catar piolho na cabeça de criança.

É preciso ter confiança, perseverança e um certo despojamento.

É preciso, também, conquistar a confiança de quem se quer educar, para fazê-lo deitar no colo e ouvir histórias.

MUNDURUKU, D. Disponível em: <http://caravanamekukradja.blogspot.com.br>. Acesso em: 5 dez. 2012.

Concorrem para a estruturação e para a progressão das ideias no texto os seguintes recursos:

- a) Comparação e enumeração.
- b) Hiperonímia e antonímia.
- c) Argumentação e citação.
- d) Narração e retomada.
- e) Pontuação e hipérbole.

○ **69. (ENEM)** O comportamento do público, em geral, parece indicar o seguinte: o texto da peça de teatro não basta em si mesmo, não é uma obra de arte completa, pois ele só se realiza plenamente quando levado ao palco. Para quem pensa assim, ler um texto dramático equivale a comer a massa do bolo antes de ele ir para o forno. Mas ele só fica pronto mesmo depois que os atores deram vida àquelas emoções; que cenógrafos compuseram os espaços, refletindo externamente os conflitos internos dos envolvidos; que os figurinistas vestiram os corpos sofredores em movimento.

LACERDA, R. Leitores. *Metáfora*, n. 7, abr. 2012.

Em um texto argumentativo, podem-se encontrar diferentes estratégias para guiar o leitor por um raciocínio e chegar à determinada conclusão. Para defender sua ideia a favor da incompletude do texto dramático fora do palco, o autor usa como estratégia argumentativa a:

- a) comoção.
- b) analogia.
- c) identificação.
- d) contextualização.
- e) enumeração.

Anotações:



○ 70. (ENEM) O senso comum é que só os seres humanos são capazes de rir. Isso não é verdade?

Não. O riso básico – o da brincadeira, da diversão, da expressão física do riso, do movimento da face e da vocalização — nós compartilhamos com diversos animais. Em ratos, já foram observadas vocalizações ultrassônicas – que nós não somos capazes de perceber – e que eles emitem quando estão brincando de “rolar no chão”. Acontecendo de o cientista provocar um dano em um local específico no cérebro, o rato deixa de fazer essa vocalização e a brincadeira vira briga séria. Sem o riso, o outro pensa que está sendo atacado. O que nos diferencia dos animais é que não temos apenas esse mecanismo básico. Temos um outro mais evoluído. Os animais têm o senso de brincadeira, como nós, mas não têm senso de humor. O córtex, a parte superficial do cérebro deles, não é tão evoluído como o nosso. Temos mecanismos corticais que nos permitem, por exemplo, interpretar uma piada.

Disponível em <http://globonews.globo.com>. Acesso em 31 maio 2012 (adaptado)

A coesão textual é responsável por estabelecer relações entre as partes do texto. Analisando o trecho “Acontecendo de o cientista provocar um dano em um local específico no cérebro”, verifica-se que ele estabelece com a oração seguinte uma relação de:

- a) finalidade, porque os danos causados ao cérebro têm por finalidade provocar a falta de vocalização dos ratos.
- b) oposição, visto que o dano causado em um local específico no cérebro é contrário à vocalização dos ratos.
- c) condição, pois é preciso que se tenha lesão específica no cérebro para que não haja vocalização dos ratos.
- d) consequência, uma vez que o motivo de não haver mais vocalização dos ratos é o dano causado no cérebro.
- e) proporção, já que, à medida que se lesiona o cérebro, não é mais possível que haja vocalização dos ratos.

O Professor e os desafios da tecnologia

O infográfico a seguir foi inspirado no trecho de uma palestra do professor Luli Radfahrer “Para que serve uma monocotiledônea? – Nerds, mídias sociais e a escola do século 21”.



○ 71. (UFSM) Assinale V (verdadeira) ou F (falsa) nas afirmativas a seguir.

- () A relação de condição explicitada pela conjunção “Se” é usada em três períodos do texto para articular possíveis situações que envolvem a tecnologia digital na educação e suas consequências.
- () Nos dois períodos que constituem a fala do menino no segundo balão, a relação de sentido entre as proposições pode ser explicitada com a inserção da conjunção “porque”, substituindo-se o ponto por vírgula.
- () No terceiro quadro, a expressão “Sem educação” pode ser substituída por uma oração, como “Contanto que haja educação”, mantendo a relação de sentido e reforçando a tese do autor do texto.

A sequência correta é

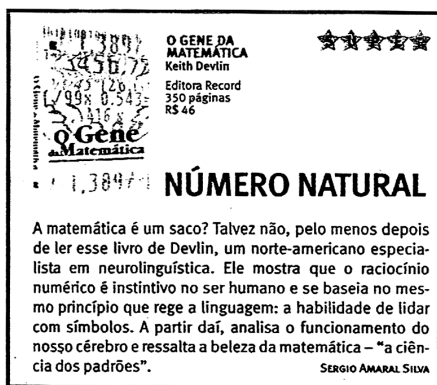
- a) V – F – F.
- b) V – F – V.
- c) F – F – V.
- d) F – V – F.
- e) V – V – F.



“Para efetuar suas compras, o usuário que necessita sacar dinheiro no caixa eletrônico deve realizar duas operações: digitar uma senha composta por 6 algarismos distintos e outra composta por 3 letras, escolhidas num alfabeto de 26 letras. Se essa pessoa esqueceu a senha, mas lembra que 8, 6 e 4 fazem parte dos três primeiros algarismos e que as letras são todas vogais distintas, sendo E a primeira delas, o número máximo de tentativas necessárias para acessar sua conta será”.

○ 72. (UFSM) No segundo período do enunciado acima, que trata do esquecimento da senha, é possível identificar as seguintes relações de sentido, com EXCEÇÃO de

- a) causa.
- b) oposição.
- c) condição.
- d) finalidade.
- e) adição.



Superinteressante, junho, 2004. p. 91.

○ 73. (UFSM) Analise as correspondências a seguir.

- A = o raciocínio numérico é instintivo
- B = o raciocínio numérico e o linguístico se baseiam no mesmo princípio
- C = o homem sabe lidar com símbolos
- D = o homem sabe lidar com a matemática

De acordo com as afirmações fornecidas pelo texto, pode-se afirmar:

- a) Se C, então D.
- b) Embora A, B.
- c) Quando A, B.
- d) A, mas B.
- e) C porque B.



○ 74. (UFSM) No texto, o balão contém a observação feita pelo motorista diante do menino na sinaleira. Essa observação se expressa linguisticamente num período composto cuja última oração se articula à anterior através de um conetivo que destaca a ideia de

- a) finalidade.
- b) adição.
- c) concessão.
- d) comparação.
- e) oposição.

Observe o texto a seguir.

Com os pobres de Porto Alegre

1 - Ao primeiro pedinte do dia o porto-alegrense de classe média reage com humor, generosidade e até emoção. No segundo pedinte, os bons sentimentos já diminuiram. No terceiro, no quarto, no décimo, deram lugar à irritação e

5 - até mesmo à fúria, que vão desde a fórmula “vai trabalhar, vagabundo” (mas com esse desemprego?) até o pensamento genocida. Não é só em Porto Alegre que acontece. Nova York, por exemplo, está numa campanha cerrada para banir os pedintes do metrô.

10 - Na guerra das cidades, a solidariedade é a primeira baixa, uma baixa que temos de lamentar. Quando

15 - ocupou o cargo de primeiro-ministro em Israel, Golda Meir costumava dizer: “Podemos perdoar tudo aos nossos inimigos — menos que

20 - tenham obrigado nossos filhos e os deles a se matarem mutuamente”. Uma coisa que não devíamos perdoar ao regime de feroz competitividade em que vivemos é que tenha nos tornado mais duros e insensíveis.



30 - que podem, recorrendo inclusive à criatividade: numa sinaleira da Nilo Peçanha, minha mulher foi saudada por dois garotos que lhe pediram um trocado – cantando um jingle de autoria deles: “A senhora que é tão simpática / Veja a nossa vida dramática”, ou algo no estilo. Não chegava a

35 - ser um musical da Broadway, mas o potencial de aperfeiçoamento é óbvio: bem pode ser que, na próxima vez, tenhamos um espetáculo de dança, ou quem sabe até uma ópera (que não será, claro, *A Ópera do Malandro*, do Chico).

40 - “Com os pobres de Paris/aprendi uma lição”. Com os pobres de Porto Alegre também dá para aprender uma lição. A dignidade humana sempre dá um jeito de sobreviver, através do humor e da imaginação. Mesmo em tempos sombrios como os que vivemos.

Jornal Zero Hora, Porto Alegre, 20 de março de 1994 - Revista ZH, p. 13. (adaptado)



○ 75. (UFSM) Na abertura do texto, aparecem dois períodos simples (l. 1 e 2). Caso o autor tivesse optado por reunir esses dois períodos em um único, mantendo a mesma relação de sentido implícita no texto, todas as conjunções apresentadas nas alternativas serviriam a esse propósito, À EXCEÇÃO DE

- a) contudo.
- b) porém.
- c) todavia.
- d) entretanto.
- e) portanto.

Leia o texto V a seguir para responder à questão.

Texto V



Susanita - Quino.

○ 76. (UFSM) Assinale verdadeira (V) ou falsa (F) em cada uma das afirmações relacionadas ao processo argumentativo com o qual a personagem Susanita se envolve.

- () O enunciado do problema proposto estrutura-se a partir de uma hipótese, expressa por meio de uma conjunção concessiva típica.
- () Na resposta redigida no caderno, o verbo no futuro indica um fato duvidoso, que pode acontecer ou não.
- () Um pronome indefinido desempenha função central na generalização que expressa a opinião negativa da menina.

A sequência correta é

- a) V - V - V.
- b) F - F - F.
- c) V - F - V.
- d) F - V - F.
- e) F - F - V.

○ 77. (UFSM) Assinale a afirmativa que está em DESACORDO com o período a seguir.

Remy deseja fazer aquilo que mais ama e para isso mergulha num universo completamente hostil (l. 6-7).

- a) Verbos relacionados com ação e afeto expressam os objetivos do ratinho.
- b) Tanto a forma verbal *ama* como o adjetivo *hostil* estão intensificados por palavras da mesma classe gramatical.
- c) Em relação ao contexto, há uma forma verbal empregada fora do seu sentido literal, denotativo.
- d) Sem modificar o sentido do texto, as seguintes substituições seriam possíveis: iniciar o período por *Embora*, substituir *deseja* por *deseje*, colocar vírgula depois de *ama* e eliminar *e para isso*.
- e) O segmento *isso* tem a função de retomar *fazer aquilo que mais ama*.

○ 78. (UFSM) "Embora o aprendizado brasileiro em relação à reeleição seja ainda pequeno, ela se transformou numa questão controversa."

Qual das alternativas NÃO equivale ao sentido expresso nessa sentença?

- a) A reeleição se transformou numa questão controversa, embora o aprendizado brasileiro em relação a ela seja ainda pequeno.
- b) Ainda que seja pequeno o aprendizado brasileiro em relação à reeleição, esta se transformou numa questão controversa.
- c) A reeleição se transformou numa questão controversa, apesar de o aprendizado brasileiro ainda ser pequeno em relação a ela.
- d) Mesmo sendo ainda pequeno o aprendizado brasileiro em relação à reeleição, ela se transformou numa questão controversa.
- e) O aprendizado brasileiro em relação à reeleição é ainda pequeno, mas já se transformou numa questão controversa.

01. No momento em que abrimos um livro nos
02. pomos no reino da palavra escrita,
03. compartilhando desse sortilégio fala
04. Verissimo no texto *Sinais mortíferos*, dessa
05. mágica de sinais gravados une as
06. mentes das quais saíram sinais, e outros sinais,
07. e outros sinais...
08. Ninguém duvida de que a manifestação
09. falada é a linguagem primeira, é a linguagem
10. natural, que prescinde das tábuas e dos sulcos
11. que um dia os homens inventaram para
12. cumprir desígnios que foram sendo
13. estabelecidos, para o bem e para o mal.
14. Nas sagas que cantou, Homero distinguia
15. heróis da palavra, heróis que eram os homens
16. de fala forte, de fala efetiva, de fala eficiente.
17. Assim como havia heróis excelentes na ação,
18. havia aqueles excelentes na palavra (porque,
19. para o épico, excelente em tudo só Zeus!). E
20. entre eles Homero ressalta muito
21. significativamente a figura do velho conselheiro
22. Nestor, sempre à parte dos combates, mas
23. dono de palavras sábias que dirigiam rumos
24. das ações. Ele ressalta, entre todos – no foco
25. da epopeia –, a figura de Odisseu/Ulisses, que
26. nunca foi cantado como herói de combate
27. renhido, mas que foi o senhor das palavras
28. astutas que construíram a *Odisseia*.
29. Hoje a força da palavra falada é a mesma,
30. nada mudou, na história da humanidade,
31. quanto ao exercício natural da capacidade que
32. o humano tem de falar e quanto à destinação
33. natural desse exercício. Mas, que diferença!!
34. E vem agora o lado prático dessa conversa
35. inicial: sem discussão, pode-se dizer que a
36. palavra escrita é sustentáculo da cultura,
37. embora não ouse supor que as sociedades
38. ágrafas sejam excluídas da noção de “cultura”,
39. e que os textos de Homero, que então eram
40. apenas cantados, não tenham sido sustentáculo
41. de cultura no mundo grego, exatamente por
42. onde chegaram ao registro escrito.
43. Diz Verissimo que a palavra escrita “dá
44. permanência à linguagem”, e isso se
45. comprovaria, banalmente, no fato de que hoje
46. os versos de Homero nos chegam somente
47. cravados em folha de papel ou em tela de
48. computador. Mas com certeza o cronista, que
49. não esqueceu a permanência do texto oral de
50. Homero, também não terá esquecido que, já
51. há algum tempo, gravam-se falas, e que,
52. portanto, a tecnologia humana já soube dar
53. registro permanente também à palavra falada.
54. Ocorre que a permanência de que fala
55. Verissimo é outra: acima do fato de que a
56. escrita representa um registro concreto
57. permanente, está o fato de que ela leva a
58. palavra a “outro domínio”. A palavra falada
59. povoa um domínio que, já por funcionar
60. automaticamente segundo o *software* que

61. trouxemos à vida com a vida, não desvenda
62. todos os sortilégios nos quais entramos quando
63. complicamos o viver. Que digam os versos dos
64. poetas que no geral se produzem no suporte
65. gráfico e assim nos chegam (no papel ou em
66. tela do monitor, insisto), mas vêm carregados
67. da melodia que lhes dá sentido, e por aí nos
68. transportam a um mundo particularmente mágico
69. a que passamos a pertencer com a leitura!!!
70. Este é, por si, o mundo da palavra mágica!!
71. E chegamos à função da escola nesse
72. mundo da mágica da linguagem. Se, como diz
73. Verissimo, a escrita traz o preço de “roubar a
74. palavra à sua vulgaridade democrática”, cabe
75. aos professores, que são aqueles é dado
76. levar às gerações a força da linguagem e a
77. força da cultura reverter o processo e reverter
78. o argumento: cabe-lhes valorizar a democrática
79. palavra falada, sim, mas sua missão muito
80. particular é *vulgarizar democraticamente* a
81. palavra (escrita) dos livros sem tirar-lhes o
82. sortilégio: acreditemos ou não em sortilégios...

Adaptado de: MOURA NEVES, M.H. Introdução. A gramática do português revelada em textos. São Paulo: Editora da Unesp, 2018.

○ 79. (UFRGS 2024) Assinale a alternativa que apresenta relações contextualmente adequadas para *Assim como* (l. 17), *portanto* (l. 52) e *Se* (l. 72), nesta ordem.

- a) causalidade – explicação – condição
- b) comparação – conclusão – condição
- c) comparação – conclusão – adição
- d) conclusão – conclusão – condição
- e) complementação – oposição – explicação



○ 80. (UFRGS 2022)

- 1 - Entre a desordem carnavalesca, que permite e estimula o excesso, e a ordem, que requer a continência e a disciplina pela obediência estrita às leis, como é que nós, brasileiros, ficamos? Qual a nossa relação e a nossa atitude para com e
- 5 - diante de uma lei universal que teoricamente deve valer para todos? Como procedemos diante da norma geral, se fomos criados numa casa onde, desde a mais tenra idade, aprendemos que há sempre um modo de satisfazer nossas vontades e desejos, mesmo que isso vá de encontro às normas do
- 10 - bom-senso e da coletividade em geral?

Num livro que escrevi – *Carnavais, malandros e heróis* –, lancei a tese de que o dilema brasileiro residia numa trágica oscilação entre um esqueleto nacional feito de leis universais cujo sujeito era o indivíduo e situações onde cada qual se

15 - salvava e se despachava como podia, utilizando para isso o seu sistema de relações pessoais. Haveria, assim, nessa colocação, um verdadeiro combate entre as leis que devem valer para todos e as relações que evidentemente só podem funcionar para quem as tem. O resultado é um sistema social dividido e até mesmo equilibrado entre duas unidades sociais básicas: o indivíduo (o sujeito das leis universais que modernizam a sociedade) e a pessoa (o sujeito das relações pessoais, que conduz ao polo tradicional do sistema). Entre os dois, o coração dos brasileiros balança. E no meio dos dois, a malandragem, o “jeitinho” e o famoso e antipático “sabe com quem está falando?” seriam modos de enfrentar essas

20 - contradições e paradoxos de modo tipicamente brasileiro. Ou seja: fazendo uma mediação também pessoal entre a lei, a situação onde ela deveria aplicar-se e as pessoas nela implicadas, de tal sorte que nada se modifique, apenas ficando a lei um pouco desmoralizada, mas, como ela é insensível e não é gente como nós, todo mundo fica, como se diz, numa boa, e a vida retorna ao seu normal...

- 25 - De fato, como é que reagimos diante de um “proibido estacionar”, “proibido fumar”, ou diante de uma fila quilométrica? Como é que se faz diante de um requerimento que está sempre errado? Ou diante de um prazo que já se esgotou e conduz a uma multa automática que não foi divulgada de
- 30 - modo apropriado pela autoridade pública? Ou de uma taxa injusta e abusiva?

Adaptado de: DA MATTA, Roberto. O que faz o Brasil, Brasil?. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. p. 97-99.

Assinale a alternativa que apresente relações, contextualmente adequadas, para *se* (l. 09), *assim* (l. 23) e *De fato* (l. 46), nessa ordem.

- a) Condição - causalidade - adição.
b) Causalidade - explicação - reforço.
c) Condição - causalidade - reforço.
d) Demonstração- explicação - adição.
e) Condição - demonstração - reforço.

○ 81. (UFRGS)

- 01 Nada mais importante para chamar a atenção sobre
- 02 uma verdade do que exagerá-la. Mas também, nada mais
- 03 perigoso, um dia vem a reação indispensável e a relega
- 04 injustamente para a categoria do erro, até que se efetue a
- 05 operação difícil de chegar a um ponto de vista objetivo, sem
- 06 desfigurá-la de um lado nem de outro. É o que tem ocorrido
- 07 com o estudo da relação entre a obra e o seu condiciona-
- 08 mento social, que a certa altura chegou a ser vista como
- 09 chave para compreendê-la, depois foi rebaixada como falha
- 10 de visão, – e talvez só agora comece a ser proposta nos de-
- 11 vidos termos.

12 De fato, antes se procurava mostrar que o valor e o

13 significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não

14 certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía

15 o que ela tinha de essencial. Depois, chegou-se à posição

16 oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra

17 é secundária, e que a sua importância deriva das operações

18 formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade

19 que a torna de fato independente de quaisquer condicio-

20 namentos, sobretudo social, considerado inoperante como

21 elemento de compreensão. Hoje sabemos que a integridade

22 da obra não permite adotar nenhuma dessas visões;

23 e que só a podemos entender fundindo texto e contexto

24 numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o

25 velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos,

26 quanto o outro, norteados pela convicção de que a estrutura

27 é virtualmente independente, se combinam como momen-

28 tos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda,

29 que o externo (no caso, o social) importa, não como causa,

30 nem como significado, mas como elemento que desempe-

31 nha certo papel na constituição da estrutura, tornando-se,

32 portanto, interno.

33 Neste caso, saímos dos aspectos periféricos da sociolo-

34 gia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a

35 uma interpretação estética que assimilou a dimensão social

36 como fator de arte. Quando isso se dá, ocorre o paradoxo

37 assinalado inicialmente: o externo se torna interno e a crí-

38 tica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica. Segun-

39 do essa ordem de ideias, o ângulo sociológico adquire uma

40 validade maior do que tinha. Em, não pode mais ser

41 imposto como critério único, ou mesmo preferencial, pois a

42 importância de cada fator depende do caso a ser analisado.

43 Uma crítica que se queira integral deve deixar de ser unilate-

44 ralmente sociológica, psicológica ou linguística, para utilizar

45 livremente os elementos capazes de conduzirem a uma in-

46 terpretação coerente.

Adaptado de: CANDIDO, Antônio. Literatura e sociedade. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

Considere as seguintes propostas de substituição de nexos do texto e assinale com 1 aquelas que mantêm o sentido do texto e com 2 aquelas que alteram.

- () *Mas* (l. 02) por **sobretudo**.
() *De fato* (l. 12) por **No entanto**.
() *portanto* (l. 32) por **todavia**.
() *pois* (l. 41) por **porque**.

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) 1 - 2 - 1 - 1
b) 1 - 1 - 2 - 2
c) 2 - 1 - 2 - 1
d) 2 - 2 - 1 - 1
e) 2 - 2 - 2 - 1



82. (UFRGS)

Muita gente que ouve a expressão “políticas linguísticas” pela primeira vez pensa em algo solene, formal, oficial, em leis e portarias, em autoridades oficiais, e pode ficar se perguntando o que seriam leis sobre línguas. De fato, há leis sobre línguas, mas as políticas linguísticas também podem ser menos formais – e nem passar por leis propriamente ditas. Em quase todos os casos, figuram no cotidiano, pois envolvem não só a gestão da linguagem, mas também as práticas de linguagem, e as crenças e os valores que circulam a respeito delas. Tome, por exemplo, a situação do cidadão das classes confortáveis brasileiras, que quer que a escola ensine a norma culta da língua portuguesa. Ele folga em saber que se vai exigir isso dos candidatos às vagas para o ensino superior, mas nem sempre observa ou exige o mesmo padrão culto, por exemplo, na ata de condomínio, que ele aprova como está, desapegada da ortografia e das regras de concordância verbais e nominais preconizadas pela gramática normativa. Ele acha ótimo que a escola dos filhos faça baterias de exercícios para fixar as normas ortográficas, mas pouco se incomoda com os problemas de redação nos enunciados das tarefas dirigidas às crianças ou nos textos de comunicação da escola dirigidos à comunidade escolar. Essas são políticas linguísticas. Afinal, onde há gente, há grupos de pessoas que falam línguas. Em cada um desses grupos, há decisões, tácitas ou explícitas, sobre como proceder, sobre o que é aceitável ou não, e por aí afora. Vamos chamar essas escolhas – assim como as discussões que levam até elas e as ações que delas resultam – de políticas. Esses grupos, pequenos ou grandes, de pessoas tratam com outros grupos, que por sua vez usam línguas e têm as suas políticas internas. Vivendo imersos em linguagem e tendo constantemente que lidar com outros indivíduos e outros grupos mediante o uso da linguagem, não surpreende que os recursos de linguagem lá pelas tantas se tornem, eles próprios, tema de política e objetos de políticas explícitas. Como esses recursos podem ou devem se apresentar? Que funções eles podem ou devem ter? Quem pode ou deve ter acesso a eles? Muito do que fazemos, portanto, diz respeito às políticas linguísticas.

Adaptado de: GARCEZ, P. M.; SCHULZ, L. Do que tratam as políticas linguísticas. ReVEL, v. 14, n. 26, 2016.

Considere as seguintes sugestões de substituição de expressões articuladoras no texto.

- I. Substituição de **pois** (l. 07) por **entretanto**.
- II. Substituição de **assim como** (l. 26-27) por **bem como**.
- III. Substituição de **portanto** (l. 37) por **por conseguinte**.

Qual(is) preservaria(m) o sentido e a correção do segmento em que ocorrem?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

83. (UFRGS)

É preciso estabelecer uma distinção radical entre um “brasil” escrito com letra minúscula, nome de um tipo de madeira de lei ou de uma feitoria interessada em explorar uma terra como outra qualquer, e o Brasil que designa um povo, uma nação, um conjunto de valores, escolhas e ideais de vida. O “brasil” com b minúsculo é apenas um objeto sem vida, pedaço de coisa que morre e não tem a menor condição de se reproduzir como sistema. Mas o Brasil com B maiúsculo é algo muito mais complexo.

Estamos interessados em responder esta pergunta: afinal de contas, o que faz o brasil, BRASIL? Note-se que se trata de uma pergunta relacional que, tal como faz a própria sociedade brasileira, quer juntar e não dividir. Queremos, isto sim, descobrir como é que eles se ligam entre si; como é que cada um depende do outro; e como os dois formam uma realidade única que existe concretamente naquilo que chamamos de “pátria”.

Se a condição humana determina que todos os homens devem comer, dormir, trabalhar, reproduzir-se e rezar, essa determinação não chega ao ponto de especificar também qual comida ingerir, de que modo produzir e para quantos deuses ou espíritos rezar. É precisamente aqui, nessa espécie de zona indeterminada, mas necessária, que nascem as diferenças e, nelas, os estilos, os modos de ser e estar; os “jeitos” de cada grupo humano. Trata-se, sempre, da questão de identidade.

Como se constrói uma identidade social? Como um povo se transforma em Brasil? A pergunta, na sua discreta singeleza, permite descobrir algo muito importante. É que, no meio de uma multidão de experiências dadas a todos os homens e sociedades, algumas necessárias à própria sobrevivência – como comer, dormir, morrer, reproduzir-se etc. – outras acidentais ou históricas –, o Brasil ter sido descoberto por portugueses e não por chineses, a geografia do Brasil ter certas características, falarmos português e não francês, a família real ter se transferido para o Brasil no início do século XIX etc. –, cada sociedade (e cada ser humano) apenas se utiliza de um número limitado de “coisas” (e de experiências) para se construir como algo único.

Nessa perspectiva, a chave para entender a sociedade brasileira é uma chave dupla. E, para mim, a capacidade relacional – do antigo com o moderno – tipifica e singulariza a sociedade brasileira. Será preciso, portanto, discutir o Brasil como uma moeda. Como algo que tem dois lados. E mais: como uma realidade que nos tem iludido, precisamente porque nunca lhe propusemos esta questão relacional e reveladora: afinal de contas, como se ligam as duas faces de uma mesma moeda? O que faz o brasil, Brasil?

Adaptado de: DAMATTA, R. O que faz o brasil, Brasil? A questão da identidade. In: _____. O que faz o brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 9-17.

Assinale a alternativa que apresenta, no texto, os sentidos, contextualmente adequados, para os nexos **Mas** (l. 08), **para** (l. 39) e **portanto** (l. 42), nessa ordem.

- a) contraste - finalidade - explicação
- b) concessão - conformidade - conclusão
- c) concessão - finalidade - explicação
- d) condição - conformidade - finalidade
- e) contraste - finalidade - conclusão



○ 84. (UFRGS)

01 Quando a economia política clássica nasceu, no Reino
02 Unido e na França, ao final do século XVIII e início do sécu-
03 lo XIX, a questão da distribuição da renda já se encontrava
04 no centro de todas as análises. Estava claro que transfor-
05 mações radicais entraram em curso, propelas pelo cresci-
06 mento demográfico sustentado – inédito até então – e pelo
07 início do êxodo rural e da Revolução Industrial. Quais seriam
08 as consequências sociais dessas mudanças?

09 Para Thomas Malthus, que publicou em 1798 seu *Ensaio*
10 *sobre o princípio da população*, não restava dúvida: a super-
11 população era uma ameaça. Preocupava-se especialmente
12 com a situação dos franceses vésperas da Revolução
13 de 1789, quando havia miséria generalizada no campo. Na
14 época, a França era de longe o país mais populoso da Euro-
15 pa: por volta de 1700, já contava com mais de 20 milhões de
16 habitantes, enquanto o Reino Unido tinha pouco mais de 8
17 milhões de pessoas. A população francesa se expandiu em
18 ritmo crescente ao longo do século XVIII, aproximando-se
19 dos 30 milhões. Tudo leva a crer que esse dinamismo de-
20 mográfico, desconhecido nos séculos anteriores, contribuiu
21 para a estagnação dos salários no campo e para o aumento
22 dos rendimentos associados à propriedade da terra, sendo
23 portanto um dos fatores que levaram Revolução Fran-
24 cesa. Para evitar que torvelinho similar vitimasse o Reino
25 Unido, Malthus argumentou que toda assistência aos po-
26 bres.

27 Já David Ricardo, que publicou em 1817 os seus *Princi-
28 pios de economia política e tributação*, preocupava-se com a
29 evolução do preço da terra. Se o crescimento da população
30 e, conseqüentemente, da produção agrícola se prolongasse,
31 a terra tenderia a se tornar escassa. De acordo com a lei da
32 oferta e da procura, o preço do bem escasso – a terra – deve-
33 ria subir de modo contínuo. No limite, os donos da terra re-
34 ceberiam uma parte cada vez mais significativa da renda na-
35 cional, e o restante da população, uma parte cada vez mais
36 reduzida, destruindo o equilíbrio social. De fato, o valor da
37 terra permaneceu alto por algum tempo, mas, ao longo do
38 século XIX, caiu em relação outras formas de riqueza,
39 à medida que diminuía o peso da agricultura na renda das
40 nações. Escrevendo nos anos de 1810, Ricardo não poderia
41 antever a importância que o progresso tecnológico e o cres-
42 cimento industrial teriam ao longo das décadas seguintes
43 para a evolução da distribuição da renda.

Adaptado de: PIKETTY, T. O Capital no Século XXI. Trad. de M. B. de Bolle.
Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. p.11-13.

Considere as seguintes afirmações acerca de elementos ad-
verbais do texto.

I. O advérbio **conseqüentemente** (l. 30) expressa que o cresci-
mento prolongado da população é **conseqüência** do crescimen-
to prolongado da produção agrícola.

II. A oração **destruindo o equilíbrio social** (l. 36) expressa uma
conseqüência de a renda dos proprietários de terra ser cada vez
maior em relação à do resto da população.

III. A oração **Escrevendo nos anos de 1810** (l. 40) expressa a **cau-
sa** de Ricardo não ter conseguido antever que progresso tecno-
lógico e crescimento industrial seriam importantes para a evolu-
ção da distribuição da renda.

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas I.
- b) Apenas III.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas II e III.

○ 85. (ENEM) Descubra e aproveite um momento todo seu.
Quando você quebra o delicado chocolate, o irresistível recheio
cremoso começa a derreter na sua boca, acariciando todos os
seus sentidos. Criado por nossa empresa. Paixão e amor por
chocolate desde 1845.

Veja, n. 2 320, 8 maio 2013 (adaptado).

O texto publicitário tem a intenção de persuadir o público-
-alvo a consumir determinado produto ou serviço. No anúncio,
essa intenção assume a forma de um convite, estratégia argu-
mentativa linguisticamente marcada pelo uso de:

- a) conjunção (quando).
- b) adjetivo (irresistível).
- c) verbo no imperativo (descubra).
- d) palavra do campo afetivo (paixão).
- e) expressão sensorial (acariciando).

○ 86. (UFRGS)

01 As primeiras lições que recebi de aeronáutica foram-
02 -me dadas por um grande visionário: Júlio Verne. De 1888,
03 mais ou menos, a 1891, quando parti pela primeira vez para
04 a Europa, li, com grande interesse, todos os livros desse
05 grande vidente da locomoção aérea e submarina.

06 Estava eu em Paris quando, na véspera de partir para o
07 Brasil, fui, com meu pai, visitar uma exposição de máquinas
08 no desaparecido Palácio da Indústria. Qual não foi o meu
09 espanto quando vi, pela primeira vez, um motor a petróleo,
10 da força de um cavalo, muito compacto, e leve, em compara-
11 ção aos que eu conhecia, e ... funcionando! Parei diante dele
12 como que pregado pelo destino. Estava completamente fas-
13 cinado. Meu pai, distraído, continuou a andar até que, de-
14 pois de alguns passos, dando pela minha falta, voltou, per-
15 guntando-me o que havia. Contei-lhe a minha admiração de
16 ver funcionar aquele motor, e ele me respondeu: "Por hoje
17 basta". Aproveitando-me dessas palavras, pedi-lhe licença
18 para fazer meus estudos em Paris. Continuamos o passeio,
19 e meu pai, como distraído, não me respondeu. Nessa mes-
20 ma noite, no jantar de despedida, reunida a família, meu pai
21 anunciou que pretendia fazer-me voltar a Paris para acabar
22 meus estudos. Nessa mesma noite, corri vários livreiros;
23 comprei todos os livros que encontrei sobre balões e via-
24 gens aéreas.

25 Diante do motor a petróleo, tinha sentido a possibili-
26 dade de tornar reais as fantasias de Júlio Verne. Ao motor a
27 petróleo devi, mais tarde, todo o meu êxito. Tive a felicidade
28 de ser o primeiro a empregá-lo nos ares.

29 Uma manhã, em São Paulo, com grande surpresa mi-
30 nha, convidou-me meu pai a ir à cidade e, dirigindo-se a
31 um cartório de tabelião, mandou lavrar escritura de minha
32 emancipação. Tinha eu dezoito anos. De volta à casa, cha-
33 mou-me ao escritório e disse-me: "Já lhe dei hoje a liberda-
34 de; aqui está mais este capital", e entregou-me títulos no va-
35 lor de muitas centenas de contos. "Tenho ainda alguns anos
36 de vida; quero ver como você se conduz; vai para Paris, o
37 lugar mais perigoso para um rapaz. Vamos ver se você se
38 faz um adulto; prefiro que não se faça doutor; em Paris, você
39 procurará um especialista em física, química, mecânica, ele-
40 tricidade, etc., estude essas matérias e não esqueça que o
41 futuro do mundo está na mecânica".

Adaptado de DUMONT, Santos. O que eu vi, o que nós veremos. Rio de Janeiro: Hedra, 2016. Organização de
Marcos Villares.



Assinale a alternativa que apresenta palavras de mesma classe gramatical.

- a) quando (l. 03) - primeira (l. 03) - uma (l. 07) - mais (l. 27)
- b) interesse (l. 04) - vidente (l. 05) - espanto (l. 09) - fantasias (l. 26)
- c) desse (l. 04) - eu (l. 06) - minha (l. 14) - mesma (l. 22)
- d) submarina (l. 05) - desaparecido (l. 08) - distraído (l. 13) - sentido (l. 25)
- e) força (l. 10) - basta (l. 17) - faça (l. 38) - esqueça (l. 40)

○ 87. (UFRGS)

01 É preciso estabelecer uma distinção radical entre um
02 "brasil" escrito com letra minúscula, nome de um tipo de
03 madeira de lei ou de uma feitoria interessada em explorar
04 uma terra como outra qualquer, e o Brasil que designa um
05 povo, uma nação, um conjunto de valores, escolhas e ideais
06 de vida. O "brasil" com b minúsculo é apenas um objeto sem
07 vida, pedaço de coisa que morre e não tem a menor con-
08 dição de se reproduzir como sistema. Mas o Brasil com B
09 maiúsculo é algo muito mais complexo.

10 Estamos interessados em responder esta pergunta:
11 afinal de contas, o que faz o brasil, BRASIL? Note-se que se
12 trata de uma pergunta relacional que, tal como faz a própria
13 sociedade brasileira, quer juntar e não dividir. Queremos,
14 isto sim, descobrir como é que eles se ligam entre si; como
15 é que cada um depende do outro; e como os dois formam
16 uma realidade única que existe concretamente naquilo que
17 chamamos de "pátria".

18 Se a condição humana determina que todos os homens
19 devem comer, dormir, trabalhar, reproduzir-se e rezar, essa
20 determinação não chega ao ponto de especificar também
21 qual comida ingerir, de que modo produzir e para quantos
22 deuses ou espíritos rezar. É precisamente aqui, nessa espé-
23 cie de zona indeterminada, mas necessária, que nascem as
24 diferenças e, nelas, os estilos, os modos de ser e estar; os
25 "jeitos" de cada grupo humano. Trata-se, sempre, da ques-
26 tão de identidade.

27 Como se constrói uma identidade social? Como um
28 povo se transforma em Brasil? A pergunta, na sua discreta
29 singeleza, permite descobrir algo muito importante. É que,
30 no meio de uma multidão de experiências dadas a todos os
31 homens e sociedades, algumas necessárias à própria sobre-
32 vivência – como comer, dormir, morrer, reproduzir-se etc. –
33 outras acidentais ou históricas –, o Brasil ter sido descoberto
34 por portugueses e não por chineses, a geografia do Brasil ter
35 certas características, falarmos português e não francês, a
36 família real ter se transferido para o Brasil no início do sécu-
37 lo XIX etc. –, cada sociedade (e cada ser humano) apenas se
38 utiliza de um número limitado de "coisas" (e de experiências)
38 para se construir como algo único.

39 Nessa perspectiva, a chave para entender a sociedade
40 brasileira é uma chave dupla. E, para mim, a capacidade re-
41 lacional – do antigo com o moderno – tipifica e singulariza a
42 sociedade brasileira. Será preciso, portanto, discutir o Brasil
43 como uma moeda. Como algo que tem dois lados. E mais:
44 como uma realidade que nos tem iludido, precisamente por-
45 que nunca lhe propusemos esta questão relacional e revela-
46 dora: afinal de contas, como se ligam as duas faces de uma
47 mesma moeda? O que faz o brasil, Brasil?

Adaptado de: DAMATTA, R. O que faz o brasil, Brasil? A questão da identidade. In: _____.
O que faz o brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 9-17.

Considere os seguintes pares de elementos do texto.

- I. **e** (l. 04) e **E** (l. 40).
- II. **ou** (l. 03) e **ou** (l. 22).
- III. **se** (l. 08) e **Se** (l. 18).

Em qual(is) par(es) os dois elementos pertencem à mesma classe gramatical?

- a) Apenas I.
- b) Apenas III.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.



HABILIDADES À PROVA 5

» Modalidades do discurso

○ 1. (UFSM) Considere os trechos a seguir.

A pesquisadora Loreta Breuning, autora do livro *Habits of a happy brain* (“Hábitos de um cérebro feliz”, em tradução livre), explica que “quando o cérebro emite uma dessas químicas, você se sente bem. Seria bom que surgissem o tempo todo, mas não funcionam assim”, diz a professora da Universidade Estadual da Califórnia (EUA). (ℓ. 16-22)

Sobre os usos dos verbos “explica” e “diz”, assinale V (verdadeiro) ou F (falso) em cada afirmativa a seguir.

- () Indicam a presença de uma voz externa ao texto.
- () São introdutores de discurso direto.
- () Apresentam a mesma carga semântica.
- () São empregados para corroborar a tese que está sendo defendida.

A sequência correta é

- a) V – F – V – V.
- b) V – F – F – F.
- c) F – V – F – V.
- d) V – F – F – V.
- e) F – V – V – F.

Viva melhor com menos sal

1 A humanidade parece ter um problema recorrente com o uso do sal [...]. O historiador britânico Felipe Fernandez-Arnesto, da Universidade de Notre Dame, nos Estados Unidos, diz que, desde que os primeiros humanos deixaram de ser nômades, houve um crescimento explosivo do uso do sal. A ingestão diária aumentou cinco ou seis vezes desde o período paleolítico – com enorme aceleração nas últimas décadas. A American Heart Association, que reúne os cardiologistas americanos, estima que mudanças no estilo de vida provocaram aumento de 50% no consumo de sal desde os anos 1970. Em boa medida, graças ao consumo de comida industrializada.

A culpa pelo abuso do sal não deve, porém, ser atribuída somente à indústria. A maior responsabilidade cabe ao nosso paladar. Os especialistas acreditam que a natureza gravou em nosso cérebro circuitos que condicionam a gostar de sal e procurar por ele – em razão do sódio essencial que contém. A indústria, assim como a arte gastronômica, responde ao desejo humano. “É provável que o sal seja tão apreciado porque tem a capacidade de ativar o sistema de recompensa do nosso cérebro”, diz o neurofisiologista brasileiro Ivan de Araújo, afiliado à Universidade

Yale, nos Estados Unidos. Isso significa que sal nos deixa felizes [...].

Com base nas repercussões negativas na saúde pública, muitos médicos têm falado em “epidemia salgada” e promovido um movimento similar àquele que antecedeu as restrições impostas ao tabaco e ao álcool. Desde 2002, a Organização Mundial da Saúde (OMS) faz campanhas para chamar a atenção sobre o excesso de sal. O movimento que defende as restrições ao sal já chegou ao Brasil. Na segunda quinzena de junho, reuniram-se em Brasília representantes do meio acadêmico, da indústria de alimentos, técnicos do Ministério da Saúde, da Agricultura e da Anvisa, agência federal que regulamenta a venda de comida industrializada e remédios. Como meta, discutiu-se passar, em dez anos, de 12 gramas *per capita* de sal por dia para os 5 gramas recomendados pela OMS. “Essa mudança ajudaria a baixar em 10% a pressão arterial dos brasileiros. Seria 1,5 milhão de pessoas livres de medicação para hipertensão”, diz a nefrologista Frida Plavnik, representante da Sociedade Brasileira de Hipertensão na reunião. Segundo ela, haveria queda de 15% nas mortes causadas por derrames e de 10% naquelas ocasionadas por infarto.

Fonte: Época. Seção Saúde & Bem-estar. 26 jul. 2010. p. 89-94. (adaptado)



○ **2. (UFSM)** O texto faz parte de uma reportagem, gênero textual de base dissertativa que, tipicamente, reúne várias fontes consultadas pelo jornalista na fase de levantamento de informações. Com relação ao texto, considere as afirmativas a seguir.

I - A informação sobre o momento em que o consumo de sal pelos seres humanos aumentou é apresentada por meio de um relato atribuído a um historiador britânico.

II - Uma causa da apreciação das pessoas pelo sal é apresentada por meio de citação atribuída a um nefrologista dos Estados Unidos.

III - Dados sobre uma possível diminuição de mortes de brasileiros como consequência da redução do consumo de sal são atribuídos a uma representante da Sociedade Brasileira de Hipertensão, retomada em "Segundo ela" (l.54).

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- d) apenas I e III.
- e) I, II e III.

○ **3. (UFSM)** Se o enunciado "*Realmente tens razão!*"- exclamou o rato do campo fosse organizado em forma de discurso indireto, sofreria as seguintes transformações:

- a) O rato do campo exclamara que o rato da cidade realmente teve razão.
- b) O rato do campo exclamou: "Rato da cidade, tu realmente tens razão!".
- c) O rato do campo exclamava que o rato da cidade realmente tinha razão.
- d) Rato da cidade - exclamou o rato do campo - realmente tens razão!
- e) O rato do campo exclamou que o rato da cidade realmente tinha razão.

○ **4. (UFSM)** Se a informação "69% deles afirmam que vão ao "shopping" (l. 2-3) fosse apresentada em forma de discurso direto, teria a seguinte redação:

- a) 69% deles afirmam: "Vamos ao *shopping*".
- b) 69% deles afirmam que iam ao *shopping*.
- c) 69% deles afirmam que vamos ao *shopping*.
- d) 69% deles afirmam: "Eles vão ao *shopping*".
- e) 69% deles afirmam que: "Vamos ao *shopping*".



Chapeuzinho Vermelho e o lobo

1 Pois é! Estava eu em minha casa, pois, como sabem, a mata é a única
casa que tenho, quando vi uma menina branquela e com horroroso
chapeuzinho vermelho caminhando displicentemente e levando uma sacola
debaixo do braço. “Puxa, bem que será capaz de atirar copos e garrafas
5 plásticas sem cuidado na minha mata e devo adverti-la para que tenha
cuidado e respeito ao meio ambiente”. Assim pensando, dirigi-me à garota.
Esta, entretanto, ao me ver, gritou horrorizada:

– Meu Deus! Meu Deus! Um terrível lobo. E, em desespero, nem deu
tempo para explicação e saiu correndo em disparada.

10 Fiquei sinceramente ofendido, magoado mesmo, mas refleti: “É
ainda uma criança, nada sabe sobre a beleza animal e de nada adiantarão
meus ecológicos conselhos”. Deduzindo que por certo iria até a casa da
velhota lá perto do riacho, cortei caminho e me antecipei, tentando
argumentar com sua avó adulta. Foi inútil. Esta, ao me ver, gritou com igual
15 pavor e já ia avançando sobre a espingarda, quando, em último recurso, tive
de devorá-la. Aí pensei: “Se a garota chega e me encontra em meus trajes
habituais, por certo vai continuar a me ofender e não me dará ouvidos”. Foi
por esse motivo que, depressa, vesti as roupas da velha e cobri-me em sua
cama.

20 Pois não é que a menina, assim que me viu e pensou ser a avó,
continuou sua sessão de ofensas e desmoralizações. Foi logo dizendo:

– Meu Deus, vovó, como seus olhos estão horrorosos...

Essa dura crítica mexeu com minha autoestima e ofendeu-me até a
última gota de sangue. Sei que não tenho os olhos de Brad Pitt, mas ainda
25 assim lutei contra a revolta e, com doçura, argumentei:

– São para melhor enxergá-la, meu amor...

Foi inútil essa demonstração de afeto. A garotinha continuou a
escandalizar meus ouvidos, minha respiração, meus sentimentos, até o
limite máximo da tolerância, quando, esmagado por tantas ofensas, devorei-
30 a também.

O final da história vocês conhecem... veio o caçador, abriu-me a
barriga, salvando a Chapeuzinho e a avó e aqui me largando ensanguentado
e à morte. Tudo em nome da ecologia! Não é um absurdo?

Fonte: ANTUNES, Celso. *Casos, Fábulas, Anekdotes ou Inteligências, capacidades, competências*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 51-52. (adaptado)



5. (UFSM) Considere as seguintes afirmações:

I - O uso de recursos linguísticos que sinalizam a primeira pessoa do singular, como os pronomes “eu” (l.1), “minha” (l.1), “me” (l. 1), e da desinência número-pessoal em “tenho” (l.2) e “devo” (l.5), contribui para indicar que essa versão do clássico Chapeuzinho Vermelho é narrada sob o ponto de vista de um dos seus personagens.

II - As palavras “branquela” (l.2) e “horrorosos” (l.22) caracterizam aspectos físicos de diferentes personagens, ao passo que “displacientemente” (l.3) e “depressa” (l.18) representam modos de agir de uma mesma personagem.

III - Ao longo do texto, o discurso direto é usado para representar pensamentos do narrador-personagem, sinalizados por aspas, e para reproduzir falas dos personagens, sinalizadas por travessão.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas I e III.
- d) apenas II e III.
- e) I, II, e III.

6. (UFRGS) Assinale a alternativa que realiza adequadamente a transposição para o discurso indireto do trecho a seguir.

– Para mim esta é a melhor hora do dia – Ema disse, voltando do quarto dos meninos.

- a) Ema disse, voltando do quarto dos meninos: – Aquela era a melhor hora do dia para ela.
- b) Voltando do quarto dos meninos, Ema disse que, para ela, aquela era a melhor hora do dia.
- c) Voltando do quarto dos meninos, Ema disse: Para mim esta é a melhor hora do dia.
- d) Ema disse que aquela, para ela, foi a melhor hora do dia, voltando do quarto dos meninos.
- e) Ao voltar do quarto dos meninos, Ema disse ser-lhe esta a melhor hora do dia.

7. (UFRGS)

1 As primeiras lições que recebi de aeronáutica foram-me dadas por um grande visionário: Júlio Verne. De 1888,
2 mais ou menos, a 1891, quando parti pela primeira vez para a Europa, li, com grande interesse, todos os livros desse
3 grande vidente da locomoção aérea e submarina.

4 Estava eu em Paris quando, na véspera de partir para o Brasil, fui, com meu pai, visitar uma exposição de má-
5 quinas no desaparecido Palácio da Indústria. Qual não foi o meu espanto quando vi, pela primeira vez, um motor
6 a petróleo, da força de um cavalo, muito compacto, e leve, em comparação aos que eu conhecia, e ... funcionando!
7 Parei diante dele como que pregado pelo destino. Estava completamente fascinado. Meu pai, distraído, continuou
8 a andar até que, depois de alguns passos, dando pela minha falta, voltou, perguntando-me o que havia. Contei-lhe
9 a minha admiração de ver funcionar aquele motor, e ele me respondeu: “Por hoje basta”. Aproveitando-me dessas
10 palavras, pedi-lhe licença para fazer meus estudos em Paris. Continuamos o passeio, e meu pai, como distraído,
11 não me respondeu. Nessa mesma noite, no jantar de despedida, reunida a família, meu pai anunciou que pretendia
12 fazer-me voltar a Paris para acabar meus estudos. Nessa mesma noite corri vários livreiros; comprei todos os livros
13 que encontrei sobre balões e viagens aéreas.

14 Diante do motor a petróleo, tinha sentido a possibilidade de tornar reais as fantasias de Júlio Verne. Ao motor a
15 petróleo devi, mais tarde, todo o meu êxito. Tive a felicidade de ser o primeiro a empregá-lo nos ares.

16 Uma manhã, em São Paulo, com grande surpresa minha, convidou-me meu pai a ir à cidade e, dirigindo-se a
17 um cartório de tabelião, mandou lavrar escritura de minha emancipação. Tinha eu dezoito anos. De volta à casa,
18 chamou-me ao escritório e disse-me: “Já lhe dei hoje a liberdade; aqui está mais este capital”, e entregou-me títulos
19 no valor de muitas centenas de contos. “Tenho ainda alguns anos de vida; quero ver como você se conduz; vai para
20 Paris, o lugar mais perigoso para um rapaz. Vamos ver se você se faz um adulto; prefiro que não se faça doutor; em
21 Paris, você procurará um especialista em física, química, mecânica, eletricidade, etc., estude essas matérias e não
22 esqueça que o futuro do mundo está na mecânica”.

Adaptado de DUMONT, Santos. O que eu vi, o que nós veremos. Rio de Janeiro: Hedra, 2016. Organização de Marcos Villares.

Assinale a alternativa que realiza adequadamente a transposição do trecho a seguir para o discurso indireto.

Tenho ainda alguns anos de vida; quero ver como você se conduz; vai para Paris, o lugar mais perigoso para um rapaz (l. 19-20).

- a) Seu pai disse que ele ainda tem alguns anos de vida e quer ver como o filho se conduz; pediu para ir para Paris, que era à época o lugar mais perigoso para um rapaz.
- b) Seu pai afirmou ter ainda alguns anos de vida e querer ver como você se conduziria; ordenou que fosse a Paris, o lugar mais perigoso para um rapaz.
- c) Seu pai afirmou que ainda tinha alguns anos de vida e esboçou o desejo de ver como seu filho se conduziria nesses anos finais; por isso, pediu-lhe que fosse para o lugar mais perigoso para um rapaz, Paris.
- d) Seu pai disse que, por ter ainda alguns anos de vida, queria ver como eles se conduziriam em Paris, o lugar mais perigoso para um rapaz.
- e) Seu pai disse que ainda tinha alguns anos de vida e queria ver como o filho se conduziria; disse que fosse a Paris, o lugar mais perigoso para um rapaz.



○ 8. (UFRGS)

- 1 Em julho, na Nhecolândia, Pantanal de Mato Grosso, encontrei um vaqueiro que reunia em si, em qualidade e
2 cor, quase tudo o que _____ literatura empresta esparso aos vaqueiros principais. Era tão de carne-e-osso, que
3 nele não poderia empenhar-se o cediço e fácil da pequena lenda. Apenas um profissional esportista: um técnico,
4 amoroso de sua oficina. Mas denso, presente, almado, bom-condutor de sentimentos, crepitante de calor humano,
5 governador de si mesmo; e inteligente. Essa pessoa, este homem, é o vaqueiro José Mariano da Silva, meu amigo.
6 Começamos por uma conversa de três horas, _____ luz de um lampião, na copa da Fazenda Firme. Eu tinha
7 precisão de aprender mais, sobre a alma dos bois, e instigava-o a fornecer-me fatos, casos. Enrolado no poncho, as
8 mãos plantadas definitivamente na toalha da mesa, como as de um bicho em vigia, ele procurava atender-me. Seu
9 rosto, de feitura franca, muito moreno, fino, tomava o ar de seriedade, meio em excesso, de um homem-de-ação
10 posto em tarefa meditativa. Contou-me muita coisa.
11 Falou do boi Caroongo. Do garrote Guabiru que, quando chegava em casa, de tardinha, berrava nove vezes, e
12 só por isso não o matavam, e porque tinha o berro mais saudoso. Da vaquinha Burivi, que acompanhava ao campo
13 sua dona moça, _____ colher as guaviras, ou para postar-se _____ margem do poço, guardando o banho dela,
14 sem deixar vir perto nenhuma criatura.
15 Discorreu muito. Quando estacava, para tomar fôlego ou recordação, fechava os olhos. Prazia ver esse modo,
16 em que eu o imaginava tornado a sentir-se cavaleiro sozinho. Ponderava, para me responder, truz e cruz, no colo-
17 quial, misto de guasca e de mineiro.
18 O sono diminuía os olhos do meu amigo; era tarde, para quem precisava de levantar-se com trevas ainda na ter-
19 ra, com os chopins cantantes. Nos despedimos. O céu estava extenso. Longe, os carandás eram blocos mais pretos,
20 de um só contorno. As estrelas rodeavam: estrelas grandes, próximas, desengastadas. Um cavalo relinchou, rasga
21 do a distância, repetindo. Os grilos, mil, mil, se telegrafavam: que o Pantanal não dorme, que o Pantanal é enorme,
22 que as estrelas vão chover... José Mariano caminhava embora, no andar bamboleado, cabeça baixa, ruminando seu
23 cansaço. Se abria e unia, com ele – vaca negra – a noite, vaca.

Adaptado de: ROSA, Guimarães. Estas histórias. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 93-103.

Considere as seguintes afirmações sobre a passagem *Os grilos, mil, mil, se telegrafavam: que o Pantanal não dorme, que o Pantanal é enorme, que as estrelas vão chover...* (l. 21-22).

- I. O segmento *que o Pantanal não dorme, que o Pantanal é enorme, que as estrelas vão chover* (l. 21-22) refere-se ao conteúdo dito pelos grilos em seus cantos, constituindo, na narrativa, o discurso indireto.
II. A relação do verbo *telegrafavam* (l. 21) com o sujeito *grilos* (l. 21) produz um sentido metafórico na narrativa.
III. Os dois-pontos marcam a inserção de uma enumeração de orações que constituem complementos para o verbo *telegrafavam* (l. 21).

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas I.
b) Apenas II.
c) Apenas I e II.
d) Apenas I e III.
e) I, II e III.

○ 9. (UFRGS)

- 1 Marina me explicou muito direitinho que eu não tinha razão. O que tinha era falta de confiança nela. Chorou, e fiquei
2 meio lá, meio cá, propenso a acreditar que me havia enganado.
3 – Posso obrigar uma pessoa a não olhar para mim? Posso furar os olhos do povo?
4 Não, senhora. A coisa era diferente: Eles tinham sido pegados com a boca na botija, grelando, esquecidos do mun-
5 do. Tinham ou não tinham? Sim, senhor, mas sem malícia.
6 – Posso furar os olhos do povo?
7 Essa frase besta foi repetida muitas vezes, e, em falta de coisa melhor, aceitei-a. De fato; eu não tinha visto nada.
8 As aparências mentem. A Terra não é redonda? Esta prova da inocência de Marina me pareceu considerável. Tantos
9 indivíduos condenados injustamente neste mundo ruim! Quem pode lá jurar que isto é assim ou assado? Procurei
10 mesmo capacitar-me de que Julião Tavares não existia. Julião Tavares era uma sensação. Uma sensação desagra-
11 dável, que eu pretendia afastar de minha casa quando me juntasse àquela sensação agradável que ali estava a
12 choramingar.
13 – Pois bem, minha filha, não vale a pena falar mais nisso. Enxugue os olhos. Se você diz que não foi, não foi.
14 Acabou-se, não se discute. Está aqui uma lembrancinha que eu lhe trouxe. Vamos ver se fica bonito.

Adaptado de: RAMOS, Graciliano. Angústia. 30ª ed. São Paulo: Record, 1985. p. 86.



Pode-se reportar um diálogo por meio do discurso direto ou do indireto. Graciliano utiliza elementos de ambos os tipos de discurso ao mesmo tempo, especialmente no terceiro parágrafo do texto (l. 4-5).

Considere as seguintes propostas de reescrita desse parágrafo.

I. Não, senhora. A coisa era diferente: vocês tinham sido pegados com a boca na botija, grelando, esquecidos do mundo. Tinham ou não tinham? Sim, senhor, mas sem malícia.

II. Não, senhora. A coisa foi diferente: vocês tinham sido pegados com a boca na botija, grelando, esquecidos do mundo. Tinham ou não tinham?

– Sim, senhor, mas sem malícia.

III. Não, senhora. A coisa foi diferente: vocês foram pegados com a boca na botija, grelando, esquecidos do mundo. Foram ou não foram?

– Sim, senhor, mas sem malícia.

Qual(is) proposta(s) é(são) reescrita(s) correta(s), em discurso exclusivamente direto, do terceiro parágrafo do texto?

- a) Apenas I.
- b) Apenas III.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

○ 10. (UFRGS)

1 - Temos sorte de viver no Brasil - dizia meu pai, depois da guerra. - Na Europa mataram milhões de judeus.

2 Contava as experiências que os médicos nazistas faziam com os prisioneiros. Decepavam-lhes as cabeças, fa-
3 ziam-nas encolher - à maneira, li depois, dos índios Jivaros. Amputavam pernas e braços. Realizavam estranhos
4 transplantes: uniam a metade superior de um homem metade inferior de uma mulher, ou aos quartos trasei-
5 ros de um bode. Felizmente morriam essas atrocidades quimeras; expiravam como seres humanos, não eram obrigadas
6 a viver como aberrações. (... .. essa altura eu tinha os olhos cheios de lágrimas. Meu pai pensava que a descrição
7 das maldades nazistas me deixava comovido.)

8 Em 1948 foi proclamado o Estado de Israel. Meu pai abriu uma garrafa de vinho - o melhor vinho do armazém -,
9 brindamos ao acontecimento. E não saíamos de perto do rádio, acompanhando notícias da guerra no Oriente
10 Médio. Meu pai estava entusiasmado com o novo Estado: em Israel, explicava, vivem judeus de todo o mundo, ju-
11 deus brancos da Europa, judeus pretos da África, judeus da Índia, isto sem falar nos beduínos com seus camelos:
12 tipos muito esquisitos, Guedali.

13 Tipos esquisitos - aquilo me dava ideias.

14 Por que não ir para Israel? Num país de gente tão estranha - e, ainda por cima, em guerra - eu certamente não
15 chamaria a atenção. Ainda menos como combatente, entre a poeira e a fumaça dos incêndios. Eu me via correndo
16 pelas ruelas de uma aldeia, empunhando um revólver trinta e oito, atirando sem cessar; eu me via caindo, varado
17 de balas. Aquela, sim, era a morte que eu almejava, morte heroica, esplêndida justificativa para uma vida miserável,
18 de monstro encurralado. E, caso não morresse, poderia viver depois num kibutz. Eu, que conhecia tão bem a vida
19 numa fazenda, teria muito a fazer ali. Trabalhador dedicado, os membros do kibutz terminariam por me aceitar;
20 numa nova sociedade há lugar para todos, mesmo os de patas de cavalo.

Adaptado de: SCLIAR, M. O centauro no jardim. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2001.

Assinale a alternativa que apresenta a transposição correta para o discurso indireto do trecho abaixo:

- Temos sorte de viver no Brasil - dizia meu pai, depois da guerra (l. 01).

- a) Dizia meu pai que tinha sorte de viver no Brasil depois da guerra.
- b) Dizia meu pai que tínhamos sorte de viver no Brasil depois da guerra.
- c) Dizia meu pai para mim que tivéramos sorte de viver no Brasil depois da guerra.
- d) Dizia meu pai: temos sorte de viver no Brasil depois da guerra.
- e) Disse meu pai que tivemos sorte de viver no Brasil depois da guerra.



○ 11. (UFRGS)

1 Não faz muito que temos esta nova TV com controle remoto, mas devo dizer que se trata agora de um instru-
2 mento sem o qual eu não saberia viver. Passo os dias sentado na velha poltrona, mudando de um canal para o outro
3 – uma tarefa que antes exigia certa movimentação, mas que agora ficou muito fácil. Estou num canal, não gosto
4 – zap, mudo para outro. Eu gostaria de ganhar em dólar num mês o número de vezes que você troca de canal em
5 uma hora, diz minha mãe. Trata-se de uma pretensão fantasiosa, mas pelo menos indica disposição para o humor,
6 admirável nessa mulher.

7 Sofre minha mãe. Sempre sofreu: infância carente, pai cruel, etc. Mas seu sofrimento aumentou muito quando
8 meu pai a deixou. Já faz tempo; foi logo depois que eu nasci, e estou agora com treze anos. Uma idade em que se
9 vê muita televisão, e em que se muda de canal constantemente, ainda que minha mãe ache isso um absurdo. Da
10 tela, uma moça sorridente pergunta se o caro telespectador já conhece certo novo sabão em pó. Não conheço nem
11 quero conhecer, de modo que – zap – mudo de canal. — Não me abandone, Mariana, não me abandone! —. Aban-
12 dono, sim. Não tenho o menor remorso, e agora é um desenho, que eu já vi duzentas vezes, e – zap – um homem
13 falando. Um homem, abraçado guitarra elétrica, fala uma entrevistadora. É um roqueiro. É meio velho,
14 tem cabelos grisalhos, rugas, falta-lhe um dente. É o meu pai.

15 É sobre mim que ele fala. Você tem um filho, não tem?, pergunta a apresentadora, e ele, meio constrangido –
16 situação pouco admissível para um roqueiro de verdade –, diz que sim, que tem um filho só que não vê há muito
17 tempo. Hesita um pouco e acrescenta: você sabe, eu tinha que fazer uma opção, era a família ou o rock. A entrevis-
18 tadora, porém, insiste (é chata, ela); mas o seu filho gosta de rock? Que você saiba, seu filho gosta de rock?

19 Ele se mexe na cadeira; o microfone, preso desbotada camisa, roça-lhe o peito, produzindo um desagradá-
20 vel e bem audível rascar. Sua angústia é compreensível; aí está, num programa local e de baixíssima audiência – e
21 ainda tem de passar pelo vexame de uma pergunta que o embaraça e à qual não sabe responder. E então ele me
22 olha. Vocês dirão que não, que é para a câmera que ele olha; aparentemente é isso; mas na realidade é a mim que
23 ele olha, sabe que, em algum lugar, diante de uma tevê, estou a fitar seu rosto atormentado, as lágrimas me cor-
24 rendo pelo rosto; e no meu olhar ele procura a resposta pergunta da apresentadora: você gosta de rock? Você
25 gosta de mim? Você me perdoa? – mas aí comete um engano mortal: insensivelmente, automaticamente, seus
26 dedos começam a dedilhar as cordas da guitarra, é o vício do velho roqueiro. Seu rosto se ilumina e ele vai dizer
27 que sim, que seu filho ama o rock tanto quanto ele, mas nesse momento – zap – aciono o controle remoto e ele
28 some. Em seu lugar, uma bela e sorridente jovem que está – à exceção do pequeno relógio que usa no pulso – nua,
29 completamente nua.

Adaptado de: SCLIAI, M. Zap. In: MORICONI, Í. (Org.) Os cem melhores contos brasileiros. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 547-548.

Na coluna da esquerda, abaixo, são listados modos diferentes de apresentação, pelo narrador, de discurso direto e indireto no interior da narrativa; na coluna da direita, passagens que correspondem à caracterização desses discursos e suas relações aos dizeres do narrador-personagem e demais personagens presentes no texto.

Associe corretamente a coluna da direita à da esquerda.

- | | |
|---|---|
| 1. Passagem que traz o discurso direto do narrador-personagem, que revela os diálogos entre ele e a televisão. | () Eu gostaria de ganhar em dólar num mês o número de vezes que você troca de canal em uma hora [...] . (l. 4-5) |
| 2. Passagem que traz o discurso direto, que revela o dizer da mãe do narrador-personagem. | () Não conheço nem quero conhecer [...] . (l. 19-20) |
| 3. Passagem que traz o discurso indireto, que revela o dizer da mãe do narrador-personagem. | () Vocês dirão que não, que é para a câmera que ele olha [...] . (l. 22) |
| 4. Passagem que traz o discurso indireto, que revela a suposição do narrador-personagem do dizer do pai. | () ele vai dizer que sim, que seu filho ama o rock tanto quanto ele [...] . (l. 26-27) |
| 5. Passagem que traz o discurso indireto, que revela a suposição do narrador-personagem a respeito do que o pai irá responder. | |
| 6. Passagem que traz o discurso indireto, que revela a suposição do narrador-personagem da resposta dos leitores sobre suas convicções. | |

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) 1 – 5 – 3 – 4
- b) 2 – 1 – 6 – 5
- c) 3 – 6 – 4 – 5
- d) 4 – 2 – 3 – 1
- e) 5 – 3 – 6 – 1

